FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.933 DOMINGO, 27 DE FEVEREIRO DE 2022 R$ 7,00

A professora Julia, ao centro, aguarda com outras voluntárias para participar da defesa da capital; civis estão sendo armados para lutar contra as tropas do Kremlin Lynsey Addario/The New York Times

Forças russas atacam centro de Kiev

Ocidente amplia sanções à Rússia, e governo ucraniano insta militares e civis a resistirem; 'Não podemos perder a capital'

Dois dias após o início da guerra, as forças de Vladimir Putin atacaram ontem o centro de Kiev. As primeiras explosões foram reportadas às 5h (antes da meia-noite em Brasília), informa **Igor Gielow**, de Moscou.

"O futuro da Ucrânia está em jogo", afirmou Volodimir Zelenski, o presidente ucraniano que se diz marcado como "alvo número 1" na invasão, ápice de um processo de quatro meses de tensão entre Moscou e o Ocidente.

Diante das câmeras o dia todo, Zelenski instou a população da cidade de 3 milhões de habitantes a reagir, armando civis e pedindo que usem bombas caseiras. Um toque de recolher foi imposto até a segunda-feira (28).

"Não podemos perder a capital. Falo com nossos defensores, homens e mulheres em todas as frentes."

Governos que se opõem ao Kremlin, como o britânico, puseram em dúvida o avanço das tropas russas.

A Ucrânia diz que um ataque anterior ao centro foi repelido, provavelmente com mísseis do pacote de US$ 400 milhões ofertado pelos EUA em 2021. Washington prometeu mais US$ 350 milhões em armas para o combate.

A Turquia fechou estreitos para o mar Negro, e a Alemanha vai fornecer armamento letal à Ucrânia. **Mundo A9**

Ocidente cortará bancos russos de sistema global de pagamentos Mercado A15

ANÁLISE *Alexa Salomão*

Invasão da Ucrânia pode dar início a nova ordem entre Ocidente e Oriente

Putin dá sinais de que se preparou para este momento mais tenso, inclusive prevendo quais seriam os limites das sanções econômicas. Tal calma viria do fato de as peças de seu xadrez bélico estarem bem posicionadas em outro jogo: o mercado de commodities. **Mercado A16**

Kremlin proíbe mídia local de empregar termo guerra

Mundo A10

Vinicius Torres Freire

Conflito de Putin muda conversa política nos EUA e até no Brasil **Mercado A18**

Clínicas de barriga de aluguel colocam embriões em bunkers

Casais de várias partes do Brasil buscam notícia dos filhos na guerra em Kiev. Os bebês ainda não nasceram: são fruto de barriga de aluguel, legalizada na Ucrânia. Na última semana, Bruna Alves, diretora da Tammuz Family que atende 35 famílias brasileiras, assegurava a transferência dos embriões para um bunker. **Mundo A11**

Cotidiano B5
Museu do Ipiranga tem obras de restauro da fachada finalizadas

Mercado A19
Envelhecimento do Facebook é fantasma que ronda as redes sociais

Esporte B7
Ligado a Putin e sob pressão, bilionário russo transfere comando do Chelsea

ilustríssima
Signatários de texto de 2006 contra cotas raciais dizem por que mudaram de ideia C4

\+ Helio de la Peña conta como o debate o levou a rever posição C5

Eduardo Anizelli/Folhapress

BLOCOS DRIBLAM FISCALIZAÇÃO NO RIO

Na manhã deste sábado (26), foliões e músicos se reuniram em cortejo carnavalesco clandestino na Pedra do Sal, região central da cidade; secretário pede conscientização **Cotidiano B4**

Aliados e rivais projetam Tarcísio no 2º turno em SP

O ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) passou a ser visto por aliados e rivais com potencial para 2º turno em São Paulo. Dirigentes do PT e do PL preveem que o estado refletirá polarização entre Lula e Bolsonaro. **Política A4**

Chuva ceifa futuro de 42 crianças em Petrópolis

Cotidiano B2

Telegram barra contas de Allan dos Santos

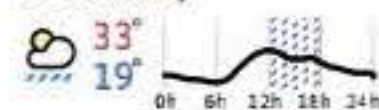
O Telegram bloqueou três canais ligados ao influenciador bolsonarista. A ação decorre de determinação do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo. Essa foi a primeira ordem judicial brasileira cumprida pelo aplicativo. Allan é investigado sob suspeita de fazer parte de milícia digital que atua no ataque a instituições. **Política A7**

EDITORIAIS A2

O custo da guerra
Sobre impacto econômico do conflito na Ucrânia.

Pandemia ou endemia
Acerca de relaxamento de restrições contra a Covid.

Planalto quer reajustes flexíveis de remédios
O governo avalia permitir subir ou baixar preços de medicamentos a qualquer momento, de modo excepcional, em vez de só fazer reajuste anual. Pasta da Economia é contra. **A15**

ATMOSFERA
São Paulo hoje
33° 19°

ISSN 1414-5723

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Marcelo Benez (*comercial*) e Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*)

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

O custo da guerra

Ataque russo à Ucrânia cria risco de quadro recessivo global, que também impacta o Brasil

Com a ofensiva armada pela Ucrânia em curso e o anúncio de sanções econômicas à Rússia por parte das potências ocidentais, começam a se desenhar os impactos econômicos da guerra, que devem ocorrer em múltiplas frentes.

O primeiro e mais evidente é o salto das cotações de petróleo e gás, além de outras matérias-primas. No dia da invasão ao território ucraniano, o preço do barril de petróleo chegou a US$ 103, o maior desde 2014 —recuando quando ficou claro que o pacote de sanções europeias e americanas não atingiria o setor de energia.

Mesmo assim, a ação russa põe em risco as linhas de suprimento e, no caso do gás, a infraestrutura de transporte na Europa.

Com a maior inflação desde os anos 1980 e juros em alta no Ocidente, um choque adicional poderia levar a economia global a um quadro recessivo. Os bancos centrais teriam a inglória tarefa de endurecer a política monetária em meio à piora do emprego.

O problema será maior quanto mais tempo durar o conflito militar. No caso europeu, o encarecimento brusco do gás e, no pior cenário, a interrupção parcial ou total da oferta, implicaria forte contração da atividade industrial.

A outra frente de riscos advém justamente das sanções ocidentais, que se estendem ao bloqueio de transações com grandes bancos, empresas e oligarcas russos, controles de exportações de tecnologias sensíveis e outras medidas.

Por cálculo econômico, dada a dependência do gás russo em parte da Europa e o papel da Rússia no mercado mundial de alguns insumos essenciais, como fertilizantes, as sanções não incluem transações nas áreas de energia e agricultura.

Embora não seja suficiente para alterar a investida de Vladimir Putin, o custo para a economia do país será crescente. Caso o conflito se prolongue e cresça o número de vítimas, as sanções poderão ser ampliadas —no limite, até o bloqueio da compra de gás e petróleo.

Nesse caso, seria provável uma retaliação russa, que poderia interromper as vendas de fertilizantes, metais especiais e outros produtos críticos, com impacto negativo para o restante do mundo.

Cumpre não esquecer que, nessa hipótese extrema, a China provavelmente atuaria como compradora de última instância, garantindo o fluxo de dinheiro para Putin.

As consequências para o Brasil seguem essas linhas. Mais inflação e juros no mundo seriam ruins para o país, pois o fluxo de capitais para cá tenderia a ser menor.

Cotações de petróleo mais altas dificultariam a gestão doméstica dos preços dos combustíveis, o que reforçaria as tendências intervencionistas de Jair Bolsonaro (PL) e as ameaças aos cofres públicos.

Pandemia ou endemia

Enquanto autoridades e cientistas avaliam status da Covid-19, restrições vão chegando ao fim

A redução acentuada do número de novos casos de Covid-19 no mundo, passado o pico vertiginoso produzido pela variante ômicron, e a queda da letalidade do coronavírus reforçam as expectativas de que, dois anos depois, a pandemia possa estar a caminho do fim.

Isso, ressalte-se, não significa a erradicação do vírus. Já há certo consenso entre pesquisadores de que o Sars-CoV-2 não será extinto no curto prazo, devendo, aos poucos, passar a afetar os humanos de forma similar a outros agentes infecciosos do cotidiano. Trata-se, pois, de buscar uma coexistência mais normal com o patógeno.

É dessa maneira que governos pelo mundo começam a encarar a questão. Nesta semana, o Reino Unido tornou-se a primeira grande economia europeia a remover as restrições contra o coronavírus.

Medidas como o autoisolamento dos infectados deixaram de ser obrigatórias, e mesmo pessoas com teste positivo podem frequentar lojas e usar o transporte público.

França, Espanha e Dinamarca seguem a mesma tendência, bem como alguns estados norte-americanos. No Brasil —onde, apesar do número de mortes ainda elevado, casos e internações estão em refluxo— autoridades discutem o fim do caráter pandêmico da doença e o abrandamento de restrições.

Cientistas, no entanto, ainda veem com cautela a possibilidade de a Covid deixar de ser classificada como uma pandemia (definida por uma situação de descontrole global de casos e óbitos) e passar a ser considerada uma endemia (no qual a estabilidade desses indicadores permite maior previsibilidade e melhor convivência com o vírus).

Discussões técnicas à parte, não se pode negar que, embora persistam discrepâncias graves nas taxas de vacinação mundiais, o avanço da imunização e os recordes de novas infecções impulsionadas pela ômicron asseguraram um alto nível de proteção populacional, especialmente contra as formas mais graves da enfermidade.

Nesse cenário, o controle da doença começa a deixar de ser uma preocupação central dos governos nacionais para se converter em mais uma tarefa da saúde pública, com foco voltado aos grupos mais vulneráveis, como idosos e imunossuprimidos.

Talvez o coronavírus nunca venha a ser completamente eliminado do planeta, mas há boas razões para crer que o tempo das emergências públicas e medidas extraordinárias esteja perto do fim.

Quão perigosas são as fake news?

Hélio Schwartsman

"Aqueles que te fazem acreditar em absurdos, te fazem cometer atrocidades." A frase, atribuída a Voltaire, é daquelas com as quais concordamos intuitivamente. E há situações em que ela é correta. De um modo geral, porém, a ordem da causalidade é a inversa. É o desejo de cometer atrocidades que nos faz acreditar em absurdos. Exploro hoje algumas ideias de Hugo Mercier sobre fake news, desenvolvidas no livro "Not Born Yesterday", de que já falei na semana passada (20/2).

O mais duradouro erro dos médicos ocidentais foi ministrar sangrias. Quem procurar a origem da prática vai dar com Galeno e a teoria dos humores. E esse médico greco-romano do século 2º de fato forneceu uma razão teórica para as sangrias, à qual os médicos recorreram por séculos. Mas não devemos ser tão eurocêntricos. Sangrias são uma prática ultradisseminada. Segundo Mercier, 25% das culturas humanas as empregaram em alguma fase de sua história, e a maioria delas jamais ouviu falar em humores. Galeno não chegou à conclusão de que deveria retirar sangue de pacientes por causa da teoria, mas criou a teoria porque queria justificar as sangrias, que já praticava, como tantos outros curandeiros em todo o mundo.

Mercier, vale lembrar, é um dos proponentes da tese de que a força evolutiva por trás da razão é a necessidade de justificarmos nossas posições, não a busca pela verdade.

Para Mercier, fake news eleitorais funcionam da mesma forma. "Acredita" nelas quem já vai votar no candidato por elas beneficiado. Raramente elas mudam o resultado de um pleito. Ninguém ainda inventou meme ou frase mágicos que façam um bolsonarista votar num petista ou vice-versa.

O cientista cognitivo também sustenta que, embora haja alguma verdade na noção de que fake news levam à radicalização de grupos, há enorme exagero na ideia de que as redes sociais funcionam como câmaras de eco que irão destruir a democracia.

helio@uol.com.br

Deu zebra

Bruno Boghossian

Pastores fizeram uma operação para barrar a liberação de cassinos, bingos e jogo do bicho no país. O esforço não deu resultado: a proposta avançou na Câmara e contou até com o apoio de parlamentares que integram a bancada evangélica. Dos 180 deputados do grupo, só 83 votaram contra a legalização da jogatina.

O placar mostra que, embora barulhenta e numerosa, essa bancada enfrenta limitações de coordenação e mobilização. No papel, um de cada três deputados faz parte da frente parlamentar evangélica, mas são poucos os casos em que esses políticos agem unidos ou incluem a religião no cálculo de suas votações.

Integram formalmente a bancada evangélica desde o ex-ator pornô Alexandre Frota (PSDB) até o deputado Altineu Côrtes, líder do PL de Jair Bolsonaro. Os dois votaram a favor da liberação dos jogos. Também é signatário da frente parlamentar o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP), que comandou a aprovação do texto e disse que as críticas à proposta partiam de "grupos sectários".

A votação dos cassinos e do jogo do bicho sugere que, em muitas situações, a capacidade de pressão dos evangélicos no Congresso é superdimensionada, principalmente quando suas preferências estão distantes dos interesses do centrão.

Maior realização dos líderes evangélicos, a aprovação de André Mendonça para o STF só saiu graças a um consórcio dos religiosos com a turma que manda no Congresso. Além da agenda pró-igrejas, o pastor também se comprometeu com uma plataforma de defesa da classe política.

Parlamentares evangélicos conseguem ter mais sucesso em bolas divididas, como pautas relacionadas ao aborto. Com o apoio de políticos conservadores do próprio centrão, eles conseguem interditar qualquer flexibilização da lei –ainda que não acumulem força suficiente para endurecer ainda mais as regras atuais.

A bancada da Bíblia gostaria de ter a influência de seus colegas da bancada do boi. A frente agropecuária tem dinheiro de sobra e sintonia perfeita com os políticos do centrão.

Contar votos ou canhões

Ruy Castro

A familiaridade com que discutimos se haverá ou não um golpe no Brasil, antes, durante ou depois das eleições, é quase inédita. Em 1964, deu-se um golpe sob o pretexto de que o outro lado —o governo— estava preparando o seu, embora, como se constatou, ele não tivesse nenhuma condição para isso. Os vitoriosos não precisaram disparar um tiro. Agora, não. A ameaça vem de quem não apenas detém o comando efetivo da força como está há anos atiçando e munindo uma força paralela para agir a seu favor.

Munir é sinônimo de municiar, prover munição, armar. É ao que assistimos todos os dias com as medidas de Jair Bolsonaro para facilitar a vida de quem queira ter em casa armamento pesado. O pretexto é o de que são caçadores ou colecionadores. Mas, no primeiro caso, pelo calibre e quantidade de armas que possuem, são capazes de matar um elefante a quinhentos metros ou derrubar um helicóptero que se atreva a sobrevoá-los. Se são colecionadores, como se explica que tenham dezenas de exemplares de um mesmo tipo de arma, e de um tipo recém-saído da fábrica, sem valor de coleção, mas bem cotado no mercado clandestino?

Tudo isso se sabe. Sai nos jornais, dá na televisão, discute-se no botequim, com uma naturalidade só reservada ao noticiário esportivo ou de variedades. Sob Bolsonaro, o brasileiro pode não ter saúde, escola ou emprego, mas conta com notável poder de fogo. Já é um dos países com o maior número de civis engatilhados no mundo. E ninguém duvida de que tal equipamento se destina a fuzilar as instituições.

A depender de Bolsonaro, haverá uma hora em que, depois de contar os votos, se terá de contar canhões. Canhões são uma metáfora, mas não muito longe da realidade. Os que legalmente têm direito a eles —as Forças Armadas— precisarão sair da frente para que os milicianos disparem? Ou irão atuar em conjunto?

Ou, depois de ler a Constituição, elas cumprirão seu papel?

O efeito avestruz

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor entre outros, de "A Sociedade incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Ao que tudo indica, generalizou-se a expressão "pós-verdade" em jornais e redes sociais, mas curiosamente confundida com desinformação. Não era esse o seu significado, ao longo da década passada, em escritos reflexivos.

Tratava-se de designar algo tido como mais importante do que o verdadeiro no contexto da opinião pública, em geral mais suscetível a apelos emocionais do que a fatos objetivos. O fenômeno não era novo à academia nem à arte: há uma tendência a se julgar os fatos a partir da própria percepção.

Em seu celebrado "Rashomon" (1950), o cineasta Akira Kurosawa encena quatro interpretações contraditórias de um fato, mas todas plausíveis. Assiste-se agora a uma espécie de super "efeito Rashomon", isto é, à dificuldade, senão à impossibilidade de saber o que está realmente acontecendo não apenas na esfera global, mas principalmente no entorno imediato.

Entre o filme e a época de hoje se interpõe a invenção de um dispositivo tecnossocial que atravessa duas etapas.

Primeiro, a televisão, que, durante dois terços de século, pratica uma pedagogia de rebaixamento da complexidade cultural pela comunicação mercantil. É a lógica do reality show: quanto mais baixa a qualidade, maior a audiência.

Em segundo, se impõe a rede eletrônica com a velocidade do mais fácil em termos políticos e morais. As duas etapas podem ser resumidas numa frase do filósofo Bertrand Russell: "Quanto pior a lógica, mais interessantes as consequências dos discursos".

Evidente que um dispositivo desses não se pauta pela racionalidade que preside às regras morais, estéticas, jurídicas etc. Mas a linguagem deixa ver uma estrutura que precede toda e qualquer experiência, ou seja, a do funcionamento das trocas vitais.

A verdade não é algo externo a ser alcançado por meios lógicos ou técnicos, mas a sua própria e fundadora energia interna (o sentido), portanto, a condição de possibilidade da interação humana. Não lhe cabe o prefixo "pós". Assim como se fala de uma sociedade pós-industrial, mas não "pós-energética", não existe uma linguagem "pós-verdadeira".

Entretanto, num dispositivo de captação exponencial da atenção para a compra e venda do banal, mercadoria é, no limite, tudo o que facilite o prazer imediato, logo, a rejeição aos processos às vezes penosos de figuração da realidade, como as ciências, as artes, os fatos da vida e a agonia do homem. Nega-se a verdade para ocultar a dificuldade do que existe. É assim que ignorância estratégica ou desinformação se fantasia de pós-verdade: a artística ambiguidade de Rashomon é encoberta pela autocegueira deliberada do "efeito avestruz".

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Os riscos da inteligência artificial

Projeto que tramita no Senado pode aprofundá-los

José Renato Laranjeira de Pereira e Thiago Guimarães Moraes

Diretor do Laboratório de Políticas Públicas e Internet (Lapin)

Conselheiro do Lapin e encarregado de Proteção de Dados na Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD)

Você sai para trabalhar e, ao descer do ônibus, dois policiais te abordam pedindo o RG. Eles dizem que seu rosto foi identificado por um sistema de inteligência artificial (IA) para reconhecimento facial como o de uma pessoa foragida. Ao abrir a bolsa, você percebe que esqueceu a carteira em casa. Sem ter como se identificar, é só na delegacia, horas depois, que os policiais reconhecem que houve um erro do sistema.

Essa mesma história já aconteceu no Brasil e em diversos outros países. Ela reflete os riscos que a IA traz para direitos fundamentais por conta de falhas técnicas e de vieses discriminatórios incutidos em seu funcionamento, muitas vezes de forma involuntária.

Por conta desse potencial negativo, muitos países têm buscado regular as inúmeras tecnologias que existem sob o guarda-chuva da IA.

A União Europeia, por exemplo, debate um complexo regulamento fruto do trabalho de dois anos de um grupo multissetorial de especialistas, que prevê uma abordagem regulatória baseada em risco e proibições ao uso da tecnologia em certos contextos. A China também tem avançado com leis importantes, regulando deepfakes (imagens e vídeos que não alteram apenas cenários e vozes, mas rostos e corpos de pessoas por meio de inteligência artificial) e algoritmos de recomendação.

Entretanto, um projeto de lei já aprovado na Câmara dos Deputados em regime de urgência e que deve ser debatido no Senado em breve tem uma abordagem preocupante.

Embora pareça mais uma carta de intenções do que a regulação de tema tão complexo, o PL 21/2020 possui disposições excessivamente genéricas e seus dez artigos podem fragilizar gravemente normas e direitos já existentes nas esferas de responsabilidade civil, defesa do consumidor e proteção de dados, conforme diversas entidades já manifestaram.

Primeiramente, o projeto limita os princípios de não discriminação e transparência da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). Para além disso, talvez sua disposição mais alarmante seja seu art. 6º, VI, que determina que futuras normas sobre a responsabilidade civil de agentes envolvidos no desenvolvimento e operação de sistemas de inteligência artificial deverão se pautar na responsabilidade subjetiva.

Isso significa que qualquer indivíduo que sofrer danos por um sistema de IA e buscar reparação terá que provar que houve erro causado por culpa ou negligência em seu desenvolvimento ou uso.

Na prática, em muitos casos isso envolveria exames de bases de dados e de acurácia do sistema por auditorias especializadas, o que encareceria e potencialmente inviabilizaria a compensação do dano.

Isso vai contra o regime de responsabilidade civil brasileiro, que visa a efetiva reparação da pessoa ao considerar desproporcional, em casos previstos em lei ou em atividades que impliquem alto risco a direitos, a necessidade de provar que houve intenção ou negligência do desenvolvedor ou operador da IA que causou danos.

Vale mencionar que a IA torna esse tipo de comprovação ainda mais complexo, dado que é programada para constantemente "aprender" a partir do processamento de novos dados. Com isso, está em constante transformação, o que dificulta o mapeamento das causas para suas falhas.

Basta lembrar o caso do robô desenvolvido pela Microsoft que, ao ser utilizado no Twitter para desenvolver capacidades de compreensão de linguagem, em menos de 24h começou a publicar postagens racistas com base no conteúdo a que teve acesso na rede social.

Para evitar esses problemas, é necessário um debate aprofundado sobre o tema, com a participação de especialistas e grupos que são mais afetados por essas tecnologias. Caso contrário, o Brasil corre o risco de se tornar um parque de diversões para agentes irresponsáveis que atentam contra direitos com seus sistemas de IA, sem qualquer ameaça de responsabilização significativa pelas falhas de suas máquinas.

* Este artigo não reflete necessariamente o posicionamento das instituições que os autores representam

Martin Kovensky

O amor enxovalhado

Estelionato sentimental precisa ter pena mais rígida

Fabiola Sucasas Negrão Covas

Promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo, é titular da Promotoria de Enfrentamento da Violência Doméstica

O projeto de lei 6.444/2019 tramita na Câmara dos Deputados para incluir no art. 171 do Código Penal conduta que induz a vítima, com a promessa de constituição de relação afetiva, a entregar bens ou valores para si ou para outrem. Nominada nos meios jurídicos por estelionato sentimental, a prática quer agravar a responsabilidade penal daquele que engana e se aproveita do amor, da fantasia e do sonho de um romance, abusando da lealdade e da confiança da vítima para conseguir vantagem econômico-financeira.

O tema voltou à cena com o documentário "O Golpista do Tinder", da Netflix, que exibe detalhes do tal golpe praticado por um homem via aplicativo de encontros, vitimando várias mulheres, a quem causou prejuízos de milhões de dólares.

Alguns casos ficaram conhecidos no Brasil também. Em seis estados, um homem teria feito mais de 50 mulheres vítimas e só foi descoberto porque elas se uniram em busca de Justiça. Noutro, uma mulher alcunhada por "Loba do Tinder", já presa, deu o golpe em 100 homens.

Nos casos mencionados, o recorte de gênero se evidencia. Enquanto para as mulheres o golpista se utilizou do chamariz do sonho do amor romântico como instrumento para a sedução e o estreitamento da relação de afeto, a golpista teria ameaçado denunciar a relação extraconjugal para se valer da vantagem econômica — enquadramento de extorsão. De um lado, o ideal do príncipe encantado vendido como garantia de felicidade; de outro, a reafirmação da virilidade masculina prestes a abalar a fidelidade conjugal. Isso sem falar das ameaças de vazamento de "nudes", perseguição ou outros delitos que se somam à conduta fraudulenta.

Enquanto não se mergulha nas relações de consumo do tema, as regulações para prevenção e educação em gênero de caráter transversal, o PL 6.444/19 aguarda andamento.

Apensado ao PL 2.512/19, com ele se unem outras 12 propostas para aumentar a pena do estelionatário que venha a atingir pessoas idosas ou que não tenham o necessário discernimento para o ato, além de tantas mais referentes à prática cometida por meio de redes sociais ou em ambiente virtual — apesar da entrada em vigor da lei 14.155/21, que alterou o Código Penal prevendo a hipótese de aumento de pena para o crime de fraude eletrônica e de estelionato cometido contra idoso ou vulnerável.

Nos EUA, as fraudes em aplicativos e sites de relacionamento aumentaram 50% em 2020 ante 2019. O Instituto de Defesa do Consumidor americano afirmou que foram perdidos cerca de US$ 300 milhões com a prática criminosa.

No Brasil, não deve ser diferente, apesar da falta de dados oficiais. A pandemia de Covid-19 já retratou o aumento da violência praticada contra as mulheres, o que ensejou a aprovação de alguns projetos de lei ao longo dos últimos dois anos, a exemplo dos crimes de violência psicológica e "stalking" (perseguição virtual ou presencial). A violência patrimonial, por sua vez, segue infelizmente fortalecida, recrudescendo a vergonha e silenciando a dor de um amor enxovalhado.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

ASSUNTO FOLHA PERGUNTOU A SEUS LEITORES SE UM DIA VIVEREMOS EM PAZ

O ser humano é o vírus do planeta. Nem sequer sabe do papel ridículo que faz na Terra.
Roberto Pereira D'Araujo (Rio de Janeiro, RJ)

*

Porque os homens são gananciosos, querem sempre mais e mais. Se cada um entendesse o lado do outro, a guerra não aconteceria. Mas o que mais me espanta é que a humanidade vem fragilizada da pandemia e tem que enfrentar esse conflito!
Joana Santos (São José dos Campos, SP)

*

A história é a "senhora da razão" e nos mostrou que a humanidade delegou à guerra sua preferência. Já passamos por dois grandes conflitos: Primeira e Segunda Guerra Mundial. De lá para cá, nada aprendemos. Continuamos a usar o mesmo mecanismo: enfrentamento. A invasão da Rússia à Ucrânia é retroagir a um passado nada memorável. E, infelizmente, paz é equidistante, efêmera, transitória e efêmera.
Marcelo Rebinski (Curitiba, PR)

*

Comparo a predisposição à guerra com tumor cancerígeno. A maioria das células se divide sem problemas, outras o fazem de maneira descontrolada, perturbando o organismo. Assim são os líderes belicosos, começam guerras sem sentido, mas os povos anseiam pela paz.
Ana Maria Marques (Jundiaí, SP)

*

Essa fantasia utópica é ilusão propagada por religiões que prometem paraíso post-mortem aos "bem comportados". Uma bobagem, em suma.
Jonas Nunes dos Santos (Juiz de Fora, MG)

*

Quando as potências se reequilibrarem e respeitarem a vontade dos seus povos e a ONU deixar de ser tutelada por uma só potência.
Kleber Carlos Ribeiro Pinto (Uberlândia, MG)

*

Onde tem gente não tem paz.
Rodrigo Duarte (Mauá, SP)

*

Vivemos de momentos. Com a complexidade do mundo moderno sempre haverá alguma situação para nos preocupar.
Wesley Augusto (São João da Boa Vista, SP)

*

A história humana foi construída, infelizmente, sob guerras. Não é impossível um maluco explodir uma bomba atômica e dizimar a humanidade só para sair-se mais forte no jogo. Apesar de não crer que a guerra tenha um fim, sonho com a paz.
Samuel Silva do Nascimento (Brasília, DF)

Sim, nós podemos. Há 2.500 anos, Platão escreveu o livro "A República" (livro 1 da Coleção Folha Os Pensadores), uma narrativa indireta do diálogo socrático que traz a fórmula para vivermos com justiça e em paz enquanto sociedade. Em parco resumo "Enquanto os filósofos não forem reis, ou os reis não tiverem o poder da filosofia, as cidades jamais deixarão de sofrer".
Ronan Wielewski Botelho (Londrina, PR)

*

Enquanto a economia americana for dependente de guerras para se manter em alta, o mundo não terá paz. A situação é tão grave que empresas como a Ford estão deixando de fabricar automóveis para fabricar corpo de mísseis.
Roberto Correa Pagliarini (São Paulo, SP)

*

Está na natureza humana dominação e poder econômico, além dos interesses da indústria bélica.
Ricardo Zuppo (São Paulo, SP)

*

A ganância do homem impede que um dia vivamos em paz.
Jéssica Oliveira de Burgos (Recife, PE)

*

Viveremos em paz só após superar esse perverso sistema de reprodução que concentra a riqueza na mão de poucos enquanto a maioria sofre por não ter condições mínimas de sobrevivência.
Vitor Silva (Santos, SP)

*

Teremos paz quando entendermos que o ego não é a melhor opção como nossa identidade, pois, como a paz o enfraquece e a guerra o fortalece, o ego sempre escolherá conflito.
Paulo Brasiliense (Brasília, DF)

*

A humanidade já vivenciou progressos. Dominamos o fogo. Domesticamos animais. Aprendemos a plantar e colher. Diminuímos a fome e aumentamos nossa longevidade. Criamos arte, linguagem, religião, filosofia, ciência. Duelos, infanticídio e queima de hereges caíram em desuso. Não é impossível que erradiquemos a guerra. O progresso não é linear nem garantido, mas é possível.
Everton de Oliveira (Curitiba, PR)

*

Somos descendentes de assassinos e temos em nós a selvageria. Só sobrevivemos como espécie em comunidade, mas sempre é o meu vizinho e pessoas que não concordam com você que nos fazem sair do diálogo para as vias de fato. Quando emprego força, não tenho argumentos.
Jocelene Dorini (Curitiba, PR)

Temas mais comentados pelos leitores no site

De 19 a 25.fev - Total de comentários 11.790

Comentários	Tema	Data
588	Moro soltou Lula (Flávio Bolsonaro – Opinião)	21.fev
417	Polo do agronegócio de MT 'inaugura' outdoor chamando Lula de traidor (Painel)	20.fev
358	Putin autoriza operação militar na Ucrânia (Mundo)	24.fev

OUTROS ASSUNTOS

Mudança na Polícia Federal

A PF está no fim do poço ("Bolsonaro troca diretor-geral da Polícia Federal mais uma vez", Política, 26/2).
Mário Sérgio Mesquita Monsores (Rio de Janeiro, RJ)

*

Ainda não encontrou um que garanta plenamente a "segurança" de seus filhos.
Alex Sgobin (Campinas, SP)

Telegram na mira

Parabéns, ministro ("Moraes ameaça suspender Telegram se não houver bloqueio de perfis ligados a Allan dos Santos", Painel)! O senhor é tem coragem para peitar essa milícia digital! Chega de tanta fake news!
Maria Helena (Salvador, BA)

Guerra na Ucrânia

A questão é fácil de resolver: a Rússia abre mão da Ucrânia, em contrapartida a Inglaterra devolve Ulster à Irlanda e abre mão de Escócia e País de Gales. Os EUA devolvem Alasca à Rússia, mediante indenização, e abrem mão de Havaí e Porto Rico, retirando o covarde embargo à Cuba. E a França reconhece a independência de todos os territórios ultramarinos. Que tal, Ocidente?
Eladio Gomes (Itabira, MG)

*

Não entendo a posição do Bolsonaro. Ele combina mais com Zelenski, que produziu vídeo metralhando o Congresso como se acabasse com todos os males da Ucrânia.
Barbarella Duran (São Paulo, SP)

política

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Sermão

Embora já esteja previsto um encontro do presidente Jair Bolsonaro (PL) com lideranças evangélicas no próximo dia 8, a bancada quer uma segunda reunião, com quórum menor, para expor suas insatisfações. A aprovação do projeto que legaliza os jogos de azar, com a atuação direta de integrantes do governo, foi só o episódio mais recente de uma série de desgastes acumulados. Há queixas sobre distribuição de emendas parlamentares e falta de comunicação com o segmento.

IMAGEM Presidente da Frente Parlamentar Evangélica, Sóstenes Cavalcante (União-RJ) diz que é preciso ajustar comunicação e política. "Falo de política partidária, mesmo. Por que até agora ninguém procurou o União Brasil sobre eleições? O presidente vai precisar de tempo de TV", afirma.

FOTO A reunião do dia 8 tem como objetivo maior passar a imagem de união do segmento em torno de Bolsonaro. É uma resposta aos movimentos de outros pré-candidatos, que têm tentado se aproveitar das fissuras para se aproximar.

NOSSO REINO Para ir além da foto, no entanto, deputados afirmam que Bolsonaro precisa dar sinais objetivos de que prioriza essa base. Uma sugestão é organizar entrevistas para rádios e emissoras evangélicas. Também estará na mesa priorizar emendas da bancada.

ALTO LÁ O PT diz que não pretende fazer grande concessões programáticas a Geraldo Alckmin caso ele seja vice de Lula. "Não vejo uma tendência de programa mais liberal com o Alckmin. Até porque não é esta a direção que o mundo está seguindo", diz a presidente do partido, Gleisi Hoffmann.

DOIS PESOS... Incomodados com a possível desistência de Jaques Wagner (PT) de disputar o governo da Bahia para abrir caminho à candidatura de Otto Alencar (PSD), lideranças estaduais do PT criticam o tratamento que a sigla dá à Bahia em relação a SP.

...DUAS MEDIDAS "O PT é um partido centrado em São Paulo", diz o deputado federal Jorge Solla. "Nunca priorizou a Bahia. É o quarto maior colégio eleitoral e o primeiro na diferença de votos a favor do partido", completa.

VITAMINA 1 Presidente do PL, Valdemar Costa Neto repete 20 anos depois a estratégia de se aliar a um candidato a presidente para engordar a bancada federal do partido.

VITAMINA 2 "Já tenho indicações de que, semanas após a posse de Lula, será um pulo para vários deputados federais entrarem no PL", disse ele em 2002, ao se coligar com o PT. Agora, após filiar Jair Bolsonaro, o dirigente estima aumentar a bancada de 43 deputados para mais de 60.

ABSTRATO Parecer técnico do TSE indica que não será possível responder se é legal ou não reduzir o preço do combustível em ano eleitoral. De acordo com o documento, o tribunal não poderia analisar a situação "em tese", somente o caso concreto.

CAUTELA A Advocacia-Geral da União formalizou consulta por temer que este tipo de benefício possa ferir a legislação eleitoral no ano em que o presidente Jair Bolsonaro (PL) busca a reeleição.

CANETA Câmara e Senado têm propostas para reduzir o preço da gasolina, que, caso aprovadas, precisarão da sanção presidencial. A consulta foi distribuída para o ministro Carlos Horbach. Os titulares da corte podem não seguir a recomendação técnica e proferir voto em outro sentido.

PREJU Eduardo Leite, assim como seus adversários na prévia tucana, gastou R$ 1,2 milhão de recursos da legenda na campanha interna. O valor vem do fundo partidário, ou seja, é dinheiro público. Derrotado por João Doria, ele ameaça migrar para o PSD para disputar a Presidência.

PALAVRA A situação provoca críticas do tesoureiro tucano, César Gontijo. "Só garantimos os recursos porque os candidatos se comprometeram a ficar no partido se perdessem, caso contrário não teríamos feito. Se ele sair vai ser uma insensatez", diz.

TURVO O comportamento de influenciadores digitais e outros apoiadores de Jair Bolsonaro (PL) em relação ao ataque à Ucrânia pela Rússia foi marcado por incerteza a respeito das decisões de Vladimir Putin e por críticas ao presidente dos EUA, Joe Biden, e à Otan, segundo monitoramento da Dapp/FGV (Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas).

E AGORA Segundo o levantamento, o conflito mobilizou mais de 2 milhões de postagens em duas semanas, em sua maioria com reprovação a Putin e temor em relação às consequências.

MAPA A pesquisa identificou pouca participação de políticos de esquerda no debate, que foi dominado por celebridades, usuários comuns e canais de entretenimento.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Tarcísio de Freitas com Jair Bolsonaro em motociata em São José do Rio Preto (SP) Isac Nóbrega - 24.fev.22/PR

Aliados e rivais projetam Tarcísio no segundo turno com polarização em SP

Campanhas avaliam que cenário nacional poderá se repetir no estado; Rodrigo Garcia (PSDB) aposta em rejeição a Bolsonaro

Julia Chaib, Marianna Holanda e Carolina Linhares

BRASÍLIA E SÃO PAULO Tratado inicialmente apenas como um nome para dar palanque a Jair Bolsonaro (PL) no maior colégio eleitoral do país, o ministro Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) passou a ter sua candidatura ao Governo de São Paulo comemorada por integrantes do governo e acendeu alerta em campanhas de adversários.

Dirigentes de partidos envolvidos na disputa pelo Palácio dos Bandeirantes, em especial do PT e do PL, preveem que a disputa paulista vá reeditar a polarização nacional entre Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Um indício dessa avaliação é o desempenho de Tarcísio em pesquisas, que mostram potencial para figurar no segundo turno —ainda que seja nascido no Rio de Janeiro, não em São Paulo, nem nunca tenha disputado uma eleição.

Dirigentes partidários próximos do ministro se dizem até surpresos porque não esperavam que o auxiliar de Bolsonaro pontuasse com dois dígitos a esta altura do ano.

A expectativa era que em junho, após o início oficial da campanha eleitoral, o ministro tivesse desempenho relevante. Ele será candidato pelo PL, como mostrou a **Folha**.

Em pesquisa Datafolha de dezembro passado, Tarcísio alcança 9% das intenções de voto a depender do cenário.

Em levantamentos mais recentes de outros institutos alcançou os dois dígitos e, quando associado ao apoio de Bolsonaro, figurou atrás só do candidato do PT, Fernando Haddad, que terá Lula e o ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido) como padrinhos.

Na última quinta-feira (24), Tarcísio acompanhou Bolsonaro em uma motociata em São José do Rio Preto, no interior paulista, onde foi recebido aos gritos de "governador".

O deputado estadual Gil Diniz (PL), aliado da família Bolsonaro e que esteve no evento, afirma que o ministro "arrasta multidões" e "foi uma grata surpresa". "É um fenômeno político, um cara técnico que politicamente está se mostrando muito viável", diz à **Folha**.

> **O Tarcísio pode sim ser uma esperança para São Paulo. Pode ter certeza: ele ganhando as eleições, por ventura, vai fazer um trabalho semelhante ao meu, a começar pela escolha do seu secretariado —que tem que ser tecnicamente escolhido**
>
> **Jair Bolsonaro** em janeiro

> **Tarcísio é um fenômeno político, um cara técnico que politicamente está se mostrando muito viável**
>
> **Gil Diniz (PL)** deputado estadual bolsonarista

> **Tarcísio tem pouca coisa para mostrar como ministro. Ele não é paulista. É claramente um poste do bolsonarismo**
>
> **Arthur do Val (Podemos)** deputado e pré-candidato ao Governo de SP

O bom desempenho de Tarcísio nas pesquisas é atribuído, segundo aliados e dirigentes do centrão, a um movimento de grande transferência de votos de Bolsonaro.

Dizem acreditar também que ele poderá, inclusive, repetir em São Paulo o índice que o presidente registrar nas urnas. Hoje, Bolsonaro pontua com cerca de 25% em pesquisas de intenção de votos.

Além disso, em Brasília, o ministro é visto como uma pessoa obstinada e tem mostrado a interlocutores absoluta convicção de que estará no segundo turno. Tarcísio costuma brincar que torce para que digam em debates que ele não é natural de São Paulo: está estudando e memorizando detalhes do estado.

Na hipótese da polarização, quem estará do outro será Haddad. Integrantes da campanha do petista também apostam no crescimento do ministro e o veem no segundo turno contra o ex-prefeito.

No entorno do ex-governador Márcio França (PSB), que também é pré-candidato ao Palácio dos Bandeirantes, a avaliação é que Tarcísio pode, inclusive, atrapalhar o crescimento de Lula no estado.

A análise é que o ministro, por ser visto como alguém mais preparado e ponderado do que Bolsonaro, poderia reduzir a rejeição ao presidente.

Marqueteiros envolvidos no pleito deste ano têm uma leitura simular: apostam que o ministro, por ter a fama de técnico e trabalhador, poderia furar o teto do bolsonarismo, hoje estimado em cerca de um quarto da população.

Tarcísio seria, portanto, um candidato mais agradável aos setores conservadores e à classe média de São Paulo, o que poderia lhe dar a vitória, especialmente se a esquerda estiver do outro lado.

Há, porém, uma ala de integrantes de campanhas adversárias que minimizam o potencial eleitoral do ministro. Argumentam que ele não tem ligação com São Paulo e atribuem seu crescimento em pesquisas a um "boom" gerado por redes bolsonaristas.

Aliados do vice-governador Rodrigo Garcia (PSDB), que compete com Tarcísio pelos eleitores de direita, mantêm o otimismo e dizem crer que o ministro tem crescimento limitado, atrelado ao de Bolsonaro, que guarda alta rejeição.

Rodrigo, que ainda é desconhecido para o eleitor paulista, conta com a migração de votos vindos de outros candidatos hoje mais conhecidos —e, na opinião de seu entorno, Tarcísio não conseguiria atrair esses eleitores.

Interlocutores do vice-governador apontam ainda que, na ponta do lápis, o Governo de São Paulo tem muito mais obras a mostrar no estado do que o governo federal.

Candidato do ex-juiz Sergio Moro (Podemos) em São Paulo, o deputado Arthur do Val (Podemos) também minimiza a preocupação que Tarcísio gera nos adversários, ressaltando que as campanhas vão explorar a rejeição de Bolsonaro para fustigar o ministro.

"Ele vai ter de passar pano para 'rachadinha' e pagar pedágio ideológico para falar de vacina e pandemia. Vai ter de ficar justificando por que o governo não fez reformas", disse Arthur à **Folha**.

"Tarcísio tem pouca coisa para mostrar como ministro. Criou-se um mito de que o Tarcísio é o pavimentador, que é a coisa mais banal que se tem na política. Ele não é paulista, nunca residiu em São Paulo. É claramente um poste do bolsonarismo", afirmou.

De acordo com aliados do ministro da Infraestrutura, há um fator que poderia desestabilizar o cenário polarizado na disputa paulista: uma eventual desistência da candidatura do governador João Doria (PSDB) à Presidência.

Para eles, a rejeição de Doria contamina de forma irremediável a campanha de Rodrigo, que é visto como um candidato forte. Apenas na hipótese de o vice não ter de dar palanque ao tucano, poderá representar ameaça ao candidato bolsonarista.

Mais ainda, dizem que essa fórmula só poderia funcionar se o tucano decidisse em muito breve interromper sua candidatura. Senão, não daria tempo de a campanha de Rodrigo reverter os votos.

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
363.733 exemplares (janeiro de 2022)

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

Repórter, espécie ameaçada

Jornalismo atual abre muitas possibilidades, até mesmo a de extinção

José Henrique Mariante

Tropas se movimentam na Europa. CNN 24 horas por dia. Vem à memória a Guerra do Golfo, quando a emissora americana, em feito inédito, cobriu o conflito ao vivo. A lembrança deveria ser apenas Bernard Shaw e Peter Arnett abaixando a cabeça na hora das bombas, mas a verdade é que foram madrugadas de material não editado, transmitido sem narração ou explicação. Som ambiente e imagem, jornalismo cru. Em uma dessas longas noites, um dos primeiros pilotos americanos a aterrissar após combate afirma com naturalidade: "Muito emocionante, parecia um jogo de futebol". Nunca esqueci essa frase, de tão absurda. Anos depois, já jornalista, citei-a em uma apresentação de Super Bowl.

Correspondentes de guerra estão na linha de frente de novo, abaixando a cabeça e levantando fatos. CNN, TVs, agências, sites e jornais do mundo inteiro driblam bombas, internet sabotada e a censura russa para informar o que ocorre na Ucrânia. A diferença agora é que dividem a atenção com milhões, para não dizer bilhões de outros supostos repórteres e analistas. No Brasil do BBB, quem primeiro deu a notícia da invasão, constatou a **Folha**, *foi o perfil Choquei, cuja credencial é agregar mais de 1,3 milhão de seguidores no Twitter. Deixou de lado a cobertura do reality show, até então sua especialidade, para iniciar uma série alucinada de postagens sobre o conflito.*

No meio da torrente, na quinta-feira (24), surgiu a reprodução de um título da **Folha**: *"Maioria dos brasileiros lutaria pelo país em caso de guerra, segundo Datafolha". Não havia link, mas a notícia existe, ainda que antiga e apenas uma indagação hipotética, sem relação com qualquer evento. Pouco antes, o perfil fazia um alerta: "Explosões em Chernobyl". Apenas essa frase. Em seguida, outra informação seca: "Fogo atinge prédio na Avenida Paulista". Na sequência, um pouco de opinião emprestada, mas com vídeo: "Craque Neto diz que Putin, presidente da Rússia, tem que morrer".*

Quem acompanhou o noticiário nos últimos dias viu muita bobagem e fake news. Até emissora séria usando cenas de game para ilustrar a tela enquanto o opinador falava algo sobre Putin. O choque, sem trocadilho, das redes sociais com o jornalismo profissional nesses momentos é brutal.

Dean Baquet, editor-executivo do New York Times, perto da aposentadoria do cargo (por idade, tradição na empresa), afirmou em recente entrevista à New Yorker que "cada geração de jornalistas faz seu próprio jornalismo". "E, francamente, faz melhor." Não falava de si, mas se encaixa na descrição. Primeiro repórter investigativo de origem e primeiro negro na função, vai deixar uma poderosa Redação, com mais de 2.000 profissionais, 10 milhões de assinantes e audiência global. Um jornal bem diferente daquele que recebeu há oito anos, com dificuldades financeiras e futuro incerto.

"Acho que a reportagem está, não quero dizer ameaçada de extinção, mas penso que sob ameaça." Para Baquet, vive-se uma era em que a força de dar a notícia não é mais plenamente respeitada, em que as redes sociais premiam comportamentos ácidos e opiniões gratuitas. O executivo demonstra certa preocupação moral com quem confunde o papel da profissão ou se vê premido pelos comentários na internet.

Não há dúvida de que jornais podem ser melhores hoje em dia, a começar pelos diversos recursos multimídia existentes. Mas é incrível como precisamos de pestes ou bombas caindo sobre nossas cabeças para entender que o clássico trabalho de repórter, não importa a tecnologia disponível, é imprescindível e vale cada centavo de investimento.

O problema é ninguém lembrar dos imprescindíveis também em tempos de paz.

Debate?

Baquet é o editor apupado pela própria Redação em 2020, quando o Times publicou artigo de um senador republicano que defendia militares nas ruas dos EUA na onda de protestos que ocorreu após a morte de George Floyd. A publicação do texto colocava os jornalistas negros da casa em óbvio perigo na cobertura. Até o publisher do jornal entrou na discussão para acalmar os ânimos. Já ouviu algo parecido?

Na última semana, a **Folha** *publicou artigo de Flávio Bolsonaro cujo título não faria feio no Choquei, "Moro soltou Lula". O jornal, obviamente, apanhou mais que o filho do presidente. O PT em nota acusou a* **Folha** *de publicar fake news. Uma leitora pontuou que, além de desnecessário, o artigo era mal escrito. Difícil discordar. A argumentação era frágil, apelando para conclusões como a de o petista ser responsável pelos preços da gasolina na gestão de seu pai.*

E aqui vem a questão, que nada tem a ver com a necessidade de dar espaço para todos os lados, satisfeita no dia seguinte, como de praxe: os leitores precisam aturar textos ruins em nome da pluralidade?

Em outras palavras, se o artigo é fraco, o debate, propósito de sua veiculação, foi enriquecido ou serviu apenas para a **Folha** *se mostrar equânime?*

Prisões por corrupção caíram na gestão de exonerado na PF

Casos reduziram desde 1º ano de Bolsonaro e despencaram sob Maiurino

Fabio Serapião

BRASÍLIA O delegado Paulo Maiurino foi substituído no comando da Polícia Federal na sexta-feira (25) no momento em que sua equipe buscava explicações para a queda brusca no número de prisões efetuadas no âmbito de operações de combate à corrupção durante sua gestão.

Maiurino assumiu a PF em abril de 2021, ano em que foram registradas 164 prisões, queda de 60% em relação às 411 efetuadas em 2020.

Os números mostram que as prisões vêm caindo desde o primeiro ano do governo Jair Bolsonaro (PL), mas despencaram na gestão do agora ex-diretor.

A **Folha** teve acesso a duas mensagens do coordenador de Combate à Corrupção, Isalino Giacomet, enviadas após uma consulta informal feita com delegados que atuam nessa área em superintendências estaduais.

Nelas, Giacomet, da equipe de Maiurino, reconhece a redução do número de prisões.

"De fato, desde 2018, segundo dados obtidos no sistema Palas [da Polícia Federal], as prisões nos casos de corrupção vêm caindo ano a ano progressivamente, de 668 em 2018, 486 em 2019, 411 em 2020 e apenas 164 em 2021", diz o delegado.

Se comparado 2021 com 2019, primeiro ano do governo Bolsonaro, a queda é de 66%.

O recuo é ainda maior, pouco mais de 75%, se levado em conta 2018, ainda no governo Michel Temer (MDB) e com Rogério Galloro na direção da Polícia Federal.

Paulo Maiurino durante reunião na Assembleia Legislativa de SP 20.jun.17/Alesp

As mensagens de Giacomet foram enviadas a colegas no último dia 16, um dia depois de a PF divulgar uma nota para rebater as acusações do ex-juiz Sergio Moro (Podemos) sobre a queda nas ações de combate à corrupção.

Como mostrou a **Folha**, ao responder Moro —ex-juiz da Lava Jato, ex-ministro da Justiça de Bolsonaro e agora pré-candidato a presidente da República pelo Podemos—, a atual gestão empurrou a PF para o debate eleitoral.

Nesse cenário, os números do órgão serão munição, principalmente na disputa entre o ex-juiz, que pretende defender sua gestão no Ministério da Justiça, e Bolsonaro.

Como resposta de uma primeira conversa com delegados, antes de enviar as mensagens, a cúpula da PF recebeu indicações de que mudanças na lei e na atuação do Judiciário, após problemas com a Lava Jato, teriam puxado os números para baixo.

Na primeira mensagem, o coordenador afirmou já ter feito a "sondagem" com delegados chefes de delegacias que cuidam do tema para conhecer a "percepção das unidades descentralizadas sobre o tema relacionado à obtenção de prisões em operação policiais contra corrupção e desvio de verbas públicas".

O delegado lista, em oito tópicos, "dificuldades que demonstram essa redução nas prisões", coletados até o momento nas conversas com investigadores.

Três deles abordam a atuação do Judiciário nos casos. Um tópico é dedicado à figura dos juízes e diz que o perfil atual é mais resistente a prisões, "em especial após recentes reveses de decisões judiciais, sobretudo no âmbito da Operação Lava Jato".

Outro ponto apresentado é a necessidade de demonstração de contemporaneidade do crime, o que dificultaria prisões em investigações de casos relacionados a fatos antigos.

Por fim, sobre o Judiciário, a opinião coletada na sondagem foi de que a prisão deve ser voltada para crimes violentos.

A lista na mensagem do delegado cita duas mudanças legislativas nas explicações para a queda nas prisões. Para os delegados, as limitações impostas pela lei do abuso de autoridade e pelo pacote anticrime também impactaram a quantidade de prisões.

"O standard probatório para justificar a prisão provisória tornou-se muito alto, ainda mais com a preferência legal de substituir a prisão por medidas cautelares diversas da prisão, tornando a prisão preventiva uma cautelar extremamente excepcional", diz um dos tópicos.

No tópico de número 6, a mensagem aborda como possível causa a "postura mais acomodada de alguns membros do Ministério Público em alguns estados que atuam com casos de corrupção".

Giacomet argumenta que os números de prisões caíram em um cenário de aumento no número de operações de combate à corrupção.

"Convém destacar que em 2021 a quantidade de operações policiais (especiais e comuns) contra corrupção e desvio de verbas públicas foi a segunda maior da história da PF, só ficando atrás do ano de 2020", afirma.

Segundo a PF, em 2021, foram realizadas 182 operações especiais e comuns de combate à corrupção contra 250 em 2020, 173 em 2019, 166 em 2018 e 168 em 2017.

Após mostrar o cenário delineado pela sondagem e dizer que a direção também tem suas opiniões para a queda, as "quais não foram compartilhadas previamente com os colegas para a não indução de respostas", o coordenador solicita em um segunda mensagem dados estaduais.

Ele pede o resgate de todas as operações especiais, prisões temporárias e preventivas solicitadas independentemente da decisão do juiz e a quantidade de pedidos de medidas cautelares diversas da prisão, como afastamento da função, registrados desde 2019.

Para o delegado, o levantamento ajudará a "diagnosticar a atuação da PF nesse assunto".

Nesta sexta, quando a cúpula da PF foi surpreendida pela demissão de Maiurino, Giacomet ainda aguardava os dados solicitados.

Questionada sobre a sondagem, a PF afirmou que "está consolidando dados e percepções práticas nas unidades regionais para melhor compreender os motivos que levaram à variação na quantidade de prisões".

Segundo o órgão, as informações irão fornecer "elementos empíricos para melhor interpretar tal fenômeno".

Sobre a indicação de que a queda tem relação com a atuação do Judiciário, a PF afirmou ser natural que nem todos os pedidos de prisão tenham decisão favorável.

"O Judiciário, como destinatário dos pedidos de medidas restritivas formulados pela Polícia Federal, exerce papel essencial no contrapeso entre a repressão estatal contra o crime e os direitos individuais das pessoas", diz a nota.

Para o lugar de Maiurino foi indicado o delegado Márcio Nunes de Oliveira. Trata-se da quinta nomeação ao cargo na gestão Bolsonaro.

Fabricantes de crises letais

A culpa pela ocupação na Ucrânia tem muitos donos

Janio de Freitas
Jornalista

A preliminar de todas as turbulências em que se envolveram Estados Unidos e europeus, desde o fim da União Soviética, espera há três décadas a compreensão desses países para tentarem solucioná-la: o comunismo acabou como nação e como movimento, mas os Estados Unidos continuaram contra a Rússia o que era a guerra contra o comunismo. Por quê?

O tema não entra em consideração, por certo pelo temor da reação americana. Onde houve proximidade, entendimentos e interesses da Rússia, os Estados Unidos puseram sob acusações, pressão e riscos.

Assim foi sacrificada, reiteradamente, a oportunidade de convivência menos letal e mais inovadora entre as forças dominantes do mundo.

A Rússia extinguiu os saldos da experiência de convívio equânime de Gorbachev e mesmo de Ieltsin, e assumiu sua contraparte nas confrontações. A colaboração na aventura espacial foi a exceção da regra, mais por necessidades temporárias dos americanos que por associação de sinceridades promissoras.

Assim a Rússia foi cercada por 14 países que eram partes da União Soviética ou a ela associados, vários deles abrigando armamentos voltados para a Rússia, inclusive mísseis nucleares. Todos esses países de fora da Europa Atlântica, como a Ucrânia, mas conduzidos pelos Estados Unidos a integrar a Organização do Tratado do Atlântico Norte, Otan, formada sob a liderança americana para aplacar o pesadelo de uma expansão ocidental da URSS.

O capítulo atual de tal elaboração bélica fica explicado na mínima síntese da porta-voz do Ministério Exterior chinês: "Eles (americanos e membros da Otan) já pensaram nas consequências de encurralar uma grande potência?".

Também uma pequena frase, esta de Joe Biden quase três semanas antes da invasão da Ucrânia, simboliza com perfeição a arrogância e a diplomacia dos Estados Unidos. Refere-se ao gasoduto Rússia-Alemanha, obra de US$ 10 bilhões, pronta, de extrema necessidade para a carência alemã de gás: "Nós [os americanos] vamos acabar com ele". Não falava do interesse de um inimigo, mas das futuras condições de vida em um aliado leal.

O poder americano não tem diplomacia. Age nas divergências e objetivos externos com uma adaptação do modo "primeiro atira e depois indaga". Inesquecível, a propósito, uma frase muito explorada no divertido Diário Carioca, sacada pelo extraordinário jornalista e depois historiador que foi José Ramos Tinhorão: "Os americanos só farão política externa quando tiverem diplomatas ingleses e redatores franceses". Sem isso, é a força, pressionante, ameaçadora, sempre, como iniciativa e como resposta.

Os russos não são diferentes, mas, sinistros por natureza, poupam-se de usar ares angelicais e falar tanto em diplomacia sem a praticar. Ou, nos europeus, não a praticando senão entre potências.

A culpa na crise ucraniana tem muitos donos. Biden inflamou-a, no entanto, de maneira tão deliberada quanto a que acusou na ação de Putin. No mais recente de seus bons artigos, aliás, o professor e colunista Mathias Alencastro informou que "o segundo (eu, sendo Elio Gaspari o outro criticado) imputa ao governo Biden a responsabilidade pela crise".

Isso não. Não imputo, jamais imputei e não imputaria nem a Bolsonaro. Posso assegurar meu esforço para não expor à vergonha palavras descuidadas de toda estética verbal. Em questão secundária, observo o engano da crítica ao supor no texto o que não há nele. Modéstia à parte, o especialista do Cebrap em relações internacionais até incorre em semelhanças com o criticado na visão do fundamental.

Os repetidos apelos do presidente da Ucrânia para que Biden moderasse sua intensa investida contra a Rússia, causa de agravamento e prejuízos econômicos da crise, fazem confirmação inquestionável da ação intoxicante de Biden. Tamanha incontinência até fez uso indevido dos nomes da Otan e de aliados, ainda inexistindo resolução sobre a Rússia.

Biden fechou a Putin as vias de saída sem guerra (por exemplo, dando veracidade às alegadas manobras e recolhendo as tropas). Biden aplicou às suas intervenções o sentido de desafio, de ultimato. Muitas vezes, com a inflexão e a fisionomia do ódio, contra a voz baixa e lerda do iceberg russo posto contra parede.

Contra a mesma parede, logo foram postos Biden e a Otan. Se recusadas pela Ucrânia as condições de Putin para o cessar fogo, os russos poderiam ocupar a Ucrânia e mudar o governo. Diante do novo ultimato, à Otan e a Biden restariam duas hipóteses: deixar a Ucrânia à ocupação russa ou recuarem do objetivo de acrescentar a Ucrânia ao cerco estratégico à Rússia. Mas nenhuma das partes enfrenta desafios da melhor maneira.

O que cabe aos de fora, como sempre, é esperar pelo resultado que nunca será bom para a humanidade.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso Rocha de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Ciro Gomes durante gravação de live semanal, em São Paulo Mathilde Missioneiro · 22.fev.22/Folhapress

Ciro mira queda de Bolsonaro e 'estado de espírito' do eleitor

Presidenciável do PDT prevê prejuízo a Lula e minimiza entrave para ir ao 2º turno

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Com uma mistura de intuição própria, tendências do eleitorado e otimismo sobre alianças, o ex-ministro Ciro Gomes (PDT) traçou uma estratégia alongada para sua candidatura à Presidência com a qual acredita conseguir ir ao segundo turno, a despeito do que mostram as atuais pesquisas.

Os cálculos se baseiam na expectativa de derretimento do candidato à reeleição, Jair Bolsonaro (PL), e na redução da vantagem de Lula (PT) a partir da desconstrução do ex-presidente na campanha eleitoral —para a qual o pedetista, outrora aliado, quer contribuir fortemente.

Em sua quarta campanha ao Planalto, Ciro divide a terceira colocação nas pesquisas com o ex-juiz Sergio Moro (Podemos), em patamar próximo dos 8%, insuficiente para incomodar os dois favoritos.

O ex-ministro ataca ambos, em manobra que até aqui soou pouco efetiva para atrair antipetistas e antibolsonaristas. Ele argumenta que a vontade de mudança será o "estado de espírito" dos brasileiros em outubro.

Ciro reiterou nos últimos dias seu entendimento de que a eleição terá caráter plebiscitário, colocando sob escrutínio a continuidade ou interrupção da era Bolsonaro, mas com a diferença de que os ventos que normalmente sopram a favor de um mandatário no poder estão virados.

A análise leva em conta os altos índices de rejeição e de desaprovação do presidente.

No levantamento do Datafolha de dezembro, 60% dos eleitores disseram que não votariam de jeito nenhum nele e apenas 22% consideravam o governo bom ou ótimo, pior nível de sua gestão.

Bolsonaro alcançou 22% de intenções de voto na pesquisa, e Lula marcou 48%.

"É uma leitura complexa, como a minha experiência me permite fazer, do momento", diz Ciro. "Esse plebiscito parece ser hostil ao status quo pela primeira vez na história brasileira da reeleição, em uma proporção de 75% a 25%. Significa que 75% dos brasileiros não estão com Bolsonaro."

Lula, segue o pedetista, é beneficiado pela peculiaridade de ser "100% conhecido, 100% odiado ou 100% amado", de forma que "ninguém tem neutralidade nem desconhecimento" sobre o ex-presidente.

"Ele aproveita, dos 75% [descontentes com Bolsonaro], 45%. Cadê os outros 30%? Eles estão procurando e têm por motivação não quererem nem um nem outro."

Além de procurar seduzir a fatia dos "nem nem", o ex-ministro mira a parcela do eleitorado que está com Bolsonaro só por rechaçar a volta do PT e o grupo que apoia Lula por achar que ele é o único capaz de vencer o atual presidente.

"Na medida que os meses passarem e ficar evidente que Bolsonaro será derrotado no plebiscito por mim, pelo [João] Doria, pelo Lula, pelo Moro (se ele ficar), esse componente vai evoluir. E, desses 30% que estão aí [desatrelados dos líderes], eu já tenho um terço comigo, na pior das hipóteses", teoriza.

> O que eu vou tentar mostrar ao povo brasileiro é que, se a gente repetir o mesmo modelo e as mesmas pessoas, a tragédia brasileira vai tomar mais grave profundidade
>
> Ele [Lula] é uma memória afetiva muito frágil de um tempo mentiroso de picanha e cerveja
>
> **Ciro Gomes**
> presidenciável do PDT

O roteiro envolveria uma desidratação sensível de Bolsonaro —o que hoje é visto como improvável inclusive por parte do PT— e a ascensão de Ciro como nome competitivo, o que ainda não é.

Para crescer, o pedetista se fia na campanha conduzida pelo publicitário João Santana, ex-marqueteiro de Lula, e na adesão da sociedade a seu projeto econômico e político, que ele propagandeia como uma mudança de modelo em relação aos últimos governos e uma saída para as crises.

"O que eu vou tentar mostrar ao povo brasileiro é que, se a gente repetir o mesmo modelo e as mesmas pessoas, a tragédia brasileira vai tomar mais grave profundidade", assinala. "[Meu nome] tem uma viabilidade real, e é necessário que o país tenha um caminho alternativo."

Recorrendo à intuição adquirida em 40 anos de política, o terceiro colocado na corrida presidencial de 2018 sustenta que o rumo do pleito nada tem a ver com a atual fase, mas com o "estado de espírito do povo no momento em que a eleição será definida".

Ele defende que o sentimento preponderante na época da votação será, em consonância com a repulsa a Bolsonaro, o desejo de mudança.

Ciro avalia que o anseio por uma guinada não necessariamente desembocará no PT. "Mudar tudo que está aí é ruim para o Lula também", diz.

Para o pedetista, o ex-presidente representa continuidade de um modelo econômico e de governança fracassado e será "desmontado quando a campanha começar".

Em esforço para vencer a resistência de setores que o veem genericamente como um representante da esquerda sem a mesma habilidade de Lula, Ciro busca ampliar o diálogo com o mercado financeiro e vender como solução seu programa de cores desenvolvimentistas.

Na quarta-feira (23), ele participou de evento do banco BTG Pactual em São Paulo, ao qual também compareceram Sergio Moro e João Doria. O pedetista, que estava acompanhado por Santana na viagem à capital paulista, usou o encontro com agentes do setor privado para tentar quebrar barreiras.

"Estou me apresentando com muita vontade de ser ouvido. Sei que o ambiente não é propriamente simpático para mim. Eu estou querendo ser aceito, desde que seja com as minhas ideias e o meu padrão", disse ele, que tem bandeiras como taxação de grandes fortunas e impostos sobre lucros e dividendos.

O presidenciável afirmou que não está delirando ao insistir na candidatura, a contragosto de correligionários e outros segmentos da esquerda que cobram uma adesão a Lula. Falou que está diante da maior chance de sua vida.

"Me dá a bola para vocês verem se eu não faço um gol de placa e arrumo essa casa."

Em outra jogada, Ciro disputa com Lula apoios de partidos à esquerda e ao centro que hoje tendem a estar na órbita do PT. O pré-candidato e o presidente nacional do PDT, Carlos Lupi, trabalham por acordos com siglas como PSB e PSD, mesmo que só para palanques regionais.

O presidenciável diz que sua "aliança predileta" seria com o PSB, tendo como base a dobradinha que os dois partidos fizeram nas eleições municipais de 2020 em sete capitais, com vitórias em três delas — Recife, Maceió e Fortaleza.

"O Lula resolveu operar o PSB de fora para dentro, com a arrogância, com a vontade de destruir. E eu, não. Eu opero de dentro para fora", afirma, mencionando conversas com líderes pessebistas como o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, e o ex-governador de São Paulo Márcio França.

"Trabalho obstinadamente [para ter o PSB na campanha]. Se eu não pegar [o partido] todo, eu pego um pedaço, isso eu garanto."

Ciro conta ainda com o apoio do PSD em estados como o Rio de Janeiro, onde o PDT fechou parceria com o prefeito Eduardo Paes (PSD) com vistas a um projeto conjunto na disputa pelo governo, envolvendo o ex-prefeito de Niterói Rodrigo Neves (PDT).

Além disso, o PDT negocia com o prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD), possível nome do partido de Gilberto Kassab ao governo mineiro, e com o ex-prefeito de Salvador ACM Neto (União Brasil), pré-candidato a governador na Bahia, que pode ter um pedetista na vaga de vice.

O partido busca também construir um palanque em São Paulo, estado fundamental para a campanha deslanchar. As conversas hoje estão restritas aos bastidores, mas envolveriam líderes do PSB e do PSD, ainda à espera de definições sobre candidaturas e federações com outras siglas.

Juliana Freire

Putin já foi o motorista Vladimir

Ex-anônimo burocrata governa a Rússia há 22 anos com mão de ferro

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Outro dia, antes do início da guerra na Ucrânia, o jornalista americano Thomas Friedman escreveu que o melhor lugar para se acompanhar a crise é tentando entrar "na cabeça de Vladimir Putin".

Diversas pessoas já tentaram mapear essa cabeça, da alemã Angela Merkel à ex-secretária de Estado americana Madeleine Albright. O presidente russo é frio como cobra.

Em dezembro de 1989 ele estava na sede da KGB, em Dresden, na falecida Alemanha Oriental, quando uma multidão se aproximou da casa. Ele foi para o portão, disse que era um intérprete e recomendou que fossem embora, do contrário seus compatriotas atirariam. Deu certo, mas não havia atiradores.

Dois anos depois a Alemanha Oriental se acabara, a União Soviética derretera e a Rússia perdera cerca da metade de seu produto interno. Putin havia voltado para São Petersburgo e trabalhava com o prefeito da cidade. Para fechar o orçamento familiar, fazia bicos como motorista.

Lembrando essa época numa entrevista, foi breve: "É desagradável falar sobre isso, mas infelizmente foi o caso".

Esse anônimo burocrata que viu o fim do império soviético e a exaustão do estado russo governa o país há 22 anos com mão de ferro. Fortaleceu a economia e reequipou suas Forças Armadas. (Em 1991 o quartel do regimento Preobrazhensky, criado no século 18 e provado em todas as guerras russas, estava aos pandarecos. No dia de hoje, há 105 anos, os amotinados do regimento aderiram à Revolução Democrática de Fevereiro. Dias depois, o czar Nicolau 2º abdicou.)

Vendo-se a figura de Putin nos salões da Rússia imperial, vale a pena lembrar que Vladimir já teve que trabalhar como chofer para fechar as contas.

Mourão e 1938

A referência do vice-presidente Hamilton Mourão ao xadrez diplomático de 1938, quando o primeiro-ministro inglês Neville Chamberlain e muita gente do andar de cima inglês defendiam uma política de "apaziguamento" com Hitler, ecoa um livro que saiu em 2019 nos Estados Unidos.

Chama-se "Appeasement" ("Apaziguamento"), do historiador inglês Tim Bouverie. Magnificamente pesquisado, ele mostra friamente como e por que Chamberlain construiu a política que o levou a Munique, onde entregou parte da Tchecoslováquia aos alemães. Tinha o apoio da cúpula militar e dos principais jornais ingleses.

Faltava-lhe a simpatia de um leão: Winston Churchill. Ele assumiria o cargo de primeiro-ministro em 1940.

Com o tempo, a conta do apaziguamento foi toda para Chamberlain. Bouverie mostra que não foi bem assim. Em julho de 1938, Lord Halifax, ilustre conservador e ministro das Relações Exteriores, disse a um ajudante de ordens de Hitler que gostaria de ver o Führer em Londres, sendo aplaudido ao lado do rei George 6º. Em setembro, Chamberlain foi a Munique e acertou-se com Hitler.

Dias depois, a tropa alemã ocupou parte da Tchecoslováquia e, em março de 1939, tomou o resto.

Problemas para amanhã
Na melhor das hipóteses, a invasão da Ucrânia criou dois problemas para amanhã. Cada um para um lado da questão:

Putin deverá lidar com o movimento de resistência dos nacionalistas ucranianos.

Os países europeus deverão lidar com centenas de milhares, senão milhões, de refugiados em busca de fronteiras que estiverem abertas para recebê-los.

Aqui canta o sabiá
O presidente Joe Biden ameaça transformar Putin num "pária".

Na terra das palmeiras, onde canta o sabiá, o ex-chanceler Ernesto Araújo orgulhava-se dessa condição.

Prazo de validade
De quem já viu de tudo:

Putin tem no máximo uma semana para se livrar do peso de suas operações militares e iniciar conversações diplomáticas, mesmo que as conduza em segredo.

Em 1962, a crise dos mísseis soviéticos instalados em Cuba começou em outubro, com o presidente americano John Kennedy anunciando o bloqueio naval de Cuba.

O mundo passou dias à beira de uma guerra e parte da liderança soviética deixou Moscou.

No dia 27, o embaixador soviético Anatoly Dobrynin encontrou-se com Robert Kennedy, irmão do presidente. O diplomata ofereceu a retirada dos mísseis e pediu que os americanos tirassem seus foguetes da Turquia (eram 15). Fecharam negócio, mas o lado turco do acerto deveria ficar em segredo, pois o país era membro da Otan.

No dia seguinte, Moscou anunciou a retirada dos mísseis.

Shannon disse tudo
Thomas Shannon, ex-embaixador americano no Brasil e ex-subsecretário de Estado, disse tudo na sua entrevista à repórter Janaína Figueiredo:

"Ainda não vejo uma Terceira Guerra Mundial. Mas teremos enormes tensões de segurança na Europa. Os EUA e a Otan tomaram a decisão certa de não transformar a Ucrânia num campo de batalha. Mas a Otan deverá repensar seus propósitos, e a União Europeia também. O que estamos vendo deve lembrar que a Rússia não pode ser esquecida e que ainda tem um poder global significativo. Isso deve ser entendido."

Em 1965 ele estava perto do olho do furacão quando o presidente Lyndon Johnson ordenou a invasão da República Dominicana. O Brasil apoiou a iniciativa e mandou tropas para lá. Ao final, a intervenção foi bem-sucedida.

Inexplicável
Está numa das gavetas de Rodrigo Pacheco, presidente do Senado, o ato de posse do Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, eleito há dois anos.

Entre as suas atribuições está a de realizar estudos, pareceres e outras solicitações encaminhadas pelos parlamentares sobre liberdade de expressão, monopólio e oligopólio dos meios de comunicação e sobre a programação das emissoras de rádio e TV.

Seus 13 integrantes foram eleitos em março de 2020, veio a pandemia e foi suspenso o trabalho das comissões do Congresso.

Num ano de campanha eleitoral, com a inevitável disseminação de mentiras, o funcionamento dessa comissão teria alguma utilidade, até porque seu congelamento é inexplicável.

Risco evangélico
Se o senador Rodrigo Pacheco acelerar a tramitação do projeto que legaliza a jogatina, aprovado na Câmara, e se o presidente Bolsonaro vier a sancioná-lo, vai-se embora um pedaço de sua base eleitoral evangélica.

O presidente já prometeu vetar a iniciativa, mas tanto Bolsonaro como o ministro Paulo Guedes já flertaram com a ideia da jogatina em cassinos apelidando-os de resorts.

Planos de saúde no STJ
As operadoras de planos de saúde cuidam tão pouco de suas próprias imagens que podem ser acusadas de tudo e serão carimbadas como culpadas.

Está em curso no Superior Tribunal de Justiça um julgamento que trata da obrigatoriedade de cobertura para tratamentos que não estão arrolados pela Agência Nacional de Saúde. Por exemplo, um tratamento para crianças autistas.

Nada a ver. O caso dos autistas não está em questão e, quando estiver, terá caducado.

Ademais, o que o tribunal está decidindo é a obrigatoriedade da cobertura para tratamentos cientificamente comprovados. Se não há a eficácia científica (como é o caso da cloroquina, que alguns planos empurravam nos pacientes) não pode haver obrigatoriedade. E está decidindo a favor da clientela.

O julgamento foi suspenso por um pedido de vista. Até lá, o melhor a se fazer é brigar para que a lista da ANS reflita o progresso da ciência.

Telegram bloqueia contas de Allan dos Santos

Ação inédita da rede ocorre após Alexandre de Moraes dar prazo de 24 horas sob pena de multa ou suspensão no país

Marcelo Rocha

BRASÍLIA O Telegram bloqueou neste sábado (26) três canais ligados ao influenciador bolsonarista Allan dos Santos. A ação é decorrente de uma determinação do ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal).

Após ignorar decisões do próprio Moraes e tentativas de contatos de autoridades que atuam no combate à desinformação, essa foi a primeira ordem judicial brasileira cumprida pelo aplicativo.

Allan é investigado em inquérito de relatoria do ministro sob a suspeita de fazer parte de milícia digital que atua no ataque a instituições, como o Supremo.

Nesta sexta-feira (25), o Painel, da **Folha**, antecipou que Moraes ameaçava bloquear o Telegram pelo prazo inicial de 48 horas, além de aplicar multa de R$ 100 mil, caso não suspendesse os perfis ligados a Allan.

Neste sábado, em providência que não é comum, o gabinete do ministro divulgou nota para comunicar o cumprimento do que ele determinou.

Em canal do serviço de mensagens não alcançado pela decisão do ministro e que conta com quase 15 mil pessoas inscritas, Allan disse que não foi "derrubado" pelo aplicativo.

Allan dos Santos durante sessão da CPI das Fake News do Congresso Roque de Sá - 5.nov.2019/Agência Senado

"Não é o meu canal que foi derrubado. É o Brasil que está no mesmo patamar da China, da Coreia do Norte, de Cuba etc", disse, em publicação postada por volta das 17h30.

"Vocês que estão no Brasil é que não podem acessar. As pessoas que estão aqui nos Estados Unidos podem acessar normalmente. Porque, aqui, eles estão em país livre."

E prosseguiu: "Não é que o Telegram derrubou [meu canal]. Ele cedeu à pressão jurídica. O Telegram disse que eu teria violado leis brasileiras e quem falou isso foi um juiz [Moraes]. Como é que o Telegram vai dizer a um juiz que eu não fiz isso? Mas não é que meu canal foi derrubado. Ele está funcionando (...)".

Após a revelação da determinação de Moraes, Allan divulgou um áudio com ataques ao ministro.

"Se você [Moraes] derrubar esse canal, eu crio outro, crio outro e crio outro", disse.

A plataforma vinha escapando de ordens e pedidos de autoridades brasileiras, incluindo o STF, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e o MPF (Ministério Público Federal), que fazem tentativas de contato sobre demandas envolvendo publicações na rede social.

No mês passado, a **Folha** mostrou que o Telegram descumpre há mais de seis meses decisão do ministro para que fosse apagada publicação de agosto de 2021 do canal do presidente Jair Bolsonaro (PL) na plataforma com informações falsas sobre a violabilidade das urnas eletrônicas.

A divulgação da medida judicial relativa aos canais de Allan evidenciou que outra ordem de Moraes não havia sido cumprida. Ele pediu a suspensão dos perfis em 13 de janeiro, e não foi atendido.

Em nova investida contra o aplicativo, o magistrado acionou o escritório Araripe & Associados, sociedade advocatícia com sede no Rio que presta serviços ao Telegram.

Reportagem da **Folha** revelou que o Araripe & Associados tem procuração do serviço de comunicação desde fevereiro de 2015 para representá-lo junto ao INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), encarregado do registro de marcas no Brasil.

Após a publicação da reportagem, autoridades que atuam no combate à desinformação entraram em contato com o escritório para obter informações sobre a prestação de serviços.

O MPF em São Paulo enviou ofício ao Araripe questionando detalhes sobre a procuração que conferiu poderes à banca, seu escopo e qual teria sido o contato que, na plataforma, buscou a contratação dos serviços no Brasil.

Em resposta, segundo informou o MPF à **Folha**, o escritório "confirmou que foi contratado pelo Telegram, indicou que a procuração é exclusivamente para defesa de interesses, da plataforma, relacionados ao uso de sua marca no Brasil e informou que a contratação foi viabilizada por um escritório intermediador, baseado em Londres, não por um funcionário da própria empresa".

Na nota, o MPF disse ainda que "o fato de a plataforma ter contratado representação para defesa de seus interesses de propriedade industrial denota que ela tem ciência da importância de se adequar às leis nacionais e que tem capacidade financeira".

"Que essa adequação ocorra em todos os casos e em respeito a toda ordem jurídica brasileira, não apenas quando está em jogo a defesa de alguns interesses privados unilateralmente selecionados, é algo que se espera de todas as plataformas que operam em solo nacional", afirmou.

A Procuradoria vem conduzindo investigação sobre a postura das principais plataformas que operam no Brasil diante de práticas de desinformação e discurso de ódio.

Têm sido cobradas informações e providências dos responsáveis pelo Twitter, pelo Instagram, pelo Facebook/Meta, pelo YouTube, pelo WhatsApp e pelo Telegram, a respeito de providências que estão adotando para regular comportamentos abusivos.

Quanto ao Telegram, avaliam membro do MPF, resta saber se o aplicativo responderá a outras frentes demandadas pelas autoridades brasileiras, de caráter estrutural.

Eles afirmam que esperam uma mudança de postura dos responsáveis pelo serviço de mensagens para que eles se apresentem para o debate de política de moderação de conteúdo, de suspensões proativas e não apenas respostas pontuais como a que ocorreu no caso de Allan.

Reprodução @bavidbachiano no Facebook

David Magalhães, 39

Doutor em relações internacionais, é coordenador do Observatório da Extrema Direita e professor de relações internacionais da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e da Faap (Fundação Armando Alvares Penteado). É autor do livro "A Política Brasileira de Exportação de Armas" (Unesp, 2018)

David Magalhães

Invasão da Ucrânia pela Rússia divide grupos bolsonaristas

Para coordenador do Observatório da Extrema Direita, tentativa de evitar cisão da base ajuda a explicar hesitação de Bolsonaro

ENTREVISTA

Uirá Machado

SÃO PAULO Enquanto a comunidade internacional repudia a invasão da Ucrânia por tropas russas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) hesita e seu governo não apresenta resposta uniforme.

Para David Magalhães, coordenador do Observatório da Extrema Direita, um dos fatores que explicam essa atitude é o racha dentro da base ideológica bolsonarista.

De acordo com ele, há, de um lado, grupos inspirados em organizações que surgiram na Ucrânia quase dez anos atrás num contexto de reação anti-Rússia. Ele cita como exemplo a ativista radical Sara Winter, que comandou ataques ao STF (Supremo Tribunal Federal).

De outro lado, Steve Bannon, estrategista da campanha eleitoral de Donald Trump em 2016 e próximo dos Bolsonaro, defende o presidente russo Vladimir Putin como um dos principais líderes de um movimento contra as instituições modernas.

Diante desse impasse, diz Magalhães, Bolsonaro não se mexe. "Ele sempre teve o cuidado de manter incandescente sua base ideológica. Para isso, não é bom que a militância esteja fracionada. Uma posição de certa neutralidade mantém essa unidade ideológica, não cria fricção."

A esquerda brasileira, por outros motivos, também não se mostra uniforme na crise europeia, diz Magalhães. "Tem uma esquerda que entende que, independentemente da natureza do regime, qualquer tipo de resistência ao imperialismo e aos EUA é válida."

*

A invasão da Ucrânia pela Rússia rachou o espectro mais à direita da política brasileira, mesmo dentro da base bolsonarista. Por quê? A direita bolsonarista é qualquer coisa menos uma massa uniforme. Existem alguns grupos. Tem um grupo dentro da base bolsonarista, que eu chamaria tranquilamente de extrema direita, que se inspirou muito em duas organizações anti-Rússia que nasceram na Ucrânia na época do Euromaidan [protestos de novembro de 2013 a fevereiro de 2014 a favor de maior integração com a Europa], o Batalhão Azov e o Pravy Sektor.

Essas organizações perpetraram diversos tipos de violência contra a classe política, pregando uma ideia de desobediência civil. Não igual à do Gandhi, que era pacífica, mas uma desobediência civil violenta. Viralizaram imagens desses grupos pegando membros da classe política e jogando na lata do lixo.

Isso de certa forma fez brilhar os olhos de determinados setores da extrema direita brasileira. Por exemplo, a Sara Winter, que diz ter sido treinada na Ucrânia, embora eu nunca tenha encontrado comprovação disso. Mas, tendo ela sido treinada ou não, o movimento que ela cria aqui, o 300, é muito inspirado no Batalhão Azov.

Em 2015, 2016 e 2018, circulou muito a expressão "ucranizar o Brasil", que era reproduzir o que a extrema direita tinha feito lá, essa espécie de revolta, essa anarquia para criar um ambiente propício à violência, para atacar as velhas classes políticas. É a defesa de uma resistência armada em nome de uma identidade nacional, um certo nacionalismo superexcludente, que exclui minorias.

E os que são pró-Rússia? Eles vêm pela via do Steve Bannon, que organiza um movimento que visava articular líderes contrários à modernidade liberal. Ele se reúne com Eduardo Bolsonaro e o torna representante desse movimento na América do Sul. Mas tem também Marine Le Pen [França], Matteo Salvini [Itália] e Putin.

Putin sempre foi para o Bannon uma das figuras que melhor encarnariam essa visão antimoderna contra uma ordem liberal. Bannon dizia isso antes, e agora na crise voltou a defender Putin.

E tem outro aspecto que vale ressaltar. Essa exaltação de uma liderança forte, viril, masculina, para não dizer testosterônica, que de certa forma agrada muito o eleitorado que gosta do patriarcalismo que existe no Brasil e na Rússia. É comum ver Bolsonaro fazer loas ao Putin, e Putin já exaltou a masculinidade do Bolsonaro.

E além disso tem uma moral religiosa, uma agenda conservadora e que vivem atacando direitos de minorias LGBTQIA+, movimentos feministas. Então, do ponto de vista de uma direita que defende um nacionalismo religioso e cristão, há aí uma compatibilidade.

> Bolsonaro sempre teve o cuidado de manter incandescente sua base ideológica. Não é bom que a militância esteja fracionada. Uma posição de certa neutralidade mantém essa unidade ideológica

> De um lado, Putin está aliado com o que a direita brasileira mais odeia, que é a esquerda bolivariana, e de outro lado a Ucrânia respaldada internacionalmente pelo que eles chamam de elite globalista. Isso gera uma paralisia, uma grande confusão

Não há uma contradição nisso? Tem alguns dilemas nessa questão. Por exemplo, como alguém que se diz conservador vai apoiar um líder, no caso o Putin, que tem o respaldo internacional da Venezuela, da Nicarágua, de Cuba e da China? Contra a China, aliás, havia uma unidade dentro do bolsonarismo. Então muitos bolsonaristas não entendem como esse líder cristão conservador apoia os regimes da esquerda bolivariana latino-americana.

Mas existe o mesmo constrangimento por parte daqueles que veem a Ucrânia como referência. Eles acolhem a Ucrânia, mas não querem sair na mesma foto que Justin Trudeau [Canadá], Joe Biden [EUA], Emmanuel Macron [França] e Olaf Scholz [Alemanha], que eles repudiam como a nata globalista.

Então, de um lado, Putin está aliado com o que a direita brasileira mais odeia, que é a esquerda bolivariana, e de outro lado a Ucrânia respaldada internacionalmente pelo que eles chamam de elite globalista. Isso gera uma paralisia, uma grande confusão.

E esse racha explica a hesitação de Jair Bolsonaro diante da guerra? Desde o começo do governo, ele sempre teve o cuidado de manter incandescente sua base ideológica. Para isso, não é bom que a militância esteja fracionada. Uma posição de certa neutralidade mantém essa unidade ideológica, não cria fricção. Essa é uma possível leitura da posição do Bolsonaro. Mas é apenas uma.

Que outros fatores estão em jogo? Para Bolsonaro, é certo que Putin é um líder conservador. Além disso, saiu da Rússia faz pouco tempo e disse que era solidário ao Putin. Então ele não poderia de imediato condenar veementemente a ação da Rússia. Isso provocaria estremecimento entre seus apoiadores, com uma contradição muito grande, uma posição pouco coerente.

E tem outros interesses em questão, como os do setor agroexportador que usa fertilizantes que o Brasil compra da Rússia. Enfim, não há uma única explicação.

E o fato de Putin evocar o passado da União Soviética, isso não pesa para a direita brasileira? Essa é outra contradição. Muitos militantes bolsonaristas veem uma continuidade entre o período soviético e a restauração que tem sido promovida por Putin. Há uma confusão, porque Putin foi agente da KGB, pediu para Bolsonaro prestar homenagem ao Túmulo do Soldado Desconhecido [monumento comunista]. Essa é uma das causas de apreensão também. Muito embora o regime do Putin em nada se assemelhe ao que foi a União Soviética, a não ser a pretensão de restaurar a área de influência que perdeu a partir de 1991.

E as críticas do ex-chanceler Ernesto Araújo ao Putin? O Olavo de Carvalho, que foi durante muito tempo guru de um dos grupos do bolsonarismo, era muito crítico à Rússia. Ele acreditava que a Rússia representava um dos eixos de dominação globalista junto com a China. Ele falava de eixo sino-russo.

O Ernesto Araújo basicamente cita a tese do Olavo de Carvalho no livro em que ele debate com Alexandr Dugin a respeito desse eixo sino-russo. O ex-chanceler, talvez um dos alunos mais leais do Olavo de Carvalho, critica Bolsonaro. O Olavo de Carvalho costumava dizer que o conservadorismo de Putin é mero cinismo e que ele queria apenas restaurar o império soviético.

E do outro lado do espectro ideológico também tem uma divisão. Como se explica esse racha na esquerda brasileira? Existe uma esquerda liberal, que não aceita sob nenhuma hipótese que se apoie um regime que é iliberal, conservador, reacionário, mesmo que seja um regime que afronte o imperialismo. É uma posição de uma esquerda pós-68.

Mas tem uma esquerda que entende que, independentemente da natureza do regime, qualquer tipo de resistência ao imperialismo e aos EUA é válida. Então se o Putin, mesmo sendo reacionário, tendo uma agenda que nada de esquerda tem, se mesmo assim ele está disposto a enfrentar os interesses do imperialismo, que, por meio da Otan, busca se expandir globalmente, eles vão apoiar o Putin. É uma velha esquerda junto com uma esquerda neo-stalinista. Há todo um processo de buscar reoxigenar o legado de Stálin. Ele era nacionalista, e isso de certa forma se articula com uma agenda nacionalista do Putin contra os EUA.

Em 1979, parte da esquerda brasileira apoiou a revolução iraniana porque havia um sentimento fortemente anti-imperialista e antiamericano. Não interessava a natureza do regime que veio a se formar, mas que eram contra os EUA e contra o imperialismo. Então eu vejo uma semelhança. Claro que é difícil fazer comparação, porque são momentos históricos muito distintos. Mas o racha está aí.

A esquerda liberal, moderna, que fez a mesma leitura que boa parte da esquerda europeia fez, que aceita a democracia liberal, essa esquerda não aceita o que o Putin tem feito com movimentos feministas, direitos da comunidade LGBTQIA+, como tem eliminado oposição, como tem emparedado a imprensa. A Rússia não é ditatorial, mas é um regime autoritário híbrido. Tem eleição, mas não é eleição competitiva. Parte da esquerda não se coaduna com essa agenda.

A guerra na Ucrânia, com esse caráter divisivo, pode ter ecos eleitorais no Brasil? Não chega a esse ponto. A preocupação aqui é muito maior com a agenda doméstica.

A política externa, na nossa história, nunca gerou nem tirou voto. Isso faz parte da forma como a política externa tem sido gerenciada no Brasil, com pouca participação social.

Os temas de política externa são debatidos nos períodos eleitorais. Na eleição de 2018 entrou um pouco de Venezuela. É possível que agora entre um pouquinho de China, mas não é um tema que move o eleitorado. E isso se explica pela realidade brasileira, um país que ainda não resolveu problemas civilizatórios, como água encanada, educação, saúde. O que é a Ucrânia dentro dessa realidade?

Nem dentro da própria base bolsonarista? Não acho que seja um tema tão divisório assim, com tanta importância para esse grupo que apoia Bolsonaro. Se ele botasse no governo uma pessoa que defende aborto, ou então faz elogios ao ministro Alexandre de Moraes, aí sim. Temas de política externa podem produzir uma divisão, mas não a ponto de gerar uma ruptura.

Armínio Fraga
O colunista está em férias

Militares ucranianos observam destruição após embate em uma avenida de Kiev, na manhã de sábado (26); confrontos com forças russas tomaram capital da Ucrânia Serguei Supinski/AFP

Russos atacam centro de Kiev e enfrentam resistência; Ocidente aumenta pressão

Kremlin e líder ucraniano dão versões contraditórias sobre chance de negociação; ações ocorrem em todo o país

Igor Gielow

MOSCOU As forças de Vladimir Putin atacaram na madrugada deste sábado (26) o centro de Kiev. A batalha pela capital da Ucrânia ocorre apenas dois dias depois do começo da guerra com a qual o presidente russo pretende derrubar o governo e retomar o controle político sobre o vizinho.

Ao mesmo tempo, cresceu a pressão ocidental contra Putin. Aliados, como a Hungria, engrossaram o coro de crítica à guerra, e a Alemanha e aliados ocidentais concordaram em desconectar Moscou do Swift, o sistema internacional de pagamentos.

O presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, não saiu da frente de câmeras, se impondo na narrativa do dia.

Pediu resistência e orientou moradores da cidade de 3 milhões de habitantes a jogar coquetéis molotov nos invasores. Um toque de recolher foi imposto até a segunda (28).

No meio da manhã, ele surgiu em um vídeo gravado em seu celular no centro da cidade para afastar rumores de que tinha fugido, dizendo que "nós não vamos depor armas".

Mais tarde, falou à imprensa, dizendo que "nós vamos ganhar" e que a resistência estava dando certo e que a invasão havia "saído dos trilhos".

"Centenas de soldados capturados aqui não sabem por que foram mandados para matar pessoas ou serem mortos", disse, sem apresentar evidências de suas alegações.

"O futuro da Ucrânia está em jogo", disse ele, marcado como "alvo número 1" na invasão, que culmina um processo de quatro meses de tensão entre Moscou e o Ocidente em torno do país.

Como seria de se esperar, os detalhes da ação russa são esparsos. As primeiras explosões em pontos periféricos da cidade foram relatadas por volta das 5h locais (meia-noite em Brasília). Segundo a conta das Forças Armadas locais no Facebook, havia combate em regiões tão centrais quanto a avenida da Vitória.

O governo britânico, que é parte interessada por ser rival de Moscou, diz que os ucranianos estão resistindo e que há apenas escaramuças.

Também foram colocados em dúvida os avanços alegados pelo Kremlin em outras partes do país, como a conquista de Melitpol (sul).

Segundo informações de analistas militares russos, o centro do ataque é a região noroeste da capital. A Rússia desembarcou um número incerto de militares no aeroporto Antonov, em Hostomel (25 km da cidade).

Eles podem ter vindo tanto da ditadura da Belarus, onde a Rússia mobilizou cerca de 30 mil soldados em exercícios militares que deveriam ter acabado no domingo (20), quanto da base da 76ª Divisão Aerotransportada, de Pskov (900 km ao norte).

Quando o cerco da capital se consolidou por duas frentes, ao longo da sexta, batedores russos foram vistos na periferia de Kiev, inclusive com veículos blindados leves. Era o reconhecimento para a batalha à frente, em uma guerra que seguiu em outros pontos do país neste sábado: bombardeios foram ouvidos perto de cidades como Lviv e Kharkiv.

O outro flanco do ataque fica a nordeste da cidade. Os russos tomaram a região da usina de Tchernóbil, palco do maior acidente nuclear da história, em 1986, da quinta (24) para a sexta. De lá, 110 km de Kiev, estabeleceram um corredor para militares e blindados vindos de Belarus por meio dos pântanos congelados de Pripriat.

Imagens de TV mostraram um prédio de apartamentos atingido por algum projétil, deixando seis feridos. O caso segue sem explicação.

Segundo as forças ucranianas, um primeiro ataque ao coração da cidade foi repelido, provavelmente com o uso intensivo de mísseis antitanques Javelin, fornecidos dentro do pacote de US$ 400 milhões ofertado pelo governo dos Estados Unidos em 2021.

Na sexta, o presidente Joe Biden prometeu liberar mais US$ 350 milhões em armas americanas contra os russos.

Esta última formulação dá a dimensão geopolítica do que está em jogo. Putin usou como justificativa para a invasão a necessidade de proteger as duas autoproclamadas repúblicas russas do Donbass.

Putin as reconheceu na segunda (21). Kremlin apoia os rebeldes desde 2014, quando o governo amigo em Kiev caiu. O sucessor foi apoiado pelo Ocidente, abrindo a porta para a adesão da Ucrânia à Otan e à União Europeia.

A reação de Putin foi anexar a Crimeia. O apoio aos rebeldes veio, mas planos de anexação não foram em frente. Do ponto de vista estratégico, manter o conflito que matou mais de 14 mil pessoas congelado bastava a Putin, porque mantinha a Ucrânia sem força para aderir ao Ocidente.

Assim, Putin não veria forças ofensivas ocidentais às suas portas, nem um regime liberal que poderia inspirar a oposição em casa.

Em 2021, o russo parece ter decidido finalizar o jogo. Após um ensaio em abril, mobilizou a partir de novembro entre 150 mil e 190 mil soldados em exercícios denunciados no Ocidente como um prenúncio de invasão e emitiu um ultimato para que os EUA e a Otan aceitassem seu desenho para o Leste Europeu, cessando a expansão do clube.

Apesar da gritaria, o Ocidente permaneceu de mãos amarradas, temendo envolver a Otan em um conflito potencialmente nuclear com os russos, como o presidente russo sempre lembra.

Montou pacotes sucessivos de sanções, ainda de alcance dúbio.

Quando os primeiros mísseis balísticos e de cruzeiro foram despejados sobre a Ucrânia, na madrugada da quinta, o russo selou sua maior aposta, que havia sido ensaiada na guerra de cinco dias contra a Geórgia pelos mesmos motivos em 2008 e na ação de 2014 na própria Ucrânia.

A Ucrânia resiste, mas a desproporção é flagrante. Ao todo, Putin tem 900 mil soldados e um orçamento militar dez vezes maior do que o de Zelenski, que comanda 200 mil soldados.

Kiev assim enfrenta a décima grande batalha de sua longa história, iniciada no século 5º. Vivas nas memórias de moradores mais velhos e seus descendentes estão duas, o assalto nazista de 1941, que deixou a cidade sob brutal ocupação, e a retomada soviética de 1943, que para muitos abriu um período tão sombrio quanto o anterior.

Houve, diz a Ucrânia, um ataque frustrado perto de Livi (oeste). Nada é de fato verificável de forma isenta.

Na sexta, Zelenski balbuciou a ideia de discutir a neutralidade ucraniana e foi recebido com sarcasmo.

Moscou se disse pronta para negociar, desde que fosse na capital aliada Minsk e sobre os seus termos.

Putin ainda foi além e fez um duro ataque ao ucraniano.

Declarações de autoridades russas, como o chanceler Serguei Lavrov, deixaram claro que Zelenski só teria como opção se entregar para julgamento ou resistir e morrer. Na madrugada, o jornal Washington Post disse que os EUA lhe ofereceram refúgio, e em troca ele teria dito: "Preciso de munição, não de uma carona".

Neste sábado, a guerra de versões continuou. O porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, disse que Putin havia ordenado uma pausa na operação à espera de uma resposta de Zelenski. Como ela não veio, disse, retomou os ataques. Na madrugada, contudo, o seu homólogo ucraniano, Serguei Nikiforov, escreveu no Facebook que "nós aceitamos a proposta do presidente russo". Dificilmente as duas versões são verdadeiras.

O plano russo, segundo avaliação de diplomatas e analista de Moscou, é instalar um regime que apoie Moscou, talvez com um político de partido pró-Rússia. Há a possibilidade de uma ocupação militar, o que implicaria custos e riscos enormes, mas Putin mostrou que está disposto a isso com a guerra.

Comediante que surgiu de um programa de TV no qual atuava como um professor que virava acidentalmente presidente da Ucrânia, Zelenski chegou ao poder em 2019 de forma surpreendente.

Usa de suas qualidades como ator em pronunciamentos, empostando a voz e clamando o tradicional "Glória à Ucrânia" ao fim de suas falas. Sem experiência política, não conseguiu conduzir uma negociação coesa com grupos internos rivais, e tomou medidas que afrontaram o Kremlin.

Sem o apoio militar objetivo, que de resto nunca teria do Ocidente, agora passa da comédia para a tragédia, arriscando virar um mártir no roteiro em que trocou a metavida de personagem de TV pelo acuado personagem de vídeos tremidos de internet numa cidade sob fogo. A guerra chegou ao século 21.

Leia mais na pág. A15

Aliado Orbán vira as costas para Putin

Líder europeu mais próximo de Vladimir Putin, o premiê húngaro, Viktor Orbán, fez jus à fama de camaleão político e disse que apoia todas as sanções contra a Rússia devido à guerra na Ucrânia. "A Hungria deixou claro que apoiamos todas as sanções, então não iremos bloquear nada, o que os premiês da UE acertarem, nós aceitaremos e apoiaremos", afirmou Orbán. O brasileiro Jair Bolsonaro visitou ambos os líderes na semana retrasada. Neste sábado (26), a Alemanha e aliados ocidentais concordaram com o desligamento da Rússia do sistema internacional de transações financeiras. Com isso, a UE está praticamente pronta para executar o movimento, que depende de uma decisão governamental de cada membro. Outro líder iliberal, o turco Recep Tayyip Erdogan, está decidindo se fechará o tráfego militar russo nos estreitos que servem ao mar Negro.

As tropas russas em Kiev

Mísseis balísticos e de cruzeiro teriam atingido o Aeroporto Internacional de Borispil e instalações militares

Fonte: Graphic News

Serguei Supinski/AFP

Lynsey Addario/The New York Times

Daniel Leal/AFP

No topo, soldados ucranianos vasculham área após confronto com forças russas em Kiev, na manhã de sábado (26); abaixo, à esq., civis voluntários escolhem armas distribuídas pelo governo da Ucrânia; à dir., menina corre para abrigo antiaéreo após alerta de ataque

Moscou proíbe toda a mídia russa de chamar guerra na Ucrânia de guerra

Agência ameaça bloquear publicações se não usarem termo 'operação militar especial no Donbass'

Igor Gielow

MOSCOU O governo russo apertou ainda mais o cerco sobre a mídia não alinhada ao Kremlin, proibindo neste sábado (26) que a guerra na Ucrânia seja chamada pelo seu nome. O termo aprovado é "operação militar especial no Donbass".

Esse foi o nome dado pelo presidente Vladimir Putin à invasão, em discurso gravado que foi televisionado antes de o sol nascer na quinta-feira (24). Ele remete ao reconhecimento das áreas rebeldes pró-Rússia no leste ucraniano, a bacia do rio Don (Donbass), que pediram ajuda militar contra uma suposta agressão das forças de Kiev.

Como se vê com as tropas nas ruas da capital da Ucrânia e ataques em múltiplos pontos do país vizinho, a guerra ultrapassa e muito o Donbass. Mas não para a Roskomnadzor, a agência reguladora de comunicações de Putin.

Inicialmente, ela afirmou a dez órgãos de imprensa que suas publicações seriam bloqueadas se continuassem a usar o termo guerra, declaração de guerra, ataque ou invasão. Receberam esse aviso da batalha narrativa meios conhecidos, como a rádio Eco de Moscou, a Novaia Gazeta (novo jornal, em russo), a TV Dojd (chuva) e os sites Mediazona e The New Times, entre outros veículos.

À noite (tarde no Brasil), a restrição foi estendida para toda a imprensa russa.

Além de bloqueios e empastelamento, há a possibilidade de multas chegando até 5 milhões de rublos (R$ 300 mil).

Desde 2012, quando ocorreram grandes protestos nas ruas contra sua vitória para um terceiro mandato presidencial, Putin acelerou seu projeto em curso para tolher a liberdade de imprensa no país.

O instrumento principal é uma lei daquele ano, que permite ao Kremlin chamar de "agente estrangeiro" qualquer entidade, meio de comunicação ou indivíduo que receba fundos do exterior.

Como durante as "revoluções coloridas" contra regimes pró-Kremlin na periferia ex-soviética da Rússia tinham apoio do Ocidente, Putin suspeitou de um padrão e resolveu endurecer em casa.

Na baciada entraram institutos independentes de pesquisa como o Centro Levada, ONGs de toda sorte e vários meios de comunicação.

A classificação permite multas incapacitantes, na prática, ao gosto de auditorias consideradas intimidatórias. Vários se mudaram para o exterior, como o site Meduza, agora baseado na Estônia.

Hoje, entre os sobreviventes da mídia mais livre, apenas a Novaia Gazeta não tem o título de "agente estrangeiro", graças ao fato de ter acionistas russos e pelo prestígio de seu editor-chefe, o Prêmio Nobel da Paz Dmitri Muratov.

> Qual será o próximo passo [de Putin na crise]? Uma salva nuclear? Apenas um movimento de russos contra a guerra pode salvar a vida neste planeta
>
> **Dmitri Muratov**
> editor-chefe da Novaia Gazeta

Na mídia majoritária, principalmente TVs e suas extensões na internet, a guerra é chamada como o Kremlin quer. Na rede RT, mesmo no serviço em inglês, linhas gerais do discurso de Putin são parte constante das chamadas ao pé das telas, como se fossem notícias do dia.

Não que a mídia ocidental tenha primado por isenção na cobertura, com sinais evidentes de um viés pró-Casa Branca em diversos meios. Mas ainda não se tem notícia de uma censura objetiva comandada por governos do Ocidente contra quem fala algo diferente, embora o Kremlin aponte que as big techs como Facebook são linhas auxiliares dessa Guerra Fria 2.0.

Há ainda outros sinais de controle maior das comunicações. Usando sinal de operadoras de celular, foi possível perceber nas ruas moscovitas também uma degradação da velocidade de aplicativos de redes sociais como o Facebook e o Twitter.

Na sexta, a Roskomnadzor anunciou que estabeleceria limites ao Facebook porque a rede havia suspendido por 90 dias a conta da agência estatal RIA-Novosti, acusando de suas postagens sobre a guerra como desinformação. Neste sábado, a rede ampliou a lista de entes ligados ao Kremlin sob sanção digital.

Na Ucrânia também há apagões de internet em curso, mas aí a responsabilidade é atribuída pelo governo a ciberataques vindos da Belarus, ditadura que apoia a Rússia nessas empreitadas.

Como a **Folha** mostrou, há uma reação em curso em vários estratos da sociedade russa contra a guerra, muito devido ao fato de que existem grandes laços de sangue entre famílias dos dois países.

Celebridades, intelectuais e esportistas têm se manifestado, embora haja dificuldade de essa mobilização chegar às ruas devido à repressão policial que proíbe atos sem autorização prévia. Na sexta (25), houve um ato menor em São Petersburgo, que foi dispersado. Na véspera, protestos em mais de 40 cidades resultaram em 1.800 detidos.

Neste sábado, o Campeonato Russo de futebol começou a ver os efeitos da crise. No jogo marcado entre Dínamo de Moscou e o Khimki, os ucranianos do time não deveriam ir a campo: o zagueiro Ivan Ordets e o técnico da equipe, o ex-astro da seleção de Kiev Andrei Voronin.

"Consideramos desnecessárias explicações adicionais sobre sua ausência: é claro que, dadas as circunstâncias, seus pensamentos agora são sobre outra coisa", informou o clube.

Ontem, a Federação Polonesa de Futebol disse que sua seleção não pretende enfrentar a Rússia pelas eliminatórias da Copa do Mundo, em março.

Europeus enviam armas para Kiev e vetam voos da Rússia

SÃO PAULO Os governos de Alemanha, França e Holanda anunciaram neste sábado (26) que enviarão armas para ajudar a Ucrânia a se defender da invasão russa, no mesmo dia em que outros países europeus fecharam seus espaços aéreos para a Rússia.

As medidas elevam o isolamento regional do país governado por Vladimir Putin, após ele iniciar a guerra contra o vizinho na quinta (24).

As autoridades de Berlim prometeram enviar mil lançadores de foguetes antitanque e 500 mísseis terra-ar para Kiev. A decisão marca uma mudança em uma política em vigor há décadas em Berlim de não exportar armamentos para regiões de conflito.

"A invasão russa marca um ponto de virada. É nosso dever fazer o nosso melhor para apoiar a Ucrânia na sua autodefesa contra o Exército invasor de Putin", escreveu o primeiro-ministro alemão, Olaf Scholz, no Twitter.

Mais cedo neste sábado, a Alemanha havia autorizado a Holanda a enviar 400 lançadores de granada de fabricação alemã para a Ucrânia. Países compradores de armas da Alemanha precisam pedir autorização a Berlim para fazer esse tipo de envio.

A Holanda também anunciou o envio de 200 mísseis terra-ar e 50 armas antitanque, com 400 munições. Por sua vez, o governo francês afirmou que enviará mais armas defensivas e combustível para apoiar as tropas da Ucrânia.

O presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, escreveu em rede social que a UE facilitará a entrega de ajuda militar à Ucrânia, mas sem apresentar detalhes.

Também neste sábado, o premiê britânico, Boris Johnson, telefonou para o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, e os dois líderes concordaram que a Rússia precisa ser isolada "completamente, diplomaticamente e financeiramente", segundo informou um porta-voz do governo do Reino Unido.

Em mais um sinal do isolamento crescente de Moscou, outros países europeus anunciaram neste sábado o fechamento de seus espaços aéreos para voos da Rússia.

Estônia, Letônia, Romênia, Eslovênia e Lituânia avisaram que baniriam as companhias aéreas russas. A República Tcheca fechará seu espaço aéreo a partir do domingo (27). Bulgária, Polônia e Reino Unido já haviam anunciado medidas parecidas. O ministério dos Transportes da Alemanha disse que apoia que o país também vete voos da Rússia.

"Não há lugar para aviões do Estado agressor em céus democráticos", disse a primeira-ministra da Estônia, Kaja Kallas. Ela também pediu a outros países da UE que adotem restrições semelhantes.

Em resposta, a agência federal russa de transporte aéreo, a Rosaviation, fechou o espaço aéreo de seus país para voos da Romênia, Bulgária, Polônia e República Tcheca, incluindo voos de trânsito.

O fechamento do espaço aéreo significa que rotas saindo de Moscou podem levar mais tempo para chegarem aos destinos, pois precisam contornar os países onde o banimento está ativo.

Por exemplo, com o fechamento do espaço aéreo da Lituânia, aviões russos ficarão impedidos de realizar o trajeto mais curto até Kaliningrado, enclave da Rússia localizado entre Lituânia e Polônia, países membros da Otan (aliança militar ocidental). Assim, os voos deverão adotar uma rota mais longa sobre o mar Báltico para acessar o território.

Medidas anunciadas por governos da região neste sábado (26)

ENVIARÃO ARMAS PARA KIEV

- Alemanha
- Holanda
- França

FECHARÃO ESPAÇO AÉREO PARA MOSCOU*

- Estônia
- Letônia
- Romênia
- Eslovênia
- Lituânia
- República Tcheca

* Bulgária, Polônia e Reino Unido já haviam anunciado medidas parecidas

O mesmo é válido para trajetos que evitam o espaço aéreo russo. A Virgin Atlantic informou que vai evitar sobrevoar o país, o que aumentará entre 15 minutos e uma hora os seus voos entre o Reino Unido e a Índia e o Paquistão.

Além disso, algumas companhias aéreas estão evitando o espaço aéreo de Moldova e Belarus, países vizinhos à Ucrânia, além de deixarem de sobrevoar a própria Ucrânia. Na quinta (24), logo após a invasão da Ucrânia, a Rússia fechou seu espaço aéreo para voos civis na fronteira leste com a Ucrânia e a Belarus.

Também neste sábado, a companhia aérea holandesa KLM anunciou o cancelamento de seus voos para a Rússia durante os próximos sete dias.

Nos EUA, a Delta Air Lines disse que suspenderia um acordo de compartilhamento de código com a Aeroflot da Rússia.

Com AFP e Reuters

Na Ucrânia, clínicas de barriga de aluguel põem embriões em bunkers

País é destino popular do procedimento; brasileiros que foram buscar bebê não conseguem voltar

Flávia Mantovani e Raquel Lopes

SÃO PAULO E BRASÍLIA Na manhã em que a Rússia invadiu a Ucrânia, na última quinta-feira (24), o celular de Bruna Alves não parou de tocar. Eram casais de várias partes do Brasil querendo saber se seus filhos estão protegidos em meio ao cenário de guerra na capital, Kiev.

Os bebês ainda não nasceram: eles são fruto de barriga de aluguel, prática legalizada na Ucrânia, que se tornou um dos principais destinos para famílias do Brasil por ter um preço mais acessível.

Alves é diretora da operação brasileira de uma agência internacional dedicada à gravidez de substituição —ou "surrogacy", em inglês. Com sede em Israel, a Tammuz Family atende atualmente 150 casais com processo em andamento na Ucrânia, entre os quais 35 brasileiros.

"Perdi a conta de quantas ligações recebi hoje. Eles estão assustados, querem saber se a clínica está segura, se as gestantes estão seguras, o que vai acontecer com os embriões que estão lá", conta.

A resposta a essa última pergunta veio na manhã seguinte: "Acabei de ser informada de que a clínica finalizou o transporte de embriões para um bunker", escreveu ela, por mensagem de celular, à reportagem. "Caso necessário, há planos de remoção desse material genético para fora do país", acrescentou.

Quem ainda está no início do processo pode optar por transferir o procedimento para outro destino, por exemplo a Geórgia. No caso das gestantes de substituição —ou seja, as mulheres ucranianas que já estão grávidas de bebês desses casais—, a agência se ofereceu para transferi-las de Kiev para outra cidade mais segura, na fronteira com a Polônia, junto com seus familiares.

A maioria aceitou, e todas as que carregam filhos de brasileiros já estão fora da capital, afirma Alves. As viagens vêm sendo feitas desde a semana passada. "A sorte é que no caso dos brasileiros não temos ninguém esperando parto para agora. As gestantes estão ainda no primeiro ou no segundo trimestre", diz a diretora.

Alves afirma que a agência já lidou com outras crises, entre elas o fechamento das fronteiras devido à pandemia. "Temos planos de contingência. Mas sabemos que a situação é estressante para os casais."

"As notícias nos preocupam muito. Além do sofrimento das pessoas que vivem lá, tememos pela segurança dos nossos embriões", diz Juliana.

A brasileira, que pediu para não ter o nome verdadeiro revelado, enviou os embriões à Ucrânia há dois meses. "Ao mesmo tempo em que temos pressa, gostaríamos primeiro de uma situação pacífica."

A Ucrânia permite a barriga de aluguel apenas para casais heterossexuais oficialmente casados, e é preciso apresentar um laudo médico que ateste a impossibilidade de levar uma gravidez adiante.

O preço médio do procedimento é de US$ 50 mil (R$ 258 mil), menos da metade do que é pago nos Estados Unidos.

Os brasileiros Kelly e Fábio Wilke com a filha Mikaela; casal foi buscar a bebê e ficou preso em Kiev Arquivo pessoal

> Desde que começaram os ataques, descemos para o subsolo de um restaurante. Outro dia subimos no apartamento para esterilizar as mamadeiras e dar banho na Mikaela, mas ouvimos explosões e achamos melhor descer
>
> **Kelly Wilke**
> brasileira que foi buscar a filha em Kiev e não consegue sair

Reportagens publicadas em países como Austrália, Irlanda e Inglaterra trazem casos de famílias que foram buscar seus bebês na Ucrânia e não conseguem voltar para casa.

Ao menos um casal brasileiro também se encontra nessa situação. A técnica judiciária Kelly Wilke, 39, e o marido, Fábio Wilke, 43, estão abrigados com a filha recém-nascida Mikaela no subsolo de um prédio residencial em Kiev, com mais 30 adultos, oito bebês e três crianças de até 3 anos.

A agência que os atendeu, a BioTexCom, mostrou a eles, antes do início da guerra, um bunker que tinha preparado para receber os estrangeiros que estavam no país.

Um vídeo postado pela empresa nas redes sociais mostra como é o ambiente, com pilhas de fraldas, comida enlatada, sacos de dormir camuflados e máscaras de gás.

"Acho que, se pretendiam nos levar para lá, o caos se instaurou e os impediu. Mas hoje eu não me arriscaria na rua para chegar lá", diz a brasileira, que decidiu procurar a barriga de aluguel após perder três bebês em partos prematuros.

O voo de volta dos três, marcado para este domingo (27), foi cancelado. Eles tentaram deixar Kiev por terra, mas não encontraram veículos disponíveis. "Quem tem carro está sem gasolina. A orientação agora é que ninguém saia porque existe a possibilidade de ataques aéreos. O governo ucraniano disse que se alguém do Exército te encontrar na rua, você será considerado inimigo", relata Kelly.

Neste sábado, com combates no centro da capital, a sensação de insegurança aumentou. "Subimos no apartamento para esterilizar as mamadeiras e dar banho na Mikaela. A gente pretendia ficar ali mais um pouco, mas ouvimos as explosões e achamos melhor descer", conta ela.

A embaixada brasileira em Kiev também os orientou a não saírem de onde estão. "Eles falaram que, assim que a situação melhorar, vão colocar em prática nossa retirada."

O Itamaraty foi procurado para informar que tipo de assistência tem dado a famílias nessa situação, mas não respondeu até a publicação desta reportagem.

Com passagem comprada para 13 de março, outro casal brasileiro está apreensivo, sem saber se conseguirá embarcar para buscar o filho.

Michele (nome fictício), 38, procurou a barriga de aluguel após não conseguir engravidar em decorrência de um câncer. Ela e o marido estão aflitos porque não conseguem notícias sobre a situação ou o estado da mulher ucraniana que está gerando o bebê.

"Muitas famílias não sabem como proceder e não estão conseguindo contato com a clínica ou com as mulheres que estão gerando o filho. Os serviços estão comprometidos e os cartórios estão fechados", diz Camila Garbelini, 34. A empresária, que teve a filha Pietra em junho de 2020, na Ucrânia, hoje dá suporte para outros casais que passam pelo processo.

Apesar de não ter passado por uma guerra, ela também enfrentou barreiras para buscar a filha devido à pandemia. Só conseguiu viajar depois de pedir autorização a três países (Alemanha, Holanda e Ucrânia), além da ajuda do Brasil.

Camila tem uma distrofia muscular que a impede de manter uma gestação até o final. "Procuramos adoção e barriga solidária até chegar ao único tratamento que realmente trouxe o meu sonho para mim", afirma.

Itamaraty se contorceu, e Bolsonaro cometeu um erro gravíssimo, afirma ex-embaixador

ENTREVISTA
ROBERTO ABDENUR

Alexa Salomão

BRASÍLIA A diplomacia brasileira viveu os seus piores dias nas últimas semanas, ao não condenar explicitamente a invasão da Ucrânia pela Rússia, na avaliação de Roberto Abdenur, conselheiro do Centro Brasileiro de Relações Internacionais, o Cebri.

A primeira mensagem de tom duro veio do representante do país na ONU, Ronaldo Costa Filho, em reunião nesta sexta (25), na qual o país votou a favor de resolução para condenar a ação de Moscou —que acabou barrada pelo veto dos próprios russos.

Diplomata com 45 anos de carreira, com passagem pelo posto de embaixador em Pequim e Washington, Abdenur afirma que o presidente Jair Bolsonaro (PL) piorou a já comprometida imagem do Brasil na comunidade internacional ao declarar dias antes da guerra que "somos solidários à Rússia", e o corpo diplomático não soube reagir.

Abdenur não acredita que o presidente Vladimir Putin tenha entre seus planos ir além da Ucrânia, mas está surpreso e preocupado com a escalada da tensão de ambos os lados.

*

Como interpretar uma ação bélica tão enfática de Putin na Ucrânia, mesmo após inúmeros apelos de chefes de Estado? Se olharmos a história, houve dois acontecimentos traumáticos para a Rússia, mais ou menos ao mesmo tempo. A decomposição da União Soviética e a perda da Ucrânia, território que russos consideravam seu. Em dezembro de 1991, a Ucrânia fez um referendo, mais de 80% compareceram às urnas e mais de 80% votaram a favor da independência —inclusive as regiões do Leste, onde hoje estão as duas autoproclamadas repúblicas independentes.

Em um artigo de 2014, Henry Kissinger destacou que a Ucrânia está dividida entre duas porções que nem sempre se entendem —o leste predominantemente russo e voltado para Moscou, e o oeste ucraniano propriamente dito e voltado para o Ocidente. O país tem um problema de identidade nacional a resolver, sendo importante que nenhuma das partes tentasse se sobrepor.

Isso foi rompido com a guerra civil, provocada pela insurgência de pró-russos do leste, insuflados e apoiados, inclusive militarmente, por Putin. Essa espécie de guerra civil velada provocou de 13 mil a 15 mil mortes dos dois lados. Assim, a Rússia czarista, a soviética, até a dos dias de hoje, sente que teve uma parte amputada. É por isso que Putin não reconhece a Ucrânia como um Estado independente

Nessa perspectiva, Putin teria razão para a invasão, então? Absolutamente, não. Putin deve ser condenado e boicotado da maneira mais veemente possível. É preciso reconhecer que a Rússia tem preocupações válidas com sua segurança diante da expansão da Otan na direção de suas fronteiras. Em política internacional, é sempre mais complicado uma situação em que os dois lados têm razões fundadas. A adesão da Ucrânia à Otan seria o último dominó a cair na fronteira.

O objetivo de Putin na Ucrânia não é só mudar o governo. É mudar o regime e instalar outro, que seja solidário e obediente a Moscou, e uma autocracia, como têm Hungria, Cazaquistão e a própria Rússia. Putin não vai anexar a Ucrânia, mas seguramente manterá uma ocupação até chegar a algum entendimento.

Silvia Costanti - 20 ago.12/Valor/Ag. O Globo

Roberto Abdenur, 79
Conselheiro do Cebri. Foi membro do Serviço Exterior brasileiro de 1963 a 2007, sendo embaixador no Equador, na China, na Alemanha, na Áustria e nos EUA. Como consultor, acompanhou câmaras de comércio e entidades empresariais

> O Brasil não pode se esconder atrás do pretexto de que tem relações importantes com a Rússia para se omitir diante da brutal violação [da Rússia na Ucrânia]

Como o sr. avalia a postura da China? Xi Jinping, em uma ligação com Putin, o exortou a negociar. Mas Rússia e China promoveram recentemente um terremoto na ordem geopolítica. A aliança que anunciaram contém uma frase inédita nos anais da diplomacia, uma "parceria sem limites".

Agora, na prática, não é tão sem limites assim. Na reunião do Conselho de Segurança da ONU na noite de 23 para 24 [de fevereiro], quando a invasão já tinha sido iniciada, o embaixador chinês disse que era preciso levar em conta os interesses legítimos de todas as nações, mas que a China reiterava seu compromisso inabalável com o princípio do respeito à soberania e integridade territorial de todas as nações. É interessante: no órgão mais importante, Pequim deu uma indireta a Putin, embora sem condenar abertamente a invasão, e exerce pressão para que Putin negocie com o outro lado.

E ele não pode deixar de acatar Xi, porque a parceria com a China é fundamental para seu regime de poder.

É impossível imaginar que Putin não previu toda essa pressão, não? Calculou tudo. Como disse Biden, enquanto ele dialogava e parecia estar disposto a negociar, preparava a escalada militar. E Volodimir Zelenski [presidente da Ucrânia], inocente e preocupado em evitar perturbações internas, dizia que tudo estava normal. Deixou de preparar o país para se defender.

Putin sabia que isso teria repercussões sérias, levaria as sanções duras. Ele reuniu uma reserva de US$ 630 bilhões [R$ 3,2 trilhões] e fez substituições de importações. Mas a Rússia não está imune.

Estamos vivendo uma ruptura na estrutura da chamada ordem internacional liberal, fundada nos princípios básicos da ONU e que preservou a paz no mundo desde o fim da Segunda Guerra, mesmo atravessando a Guerra Fria.

No limite, uma Terceira Guerra Mundial é possível? É uma hipótese tão distante, delirante, que prefiro não elaborar.

Como o sr. avalia a posição do Brasil? O Itamaraty claramente se contorceu por pressão do Bolsonaro. O presidente cometeu um gravíssimo erro de política externa.

O sr. fala da viagem dele à Rússia? Foi inoportuno e contraproducente. Veja bem, ele disse aquela frase irresponsavelmente, mas é séria. Teve repercussão, foi repudiada por países que esperavam do Brasil uma postura diferente. O Bolsonaro fez a afirmação levianamente, porque não percebe as consequências do que diz. Mas teve a oportunidade de se corrigir [e não o fez].

A qual frase o sr. se refere? "Somos solidários com a Rússia." Isso significou apoiar um regime de força que ameaçava a soberania e a integridade do território de outro país. [...] O Brasil não pode se esconder atrás do pretexto de que tem relações importantes com a Rússia para se omitir diante da brutal violação.

À esq., refugiados ucranianos deixam a cidade de Medyka, na Polônia, após atravessarem a fronteira; acima, jogadores brasileiros de times ucranianos como o Shakhtar Donetsk em um trem que liga Kiev à fronteira com a Romênia

Maciek Nabrdalik/The New York Times e Reprodução/Facebook

Brasileiros enfrentam frio e horas a pé para fugir

Fronteira com a Polônia tem filas quilométricas; Bolsonaro diz que pode enviar aviões da FAB para ajudar no retorno

Flávia Mantovani

SÃO PAULO "Estamos há 15 quilômetros caminhando, faltam mais 15 para chegar até a fronteira", diz a brasileira Vitória Magalhães, enquanto se reveza com o marido e um amigo para levar no colo o filho de três anos e as bagagens.

Casada com Juninho Reis, jogador de futebol do time ucraniano Zorya Luhansk, ela postou nas redes sociais neste sábado (26) vídeos de sua tentativa de fuga do país em guerra. "Ainda faltam quatro horas de caminhada. A gente achava que eram 30 km, mas são mais. Não tem onde parar, não tem abrigo. O frio está bem intenso, se parar é pior, a gente não tem coberta."

Quando a Rússia invadiu a Ucrânia, na quinta (24), Juninho e outros jogadores publicaram um vídeo que viralizou, pedindo ajuda para sair.

Na noite de sábado, a família parou em um café, mas o local fecharia às 22h. "Não temos para onde ir, faltam três horas de caminhada, meu filho chora de frio. Eu imploro por ajuda", escreveu Vitória.

Em outro vídeo nas redes sociais, o atacante Lucas Rangel, do Vorskla Poltava, também contou neste sábado seus problemas na fronteira com a Polônia. "Paramos para comer alguma coisa. É a nossa primeira refeição do dia e aqui já são 17h15, depois de uma longa caminhada. Estamos com uma dificuldade muito grande para passar para o outro lado", disse Rangel. "Hoje de manhã fez -11°C e não temos onde nos abrigar."

Surpreendidos pelos ataques russos por terra, mar e ar, dezenas de milhares de civis deixaram suas casas às pressas e se deslocaram em direção a outros países -especialmente Polônia e Romênia, membros da União Europeia e da aliança militar Otan.

Segundo a ONU e a Comissão Europeia, entre 100 mil e 120 mil pessoas se deslocaram na Ucrânia só no primeiro dia da guerra, e ao menos 50 mil fugiram do país. Dependendo de como evoluir o conflito, estima-se que o êxodo possa chegar a 5 milhões.

Com o espaço aéreo fechado, a única saída é por terra. Encontrar transporte em contexto de guerra, porém, é um desafio: faltam veículos, combustível, o toque de recolher dificulta o acesso aos trens. Há relatos de que motoristas de van privilegiam os ucranianos e se recusam a levar estrangeiros, e há quem precise percorrer longos trechos a pé.

Ao chegar à fronteira, começa outro périplo. Vídeos mostram filas quilométricas de carros e milhares de pessoas aglomeradas em frente a portões. Uma tabela compartilhada em grupos de ajuda a refugiados aponta uma espera de até 75 horas em alguns checkpoints da Polônia.

Com isso, a embaixada do Brasil na Ucrânia orientou os brasileiros que estiverem próximos à fronteira a procurarem abrigos temporários enquanto a situação nos postos de passagem se estabiliza.

"Há inúmeros relatos de enormes aglomerações, atrasos que chegam a durar dias, comportamento agressivo, falta de hospedagem e necessidades básicas", diz a nota.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse neste sábado que a embaixada já embarcou cerca de 40 brasileiros de trem para a cidade de Chernivtsi, próxima à Romênia, e que o governo providenciará meios de transporte, como aviões comerciais ou da FAB, para o retorno ao Brasil.

Com tropas russas nas ruas, Kiev decretou toque de recolher até as 8h de segunda-feira. Os brasileiros que estão na capital são orientados pelo Itamaraty a se manterem abrigados em estações de metrô ou no subsolo de prédios e a não saírem às ruas em nenhuma hipótese. Eles receberam comunicados como este: "IMPORTANTE! As autoridades de Kiev alertam para ataques aéreos e pedem para as pessoas se abrigarem e atentarem para as sirenes".

Desde a sexta-feira, a embaixada tem informado sobre a saída de alguns trens. mas deixa claro que a avaliação de riscos cabe a cada pessoa.

Hospedados em um hotel em Kiev, jogadores brasileiros da primeira divisão ucraniana partiram neste sábado para a estação de trem em carros com bandeiras do Brasil

Um vídeo do deslocamento foi postado por Maria Souza, mulher do zagueiro Marlon, do Shakhtar Donetsk. Chorando, ela descreveu a situação como muito assustadora. "Estamos com três crianças e vou ter que desligar. Orem pela gente. Nos vemos no Brasil, se Deus quiser", disse.

Aparentemente o grupo embarcou, pois o meio-campista Marcos Antônio, também do Shakhtar, publicou foto dos jogadores dentro de um trem.

A embaixada do Brasil na Romênia anunciou que levaria um ônibus à fronteira para transportar brasileiros vindos da Ucrânia para Bucareste.

Na Polônia, o governo anunciou pontos de acolhimento para os refugiados —um tratamento diferente do dispensado a fluxos migratórios anteriores, vindos da Síria e do Afeganistão. "Quem estiver fugindo de bombas, das armas russas, pode contar com o apoio do governo polonês", declarou Mariusz Kamiński, ministro do Interior.

No lado polonês da fronteira, centenas de voluntários levam doações e oferecem carona aos refugiados. Entre eles, a empresária brasileira Clara Magalhães, 31, que foi de carro da Alemanha, onde mora, até a cidade de Medyka.

Ela criou a Frente BrazUcra, grupo no Telegram para ajudar brasileiros que querem deixar a Ucrânia com informações, hospedagem gratuita e outros auxílios.

O ritmo das postagens é frenético. São mensagens como estas: "Fronteira com a Romênia, alguém? Tem brasileiros no trem com crianças, estão a caminho"; "Precisamos de ajuda. Meus sogros estão em Lviv e não falam nem inglês nem ucraniano"; "Cinco pessoas vão descer do trem e não sabem como vão chegar à fronteira. Estão com um bebê".

Um documento compartilhado traz horários de trens, pontos de ataques recentes e rotas a serem evitadas.

O Itamaraty disse à **Folha** que "presta toda a assistência cabível" aos cidadãos na Ucrânia e que cerca de 250 brasileiros se registraram em um formulário da embaixada.

Segundo a nota, as representações em Kiev e em Bucareste coordenam retirada dos brasileiros via Romênia. O ministério não informou se auxilia na saída pela Polônia.

Colaborou Renan Marra

Governo suspende visita ao Brasil de primeiro-ministro russo

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O governo Jair Bolsonaro (PL) decidiu suspender visita prevista para abril do primeiro-ministro da Rússia, Mikhail Mishustin.

Mishustin deveria viajar ao Rio para participar da reunião da Comissão Brasileiro-Russa de Alto Nível de Cooperação, presidida pelo premiê russo e, do lado brasileiro, pelo vice-presidente Hamilton Mourão.

A avaliação interna no governo é que receber Mishustin no Brasil seria interpretado como um sinal de alinhamento à decisão do presidente Vladimir Putin de invadir a Ucrânia. Seria uma sinalização na contramão da que o país passou a adotar, a partir de sexta-feira (25), no Conselho de Segurança da ONU (Organização das Nações Unidas): a de condenar nos termos mais duros a agressão da Rússia contra a Ucrânia, em violação à carta das Nações Unidas.

A intenção de organizar a viagem de Mishustin constou no comunicado conjunto de Bolsonaro com Putin, por ocasião da passagem do brasileiro por Moscou.

"[Os dois líderes] sublinharam a importância de que a VIII sessão da Comissão de Alto Nível de Cooperação se realize no primeiro quadrimestre de 2022, no Rio de Janeiro", afirma o texto.

Foi no encontro de 16 de fevereiro, quando Putin já era acusado de planejar uma incursão militar na Ucrânia, que Bolsonaro expressou solidariedade à Rússia —numa fala criticada pela Casa Branca e interpretada como manifestação de simpatia às ameaças militares do Kremlin.

A Comissão de Alto Nível é a mais importante instância de coordenação intergovernamental de temas das relações entre Brasil e Rússia. Tem por função organizar as ações nos diferentes ministérios de assuntos bilaterais.

As reuniões de alto nível da comissão estavam paralisadas. A última ocorreu em setembro de 2015, à época liderada pelo então vice-presidente Michel Temer e pelo ex-premiê russo Dimitri Medvedev.

De acordo com interlocutores, até antes da eclosão do conflito o Itamaraty e o ministério de Relações Exteriores da Rússia estavam discutindo as datas do encontro entre Mourão e Mishustin.

Ambas as partes acordaram que o Brasil, como anfitrião, deveria propor uma data para a reunião em abril.

No entanto, nesta semana o governo Bolsonaro decidiu não apresentar uma sugestão de data —o que, na prática, significa cancelar a visita.

Procurado neste sábado, o Itamaraty não respondeu a questionamento da **Folha**.

Além de o Brasil ter se juntado ao coro de grande parte da comunidade internacional condenando a invasão da Ucrânia, o diagnóstico no Itamaraty é que as recentes declarações de Mourão também são um obstáculo para a confirmação da agenda.

Na quinta-feira (24), ele criticou a ofensiva russa, afirmou que o Brasil não está neutro diante do conflito e defendeu o Ocidente e a Ucrânia. Comparou ainda a ação de Putin ao expansionismo militar da Alemanha comandada por Adolf Hitler, na década de 1930.

"Tem que haver uso da força, realmente um apoio à Ucrânia, mais do que está sendo colocado. Esta é a minha visão. Se o mundo ocidental pura e simplesmente deixar que a Ucrânia caia por terra, o próximo vai ser a Moldávia, depois os Estados bálticos e assim sucessivamente. Igual a Alemanha hitlerista fez no final dos anos 30", declarou.

Mourão foi publicamente desautorizado por Bolsonaro. Mas, no dia seguinte, a delegação brasileira na ONU se juntou aos EUA e aliados numa dura condenação aos ataques ordenados por Moscou.

A resolução apoiada pelo Brasil recebeu no total 11 votos a favor, um contra (da Rússia) e três abstenções. (China, Índia e Emirados Árabes). Como os russos têm poder de veto, ela não foi adotada.

O embaixador na ONU, Ronaldo Costa Filho, disse no conselho que as preocupações de segurança da Rússia não lhe dão direito de ameaçar o território de outro estado.

A fala de Costa Filho marcou uma guinada nas manifestações que o governo brasileiro vinha adotando até então. Havia a preocupação no Itamaraty de não se indispor com Putin, que lidera um país considerado parceiro estratégico do Brasil e sócio nos Brics (bloco também formado por Índia, Rússia e África do Sul).

Desde o início da crise desencadeada pela mobilização militar da Rússia nas fronteiras da Ucrânia, o governo dos EUA e outros aliados têm tentado assegurar o apoio do Brasil em órgãos internacionais.

Bolsonaro corrobora voto na ONU, mas não cita Putin

Sem criticar diretamente Vladimir Putin ou responsabilizar a Rússia, o presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou neste sábado (26), em rede social, que a posição do Brasil em defesa da soberania e integridade territorial de países "sempre foi clara". A declaração vem um dia após o Brasil ter votado a favor de uma resolução no Conselho de Segurança da ONU para condenar a invasão da Ucrânia pela Rússia. Bolsonaro evitou, porém, referências a Vladimir Putin, com quem se encontrou no dia 16. Na ocasião, ele se disse "solidário" à Rússia, o que provocou críticas de vários países ocidentais pela possível simpatia à ofensiva russa.

Ucranianos nos EUA coletam dinheiro para ajudar Exército

Imigrantes pedem sanções mais fortes contra o russo Vladimir Putin

Rafael Balago

WASHINGTON Com o início da invasão russa, muitos ucranianos que vivem nos EUA buscam formas de ajudar seu país natal. Uma delas é divulgar campanhas de doações, inclusive para custear os gastos do Exército ucraniano.

Um centro cultural baseado em Washington, a Ukraine House, por exemplo, tem divulgado no Facebook os dados para fazer transferências de dinheiro que iriam para contas do Exército no Banco Nacional da Ucrânia.

"Conseguimos mais doações nas últimas 24 horas do que nos últimos anos", disse Marina Baidiuk, 45, uma das organizadoras de um protesto em frente à Casa Branca na noite de quinta-feira (24).

"O país inteiro está sob ataque agora, e haverá uma grande necessidade [de suprimentos] para o Exército ucraniano. Para unidades de defesa territorial, hospitais e, claro, para a população civil, que também será afetada. Há unidades de defesa sendo criadas agora, enquanto falamos. Elas são formadas por civis, reservistas ou veteranos que tiveram algum treinamento, e vão lutar e defender o país. Mesmo se tudo falhar", disse.

Baidiuk contou que tem familiares em Kiev, que estavam buscando um abrigo para se proteger de bombardeios. "Eles iriam tentar deixar a cidade amanhã cedo, dependendo da situação. Não é seguro usar as estradas quando se veem aviões chegando para bombardear. Mas estamos esperando que eles consigam ir para o oeste, rumo a partes mais seguras", comentou.

O protesto em frente à Casa Branca reuniu cerca de 300 pessoas, sob garoa e frio de 1°C. Oradores se revezavam em um megafone com pedidos de ajuda ao presidente Joe Biden e gritos contra o líder russo, Vladimir Putin. No entanto, o megafone tinha som baixo, e era difícil escutar os discursos de longe. As falas provavelmente não foram ouvidas no Salão Oval.

Entre as principais demandas do ato estava o pedido para a Rússia ser removida do sistema Swift, que permite transações internacionais, especialmente envio de dinheiro. Alemanha e aliados do Ocidente concordam neste sábado (26) em excluir Moscou.

Cartazes ligavam Putin a Hitler e pediam que a invasão fosse contida. Além de bandeiras da Ucrânia, havia símbolos de países vizinhos, como Letônia e Geórgia. "Seremos os próximos?", perguntava a frase em um cartaz, ao lado de uma bandeira da Lituânia.

"A Rússia já invadiu países muitas vezes. E esses países nunca ficam em melhor situação do que estavam antes", diz Anton, 24, que protestava em frente à Casa Branca envolto em uma bandeira ucraniana.

O imigrante, que não quis dar o sobrenome, mora nos EUA há cinco anos e veio da Filadélfia, a 220 km, para o protesto. "Vou mostrar meu apoio o máximo que puder, porque cada pequeno gesto conta para nossos soldados que estão defendendo o país."

Os organizadores planejam seguir com protestos nos EUA. Novos atos foram convocados para esta sexta (25) e para o domingo (27) em Washington.

Em Nova York, centenas de ucranianos e apoiadores também fizeram um protesto na quinta, na região da Times Square. A cidade reúne a maior comunidade de ucranianos nos EUA, segundo o jornal The New York Times, com mais de 150 mil moradores.

> Conseguimos mais doações nas últimas 24 horas do que nos últimos anos. A Ucrânia inteira está sob ataque, haverá grande necessidade [de suprimentos]
>
> **Marina Baidiuk, 45**
> organizadora de ato de imigrantes ucranianos

> A Rússia já invadiu países muitas vezes. E esses países nunca ficam em melhor situação do que estavam antes
>
> **Anton, 24**
> manifestante

PROTESTOS CONTRA ATAQUE DA RÚSSIA OCORREM EM VÁRIOS PAÍSES
Manifestantes com bandeiras da Ucrânia se reúnem na praça da República, em Paris, neste sábado (26); houve atos anti-Moscou em diversas cidades pelo mundo Geoffroy van der Hasselt/AFP

Elementos de guerras recentes se repetem no conflito atual

Mayara Paixão

GUARULHOS Muitas das condenações de líderes ocidentais à invasão da Ucrânia pela Rússia apontavam para o fato de Vladimir Putin ter "trazido a guerra de volta à Europa" —estas, palavras da alemã Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia.

Ainda que as sombras da Guerra Fria talvez sejam um dos principais elementos para entender o pano de fundo da crise, guardadas as devidas proporções e contextos, o atual conflito evoca outros que assombraram o continente nos últimos 30 anos, como as guerras da Bósnia (1992), de Kosovo (1999) e da Geórgia (2008).

Os conflitos, ocorridos após a dissolução da União Soviética e com saldo de mortos total que pode chegar a 1 milhão, têm elementos que em certa medida estão presentes na Ucrânia hoje — disputas étnicas, participação da Otan (aliança militar ocidental), capacidade de organização militar russa e a disposição dos EUA de interferirem (ou não) na situação.

*

Guerra da Bósnia (1992-1995)
O conflito civil que deixou mais de 100 mil mortos está inserido no longo processo de desintegração da Iugoslávia. O fim da União Soviética foi alavanca decisiva para que os movimentos separatistas regionais ganhassem força.

Depois de Eslovênia, Croácia e Macedônia alcançarem suas independências, foi a vez de Bósnia e Herzegovina, região complexa devido à multiplicidade de etnias. O conflito foi marcado pela tentativa de limpeza étnica da população muçulmana.

Tanto a Bósnia quanto a Ucrânia, países descendentes de povos eslavos, são Estados multinacionais, explica Angelo Segrillo, professor da USP especializado em Rússia. "Isso cria uma riqueza sociocultural, mas também potenciais conflitos étnicos."

O último censo de Kiev aponta que mais de 130 nacionalidades e grupos étnicos convivem no país, a maioria ucraniana (77%) e russa (17%). Putin diz que a população dos dois países constitui "um só povo", e duas regiões de maioria russa do leste da Ucrânia se autoproclamaram independentes e foram reconhecidas por Moscou.

Guerra de Kosovo (1998-1999)
Também parte do imbróglio da Iugoslávia, a província de maioria albanesa e minoria sérvia tentou proclamar sua independência. A reação, sob o comando de Slobodan Milosevic, foi brutal. Mais de 10 mil pessoas morreram, e centenas de milhares emigraram.

A Otan, no centro do conflito atual, interveio e, sem mandato específico do Conselho de Segurança da ONU, enviou tropas para a região. O Kosovo só viria a se tornar independente, de fato, em 2008, mas a participação ocidental no conflito teve peso histórico.

A intervenção foi um dos maiores exemplos da predisposição da Otan, que à época aglutinava Polônia, Hungria e República Tcheca, para mexer no xadrez do Leste Europeu. Isso contribuiu para a frustração dos russos, que, de 1991 a 1998, haviam ensaiado uma proximidade com o Ocidente.

"Os EUA viraram as costas, mesmo que tenha havido divergências sobre o quão estratégico seria a expansão da Otan", diz Pedro Feliú, professor da USP. "Esse fator abriu espaço para o avanço do ultranacionalismo russo." Putin, que chegou à Presidência em 1999, é fruto desse sentimento.

Guerra da Geórgia (2008)
A pequena ex-república soviética foi invadida pela Rússia porque estava há muito no satélite da Otan, e o governo russo quis impedir que ela se somasse à aliança, e porque o governo de Mikheil Saakashvili, aliado do Ocidente, tentou incorporar duas áreas de maioria étnica russa (Abkházia e Ossétia do Sul).

Morreram cerca de 1.100 pessoas, sendo 400 civis, e aproximadamente 200 mil perderam seus lares.

A guerra foi um contundente exemplo da disposição russa em contrabalancear o poderio americano na região, destaca Feliú. Além disso, se havia uma Rússia enfraquecida nos conflitos da Bósnia e de Kosovo, aqui o país já vira despontar sua capacidade de organização militar e investimento nas Forças Armadas.

Guerra na Síria (desde 2011)
A guerra civil síria pode não ter relação territorial com a Rússia, mas isso não significa que não tenha tido a participação de Moscou — os russos são um dos principais atores do conflito. A crise, que começou com levantes populares que pediam o fim da ditadura de Bashar al-Assad, perdura até hoje, e o terrorismo se somou ao conflito.

O governo de Putin dá suporte à ditadura de Assad — o sírio, aliás, foi um dos poucos que manifestaram apoio à invasão da Ucrânia. O Centro de Documentação de Violações sírio diz que pelo menos 7.300 mortes de civis e combatentes na guerra podem ser atribuídas a forças russas.

Uma das principais desavenças russas na região é com a Turquia, que apoia forças locais contra Assad. Ancara integra a Otan e funciona como uma espécie de fronteira de contenção à influência russa no Oriente Médio. "O conflito é emblemático do poderio militar de Putin para ir um pouco além do entorno estratégico do Leste Europeu", diz Feliú.

A oposição turca à influência de Putin fica clara também na Ucrânia. O país condenou a ação militar russa e tem sido instado a apoiar o europeu.

Líbia fecha prisão conhecida por abusos

Centro de detenção de migrantes de Al Mabani registrou assassinatos e integra rede de violações de direitos humanos

Ian Urbina e Joe Gavin

WASHINGTON | THE OUTLAW OCEAN PROJECT Sem explicação do governo, fanfarra de grupos de ajuda humanitária ou cobertura da mídia nacional ou estrangeira, a prisão de migrantes mais notória da Líbia, Al Mabani, fechou oficialmente em 13 de janeiro de 2022.

Em sua vida útil de aproximadamente 12 meses, a prisão tornou-se um emblema da irresponsabilidade do sistema de detenção mais amplo da Líbia, onde estupros, extorsão e assassinatos eram comuns e bem documentados.

Al Mabani era importante para o mundo não apenas porque a ONU disse que crimes contra a humanidade estavam acontecendo lá, mas também porque sua existência e seu crescimento eram o resultado de políticas da União Europeia destinadas a impedir que migrantes cruzassem o Mediterrâneo e chegassem às costas europeias.

Em dezembro do ano passado, The Outlaw Ocean Project, em colaboração com a revista The New Yorker e em parceria com a **Folha** no Brasil, publicou uma investigação sobre Al Mabani e o amplo sistema de detenções nas sombras que a UE ajudou a criar.

A reportagem contou a história de Aliou Candé, refugiado do clima da Guiné-Bissau preso pela Guarda Costeira da Líbia financiada pela UE enquanto cruzava o Mediterrâneo para chegar à Itália. Ele foi enviado para Al Mabani e acabou morto pelos guardas.

Do ponto de vista jornalístico, o fechamento de Al Mabani pode parecer uma conquista. Uma equipe expôs extensos abusos na prisão, e o governo imediatamente fechou o local. Mas a história mais importante é menos encorajadora.

O fechamento silencioso mostra a natureza sempre mutável do encarceramento na Líbia e como essa transitoriedade torna quase impossível proteger os detidos.

Os centros de detenção de migrantes abrem, fecham e reabrem de uma semana para a outra. Os detidos são movidos de um lugar para outro sem nenhum acompanhamento. Três mil pessoas são retiradas de uma prisão e, misteriosamente, apenas 2.500 descem do ônibus na prisão seguinte. Quem faz trabalho humanitário leva meses para obter permissão para visitas regulares a prisões como Al Mabani — apenas para ter que iniciar as negociações novamente quando esses detentos são levados para uma prisão recém-criada.

A consequência é que as milícias podem, com confiança na impunidade, torturar, deter e sumir com refugiados.

O fechamento de Al Mabani também ilustra como o poder e a governança realmente funcionam na Líbia. O que determina a forma como os migrantes são tratados, onde são mantidos, por quanto tempo e se são libertados tem menos a ver com a lei ou imperativos humanitários e mais a ver com proteção e dinheiro.

Al Mabani provavelmente foi fechada não porque jornalistas revelaram que os guardas de lá se envolveram em crimes como o assassinato de Aliou Candé e a extorsão e tortura de muitos outros migrantes. É mais provável que Al Mabani tenha sido desativada por causa de uma luta política entre dois homens que disputam a direção da Diretoria de Combate à Migração Ilegal (DCIM) da Líbia, que gerencia o fluxo de migrantes capturados.

A detenção de migrantes na Líbia é um grande negócio e para os detidos tudo tem preço: proteção, comida, remédios e, o mais caro, a liberdade.

Quando o general Al-Mabrouk Abdel-Hafiz perdeu sua cadeira de liderança no DCIM, a prisão de Al Mabani, administrada por sua milícia favorita, faliu. Um dia depois de Mabrouk perder o emprego, Al Mabani publicou seu última post no Facebook. Quando o novo diretor, Mohammed al-Khoja, assumiu o DCIM, o lucrativo fluxo de migrantes cativos foi redirecionado para a prisão Al-Sikka, instalação que ele administrava antes. Uma porta-voz da ONU confirmou que muitos dos detidos de Al Mabani foram transferidos para Al-Sikka. O vencedor fica com os espólios.

O fechamento de Al Mabani também faz parte de um esforço maior do governo líbio para mover os centros oficiais de detenção para fora de Trípoli. As fugas de detentos são mais difíceis quando a prisão fica no meio do nada. A importunação de grupos de ajuda humanitária e jornalistas também é menos provável, já que o governo limita mais fortemente o movimento fora da capital.

Inaugurado no início de 2021, Al Mabani —que em árabe significa "Os Edifícios"— era notoriamente brutal. Nenhum jornalista jamais havia entrado na instalação, mas migrantes fugitivos contaram o que aconteceu lá, ocasionalmente respaldados por imagens de telefones celulares.

A violência atingiu seu pico em outubro de 2021, com um tiroteio em massa de migrantes durante uma fuga, alguns dias depois que as autoridades cercaram e detiveram arbitrariamente até 5.000 imigrantes de Gargaresh, uma comunidade próxima. "Alguns de nossos funcionários que testemunharam esse incidente descrevem migrantes feridos em uma poça de sangue no chão", disse Federico Soda, chefe do escritório da Organização Internacional para as Migrações na Líbia. Seis pessoas foram mortas. Outras duas dezenas ficaram feridas.

O padrão é claro. As milícias administram os centros de detenção pelo tempo que podem, e depois são fechadas quando os agentes no poder mudam ou a mídia lança luz sobre eles. Al Mabani só foi criado para tirar detentos de outra prisão notoriamente violenta, Tajoura, depois que esta começou a chamar a atenção.

Tajoura foi bombardeada em 2019, e investigadores revelaram que entre os migrantes mortos alguns haviam sido obrigados a fazer trabalho militar. "O fechamento de centros individuais ou a centralização da detenção migratória fazem pouco para combater o abuso sistemático de refugiados e migrantes, destacando a necessidade de erradicar o sistema de detenção abusiva como um todo", disse a Anistia Internacional em 2021.

A União Europeia tem demorado a assumir a responsabilidade pelo seu papel. Em janeiro, o Outlaw Ocean Project apresentou detalhes de sua investigação ao comitê de direitos humanos do Parlamento Europeu e destacou o amplo apoio da UE ao aparato de controle de migração da Líbia. Os representantes da Comissão Europeia discordaram da nossa caracterização da crise.

"Não estamos financiando a guerra contra os migrantes", disse Rosamaria Gili, diretora do Serviço Europeu de Ação Externa para a Líbia. "Estamos tentando incutir uma cultura de direitos humanos".

No entanto, apenas uma semana depois, Henrike Trautmann, representante da Comissão Europeia, disse aos legisladores que a UE forneceria mais cinco navios à Guarda Costeira da Líbia para reforçar sua capacidade de interceptar migrantes em alto mar.

Mais navios significa mais prisões. No ano passado, mais de 32.000 migrantes foram presos pela Guarda Costeira da Líbia e devolvidos às prisões para migrantes do país. Com o apoio adicional da UE, é provável que esse número aumente em 2022. "Sabemos que o contexto líbio está longe de ser o ideal para isso", admitiu Trautmann. "Achamos que ainda é preferível continuar apoiando isso do que deixá-los por conta própria."

A reportagem certamente desempenhou algum papel no fechamento de Al Mabani. Mas a maior lição diz respeito a como patrocínio e proteção se passam por governo na Líbia, como isso resulta em crimes contra a humanidade e como a UE continua a sustentar financeiramente esses abusos por meio de seu apoio à Guarda Costeira da Líbia.

Sobre a série

No final de 2021 The Outlaw Ocean Project, cujo diretor é Ian Urbina, produziu uma série de reportagens, publicadas em parceria com a **Folha**. O especial examina a parceria da União Europeia com a Líbia na captura e detenção de migrantes que tentam chegar à Europa. O Outlaw Ocean Project é uma organização jornalística sem fins lucrativos com base em Washington cujo foco são problemas ambientais e de direitos humanos que ocorrem em alto-mar.

Protesto em Fort Mellon Park dias após o assassinato de Trayvon Martin por um vigilante comunitário; o caso depois daria origem ao Black Lives Matter Sarah Beth Glicksteen - 22.mar.12/The New York Times

Assassinato de jovem há 10 anos levou ao Black Lives Matter e mudou o debate sobre racismo

Fernanda Mena

SÃO PAULO O assassinato a tiros do adolescente negro Trayvon Martin pelo vigilante comunitário branco e hispânico George Zimmerman, ocorrido há 10 anos nos Estados Unidos, lançou as bases para uma nova onda de ativismo político negro a partir de uma hashtag tão simples quanto impactante: Black Lives Matter (BLM), ou vidas negras importam.

O movimento sacudiu o debate sobre racismo e violência armada no país, evidenciou os estigmas criminalizantes que pesavam (e ainda pesam) sobre a identidade de jovens negros e mobilizou milhares de pessoas nas redes sociais e nas ruas em torno de justiça racial e transformação social.

Como pivô do BLM, o assassinato de Martin é também gênese de mudanças importantes nas paisagens política, social e cultural dos EUA. Colocou em xeque o racismo institucional do sistema de justiça. E engajou figuras públicas de dentro e de fora da política institucional norte-americana, aumentando a visibilidade tanto de grupos antirracistas quanto de grupos supremacistas brancos.

Tudo começou na noite do dia 26 de fevereiro de 2012. Martin, então com 17 anos, estava na casa da namorada de seu pai, num condomínio fechado em Sanford, na Flórida. Saiu para comprar balas e nunca mais voltou.

Ele caminhava pelas ruas do condomínio, vestindo um moletom com capuz, quando percebeu que seus passos eram seguidos por George Zimmerman, que estava num carro, armado com uma pistola de 9 mm e que integrava um sistema de vigilância comunitária do bairro.

Zimmerman ligou para a polícia para informar a presença de um suspeito. "Houve alguns arrombamentos recentemente e agora há outro cara suspeito na vizinhança", disse ele ao atendente, que pediu para identificar se o rapaz era negro. O vigilante confirmou e disse na sequência: "Parece que ele está disposto a aprontar alguma coisa."

Zimmerman ignorou o pedido do policial para que parasse de perseguir o rapaz. Minutos depois, vizinhos ligaram para o serviço 911 ao ouvirem gritos e, logo depois, um tiro, que atingiu Martin no peito. Após prestar depoimento, Zimmerman foi solto.

Um mês depois, milhares de pessoas se reuniram em Nova York para pedir justiça pela morte do jovem negro. Há 40 anos os EUA não assistiam a tamanha mobilização em torno da questão racial.

"Isso não é sobre negros e brancos, isso é sobre certo e errado", discursou Sybrina Fulton, mãe de Trayvon, durante os protestos. E o então presidente Barack Obama expressou suas condolências à família: "Se eu tivesse um filho, ele se pareceria com Trayvon".

Os protestos pressionaram as autoridades a investigarem o caso, que foi parar nos tribunais. Criadas as bases de uma nova mobilização, foi a absolvição de Zimmerman das acusações de assassinato em segundo grau e homicídio culposo, após um júri de 16 horas no dia 13 de julho de 2013, que lançou a faísca de um movimento por justiça racial articulado via internet.

O veredicto gerou protestos em várias partes do país e incitou a ativista Alicia Garza, de Oakland, Califórnia, a escrever uma "Carta de amor para as pessoas negras" em seu perfil no Facebook. "Nossas vidas importam" era a frase final.

A postagem viralizou. E a ativista Patrícia Cullors, amiga de Garza que atuava no campo do abolicionismo penal, começou a marcar todas as menções ao caso Trayvon Martin com a hashtag #blacklivesmatter. Na semana seguinte, outra ativista ligada à dupla, Opal Tometi, diretora de uma ONG de direitos de imigrantes de Nova York, comprou o domínio www.blacklivesmatter.com na internet para iniciar uma campanha nacional.

O grupo passou a organizar protestos a cada assassinato de uma pessoa negra por policiais ou vigilantes armados, fomentando a criação de células locais do BLM. E foram muitas dessas mortes entre os anos de 2013 e 2014.

Anos depois, o assassinato de George Floyd extrapolaria as fronteiras americanas, gerando manifestações em várias partes do mundo.

"Vivíamos um período em que morte de jovens negros havia se tornado algo tão banal que era preciso sacudir as pessoas e lembrá-las: 'Ei, nossas vidas importam!'. Por mais óbvio que isso seja", disse à **Folha** Opal Tometi. "Nossos movimentos agiram de maneira tão efetiva que as coisas começaram a mudar, e os conservadores e a extrema direita se desesperaram e elegeram esse tipo [Donald Trump]".

mercado

Ocidente ameaça impedir Rússia de movimentar reservas internacionais

Terceiro pacote de sanções inclui restrição ao Swift, sistema financeiro global dos anos 1970

LONDRES Alemanha, Estados Unidos, França, Canadá, Itália e Grã-Bretanha anunciaram novo pacote de sanções econômicas à Rússia que impõe medidas para evitar que o Banco Central do país utilize reservas internacionais de cerca de US$ 630 bilhões (R$ 3,2 trilhões).

"Nos comprometemos a impor medidas restritivas que impedirão o Banco Central da Rússia de utilizar as suas reservas internacionais de modo a minimizar o impacto das nossas sanções", diz comunicado divulgado pela Casa Branca.

Os países também concordaram em cortar alguns bancos da Rússia do sistema global de pagamentos Swift, disse um porta-voz do governo alemão neste sábado (26), em um terceiro pacote de sanções para fazer a Rússia suspender os ataques à Ucrânia.

As sanções também incluem medidas de modo a limitar a capacidade do banco central da Rússia de sustentar o rublo, a moeda oficial do país.

Além disso, o acordo prevê o fim dos "passaportes dourados" para russos ricos e suas famílias, e irá buscar identificar indivíduos e instituições na Rússia e em outros lugares que apoiam a guerra contra a Ucrânia, disse o porta-voz.

"Os países enfatizaram sua disposição de tomar mais medidas caso a Rússia não encerre seu ataque à Ucrânia", afirmou o porta-voz.

As medidas serão implementadas nos próximos dias, disseram as nações em comunicado conjunto.

"Nós nos comprometemos a garantir que um certo número de bancos russos sejam removidos do Swift", disse Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, em comunicado à mídia.

"Isso garantirá que esses bancos sejam desconectados do sistema financeiro internacional e prejudique sua capacidade de operar globalmente."

Ela disse que cortar os bancos russos do sistema os impedirá de realizar a maioria de suas transações financeiras em todo o mundo e efetivamente bloqueará as exportações e importações russas.

A medida é um golpe para o comércio russo e torna mais difícil para as empresas russas fazerem negócios. Swift, ou a "Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais", é uma rede de mensagens segura que facilita pagamentos rápidos além-fronteiras, tornando-se um mecanismo crucial para o comércio internacional.

O anúncio marcou uma escalada da resposta econômica punitiva do Ocidente.

Apelos para banir a Rússia do Swift

O novo pacote de sanções limita o acesso de bancos russos ao Swift

Como funciona?

O Swift permite pagamentos internacionais rápidos –não em dinheiro em espécie

1. Empresa A, nos EUA, quer pagar à empresa B na Rússia
2. Banco dos EUA envia mensagem Swift ao banco russo por rede segura

Código Swift: ROSYRU21CNT

- ROSY Rossiya Bank
- RU Rússia
- 21 Moscou
- CNT Balcão central

3. Cada banco tem conta com dinheiro em nome do outro
4. Banco russo é autorizado a libertar fundos para a Empresa B

Oposição à proibição

- A Rússia é o principal fornecedor de gás natural e petróleo da UE
- Pode usar outros canais incluindo criptomoedas como a Bitcoin
- A Rússia pode optar pela alternativa chinesa Sistema de Pagamento Interbancário Transfronteiriço que tenta aumentar o uso do yan, limitando a posição do dólar como reserva

*Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication
Fontes: Graphic News, Swift, Tipalti e investopedia

A decisão é uma das sanções mais disruptivas que o Ocidente pode aplicar contra a Rússia por seu ataque à Ucrânia.

Há temores de que essa medida provoque problemas na entrega de gás russo.

"Tomamos medidas decisivas esta noite com nossos parceiros internacionais para excluir a Rússia do sistema financeiro global, incluindo o objetivo de destruir a Ucrânia. Mas o que ele também está fazendo, na verdade, é destruir o futuro de seu próprio país", afirmou a presidente da Comissão Europeia.

Segundo a associação nacional RosSwift, a Rússia é o segundo maior país, atrás dos Estados Unidos, em número de usuários, com cerca de 300 instituições financeiras pertencendo ao sistema. Mais da metade das instituições financeiras da Rússia são membros do Swift.

Reuters

Leia mais nas págs. A9 a A13

O que é o Swift?

Fundada em 1973, a Sociedade para Telecomunicações Financeiras Interbancárias (Swift) não lida com nenhuma transferência ou fundos, mas seu sistema de mensagens, desenvolvido na década de 1970 para substituir a dependência das máquinas de Telex, fornece aos bancos uma forma de comunicação rápida, segura e barata. A empresa, com sede na Bélgica, é uma cooperativa de bancos e pretende permanecer neutra

O que o Swift faz?

Os bancos utilizam o sistema Swift para enviar mensagens padronizadas sobre transferências de valores entre si, transferências de valores para clientes e ordens de compra e venda de ativos. Mais de 11.000 instituições financeiras, em mais de 200 países, usam o Swift, tornando o mecanismo a espinha dorsal do sistema internacional de transferências financeiras. Seu papel preeminente nas finanças significou que a empresa teve que cooperar com autoridades para evitar o financiamento do terrorismo

Sistema russo

A Rússia conta com uma infraestrutura financeira doméstica, que inclui o sistema SPFS para transferências bancárias e o sistema Mir para pagamentos com cartão, semelhante aos sistemas Visa e Mastercard.

Governo avalia flexibilizar regra de reajuste de remédios

Mateus Vargas e Idiana Tomazelli

O presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes, durante evento em Brasília Lucio Tavera/Xinhua

BRASÍLIA O governo Jair Bolsonaro avalia permitir subir ou baixar preços de medicamentos a qualquer momento, de forma excepcional, em vez de só aplicar reajustes anuais.

A equipe de Paulo Guedes (Economia), porém, resiste à ideia, que é discutida em ao menos duas frentes: propostas de MP (medida provisória) e de resolução da Cmed (Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos).

Por trás da resistência da equipe econômica está o temor de que futuros governos decidam pelo corte nos preços de medicamentos com fins políticos, em uma tentativa de beneficiar consumidores. A avaliação é que a proposta é muito aberta, deixando nas mãos do Executivo um grande poder de intervenção no mercado.

Já os integrantes do governo favoráveis à mudança dizem que a nova regra pode ajudar a recolocar no mercado alguns medicamentos que teriam valores máximos abaixo do praticado no mercado externo —o que dificultaria a oferta dessas drogas no Brasil.

A medida também permitiria evitar o desabastecimento de produtos que sofrem alta variação no preço de fabricação durante alguma crise sanitária ou política. Os preços ainda poderiam cair em casos como de medicamentos que perderem a patente ou ganharem concorrentes no mercado, dizem as mesmas fontes.

Entidades como o Idec (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor) observam com preocupação a possibilidade de aumentar preços em intervalos menores do que um ano.

Em geral, os preços de medicamentos no Brasil têm valores máximos de venda fixados pelo governo, que são reajustados anualmente a partir de um cálculo que considera a inflação, a produtividade da indústria e outros fatores.

Reajuste de remédios

Como é hoje

Preços máximos são fixados pelo governo e reajustados anualmente por conta que considera inflação, produtividade da indústria e outros fatores

Como pode ficar

Além do reajuste anual, governo poderia rever valores a qualquer momento, em casos excepcionais, como de falta do produto

Em 2020, o governo decidiu adiar o reajuste no teto do preço de medicamentos por causa da pandemia. O Ministério da Saúde agora sugere uma MP para permitir essas revisões de preço fora de hora.

O governo também discute uma mudança mais ampla da forma de precificar medicamentos, por meio de resolução da Cmed, em que também poderia prever esse tipo de revisão excepcional dos valores máximos dos produtos.

A equipe de Guedes fez duras críticas à proposta de MP. Em reunião do conselho de ministros da Cmed em janeiro, representantes da Economia disseram que a medida abriria margem para revisões "de forma ideológica e arbitrária".

Também afirmaram ser contra a proposta "por entender que, ao introduzir um alto grau de subjetividade no reajuste de preços, a nova norma geraria insegurança jurídica ao setor".

O representante da Casa Civil na reunião disse que a proposta ainda estava em análise na área jurídica da Presidência. As manifestações da Economia foram registradas na ata da reunião, obtida pela Folha.

Não é nova a ideia de permitir que a Cmed mexa nos preços de medicamentos fora do período dos reajustes anuais, que costumam ocorrer em março. Em 2016 o governo Michel Temer (MDB) apresentou uma MP nessa linha, mas o texto caducou.

Ainda hoje funcionários do Ministério da Saúde tentam contornar limites de preço para a compra de alguns medicamentos, como a imunoglobulina, feita à base de sangue. Sem oferta no mercado brasileiro, o governo tem comprado para o SUS de forma excepcional frascos de marca não registrada no Brasil.

Além da mudança na forma de reajuste, o governo tem disputas sobre reforçar a regulamentação do setor ou afrouxar as regras e deixar que o mercado dite os preços.

Uma das ideias é transferir da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para a Economia a secretaria-executiva da Cmed.

O debate mais sólido para mexer nas regras de precificação de medicamentos trata da proposta de resolução da Cmed que foi levada a consulta pública em 2021 pela Seae (Secretaria de Advocacia da Concorrência e Competitividade).

Essa discussão envolve integrantes da Saúde, Justiça, Economia e Casa Civil. Uma nova minuta de resolução deve ainda passar por análise de impacto regulatório. Segundo integrantes do governo que acompanham a discussão, a tendência é que o processo se prolongue até o fim do ano.

Em nota, a pasta de Guedes disse que a proposta de resolução "não tem concordância integral da Economia". "A minuta ali apresentada não foi elaborada exclusivamente por este ministério e contém propostas de todos os membros que compõem a Cmed."

Procurada, a Saúde afirmou apenas "que a proposta está em análise".

No debate sobre a nova resolução da Cmed, o Sindusfarma apontou que as regras de precificação são atrasadas. "O maior exemplo é o absurdo de não reconhecer uma terapia avançada ou gênica como inovadora", disse a entidade no processo, em maio de 2021.

Advogada e coordenadora do programa de Saúde do Idec, Ana Carolina Navarrete afirma que é positiva a possibilidade de reduzir os preços de medicamentos fora da janela de revisão anual, mas que a ideia de aumento excepcional é preocupante. "Acende ao consumidor a lembrança amarga da hiperinflação."

PAINEL S.A. | *Joana Cunha*

painelsa@grupofolha.com.br

Sergio José Maciura

Brasil tem relações comerciais com Rússia, mas deve repudiar invasão

SÃO PAULO O empresário Sergio José Maciura, dono da agência de turismo Dnipró, especializada em viagens para a Ucrânia, avalia que o país invadido pela Rússia e países próximos serão prejudicados com a redução de turistas, mas o fluxo na Europa em geral também vai sofrer os efeitos da ação militar.

Maciura, que também é presidente da câmara Brasil-Ucrânia, diz que suspendeu missões empresariais e que a comunidade cobra do governo Bolsonaro um posicionamento efetivo contra o ataque.

*

Como o sr. está acompanhando a guerra daqui? Sou neto de ucranianos, estamos comemorando 130 anos da nossa imigração para o Brasil. Temos família, primos, tios, uma relação direta lá. É dramático. Essa relação com a Rússia sempre foi muito conturbada.

A Rússia nunca aceitou uma Ucrânia independente e isso se acirrou com as conversas da Otan, desencadeou o processo dessa invasão, essa agressão russa ao território. Estamos acompanhando.

Tenho uma sócia, de uma empresa ucraniana, que está escondida com a mãe e a filhinha pequena em um bunker na fronteira com a Rússia. E não sabemos a extensão dessas ações do Putin. Estamos perplexos, em pleno 2022 uma nação com o poder da Rússia fazer o que está fazendo.

O sr. tem uma agência de turismo. As viagens foram canceladas? Tenho uma empresa com o nome do rio Dnipró da Ucrânia. Ela nasceu há 29 anos focada no destino Ucrânia, pela nossa relação familiar. É um país belíssimo, tem riquezas históricas, culturais. É claro que para um país invadido, naturalmente, ninguém quer ir em situação de risco.

Janeiro a março não são meses tradicionais de viagens para lá por causa do frio. Não temos roteiro de inverno. Então, não estamos com passageiros lá. Nossos projetos sempre são depois de maio e junho.

Claro que vai impactar dependendo de como a situação estará por lá. Hoje, está tudo parado, ninguém vai querer ir para a Ucrânia neste momento nem daqui para a frente, até que as coisas estejam calmas. E não só Ucrânia. Também gera uma expectativa negativa para o turismo na Polônia, Romênia, Bulgária, países ligados à Otan, posicionando tropas, equipamentos militares.

Isso com certeza terá impacto no setor de viagens. Já teve cancelamento de voos da Aeroflot e fechamento de espaço aéreo. Gera impacto dentro da própria Europa, no fluxo de turistas para a Rússia.

O sr. também é presidente da câmara de indústria e comércio Brasil-Ucrânia? Isso. É um projeto recente. Estamos reiniciando um projeto feito há muitos anos de Brasil e Ucrânia, voltado para áreas de indústria e inovação, porque a Ucrânia é um país com produção tecnológica muito forte. E é evidente que isso compromete qualquer movimentação de missões de lá para cá e daqui para lá.

Estávamos projetando a vinda de delegações ucranianas para cá a partir de maio, visitas técnicas, principalmente aqui no Paraná, voltadas para tecnologias no agronegócio. Está suspenso. Não podemos nem pensar em alguém viajar neste momento.

Os empresários ucranianos aqui têm se reunido para falar disso? Sim. Deve ter um impacto no fluxo de comércio. É prematuro falar. De imediato, é a perplexidade do mundo e nossa diante de uma atrocidade feita por país com essa capacidade militar.

É uma atitude covarde contra um país que, em 1994, no Memorando de Budapeste, abriu mão de todo o seu arsenal nuclear em benefício da paz mundial. E, agora, lamentavelmente, está sendo atacado por não ter essa capacidade.

Isso vai gerar uma desconfiança de outros paises com a Rússia, um pária internacional que vai perder relações. Vai gerar um desequilíbrio grande com a Rússia na área comercial. Mas com a Ucrânia, temos que aguardar.

Vocês da comunidade ucraniana estão fazendo contato com o governo? Sim, estamos centralizando as nossas comunicações com os governos estaduais, como o do Paraná, do Ratinho Júnior, que tem nos dado apoio total.

Recebemos um comunicado da Secretaria de Justiça de São Paulo, colocando o estado à disposição de eventuais refugiados nas questões de habitação, documentação, e agradecemos muito em nome da comunidade.

Temos que estar preparados, porque pode ter uma saída enorme de pessoas de lá para buscar alternativas.

Sobre o governo, quando o presidente Bolsonaro foi à Rússia, houve um posicionamento importante da comunidade ucraniana em que manifestamos que o Brasil é um país soberano, que tem relações comerciais. Não nos opusemos à ida dele à Rússia, mas que também pudesse, no retorno, parar na Ucrânia, conversar com o presidente Zelenski, mas não foi possível.

Acompanhamos a manifestação do vice-presidente Mourão, que foi contundente [disse não concordar com o ataque feito pela Rússia] e foi até contestado pelo presidente.

Queremos que o Brasil também manifeste repúdio à invasão do território ucraniano.

Acho importante para o Brasil, apesar de ter relações comerciais com a Rússia. Mas tem que entender que a atitude que a Rússia tomou não é a de um país correto, que quer ter relações com o mundo.

Tem que se manifestar sim e pedimos isso ao governo brasileiro por meio de nossos representantes, deputados e senadores, para que cobrem posição efetiva do presidente, para que repudie essa atrocidade que está sendo feita contra o território de um país independente e um povo pacífico.

Raio-X
Diretor da empresa Dnipró Gold Turismo, especializada em viagens para a Ucrânia e presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Inovação Brasil-Ucrânia. Foi também vice-presidente da Representação Central Ucraniano-Brasileira

O presidente da Rússia, Vladimir Putin, e o líder chinês, Xi Jinping Aleksey Druzhinin - 4.fev.22/Sputnik/Kremlin via Reuters

Invasão da Ucrânia pode dar início a nova ordem entre Ocidente e Oriente

Putin se preparou para o ataque com peças bem posicionadas no tabuleiro dos mercados de commodities, e China não o condena

ANÁLISE

Alexa Salomão

BRASÍLIA Está na cabeça de todo o mundo. Como Vladimir Putin simplesmente ignora telefonemas e visitas de representantes das nações mais ricas da União Europeia e dos Estados Unidos e faz uma invasão por terra, mar e ar na Ucrânia, nitidamente premeditada pelo enorme nível de coordenação?

Por semanas, ele deixou claro que não quer entregá-la bovinamente à Otan, abrindo flanco para a instalação de mísseis na cola da fronteira russa. Mas também está nítido que sua ação tem um simbolismo maior, pelo nível de desprezo que demonstra em relação a outros chefes de Estado.

Há indícios de que o Ocidente fraqueja, e, como não há vácuo de poder, o Oriente avança pelas brechas.

Putin dá sinais de que se preparou para este momento mais tenso, inclusive prevendo quais seriam os limites das sanções econômicas sobre a Rússia, o principal instrumento de reação. Suas aparentes calma e segurança viriam do fato de que boa parte das peças de seu jogo de xadrez bélico estão bem posicionadas em outro tabuleiro, os mercados de commodities.

Mesmo comandando uma economia com brilho menor, o governo russo fez apostas em produtos-chave, e a globalização tratou de criar interdependências miúdas, tão difíceis de desatar como nó de correntinha fina. Alguns exemplos.

A Rússia tem grandes reservas de carvão e petróleo e é o maior produtor de gás do mundo. Muito se repetiu que quase 40% do gás consumido na Europa é russo. Agora vai ficando claro que não há fornecedores alternativos à altura da demanda europeia.

Na terça-feira (22), circulou nas agências internacionais a declaração de um executivo da indústria no Qatar avisando que não há no mercado volume suficiente de GNL, gás natural liquefeito, para cobrir o eventual cancelamento de contratos de europeus com os russos.

Muitos colocam dinheiro na mesa para apostar que a retaliação alemã, de suspender a licença do gasoduto Nord Stream 2, que levará gás russo ao país, não dura até o fim do outono.

A Rússia também é um importante produtor de cevada, aveia, centeio e principalmente de trigo, item básico de alimentação. Nos últimos anos, se tornou o maior exportador de trigo do mundo e controla 20% do abastecimento global.

Enquanto os analistas falam da perda de prestígio de Putin, os preços dos principais produtos russos ganham valor. O barril de petróleo chegou a passou de US$ 100, e o trigo acumulou alta de 17% em uma semana.

Colocando um pouco de Brasil na discussão, é preciso lembrar que a Rússia é um fabricante tão expressivo de adubos e fertilizantes que nada menos de 62% das importações brasileiras daquele país estão concentradas nesses produtos. Outra fatia importante desses itens vem de Belarus, um aliado na guerra da Ucrânia. Como ficar sem?

Há outra questão. Apesar de os principais países terem condenado a ofensiva na Ucrânia, a China segue sem criticar Putin, com membros do alto escalão emitindo manifestações dúbias.

Integrantes da diplomacia chinesa já fizeram ponderações sobre a relação da Rússia com a Ucrânia e as repúblicas separatistas.

Não tem segredo aí. Se a China condenar a Rússia, vai complicar suas exigências em relação a Taiwan. Na quarta-feira (23), o ministro das Relações Exteriores chinês chegou a declarar que Taiwan não é a Ucrânia porque sempre foi parte inalienável da China.

Faz um tempo que os dois países caminham juntos na economia. O principal parceiro comercial da Rússia —de longe— é a China, e vice-versa. Minério e um volume gigante de petróleo vão para a China, que vende para a Rússia muito maquinário e eletroeletrônicos.

[...]

Enquanto os analistas falam da perda de prestígio de Putin, os preços dos principais produtos russos ganham valor. O preço do barril de petróleo chegou a passar de US$ 100, e o trigo acumulou alta de 17% em uma semana. Colocando um pouco de Brasil na discussão, é preciso lembrar que Rússia é um fabricante tão expressivo de adubos e fertilizantes que nada menos de 62% das importações brasileiras daquele país estão concentradas nesses produtos. Outra fatia importante desses itens vem de Belarus, um aliado na guerra da Ucrânia. Como ficar sem?

Entre os dois países estão em construção redes de gasodutos que prometem mudar o equilíbrio da oferta do produto no mercado global.

No início de fevereiro, quando a crise da Ucrânia já estava em curso, a parceria escalou. Putin foi a Pequim para participar da abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno.

Num claro recado ao Ocidente, especialmente aos Estados Unidos, ele e o líder chinês, Xi Jinping, anunciaram um acordo "sem limites" nas áreas econômica e política.

Essa aproximação consolida a organização de um poderoso bloco na banda oriental do mundo, liderado pela China, que vai escanteando as potências ocidentais.

No meio da pandemia, em novembro de 2020, enquanto o então presidente Donald Trump travava a guerra comercial contra a China, o gigante asiático e 14 países do Pacífico fecharam o maior acordo comercial do mundo. Chamado de Parceria Econômica Regional Abrangente, o bloco reúne 2,2 bilhões de consumidores e um terço do PIB global.

Ao mesmo tempo, a China mantém a construção da Nova Rota da Seda, megaobra de infraestrutura que liga Oriente Médio, Ásia, África e Europa, atravessando áreas que eram de influência da ex-União Soviética.

Todos esses movimentos colocaram os dois países, que já foram os maiores impérios ao leste, de costas para o Oeste. Putin, em sua invasão da Ucrânia, fez um movimento mais ousado e novo, confrontou o Ocidente —aqui, entendido como o grupo desenvolvido dessa parte do mundo, Europa e Estados Unidos.

Sim, tudo indica que o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, pode ter razão. Há sinais de que Putin trabalha para reconstruir a antiga União Soviética. E a lacônica China quer o quê?

Envelhecimento do Facebook é fantasma que ronda redes

Empresa batalha para renovar base de usuários e aposta no Instagram, mas jovens migram para TikTok

Daniele Madureira

SÃO PAULO Quando Mark Zuckerberg criou o Facebook, em 2004, tinha 20 anos. Hoje, com quase 38, a sua faixa etária, de 35 a 44, responde por 18% da rede social, segundo o estudo Digital 2022 Global Overview Report, da agência de marketing We Are Social.

Se Zuckerberg voltasse a ter 20 anos hoje, provavelmente estaria no TikTok, a mídia social que tem 43% do seu público mundial concentrado na faixa dos 18 a 24 anos. Isso vai muito além dos usuários que o Facebook possui na mesma faixa etária: 22,6%.

Snapchat (39%) e Instagram (30%) também ultrapassam com folga o Facebook quando se trata de atrair adolescentes e jovens adultos, os que mais interagem nas redes sociais.

Daí a pergunta: o Facebook está ficando velho? Segundo especialistas, o que a maior rede social do mundo enfrenta hoje é um misto de desconfiança sobre a manipulação dos seus dados pessoais e de forte concorrência com plataformas que conseguem o engajamento do público jovem, seja por estarem em maior sintonia com as tendências, seja pela rapidez com que introduzem inovações.

A Meta —novo nome do grupo Facebook, que detém a rede social, o Instagram e o WhatsApp— se tornou uma corporação mundial, com 70 mil funcionários e 2,9 bilhões de usuários, o equivalente a 37% da população global.

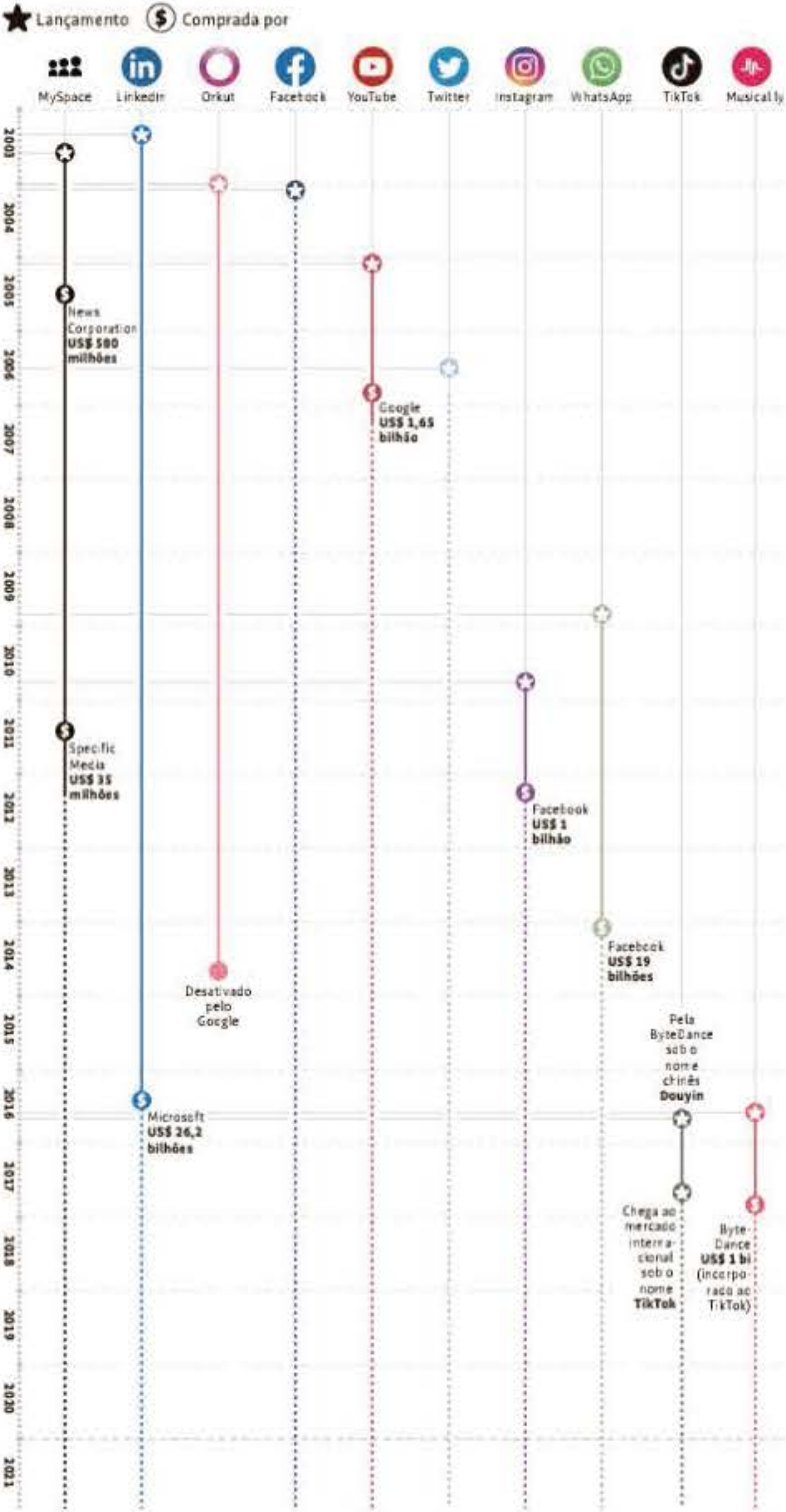
No último trimestre de 2021, pela primeira vez na história, perdeu usuários diários ativos, aqueles que se logam todos os dias na rede: foram 500 mil a menos, principalmente nas regiões da África, da América Latina e da Índia. O anúncio rendeu à empresa um tombo de 26% no valor das ações.

Os dados mostram uma realidade que já vinha se desenhando pelo menos desde 2013, quando David Ebersman, então diretor financeiro do Facebook, afirmou que os usuários diários da empresa haviam diminuído "especificamente entre os adolescentes mais jovens".

Documentos recentemente vazados por uma ex-funcionária da empresa mostram que o grupo passou a apostar no Instagram para atrair e reter os usuários mais jovens, admitindo o envelhecimento do Facebook.

Segundo o jornal The New York Times, desde 2018 quase todo o orçamento anual de marketing global (algo como US$ 390 milhões) visava atrair adolescentes. A prioridade, segundo o jornal, é a categoria "ensino médio inicial", que abrange jovens de 13 a 15 anos.

A divulgação desses documentos colocou a empresa sob enorme pressão, e, em outubro do ano passado, Zuckerberg disse em uma conversa com analistas que o Facebook passaria a priorizar usuários mais jovens, em detrimento dos mais velhos. Na ocasião, o executivo disse que isso exigira uma reforma e destacou que ela duraria anos.

"Existe uma sensação de que a rede está envelhecendo, com o movimento de migração de usuários mais jovens para outras plataformas", afirma Fernanda Vicentini, professora de estratégia de redes sociais da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing).

"Para uma rede social se manter, ela precisa de inovação e desenvolvimento. O Facebook sempre foi muito agressivo em relação à aquisição de concorrentes que despontavam", diz, lembrando que a empresa comprou em 2012 o Instagram por US$ 1 bilhão e, em 2014, o WhatsApp, por US$ 19 bilhões.

"Mas aí eles começaram a esbarrar em gente que não quis ser comprada, como o LinkedIn e, especialmente, o TikTok, que é a rede do momento entre os mais jovens."

Enquanto isso, a rede de Zuckerberg colecionava escândalos, que minaram a confiança do usuário.

Primeiro foi a Cambridge Analytica, em 2018: a consultoria foi alvo de investigações sobre o vazamento de dados de 87 milhões de usuários do Facebook e o uso deles para direcionar anúncios políticos e influenciar eleições. Entre as votações suspeitas de interferência está o pleito presidencial nos Estados Unidos de 2016, que elegeu Donald Trump.

Em outubro do ano passado, veio à tona uma série de reportagens no jornal The Wall Street Journal sobre o modus operandi do Facebook, a partir do relato da ex-funcionária Frances Haugen.

Ela acusou a empresa do que chamou de "falência moral": o Facebook trabalha com algoritmos que incentivam a discórdia; suas ferramentas são projetadas para criar dependência e aumentar o consumo; a empresa faz pouco para controlar o crime organizado.

"Acredito que os produtos do Facebook prejudicam as crianças, intensificam a divisão e enfraquecem a nossa democracia", disse.

Procurada pela **Folha**, a Meta não quis comentar.

Na opinião de Issaaf Karhawi, doutora em ciências da comunicação pela USP (Universidade de São Paulo), o fato de o nome do Facebook estar no centro de campanhas que disseminam fake news é uma parte importante da perda de novos usuários da rede. Mas não é a única justificativa.

"A arquitetura do Facebook foi ficando ultrapassada, quando comparada ao desenho das redes mais novas", afirma Issaaf, autora do livro "De blogueira a influenciadora" (editora Sulina).

Segundo ela, a última grande inovação do Facebook foi em 2008, quando a rede introduziu a funcionalidade 'check-in', o que gerou uma enxurrada de posts de usuários marcando o local onde estavam.

Continua na pág. A19

Redes sociais na linha do tempo

Nas primeiras décadas do século 21, plataformas de relacionamento se tornaram negócio bilionário

Continuação da pág. A18

Para continuar no páreo, é preciso muito investimento e conexão com as tendências, afirma.

"O Instagram ganhou popularidade ao introduzir os filtros e fazer com que todo o mundo pudesse atingir a estética impecável. Já o TikTok foi na contramão disso e trouxe ao usuário o desafio de ser autêntico: não tem foto, é só vídeo, e você precisa prender a atenção das pessoas, é entretenimento", diz Issaaf.

Ana Paula Passarelli, diretora de operações da agência Brunch, que trabalha com influenciadores digitais, afirma que o público mais velho vai deixando de exigir novidades e se sente confortável em navegar em determinada rede.

"Mas os mais jovens não, querem explorar recursos, serem surpreendidos, nenhuma rede vai convencê-los se ficar no comodismo", diz ela.

"Não vamos mais ter um novo 'dono do parquinho', e isso é muito bom, acredito na multiplicação de canais de comunicação, para fazer frente às big techs."

Nessa linha, plataformas antes restritas a grupos de usuários vão ganhando mais adeptos, como o Kwai (que faz frente ao TikTok).

O poderio econômico do Facebook, porém, continua inegável. A Meta faturou US$ 117,9 bilhões no ano passado, uma alta de 37% sobre 2020. Mas os anunciantes não estão indiferentes aos perrengues.

"O Facebook ainda é a principal forma de patrocínio via rede social, mas está ficando velho", diz Rafael Beraldi, diretor de marketing e novos negócios da agência Camelo Digital. "Quem tem menos de 40 usa muito pouco o Facebook", afirma.

O Instagram também já deixou de ser novidade. "Os influenciadores mais ativos estão migrando do Instagram para o TikTok", diz. A rede controlada pela chinesa ByteDance, aliás, é um desafio para o marketing das companhias, diz Beraldi.

"O TikTok reflete o senso de humor da geração Z, que é muito direta, autêntica, e para quem o dinheiro não é o que mais importa", diz o executivo, referindo-se aos nascidos entre 1995 e 2010.

"É preciso encontrar uma maneira de fazer as marcas dialogarem com esse público", afirma. Dos recursos investidos em redes sociais hoje por clientes da Camelo, 70% vão para o Instagram, 20% para o Facebook e 10% para o TikTok.

Na opinião de Alexandra Avelar, diretora no Brasil da americana Emplifi, plataforma que faz a gestão da experiência do cliente nas redes sociais, em algum momento, o Facebook deixará de ser relevante.

"O fato de não vermos uma renovação da audiência já é um sinal de alerta", diz a executiva, que atende grandes empresas como McDonald's, Delta Airlines e Ford.

Levantamento da Emplifi para a **Folha** mostra o número de interações com a marca (likes, compartilhamentos, comentários) a cada mil visualizações. Em dezembro de 2019, o Facebook no Brasil respondia por 19,5 interações por mil visualizações. Em dezembro de 2020, caiu para 11, e, em dezembro passado, para 7.

Em comparação, o Instagram apresentou, em dezembro de 2021, 130 interações por mil visualizações. Apesar de o alcance comercial do Instagram ser mais de 18 vezes superior ao do Facebook, a rede social preferida dos influenciadores brasileiros já viu dias melhores: eram 206 interações em dezembro de 2020 e 224 em dezembro de 2019.

"Em um primeiro momento da pandemia, houve um aumento das interações em todas as redes, depois houve uma queda, possivelmente pela saturação do uso", afirma Alexandra.

"Mas o recuo foi mais acentuado no Facebook, os usuários foram migrando para outras redes. Tem gente ainda que nunca passou por Facebook, já foi direto para o Instagram ou TikTok. Ver o pessoal postando as dancinhas aguça a curiosidade", diz.

Para a executiva, o Facebook tem total ciência desse envelhecimento e tenta tirar o melhor resultado possível dentro da sua base de usuários, que não exige muita inovação. "Eles testam mais novidades no Instagram", diz.

Ao que tudo indica, como nós, as redes sociais envelhecem e morrem, como foi o caso do Orkut, desativado pelo Google em 2014.

Demografia das redes sociais

Faixa etária dos usuários em nível mundial, em %

Fonte: We Are Social - Digital 2022 Global Overview Report/ Profª Fernanda Vicentini-ESPM e empresas

A guerra de Putin e a política dos EUA

Crise na Ucrânia altera debate sobre clima, energia importada e ameaça estrangeira

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Joe Biden preocupa-se com quantas mulheres vai nomear para o Banco Central. Seu Partido Democrata se ocupa de quais pronomes pessoais usar com pessoas LGBTQ+ — ou não. Quer cortar a despesa militar e fazer uma transição para a "economia verde" que sujeita o país a caprichos de estrangeiros, de quem depende para ter energia bastante ou a preço razoável.

A direita tradicional americana cai assim de pau em Biden, acusado também de molenga com Vladimir Putin.

Sim, a direita tradicional e letrada do Partido Republicano. Os trumpistas vão além. Elogiam Putin e querem deixar a Rússia para lá, pois o problema seria a China.

Percebe-se por que Jair Bolsonaro lambe as botas de Putin: porque pegou gosto lambendo a sola de Trump.

A direita tradicional e parte dos democratas querem que Biden arranque o couro de Putin até para mostrar à China que não está para brincadeira e que não vai tolerar nem sinal de ucranização de Taiwan.

Querem também que o governo derrube restrições ambientais à produção de petróleo e gás, de modo a tornar os EUA independente e capaz de vender a energia de que seus aliados precisam, dane-se a transição verde.

Enfim, diz que os americanos devem se preparar para uma nova Guerra Fria, o que implica ter ideias diferentes sobre autossuficiência econômica em itens estratégicos, alterar a política de alianças regionais (exigindo mais fidelidade) e mudar suas bases militares para perto das fronteiras inimigas, da Rússia em particular.

Biden deveria começar essa mudança de rota já no discurso anual do Estado da União, na próxima terça-feira, dizem esses críticos. Não deve mudar, mas a guerra de Putin pode trincar ainda mais a ideia de globalização, rasgar a fantasia de cooperação internacional e favorecer os críticos da "transição verde".

A epidemia sugeriu que é um risco depender do estrangeiro para se abastecer de vários produtos e insumos, não apenas médicos. Mostrou que a vigilância sanitária mundial é um fracasso e que, quando o vírus bate à porta, é cada um por si.

Além disso, a guerra e o risco da dependência de combustíveis importados reavivam discussões sobre energia limpa e ritmo da transição verde. No mínimo, o establishment europeu vai pensar em como abrir mão de fontes mais sujas de energia sem depender do gás russo.

Esse faniquito da direita pode parecer disparate oportunista, pois se trata de problemas de escala diferente: uma crise grave, mas circunstancial (guerra), e uma crise já crônica (mudança climática) que pode se tornar apocalíptica — tais crises seriam motivos para acelerar a transição.

Resta convencer os eleitores. Todos são esfolados pela crise mundial de energia. Estão cada vez mais abertos a ideias xenófobas ou isolacionistas. Essa mentalidade é alimentada, por exemplo, pela propaganda do "vírus importado", pelo medo de gente importada (imigrantes), pela noção de que o mundo lá fora é um lugar de perigos ou onde se desperdiça um dinheiro que deveria ser gasto em problemas nacionais. A circunstância da guerra na Ucrânia tende a agravar essas reações e reacionarismos.

No entanto, circunstâncias assim ruins vêm se encaixando umas nas outras pelo menos desde o início do século: revoltas contra a desigualdade, crises de refugiados (gente em fuga da fome e do horror), crises financeiras desastrosas, tumulto climático, peste e agora guerra. Cada rodada de problema circunstancial entrincheira a reação obscurantista às crises e deixa intocados os responsáveis pelas desgraças.

O longo prazo é feito de curtos prazos, de circunstâncias, para dizer a coisa com sarcasmo sinistro.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

A verdadeira interdição do debate

O debate interditado é sobre a efetividade do Estado em atender seus objetivos públicos

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Diversos analistas acreditam que o debate fiscal está interditado. Que a ideologia dos economistas de mercado, ou da "Faria Lima", ou ainda os liberais, se impõe e interdita a discussão.

Não há essa interdição. É útil antes olhar um pouco os números. Consultei o Governance Finance Statistics do FMI. A seguir, os valores da carga tributária do setor público consolidado, sempre em proporção do PIB, em 2020: Brasil, 39%; África do Sul, 39%; Reino Unido; 37%; Coreia do Sul, 34%; Turquia, 31%; EUA, 31%; Colômbia, 29%; Costa Rica, 25%; México, 22%; Irlanda, 22%; Chile, 22%; Tailândia, 21%; Peru, 20%; Paraguai, 18%; Filipinas, 16%; e Indonésia, 13%.

Ou seja, para encontrar cargas tributárias mais elevadas do que a nossa, temos que olhar as economias da Europa continental. Por exemplo, temos: França, 52%; Croácia, 48%; Itália, 47%; Alemanha, 46%; República Tcheca, 41%, entre outros. É possível, portanto, aumentar a carga tributária. Não há nenhuma ideologia interditando esse debate. Quem interdita esse debate é a nossa economia política.

O problema é que, desde 2004 —quando o Congresso Nacional rejeitou a MP 232, que elevava a tributação sobre os prestadores de serviços—, a sociedade tem rejeitado entregar mais recursos ao setor público.

O último capítulo dessa novela foi a forma como o Congresso desfigurou o PL (projeto de lei) enviado por Paulo Guedes de reforma tributária. O PL tinha boas medidas que elevavam a progressividade dos impostos de renda e aumentavam a arrecadação. O monstrengo que foi aprovado na Câmara gera redução de carga. Nenhum economista apoiou esse monstrengo. Ele é fruto da nossa economia política.

Segundo base de dados do FMI, de uma amostra de 46 economias emergentes e de renda baixa, somente 5 países gastaram mais do que nós com medidas ligadas à Covid: Indonésia, Peru, Sérvia, Chile e Tailândia. Os demais 40 países gastaram menos do que o Brasil. Onde está a interdição?

Por outro lado, me parece haver um debate interditado. Um exemplo. Há uma demanda para que o setor público tenha uma participação mais ativa no estímulo às atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D). A popular economista italiana e professora em Londres Mariana Mazzucato tem defendido essa posição. Não há a menor dúvida de sua importância. E não há a menor dúvida de que esse é um campo precípuo de ação do setor público. Mas ninguém se pergunta o que temos feito como o que já temos.

Temos uma extensa rede de universidades públicas; bancos públicos, como BNDES e BNB; agências de fomento financeiro, como a Finep; agências de desenvolvimento direto, como Embrapa e Emprapii; inúmeras agências de estímulo, como, por exemplo, as fundações estaduais de apoio à pesquisa; etc.

Adicionalmente, nos anos 2000 aprovamos a Lei do Bem e a Lei da Inovação. No período do petismo, não faltou recurso para essas e outras instituições. Qual foi o impacto de toda essa estrutura na produção de patentes?

O debate interditado não é o do tamanho do Estado, mas sim sobre a efetividade desse Estado em atender os seus objetivos públicos.

O teto do gasto foi a forma técnica encontrada para encaminhar as inconsistências de nossa economia política.

Se a esquerda deseja aumentar o gasto público, precisa convencer a sociedade a entregar mais impostos para o Estado. E, por favor, quando o Congresso votar medida que eleve o limite para o enquadramento de uma empresa no regime do Simples, votar contra.

DOM. Samuel Pessôa | SEG. **Marcia Dessen, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Globo consegue recuperar R$ 318,6 mil transferidos por engano a advogado

SÃO PAULO A Globo obteve decisão provisória na Justiça do Rio de Janeiro para bloquear R$ 318.600,40 transferidos por engano por um funcionário do grupo.

À Folha o advogado trabalhista Marcos Antônio Rodrigues dos Santos, que recebeu o dinheiro, diz que não se recusou a devolvê-lo, tampouco usou a verba para comprar um imóvel, como a empresa afirmou no pedido à Justiça.

"Nunca me recusei a devolver. É uma situação muito constrangedora. Eles [o jurídico da Globo] combinaram comigo uma coisa e fizeram outra."

O combinado, segundo ele, era transferir o dinheiro no dia 21 de janeiro, quando ele voltaria de férias. No dia 11, a empresa foi à Justiça. No pedido inicial à 3ª Vara Cível, a Globo diz que houve "lapso" na transferência do dinheiro, que bancaria acordo feito em setembro em ação trabalhista.

A Globo informou que não comenta casos em andamento na Justiça.

"No dia 30 de dezembro, uma pessoa que eu não conheço me procurou por WhatsApp e disse o que tinha acontecido. Expliquei a ela que estava de férias e sem o token [código de acesso para verificar processos], mas que eu tinha visto meu extrato e tinha mesmo dois depósitos da empresa", conta Santos.

O advogado diz que atua em ações trabalhistas contra o grupo e desde março de 2021 recebe transferências da Globo por acordos fechados no Judiciário.

"Quando a pessoa me falou, eu fiquei desconfiado porque não é tão simples assim errar um pagamento desse. Esse tipo de transferência é feito a partir de uma ata. Não dava para eu simplesmente devolver, eu precisava ver se aquilo não era mesmo de algum processo meu", afirma.

Para ele, a pessoa abusou de sua confiança. "Eu mencionei que tinha comprado um apartamento e que por isso tinha usado a conta-corrente, e eles usaram isso na inicial."

Na segunda (21), o juiz Luiz Felipe Negrão, da 3ª Vara Cível Regional da Barra da Tijuca, concedeu tutela de emergência e determinou o bloqueio do dinheiro. Santos diz que o dinheiro já foi devolvido.

Na decisão, Negrão afirma que a pessoa que recebeu a transferência por engano "não tem extenso patrimônio, tanto assim que, depois de receber a quantia por erro, cuidou de rapidamente se apropriar dela e utilizá-la na aquisição de um apartamento".

A negociação do imóvel continua e ele aguarda a finalização do registro. Santos diz ter pedido indenização por danos morais de R$ 200 mil.

A Justiça determinou a inacessibilidade dos direitos de compra do imóvel previstos no contrato assinado. **FB**

esg

Ranking de sustentabilidade da Bolsa esbarra em questões socioambientais

Presença de empresas que acumulam problemas relacionados à agenda ESG divide especialistas

Thiago Bethônico

SÃO PAULO No fim de janeiro, a B3 publicou o ranking das empresas com melhores pontuações no ISE, o Índice de Sustentabilidade Empresarial da Bolsa de Valores. Pela primeira vez, as notas das companhias que formam a carteira foram divulgadas —inclusive daquelas que participaram do processo, mas não foram selecionadas.

O novo formato é resultado de uma mudança metodológica feita em julho de 2021, que procurou dar mais transparência ao índice. Agora é possível ter acesso não só às organizações que foram excluídas, mas também à pontuação obtida em cada uma das dimensões analisadas.

Das 73 empresas que se inscreveram, 46 tiveram avaliação suficiente para entrar na carteira de 2022. A primeira colocada no ranking é a EDP, do setor elétrico, seguida por Renner, Telefônica do Brasil, CPFL Energia e Natura.

No entanto, nem todas são unanimidade em boas práticas ambientais, sociais e de governança corporativa. Apesar da metodologia mais rigorosa, companhias com histórico ESG (sigla em inglês para ambiental, social e governança) questionável ou pertencentes a setores controversos continuam figurando na lista.

Um dos exemplos é a Braskem, que voltou a integrar o ISE neste ano e ocupa a 15ª posição no ranking. A petroquímica está ligada a um desastre ambiental em Maceió, após a exploração de sal-gema provocar o afundamento do solo em diversos bairros da capital alagoana, atingindo cerca de 57 mil pessoas.

Além disso, a companhia esteve envolvida em acusações de corrupção e é controlada pela Novonor —antiga Odebrecht, que ficou associada a escândalos na Operação Lava Jato.

No relatório do índice, é possível ver o desempenho da Braskem nas cinco dimensões avaliadas. A melhor nota recebida pela empresa foi na dimensão governança corporativa e alta gestão (83,67), seguida de capital social (76,61) e meio ambiente (74,55).

A B3 também disponibiliza um documento detalhando as pontuações obtidas em cada subtema. Em combate à corrupção, por exemplo, a petroquímica tirou nota máxima: 100%. Já em direitos humanos e relações com a comunidade, a nota ficou em 86,03%.

Procurada para comentar, a Braskem disse que não iria se manifestar sobre o tema.

Na apresentação do ISE, a B3 ressalta que as notas refletem exclusivamente as respostas autodeclaradas pela companhia. Embora elas tenham que apresentar documentos para subsidiar os questionários, a Bolsa não faz qualquer tipo de auditoria, avaliação qualitativa ou recebe influência de terceiros.

Questionada se a presença de companhias com questões socioambientais no histórico não representa uma contradição em um índice de sustentabilidade, a Bolsa disse que a metodologia do ISE não exclui setores ou empresas.

Segundo a B3, essa visão ajuda a aprofundar o diagnóstico ESG das companhias, mostrar a evolução dos temas e destacar aquelas que apresentam as melhores práticas.

"Entendemos que não há contradição e que a metodologia é eficaz para o momento atual de desenvolvimento das avaliações sobre os temas ESG, tanto que é adotada por outras bolsas e agências de classificação em todo o mundo", diz texto enviado pela B3.

Além da presença da Braskem, o ISE também incorpora empresas de setores controversos ou poluentes, como é o caso do agronegócio.

O agro é a segunda atividade que mais emite gases de efeito estufa no Brasil (27% do total), sendo que a pecuária responde pela maior parte dessas emissões: 65%.

A Minerva Foods é a representante dos frigoríficos na carteira, ocupando a 44ª posição. A companhia chegou a ser excluída na primeira prévia do indicador, em dezembro, mas retornou após a atualização de dados sobre mudanças climáticas do CDP (Carbon Disclosure Project) —um dos critérios externos para participar do ISE.

A melhor pontuação da Minerva foi em meio ambiente (66,10), seguido de modelo de negócios e inovação (65,95) e governança corporativa (63,75).

Em nota, a empresa afirma que a inserção no ISE pelo segundo ano consecutivo reflete seu compromisso com as melhores práticas ESG. O frigorífico lembra que foi a única companhia do setor de carne bovina a compor a carteira de 2022, e que também integra outro índice verde da Bolsa, o ICO2 (Índice Carbono Eficiente).

"Nos últimos dez anos, a companhia vem adotando iniciativas para uma produção cada vez mais sustentável em toda a cadeia de valor", diz.

A Minerva ainda cita iniciativas adotadas para reduzir as emissões, como o Renove, programa que mede e monitora o balanço de carbono nas propriedades agrícolas de seus parceiros na América do Sul.

Outro setor que marca presença no índice de sustentabilidade da Bolsa é o de aviação, que responde por 3% do total de emissões de gases de efeito estufa no mundo.

A Azul Linhas Aéreas é a única representante na carteira, ocupando a 53ª colocação. A empresa teve os melhores desempenhos nas dimensões de governança (65,03), modelo de negócios e inovação (63,15) e capital social (61,91).

A companhia disse, por nota, que tem o compromisso de alcançar emissões líquidas zero até 2045 e que trabalha com foco numa operação eco-eficiente, por meio de frota mais jovem e com menor consumo de combustível.

A Azul Linhas Aéreas também destacou que faz parte do programa de compensação e redução de carbono para a aviação internacional da ICAO (Organização da Aviação Civil Internacional).

Fabio Alperowitch, fundador da Fama Investimentos, gestora de fundos com foco em ESG, diz não ver problemas em empresas de setores controversos serem selecionadas para um índice de sustentabilidade.

"Até a Petrobras poderia estar lá, sendo uma empresa de combustíveis fósseis, desde que fosse uma companhia responsável", afirma. A petroleira estava na carteira de 2021, mas, diante das mudanças de metodologia, optou por não participar da nova seleção.

Para ele, o segmento econômico tem menos relevância que as ações sustentáveis que uma empresa pratica.

Contudo, Alperowitch critica a presença de organizações com problemas socioambientais na lista. "Quando um investidor individual —ou até mesmo um institucional que está longe desse debate ESG— vê o ISE, ele entende que aquelas empresas são sustentáveis e têm a chancela da Bolsa", afirma.

"O índice de sustentabilidade deveria ser composto por empresas sustentáveis, não por negócios que estão nesse caminho", acrescenta.

O gestor ressalta a importância histórica do ISE, que foi lançado em 2005, quando o mercado dava pouca importância ao tema. Segundo ele, a nova versão é melhor que as anteriores ao dar mais transparência, aplicar questionários de acordo com o setor e adotar referências externas, como o CDP e o Reprisk (que indica o risco reputacional).

No entanto, a crítica de Alperowitch é com os índices em geral, por ser difícil estabelecer critérios objetivos para analisar questões complexas como o ESG. Para ele, os rankings acabam esvaziando o debate sobre sustentabilidade à medida que se tornam um pódio de melhores empresas, sem haver um olhar mais detalhado.

"Eu não sou contra a existência de rankings, eu sou contra o uso deles indistintamente, como se fossem uma ferramenta universal e eximissem as pessoas de entender outras questões."

Filipe Ferreira, diretor da Comdinheiro, provedora de sistemas de análises do mercado financeiro, diz que a presença de empresas com problemas socioambientais num índice de sustentabilidade pode colocar a metodologia da seleção em xeque.

No entanto, ele avalia que a construção dessas carteiras não é um processo binário, onde existe um bem e um mal. Adotar uma metodologia rigorosa em todos os aspectos ESG, na visão dele, acabaria por esvaziar o indicador e não ajudaria na evolução do mercado.

"Pensando no objetivo final de um índice como esse —e no conceito de ESG—, é preciso ter um modelo que incentive as empresas a melhorar. Às vezes temos que descer do pedestal do mundo perfeito para pensar políticas mais eficientes", afirma.

Segundo Ferreira, a presença da Braskem ilustra bem a questão. Embora a petroquímica tenha controvérsias, ela adota boas iniciativas para resíduos químicos, o que, segundo ele, precisa ser sinalizado positivamente ao mercado.

"Não [defendo] que essas empresas entrem no índice a torto e a direito, mas dar a elas a chance de construírem políticas que melhorem seu processo produtivo —e reflitam isso em um índice— tem seu lado positivo."

Para o diretor, a carteira do ISE não é perfeita, mas mostra o momento incipiente em que o cenário corporativo brasileiro se encontra no ESG.

"O ISE cumpre bem o papel ao dar uma sinalização inicial para o mercado, mas tem que continuar evoluindo, subindo a barra, para incentivar as empresas a progredir", afirma. "O ótimo é inimigo do bom, se esperarmos um índice ideal, talvez nunca construiremos esse mercado."

Ranking do ISE

As 10 primeiras empresas no ranking do ISE

Empresa	Setor	Nota no ISE
EDP - Energias do Brasil	Energia elétrica	90,25
Lojas Renner	Varejo	85,13
Telefônica Brasil	Telecomunicações	84,09
CPFL Energia	Energia elétrica	81,99
Natura	Consumo	80,89
Klabin	Papel e celulose	80,81
Itaú	Financeiro	79,9
Ambipar	Água e Saneamento	79,04
Suzano	Papel e celulose	78,79
Engie Brasil Energia	Energia elétrica	78,22

Nota no ISE, por dimensão

	Braskem	Minerva Foods	Azul
Posição no ranking	15ª	44ª	52ª
Capital humano	67,42	56,31	50,02
Governança corporativa e alta gestão	83,67	63,75	65,03
Modelo de negócios e inovação	72,22	65,95	63,15
Capital social	76,61	57,22	61,91
Meio ambiente	74,55	66,10	41,82

Fonte: B3

> Pensando no objetivo final de um índice como esse —e no conceito de ESG—, é preciso ter um modelo que incentive as empresas a melhorar. Às vezes temos que descer do pedestal do mundo perfeito para pensar políticas mais eficientes

Filipe Ferreira
Diretor da Comdinheiro

Empresas americanas incluem responsabilidade social em cálculo de bônus pago a executivos

Patrick Temple-West

NOVA YORK | FINANCIAL TIMES A Starbucks juntou-se à Apple e à Disney ao atrelar compromissos da agenda ESG à remuneração de 2021, segundo análise da provedora de dados Sentieo.

O pagamento vinculado à responsabilidade social cresceu acima de 20% nas empresas que compõem o índice Russell 3000 (que reúne as maiores companhias norte-americanas), de acordo com o Institutional Shareholder Services ESG, da consultoria ISS.

Em 2021, a Starbucks não conseguiu o apoio dos investidores para os bônus executivos do ano anterior, em parte por causa de um pagamento extra de US$ 50 milhões (R$ 253 milhões) oferecido ao presidente da empresa, Kevin Johnson. Em consequência, a rede de café reformulou seus pacotes de remuneração e adicionou novos critérios ambientais e de direitos humanos.

No caso de Johnson, 10% de seu bônus anual foram vinculados a questões ambientais, incluindo esforços para "eliminar canudos de plástico" e "redução de metano no nível agrícola", entre outras coisas.

Outros 10% do pagamento foram atrelados à retenção de funcionários pertencentes a grupos minoritários e a metas relativas ao local de trabalho, disse a Starbucks.

Mas à medida que aumentam os bônus ligados a questões ESG, cresce a desconfiança dos acionistas. Investidores ficaram frustrados com grandes bônus concedidos com pouca prestação de contas.

Os gestores de ativos mostraram preocupação de que, se o pagamento ESG substituir as metas vinculadas ao desempenho das ações, executivos poderão proteger seus bônus em períodos turbulentos.

Kevin Johnson, executivo-chefe da Starbucks, durante conferência da empresa em Nova York Andrew Kelly - 7.dez.2016/Reuters

As métricas ESG para remuneração "são incrivelmente amplas e de alto nível, e quase sempre —pelo menos nos EUA— chegam ao programa [de remuneração] de curto prazo", diz Caitlin McSherry, vice-presidente e diretora de administração de investimentos da Neuberger Berman.

"Mas é justo ser cético sobre o que realmente está em risco na remuneração baseada em desempenho, particularmente em relação aos elementos mais qualitativos que estão sendo trazidos", afirma.

Segundo a ISS, a Apple incorporou em 2021 uma provisão de ESG aos bônus anuais em dinheiro dos executivos, que podem aumentar os salários em 10%. Entretanto, como os executivos da empresa atingiram metas para vendas e receita, esse elemento ESG não foi adicionado ao bônus, disse a empresa.

A ISS recomendou que os acionistas da Apple votassem contra o pagamento a seu executivo-chefe, Tim Cook, e a outros executivos do grupo no início deste mês.

Enquanto isso, a Disney incorporou metas de diversidade e inclusão, tornando esses critérios a métrica não financeira de maior peso no plano de bônus para 2021.

A Apple não quis comentar além de seus registros regulatórios. A Starbucks e a Disney não responderam a pedidos de comentários.

Robin Ferracone, fundadora da consultoria de remuneração Farient Advisors, diz que as empresas devem adotar métricas quantificáveis de pagamento ESG, como as adotadas pela Starbucks.

Segundo ela, as companhias precisam ter "medo do tiro reverso" se pagarem bônus derivados de métricas imprecisas.

"Se uma medida [ESG] não for suportável, você poderá ter problemas com a Comissão de Valores Mobiliários", diz. "Com mais quantificação, será cada vez mais difícil falsificar os resultados."

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Empresas têm dúvidas sobre desempenho sustentável

Métricas complexas e ausência de padronização criam falhas nas avaliações

SÃO PAULO Não é possível gerenciar aquilo que não é medido. Esse conceito da administração ganhou novo sentido em meio à proliferação de compromissos ESG (ambiental, social e governança, na sigla em inglês).

Com investidores direcionando mais capital para negócios sustentáveis, muitas empresas têm corrido para anunciar suas metas e implementar boas práticas. O desafio, porém, é conseguir medir o desempenho nessa agenda.

Diferentemente das questões financeiras, a sustentabilidade não consegue ser avaliada por meio de indicadores objetivos, como faturamento, margem de lucro e fluxo de caixa.

Uma pesquisa feita pela consultoria Accenture com empresas que relataram mais de US$ 1 bilhão em receita mostrou que a dificuldade em avaliar, relatar e gerenciar o desempenho sustentável é generalizada, o que pode inclusive prejudicar o cumprimento de metas ESG.

Segundo o relatório, apenas 26% das companhias possuem informações claras e confiáveis para monitorar seus objetivos de sustentabilidade.

O levantamento também indica que, embora 78% dos executivos estejam buscando entender os riscos ESG em seus negócios, somente 47% definiram as principais métricas e fontes de dados para seus relatórios.

Celso Lemme, professor de finanças e sustentabilidade da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), diz que fazer esse acompanhamento é desafiador, mas houve grandes avanços ao longo dos últimos anos.

Um dos motivos apontados por ele é a disseminação dos sistemas de relato —os chamados "frameworks"— como o GRI (Global Reporting Initiative) e o CDP (Carbon Disclosure Project).

"Essa sopa de letrinhas nem sempre é simples de usar, mas é muito útil para dar uma estrutura de informação", afirma o professor, que integra os conselhos do CDP e GRI.

As iniciativas fornecem modelos para as companhias divulgarem suas informações "não financeiras", como emissões de carbono, gestão de resíduos e relações trabalhistas.

No entanto, a pluralidade de indicadores não necessariamente ajudou a dar mais transparência. O excesso de abordagens causou uma polifonia para os investidores e para as próprias empresas.

Em 2020, as quatro grandes firmas de auditoria (Deloitte, PwC, KPMG e EY), chamadas de Big Four, se uniram para criar uma estrutura comum de relatórios ESG.

A medida, liderada pelo International Business Council, braço do Fórum Econômico Mundial, procura incentivar grandes empresas a adotarem os padrões.

Iniciativa semelhante foi anunciada durante a COP26, a conferência do clima da ONU. A Fundação IFRS, responsável pelas normas internacionais de contabilidade corporativa, inaugurou o ISSB (International Sustainability Standards Board), com o objetivo de definir padrões de divulgação sustentável para as empresas. A ideia é ajudar investidores e permitir que as informações sejam comparáveis.

Ricardo Assumpção, diretor-executivo da consultoria Grape ESG Karime Xavier - 1.jul.2021/Folhapress

> "Se não há padrão nenhum, as empresas ficam perdidas, mas se o padrão é absoluto, vira camisa de força
>
> **Celso Lemme**
> professor de finanças e sustentabilidade da UFRJ

Ricardo Assumpção, diretor-executivo da consultoria Grape ESG, diz que a profusão de modelos adotados gerou confusão no mercado. "Existe hoje uma grande pressão dos investidores para arrumar essa bagunça", afirma.

Segundo ele, a forma de medir a sustentabilidade atualmente é falha, o que pode ser percebido na discrepância entre as avaliações de agências de rating (classificação).

"Se uma empresa vai bem em um índice, não há garantia nenhuma de que ela será bem avaliada em outro", diz.

Por se tratar de um tema complexo e menos sujeito a indicadores objetivos, o desempenho sustentável de uma companhia fica refém de decisões metodológicas.

Certo índice ESG pode dar mais peso a questões ambientais, enquanto outro valoriza os aspectos de governança. A consequência disso é que a avaliação de uma mesma empresa sofre variações bruscas de um índice para outro.

Um estudo da escola de negócios do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) avaliou a discrepância entre as maiores agências de ratings ESG do mundo e concluiu que a forma de monitorar o tema é confusa e desbalanceada.

Os pesquisadores descobriram que a correlação entre as notas dadas por organizações como MSCI, Sustainalytics e Refinitiv foi, em média, 0,61 —indicando um baixo alinhamento entre elas. A escala varia de zero (nenhuma correlação) a um (máxima correlação). Os ratings de crédito da Moody's e da S&P, por exemplo, estão correlacionados em 0,92.

Para Assumpção, iniciativas como o ISSB são positivas, pois facilitam o trabalho das empresas e dos investidores.

"Isso é essencial para conseguirmos comparar a sustentabilidade que, hoje, é incomparável no mundo todo, e mais ainda no Brasil", afirma.

Celso Lemme, da UFRJ, também acredita que os esforços de convergência são meritórios, mas faz uma ressalva: padronizar demais pode tirar a essência do ESG.

"Se não há padrão nenhum, as empresas ficam perdidas, mas se o padrão é absoluto, vira camisa de força. A métrica não pode ser o alvo, ela é a flecha."

O professor diz que as empresas estão medindo seus desempenhos em sustentabilidade de forma cada vez melhor e frequente, mas realçando só o que julgam estar indo bem.

Ele compara os relatórios aos currículos profissionais. "Geralmente as pessoas não mentem, dizendo fazer algo que não é verdade, mas dão mais destaque àquilo que fazem de melhor", diz.

Segundo Lemme, é fundamental considerar a materialidade, isto é, os temas que são impactados pela atividade da empresa. "Economia de recursos hídricos, por exemplo, não deve ter o mesmo peso na análise ESG de um banco e de uma empresa de bebidas."

Os exageros em divulgações de sustentabilidade foram abordados em artigo da Harvard Business Review. A publicação argumenta que, embora os relatórios tenham se multiplicado nos últimos 20 anos, as emissões de carbono e os danos ambientais continuaram aumentando, assim como as desigualdades sociais.

"Relatório não é uma proxy [procuração] para o progresso. A medição é, muitas vezes, fora do padrão, incompleta, imprecisa e enganosa", diz o artigo. "Pior ainda, o foco em relatórios pode realmente ser um obstáculo ao progresso [...], desviando a atenção da necessidade real de mudanças de mentalidade, regulamentação e comportamento corporativo", acrescenta.

Outro desafio para que uma empresa consiga avaliar seu desempenho sustentável é a ausência de indicadores. Nem todas as questões socioambientais são traduzidas em métricas precisas.

A contribuição de uma companhia para o efeito estufa, por exemplo, pode ser medida pela quantidade de carbono que ela emite. Já os impactos na biodiversidade não são tão fáceis de monitorar.

Em outros casos, indicadores de processo se confundem com os de impacto, como acontece nas metas de diversidade. Empresas conseguem medir a quantidade de pessoas negras e de mulheres nas equipes, mas não necessariamente capturam o resultado almejado: decisões corporativas que reflitam múltiplas perspectivas.

Marcos Rodrigues, sócio da BR Rating, primeira agência brasileira de classificação de risco ESG, concorda que não é fácil para uma empresa saber o seu estágio sustentável. No entanto, ele diz haver formas de se aproximar desse entendimento.

As análises independentes são uma delas. Em vez de responder a um questionário genérico, a companhia passa por uma avaliação aprofundada, com auxílio de entrevistas e documentos.

"Com outra companhia avaliando, a empresa não vai divulgar o que ela quer. O greenwashing [propaganda enganosa verde] ocorre, na maioria das vezes, com o uso da informação incorreta ou mentirosa. Ter uma análise independente garante mais transparência", afirma.

Thiago Bethônico

Airbus vai testar motor a hidrogênio em superjumbo A380

Sylvia Pfeifer

LONDRES | FINANCIAL TIMES A Airbus pretende usar um superjumbo A380 para testar motores a jato movidos a hidrogênio. A companhia europeia se prepara para pôr em serviço uma aeronave com emissão zero até 2035.

O grupo baseado em Toulouse, no sul da França, disse que vai trabalhar com a CFM International, joint-venture entre a francesa Safran e a americana General Electric, para desenvolver um propulsor capaz de funcionar com hidrogênio. Executivos disseram que a aeronave de teste transformada voará até o final de 2026.

O empreendimento surge em meio à crescente pressão sobre o setor de aviação para cortar a poluição e cumprir as metas de zerar emissões até 2050. Antes da pandemia, que causou a paralisação de grande parte das aeronaves do mundo, a aviação representava aproximadamente 2,4% das emissões globais de poluentes.

Airbus A380 é exibido em aeroporto no condado de Hampshire, Inglaterra Carl Court - 14.jul.2014/AFP

"Para alcançar essas metas até 2050, a indústria precisa agir agora, e estamos agindo", disse Gael Meheust, executivo-chefe da CFM.

O avião vai manter suas quatro turbinas convencionais, e uma quinta adaptada para hidrogênio será montada na parte traseira da fuselagem.

O número de desafios técnicos é grande. Segundo os planos, 400 quilos de hidrogênio líquido serão armazenados em quatro tanques a -253°C. Um novo sistema de distribuição criogênica deverá ser desenvolvido.

O hidrogênio também terá de ser transformado em gás antes da combustão. Esse gás queima a uma temperatura muito mais alta do que o combustível de aviação convencional, por isso materiais especiais de resfriamento e revestimento também precisarão ser desenvolvidos.

"O hidrogênio é mais difícil? Sim. É factível? Totalmente", disse Mohamed Ali, vice-presidente e diretor geral de engenharia na GE Aviation.

Executivos afirmaram que a decisão de usar um A380, o maior avião de passageiros do mundo, dará aos engenheiros mais espaço para coisas como os tanques e equipamentos de testes.

Contudo o produto comercial será muito menor. A Airbus disse que deverá produzir inicialmente uma aeronave regional ou de menor alcance.

A indústria de aviação está dividida sobre a velocidade com que as companhias podem fazer o motor a hidrogênio acontecer.

Fora os complexos desafios de engenharia, investimentos significativos serão necessários para acumular o estoque de hidrogênio "verde" e para mudar as exigências de armazenamento de combustível nos aeroportos e desenvolver a infraestrutura associada.

Os críticos dizem que combustíveis sustentáveis são a única solução prática para a aviação menos poluente.

Engenheiros da Airbus estão trabalhando em vários conceitos de emissão zero, todos os quais contam com o hidrogênio como fonte de energia primária. Sabine Klauke, diretora de tecnologia, disse que a companhia decidirá até o fim desta década o caminho a seguir.

Klauke admitiu que "um trabalho e investimento enormes" serão necessários para desenvolver a aeronave de demonstração. A Airbus não quis revelar o tamanho exato do investimento, mas disse que faz parte de seus "planos gerais de pesquisa e desenvolvimento".

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Mercado financeiro precisa de mais gente formada em humanas

Demonização dessa área de conhecimento debilitou nossa capacidade de fornecer múltiplas interpretações

OPINIÃO

Rodrigo Tavares
Fundador e presidente do Granito Group; professor catedrático convidado na NOVA School of Business and Economics, em Portugal. Nomeado Young Global Leader pelo Fórum Econômico Mundial, em 2017

Quais os possíveis impactos das alterações climáticas na gestão de uma carteira de investimentos? Essa foi uma das perguntas que 80 dos meus alunos tiveram que responder recentemente no exame final da cadeira em finanças sustentáveis.

Oriundos de todo o mundo, exímios em cálculo financeiro, 79 estudantes se debruçaram sobre como o risco climático poderá impactar o cálculo do Índice Beta.

Outros olharam para a história e mencionaram o relatório Stern, um estudo encomendado pelo governo britânico sobre os efeitos das alterações climáticas na economia global nos próximos 50 anos. Alguns fizeram projeções de cenários futuros. Vários fizeram uma diferenciação de acordo com a classe de ativos. A maioria das respostas foi um repasto de sabedoria.

Mas a aluna que teve nota máxima foi a única que respondeu que as alterações climáticas poderão, em alguns casos, não impactar a gestão de ativos financeiros.

Ela utilizou todas as referências que aprendeu na sala de aula para deixar as suas impressões digitais numa visão contrastante e densamente argumentada. Abdicou de ser um mero canal de transmissão e passou a ser um veículo de emissão de informação original. Pensou, não memorizou ou calculou.

Os alunos que terminam agora os seus estudos em escolas de negócios mudarão de emprego, e possivelmente de área profissional, sete ou oito vezes. São a materialização de um mundo globalizado em constante agitação.

Ao invés de treinarmos os alunos para memorizarem a verdade, temos que inspirá-los a criá-la; em oposição ao cultivo de uma única especialidade, temos que fecundar a sua capacidade de adaptação; para superar o seu natural autocentrismo, temos que dar-lhes a oportunidade de experimentar as ansiedades de terceiros.

Conhecimentos STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) continuam sendo fundamentais, mas o Fórum Econômico Mundial destaca que entre as dez habilidades mais valorizadas no futuro estarão também a capacidade de analisar criticamente e de resolver problemas; a capacidade de mostrar iniciativa, inovação e criatividade; e a capacidade de ser flexível, tolerante e resiliente.

A demonização das Humanidades, iniciada com o Fordismo do século 20 e agudizada ao longo do último século pela apologia à velocidade, pelas respostas peremptórias e pontiagudas e pela robotização da produção, debilitou a nossa capacidade de oferecer múltiplas interpretações para tornar inteligível um problema complexo. Valorizamos mais a aptidão para a resposta pronta, aquela que estala da boca com hálito a ciência, do que o virtuosismo de uma resposta multiforme.

Os mercados financeiro e corporativo precisam de mais profissionais formados em Humanidades. Mas estes começam a escassear. Nos EUA, apenas 5,4% das graduações e 3,4% dos mestrados são dedicados às Humanidades, segundo a OCDE. Luxemburgo, França, Alemanha, Dinamarca e Itália lideram esse ranking, com percentagens que, ainda assim, não ultrapassam os 13%.

[...]

Ao invés de treinarmos os alunos para memorizarem a verdade, temos que inspirá-los a criá-la; em oposição ao cultivo de uma única especialidade, temos que fecundar a sua capacidade de adaptação; para superar o seu natural autocentrismo, temos que dar-lhes a oportunidade de experimentar as ansiedades de terceiros

A humanização do mercado corporativo e profissional pode conter um elemento moral que é, geralmente, alvo de vandalismo ideológico e até partidário. É também através dessa lente que o mercado financeiro é apresentado como um mecanismo de extração de valor, e não de criação de riqueza.

Mas há aqui um aspecto utilitarista que precisa ser considerado. A passagem de graduados em Humanidades pelo mercado financeiro, habitando-o, poderá possibilitar a melhoria do desempenho corporativo, mesmo que interpretado da forma mais percentualizada possível.

Podemos treinar os alunos a calcular fórmulas de desvio padrão para determinar o valor nominal do risco de um ativo. Mas será mesmo possível calcular o risco —de crédito, político, ambiental, social, de governança— de uma empresa sem pularmos a cerca da equação matemática?

Podemos treinar profissionais para as linguagens de programação Python ou Java. Mas será que é possível criar tecnologia sem entender a psicologia dos seus usuários ou sem explorar as dimensões éticas e culturais que possibilitarão o usufruto dessa engenharia?

Novas tecnologias como a inteligência artificial provocam questões sobre o significado de ser humano. Para responder a essas questões, precisamos de versatilidade cognitiva, não de unilateralidade.

A bipolarização entre a Ciência e as Humanidades não é benéfica nem para as Ciências nem para as Humanidades. Muitos conceitos financeiros brotaram das Ciências Humanas. O mercado de opções foi proposto por Tales de Mileto, o pai da filosofia grega e um homem de negócios.

A lógica da diversificação aparece no Talmude hebraico e no livro bíblico de Eclesiastes. O princípio da equanimidade do filósofo político John Rawls foi adaptado à gestão de um portfólio de investimentos por Dan Iancu, da Universidade de Stanford.

Em São Paulo, os 450 metros a pé que separam a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade são medidos em quilômetros por quem frequenta ambas as faculdades.

Mas, nos EUA, a Universidade de Stanford e o MIT —historicamente conhecidas pelo seu enfoque em engenharias e economia— estão atualmente posicionadas nos dois primeiros lugares do ranking das melhores universidades em Humanidades e Artes (Times Higher Education World). O mundo mudou e as universidades mudaram.

Também dispararam as contratações de especialistas em ética, filosofia e antropologia em empresas como Apple, Meta ou Alphabet. Na Google, os projetos Oxygen e Aristotle, iniciados em 2009 e em 2012, visaram analisar matematicamente todos os dados internos disponíveis para identificar as qualidades que conduziam a um melhor desempenho individual.

A resposta: os melhores profissionais são aqueles que têm sentido crítico, criativo e empático mais vincado. Os estudos internos levaram a que contratação de graduados em Humanidades crescesse como funções exponenciais duplas.

O mundo mudou e as corporações mudaram.

Carlos Domingues

Empresas precisam ser desproporcionais na pauta racial

À frente de iniciativa que reúne 47 companhias, diretor-executivo do Mover defende ações específicas para pessoas negras

Zanone Fraissat/Folhapress

Carlos Domingues, 34

Líder da área de diversidade, equidade e inclusão da PepsiCo e diretor-executivo do Mover, é profissional de recursos humanos há mais de 15 anos. Possui graduação em ciências contábeis pela Universidade São Judas e MBA em economia e RH pela FGV (Fundação Getulio Vargas).

SÃO PAULO Em novembro de 2020, João Alberto Silveira Freitas foi espancado e morto por dois seguranças de uma unidade do Carrefour, em Porto Alegre. Homem negro, ele morreu na véspera do Dia da Consciência Negra.

Episódios como esse podem revelar a falta de compromisso de grandes companhias com a pauta racial. Ao mesmo tempo, podem ainda servir como marco para transformações.

Ainda não dá para dizer que o assassinato de João Alberto fez o mundo corporativo mudar, mas ele motivou algumas iniciativas. Naquele mesmo mês de novembro, grandes empresas se juntaram para criar o Mover, movimento pela equidade racial que hoje reúne 47 companhias, como Ambev, BRF, Coca-Cola, Magalu, Nestlé e PepsiCo.

O movimento tem a meta de gerar 10 mil novas posições para pessoas negras em cargos de liderança até 2030, além de impactar 3 milhões de profissionais negros com iniciativas de emprego e empreendedorismo.

Para Carlos Domingues, diretor-executivo do Mover e líder da área de diversidade e inclusão da PepsiCo, as companhias precisam ser desproporcionais em suas iniciativas hoje para que a equidade racial possa existir no futuro.

"Ser desproporcional é ter programas e iniciativas específicos para pessoas negras e para mulheres negras", afirma.

Segundo ele, iniciativas de combate ao racismo não servem apenas à população negra, mas a toda sociedade, e o Mover pode ser uma ferramenta para estimular essas ações.

"É um compromisso sério, que além de aportar capital intelectual e financeiro, é compromisso interno também, de mudar a cara, a cor e a representatividade nas posições de liderança dentro da organização", diz.

*

O Mover pretende ser uma ferramenta de combate ao racismo. Como? Nós temos três grandes objetivos. Um deles é fazer a transformação dentro das nossas empresas, garantindo representatividade de negra na liderança —que é onde conseguimos atuar de maneira efetiva.

> “As pessoas que têm privilégios não conseguem abrir mão num primeiro momento ou reconhecer essas iniciativas como importantes para toda a sociedade avançar. Essas iniciativas não são importantes só para as pessoas negras vencerem.

Outro objetivo é levar investimento para fora das companhias, impactando 3 milhões de pessoas negras por meio de editais para capacitação, empregabilidade e conexão com empreendedores.

A terceira meta é ser uma plataforma que ajuda a população a se conscientizar sobre o racismo e práticas antirracistas. No ano passado, por exemplo, nós fizemos o Dia de Mover, onde levamos a discussão racial para 1,3 milhão de funcionários das nossas empresas.

Existem outros movimentos em prol da agenda racial no ambiente corporativo. O que diferencia o Mover dessas iniciativas? Eu não sei se há algo que diferencie o Mover. A ideia do grupo é o movimento. Somos capazes de construir iniciativas juntos, entre as organizações.

Tem uma parte importante, e isso pode ser um diferencial, que é o compromisso que as empresas assumiram com a liderança negra. As empresas que fazem parte do Mover entregarão 10 mil novas posições de lideranças negras até 2030. Esse é um compromisso que nos diferencia, nos ajuda a repensar nossos processos de recrutamento e de desenvolvimento.

Atualmente, quantas dessas 47 empresas têm CEOs negros? O Mover está fazendo um trabalho de levantamento de dados para mostrar qual o nosso baseline [linha de base], tendo em vista a meta que queremos alcançar. Mas, atualmente, nós temos três CEOs que se autodeclaram negros.

O Mover tem um orçamento para as iniciativas? As empresas que participam do Mover fazem um investimento anual, que nós utilizamos para a estrutura, a comunicação e também para os editais que vamos lançar em parceria com instituições, a fim de proporcionar empregabilidade, empreendedorismo e capacitação. Mas cada empresa continua com suas responsabilidades e investimentos internos.

E qual o valor do orçamento anual? Em torno de R$ 15 milhões.

O Mover surgiu logo após a morte do João Alberto no Carrefour. O caso motivou a criação? Existe mais de um motivador para a criação do Mover. Algumas empresas que fazem parte do grupo já estavam reunidas entre abril e junho de 2020 para criar o Movimento Nós, que levava uma ajuda para o pequeno varejo naquele início de pandemia.

Essa iniciativa despertou a noção de que era possível fazer coisas melhores e maiores, potencializando ações e iniciativas que já temos dentro das organizações. A diversidade foi uma das agendas.

Em novembro, teve esse caso [do Carrefour], que também foi um motivador para que nós nos juntássemos e fizéssemos uma carta na semana seguinte com o compromisso de construir um plano para combater o racismo estrutural.

Depois de oito meses, viemos com esse plano constituído nos três pilares: compromisso interno das empresas com lideranças negras; impactar 3 milhões de pessoas negras na sociedade; e ser essa ferramenta de comunicação para apontar caminhos e práticas antirracistas.

Episódios de racismo continuam acontecendo no mundo corporativo. O que uma empresa pode fazer para evitar isso? Nós temos criado cartilhas, treinamento e capacitação. Uma força que temos feito é em relação ao letramento racial. Temos levado para as organizações o histórico da questão racial no Brasil, que é algo ainda muito desconhecido.

É importante conectar com o passado para entender as desigualdades que existem hoje na nossa sociedade e também para apontar caminhos. Todos que participam do Mover já passaram por esse letramento.

Você ocupa uma posição de liderança numa grande empresa, o que é uma exceção no contexto brasileiro. Quais dificuldades já passou no mercado de trabalho e que ainda precisam ser mudadas? Eu acredito que a consciência negra vem com o tempo, sabe? Eu nunca tive dúvida sobre a minha negritude. Eu sou um negro retinto, então para mim isso sempre foi muito evidente. Mas à medida que fui crescendo profissionalmente, fui ficando mais sozinho. Seja dentro das organizações ou nos espaços que frequento, como restaurantes.

Isso começou a me trazer mais consciência e um olhar mais crítico. Eu passei a entender que nós precisamos rever, e muito, a forma como as políticas [corporativas] foram implementadas. Elas não tinham um olhar de inclusão, elas não eram intencionais e, por muitas vezes, elas poderiam até reforçar o racismo estrutural.

Durante a minha jornada de capacitação para o mercado de trabalho, eu estava pouco consciente sobre as dificuldades e posso dizer que não era tão crítico. Mas depois que eu ascendi na carreira, comecei a prestar mais atenção em todo esse processo. Hoje tenho clareza de que as políticas e os processos precisam ser revistos e precisam ter intencionalidade para fazermos a transformação que nós queremos.

Além da questão da falta de diversidade no quadro de funcionários, outro problema que aparece está relacionado à remuneração. Como é a questão salarial hoje no mercado? Eu vejo várias empresas que têm adotado políticas para equity pay [equidade de pagamento]. O Mover tem algumas companhias com boas práticas, e esse é um dos caminhos. Mas outro caminho é garantir que as pessoas negras estejam nas posições de liderança.

> “As empresas que fazem parte do Mover entregarão 10 mil novas posições de lideranças negras até 2030. Esse é um compromisso que nos diferencia, nos ajuda a repensar nossos processos de recrutamento e de desenvolvimento.

Olhando o cenário atualmente, quão distante estamos dessa igualdade salarial? Eu não tenho dados de hoje, mas uma pesquisa de 2019 mostra que ainda temos homens brancos no topo da pirâmide, depois mulheres brancas, homens negros e mulheres negras. Nós temos urgência com esse tema e precisamos acelerar a representatividade, fazendo com que as empresas olhem de forma consciente para a equidade salarial.

As desvantagens no mercado de trabalho são ainda maiores para as mulheres negras. Na sua visão, é preciso criar programas específicos para esse público? Sim, acho que tem que ser intencional. Nós precisamos ser desproporcionais hoje para garantir que, em algum momento, vamos ter igualdade. Ser desproporcional é ter programas e iniciativas específicos para pessoas negras e para mulheres negras.

A agenda ESG impulsionou a pauta racial no mundo corporativo. Você acha que o compromisso é real ou tem empresa só tentando capitalizar em cima desse discurso? Eu sou otimista, mas além disso tenho visto casos concretos. O Mover é um deles. Nós temos 47 grandes organizações que se comprometeram em ser um instrumento de mudança. É um compromisso sério, que, além de aportar capital intelectual e financeiro, é compromisso interno também, de mudar a cara, a cor e a representatividade nas posições de liderança dentro da organização.

Há empresas que fazem disso algo para as mídias sociais? Talvez haja, mas o que eu tenho visto são empresas que estão conseguindo aterrissar em ações e lançar programas que propõem uma mudança de fato.

Recentemente, uma campanha sobre racismo feita pela rede de academias Bodytech foi criticada nas redes sociais, inclusive por autoridades. Como você avalia esse tipo de caso? Quando não nos posicionamos, nós acabamos sendo posicionados. Uma propaganda como a da Bodytech traz para o mercado uma oportunidade de diálogo, de reflexão e diz quais são os valores da companhia. Eu vejo isso de uma forma muito positiva.

Que existe na sociedade uma reação a esse tipo de posicionamento, isso não é de hoje. A Robin DiAngelo, que é uma escritora americana, escreveu um livro falando sobre prática antirracista e traz um conceito sobre fragilidade branca, que tem a ver com isso.

Quando surgem ações afirmativas ou de conscientização, existe uma reação devido a essa fragilidade. As pessoas que têm privilégios não conseguem abrir mão num primeiro momento ou reconhecer essas iniciativas como importantes para toda a sociedade avançar. Essas iniciativas não são importantes só para as pessoas negras vencerem.

Acha que esse tipo de retaliação pode fazer com que empresas se afastem da discussão? Sempre é uma possibilidade, mas temos vários casos recentes que mostram que o movimento contrário [ao dos críticos] é muito maior. Algumas empresas, por exemplo, fizeram campanha de dia dos pais trazendo a questão LGBTQIA+ e as ações dispararam. Nós temos evidências de como esse movimento é muito mais potente entre as pessoas que se engajam do que entre as pessoas que tentam deixar a discussão nebulosa. **TB**

648.989 mortes
País registrou 722 óbitos entre sexta e sábado

28.743.091 casos
Mais 71.897 infecções foram detectadas em 24 horas

Ponto de distribuição de ivermectina, na cidade de Itajaí, em Santa Catarina, em março do ano passado Caio Cezar/UOL

TCU vê possíveis danos aos cofres públicos por 'kit Covid'

Prejuízo seria com todo o gasto com drogas ineficazes contra a doença

Vinicius Sassine

BRASÍLIA O TCU (Tribunal de Contas da União) aponta, em um relatório da área técnica, a ocorrência de dano integral aos cofres públicos caso se confirme a invalidade das orientações do Ministério da Saúde para uso de drogas como cloroquina e azitromicina contra a Covid-19.

O chamado 'kit Covid' não tem eficácia comprovada para tratar a doença e, mesmo assim, foi o carro-chefe de Jair Bolsonaro (PL) durante a pandemia. Entusiasta da cloroquina, o presidente é crítico das vacinas, do uso de máscaras e do distanciamento social.

A possibilidade de configuração de "dano ao erário referente aos valores integrais", gastos pelo governo Bolsonaro com cloroquina e outras drogas, aparece em um relatório de auditores do TCU concluído no último dia 3.

O documento integra um processo que analisa possíveis irregularidades na produção de cloroquina pelo Laboratório Químico e Farmacêutico do Exército. Entre as suspeitas investigadas estão superfaturamento, explosão de quantidades produzidas e responsabilidade direta de Bolsonaro na produção.

O mesmo relatório apontou "indícios robustos" de fraude em licitações por parte da empresa que forneceu ao Exército o insumo necessário para a fabricação da cloroquina, como a **Folha** mostrou no último dia 17.

Para atender a um desejo de Bolsonaro, o então ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva, viabilizou a fabricação de 3,2 milhões de comprimidos de cloroquina em 2020. A última produção pelo laboratório do Exército havia sido em 2017: um total de 265 mil comprimidos, segundo o TCU.

"Eventual reconhecimento pela nulidade da nota informativa 17/2020 do Ministério da Saúde poderá resultar, em tese, na irregular aquisição dos insumos para a finalidade de tratamento da doença pandêmica, ocasionando dano ao erário referente aos valores integrais utilizados para tal aquisição", cita o documento da área técnica.

A nota informativa citada, publicada pela gestão do general da ativa Eduardo Pazuello no Ministério da Saúde, orientava explicitamente o uso de cloroquina, hidroxicloroquina e azitromicina em pacientes com Covid.

O relatório dos auditores do TCU não avança no valor de um possível dano aos cofres públicos. A CPI da Covid no Senado, em seu relatório aprovado em outubro do ano passado, fez um cálculo sobre autorizações de gastos de dinheiro público com o 'kit Covid'.

Segundo o relatório da CPI, os empenhos —autorizações de gastos— relacionados à aquisição de cloroquina, hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina em 2020 somaram R$ 41 milhões. Em 2019, antes da pandemia, foram R$ 2,4 milhões.

Com cloroquina e hidroxicloroquina, o valor empenhado em 2020 foi de R$ 30,6 milhões, de acordo com a CPI. O gasto é atribuído ao Fundo Nacional de Saúde.

Se confirmado o dano aos cofres públicos em relação a valores integrais, "não remanesceria a questão da possibilidade de compra em excesso do fármaco, já que toda a compra seria irregular", afirmaram os técnicos do TCU.

Eles sugeriram suspender a apuração sobre irregularidades na produção de cloroquina até que exista uma definição sobre a ilegalidade de se ofertar um medicamento "off label" pelo SUS (Sistema Único de Saúde) sem autorização da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Esse é o caso do 'kit Covid': as drogas foram usadas para combater a doença, que não está prevista na bula dos medicamentos. A aquisição e a oferta se deram via SUS, e não havia autorização da Anvisa para isso, como constatou uma segunda auditoria do TCU.

O relatório apontou ilegalidade no uso de recursos do SUS para o fornecimento de cloroquina a pacientes com Covid. O documento integra um processo que apura irregularidades na gestão de recursos públicos por Pazuello para o fornecimento de cloroquina e hidroxicloroquina a pessoas com a doença.

A possibilidade de dano aos cofres públicos também foi citada nesse segundo processo.

Os dois processos seguem sem conclusão.

"Não comprovada a boa e regular aplicação do recurso público, inclusive sob aspecto da eficiência, o tribunal certamente agirá com a adoção das medidas que se mostrem necessárias, inclusive com responsabilização daqueles que eventualmente tiverem causado dano ao erário", cita um relatório do tribunal.

O avanço de investigações sobre ilegalidade na destinação de cloroquina e sobre um consequente dano aos cofres públicos pode explicar a resistência da gestão do atual ministro, Marcelo Queiroga, em validar o veto ao 'kit Covid' no tratamento da doença, para além do temor de contrariar o discurso de Bolsonaro.

Em dezembro, a Conitec (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no Sistema Único de Saúde) aprovou documento que rejeita o uso, no SUS, do kit em pacientes com Covid. No mês seguinte, o ministério barrou a publicação das diretrizes aprovadas pela Conitec.

O então secretário de Ciência e Tecnologia da pasta, Hélio Angotti Neto, foi o responsável por barrar as diretrizes. Ele não aprovou capítulos sobre tratamento hospitalar e ambulatorial de pacientes com Covid.

Os capítulos não recomendavam o uso de cloroquina nesses pacientes, diante das evidências de ineficácia.

Angotti segue a cartilha de Bolsonaro e é defensor da droga. Recursos contra a decisão foram apresentados ao ministério. O secretário rejeitou esses recursos. Agora, a decisão final cabe a Queiroga.

A reportagem questionou o Ministério da Saúde sobre os apontamentos do TCU relacionados a danos aos cofres públicos e se essa possibilidade faz a pasta manter indefinida uma resolução sobre o 'kit Covid'. Não houve resposta.

Auditorias do TCU já confirmaram que parte da cloroquina fabricada pelo Exército foi utilizada em pacientes com Covid hospitalizados e em estado grave.

O tribunal também confirmou que o Ministério da Saúde desviou para Covid comprimidos de cloroquina fabricados pela Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz) para o combate à malária.

O TCU passou a investigar esse desvio após a **Folha** revelar, em reportagens publicadas em fevereiro e março de 2021, que a pasta usou a Fiocruz para produzir cloroquina para Covid. De 3 milhões de comprimidos fabricados para malária, 2 milhões foram desviados para tratar Covid.

A iniciativa chegou a deixar o programa nacional de controle da malária descoberto, com risco de desabastecimento da droga, o que obrigou um aditivo em caráter urgente para produção de mais 750 mil comprimidos.

Secretaria orienta omitir falta de previsão de remédio

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO A Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo determinou que os funcionários das farmácias não podem mais dizer aos pacientes da rede pública que não há previsão de chegada de medicamentos que estejam em falta nas unidades.

Um email com essa determinação foi enviado em 15 de fevereiro em caráter de urgência, assinado por uma gestora da pasta. A mensagem diz que o objetivo é evitar que esse tipo de informação apareça na imprensa.

"Orientar todos os profissionais das farmácias do município que não respondam aos usuários que não há previsão para recebermos determinado medicamento. Todos os itens ou estão no CDMEC [Centro de Distribuição de Medicamentos e Correlatos] ou em processos de compra em andamento. Não queremos mais que essa informação seja veiculada pela imprensa", diz o informe.

A regra surge em meio a uma série de reclamações de desabastecimento nas farmácias da rede pública.

A **Folha** teve acesso a uma cópia do email e confirmou o recebimento em cinco farmácias da rede pública, nas regiões leste, sul e norte. Procurada, a pasta disse que a orientação é mostrar que não há falta de medicamentos sem previsão de entrega.

"Todos os medicamentos fornecidos pela rede municipal estão em fase de distribuição, remanejamento de estoque ou em processo de compra, portanto já provisionados ou em fase de reposição", diz trecho da nota.

No país, a compra de medicamentos é dividida entre as esferas governamentais. No caso dos básicos, a responsabilidade é das prefeituras.

Ao acessarem o sistema, os farmacêuticos que fazem a dispensação do remédio ao paciente só conseguem informações sobre o estoque, segundo servidora de uma unidade de saúde.

Ela afirmou não ter acesso a informações como previsão de chegada ou status da aquisição do medicamento.

Por meio de nota, a Secretaria Municipal da Saúde explicou que, além dos dados de estoque, a equipe da farmácia local consegue saber o consumo de medicamentos da sua unidade.

De acordo com a pasta, o munícipe também pode consultar a disponibilidade de estoque nas farmácias pelo aplicativo Aqui tem remédio.

Para o médico sanitarista Adriano Massuda, professor da Escola de Administração do Estado de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, a prática pode ser configurada como improbidade administrativa.

"Na medida em que você orienta os servidores a sonegarem informação da população, isso é improbidade administrativa passível de algum tipo de punição. Os órgãos de controle deveriam ficar em cima disso. O gestor deve informar a população com relação à real situação da administração pública."

CIDADE DE SÃO PAULO

Circular enviada por gestora da Atenção Básica orienta sobre informações a respeito da falta de medicamentos Reprodução

"É um absurdo mandar uma circular para esconder o problema debaixo do tapete", completa.

Há situações no processo de aquisição de remédios que podem impedir a gestão de prever a entrega e a dispensação. Entre elas estão problemas com a licitação ou o fornecedor, como o descumprimento do prazo de entrega.

Também pode haver licitações desertas (sem nenhuma proposta) ou que descumprem exigências do edital.

> "Orientar profissionais das farmácias do município que não respondam aos usuários que não há previsão para recebermos medicamento
>
> **Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo**
> circular interna

A **Folha** questionou a Secretaria Municipal da Saúde a respeito de alguns medicamentos em falta no momento da produção da reportagem, como o ácido fólico (em gotas ou comprimido), o AAS (ácido acetilsalicílico), a gliclazida e a sertralina.

Na AMA/UBS Integrada Água Rasa, a reportagem presenciou pacientes não acharem amoxilina, ivermectina, omeprazol e levotiroxina.

A secretaria afirmou que o ácido acetilsalicílico 100 mg se encontra com estoque abastecido na rede, assim como a gliclazida e a sertralina —na unidade de saúde referida, a reportagem presenciou a farmacêutica dizer a uma usuária que a medicação continuava em falta.

A pasta também disse que há estoque de amoxicilina 500 mg e ivermectina 6 mg.

Sobre o omeprazol 20 mg (cápsula), a Coordenadoria Regional de Saúde Sudeste solicitou o remanejamento do produto entre as UBSs da região para atender a demanda da unidade em questão.

O ácido fólico em gotas, de acordo com a pasta, tem previsão de entrega para 24 de fevereiro e, como comprimidos, deverá ser disponibilizado nos próximos dias, assim como a levotiroxina —nos dois últimos casos, a secretaria não deu uma data.

O órgão diz que recebeu, em dezembro de 2021, mais de 867,5 milhões de unidades de medicamentos e insumos, com investimento total de R$ 116 milhões.

EUA afrouxam uso de máscara em local fechado

WASHINGTON | AFP Os Estados Unidos revisaram nesta sexta (25) de forma drástica as diretrizes para o uso de máscaras para conter a Covid-19, uma decisão que significa que a maioria dos americanos não será aconselhada a usá-las em ambientes fechados, inclusive as crianças em idade escolar.

"Estamos em um lugar mais forte hoje como nação, com mais ferramentas para proteger a nós e nossas comunidades da Covid-19", disse Rochelle Walensky, diretora do CDC (Centro para o Controle e Prevenção de Doenças).

As mudanças abrangem as métricas usadas para determinar se as pessoas devem usar máscara. Segundo as diretrizes atuais, o uso é vinculado à taxa de contágio, com 95% do país considerado área de alto risco ou risco substancial de transmissão e, portanto, com alerta para o uso de máscara.

As novas métricas incluem as hospitalizações por Covid-19 e a capacidade hospitalar local para criar uma nova medida conhecida como "nível comunitário de Covid-19". Os moradores podem checar o site do CDC para verificar se sua área está em verde, amarelo ou laranja no mapa.

Agora, mais de 70% da população vive em regiões sem recomendação para máscaras, inclusive escolas nas áreas verdes ou amarelas.

cotidiano

Marcos Vinicius Tavares e Aline Ezequiel, depois do velório do filho, Davi, 5, uma das vítimas da tragédia ocorrida na cidade fluminense Eduardo Anizelli/Folhapress

Desastre interrompeu o futuro de 42 crianças em Petrópolis

Um quinto dos mortos na avalanche de lama na serra do RJ era menor de idade

Júlia Barbon

PETRÓPOLIS (RJ) Uma borboleta voou assim que o corpo de Bento foi encontrado sob a lama. Por alguns segundos, ela pairou sobre o exato ponto onde ele estava, fazendo com que os bombeiros se ajoelhassem. Era azul, assim como a cor que simboliza o autismo.

O transtorno ainda impedia que o menino de 5 anos falasse, mas há pouco tempo havia conseguido chamar o empresário Felipe Ferreira, 40, de "tio". A terceira dose da vacina contra a Covid-19 também permitiu uma festa de aniversário no mês passado, depois de dois anos isolado em casa.

Estava com o pai quando uma avalanche de terra misturada com água invadiu o imóvel, no segundo andar de um predinho em que toda a família morava próximo à rua Teresa. Era o primeiro dia de aula há muito tempo dele e da irmã Sofia, de 1 ano, que dormia no quarto e foi arrastada junto com a mãe.

Bento e Sofia de Freitas Garcia estão entre as 42 crianças e adolescentes que tiveram o futuro interrompido pela tempestade que castigou Petrópolis (RJ) no último dia 15. A chuva teve seu maior volume no fim da tarde, quando muitas delas estavam em casa com mães e avós.

Menores de idade são cerca de um quinto dos ao menos 219 mortos na tragédia achados até sexta (25). Mulheres são maioria. Só a ajudante de cozinha Sara Aparecida Luiz, 40, perdeu quatro: dois filhos e dois sobrinhos.

Agora com ambos os pés enfaixados até a canela, ela conta que nem sentiu a dor dos cortes durante a noite toda em que gritou pelos nomes de Julia, 18, e Anthony, 2, coberta por lama. "A fúria de salvar meus filhos era muito maior", relembra.

Os dois estavam na sala, enquanto ela, a mãe e outra filha de 13 anos estavam na cozinha da casa destruída na Chácara Flora. Todos foram soterrados, mas só o segundo grupo conseguiu ser desenterrado por vizinhos.

Na quinta (24), ela almoçava marmita num colchão da igreja que a abrigou, ao voltar do sepultamento do caçula. "Agora já acabou, né? Consegui fazer o enterrinho deles, o coração deu uma aliviada. Agora é recomeçar", dizia a um amigo com voz calma e olhar vazio, pensando nos outros dois filhos que ficaram.

Toninho era o "prefeito da rua", recorda sorrindo. Cumprimentava todo mundo, estacionava a bicicletinha toda quebrada (não gostava da nova) no meio-fio, buzinava com a boca e manobrava com a mão os carros dos vizinhos. Gostava de batata frita e se animava quando o vendedor de ovo passava.

Já a adolescente Julia "era uma princesa". Se arrumava dos pés à cabeça para tirar selfies e só queria beijar na boca, a mãe ri. Estudiosa e cheia de atitude, ia começar o primeiro ano do ensino médio numa escola municipal e sonhava em ser policial.

Seus sobrinhos Bernardo, 9, e João Vitor Roque da Silva, 11, eram levados e viviam juntos jogando bola na rua. Escutava-se lá de cima a mãe, Ana Júlia, grávida de oito meses de uma menina, gritar por eles. Se foram todos juntos na casa de trás, no mesmo quintal.

"Estou falando assim, mas por dentro estou despedaçada", confidencia Sara. "A perda é ruim, mas a espera é pior ainda. Quando você perde alguém, enterra e acabou. Mas a espera é muito difícil, você não dorme, a qualquer hora podem te dar uma notícia."

Outro que sofreu essa aflição de perto foi Marcos Vinícius Tavares, 26. O motorista de aplicativo diz que cavou sozinho por três dias até que os bombeiros começassem as buscas no pé do Morro da Oficina, na área em que seu filho Davi, 5, foi encoberto por metros de lama junto com a avó, Maria Rosa.

O menino só foi achado oito dias depois porque a mãe, Aline Ezequiel, 31, teve um sonho e avisou que era para procurar naquele lugar. "Todo o tempo meu coração estava avisando que ele estava naquele cantinho, porque ele estava dormindo na sala", afirma, tentando assimilar cada detalhe.

Cerca de um ano antes, então aos 4, Davi também teve um sonho estranho. Sacudiu Aline no meio da noite para contar que viu Jesus: "Um ser grande, outro pequeno, um negócio de soprar e uma luz". "Ele vai vir me buscar e vou morar com ele", anunciou ele, que queria ser pastor.

Na terça-feira da chuva, era para estar na escola que acabava de reabrir, mas Aline não conseguiu comprar a garrafinha, o estojo e o uniforme e deixou para quarta. Ele chorou porque queria ir e arrumou sozinho a mochila. Foi a primeira coisa que a família achou no meio da terra.

O vizinho do andar de cima também foi levado pela avalanche abraçado à filha de um ano. Só nas casas daquela área, foram três avós com três netos, dizem. Davi e Maria Rosa, que não se desgrudavam em vida, seguiram juntos ao Cemitério Municipal de Petrópolis.

Além das crianças que morreram, a tragédia deixou muitas outras traumatizadas. Um outro Davi, de 6 anos, que perdeu os primos Bento e Sofia (do início deste texto), presenciou momentos de terror ilhado no alto dos escombros junto à mãe, a empreendedora Isabela Carvalho, 35.

"Eu gritava pela minha cunhada, e o marido dela que sobreviveu gritava de volta. Pedia para Deus proteger meu filho, e ele pedia por mim. É um sentimento que não dá para explicar, estar com a morte assim pertinho", conta.

> "Agora já acabou, né? Consegui fazer o enterrinho deles, o coração deu uma aliviada. Quando você perde alguém, enterra e acabou. Mas a espera é muito difícil, a qualquer hora podem te dar uma notícia
>
> **Sara Aparecida Luiz**
> mãe de Julia, 18, e Anthony, 2

> Todo o tempo meu coração estava avisando que ele estava naquele cantinho, porque ele estava dormindo na sala
>
> **Aline Ezequiel**
> mãe de Davi, 5

Revitalização de praça em São Paulo deixa sem-teto apreensivos

Carlos Petrocilo

SÃO PAULO Desejo do prefeito Ricardo Nunes (MDB), a revitalização da praça Princesa Isabel, no centro de São Paulo, gera clima de tensão entre as pessoas que moram no local em barracas improvisadas.

Na esteira da explosão no número de pessoas que vivem em situação de rua, o lugar é um dos cartões-postais onde é visível o aumento da concentração de sem-teto durante a pandemia de Covid-19.

Somente em janeiro, a região conhecida como Cracolândia recebeu um fluxo médio de 527 pessoas por dia, segundo monitoramento feito pela Prefeitura de São Paulo. A população média registrada em dezembro e novembro, respectivamente, foi de 574 e 666.

Nunes escalou a Subprefeitura da Sé para intensificar o que chama de serviços de zeladoria na praça. As ações começaram na terça-feira (22) e deverão perdurar por dois meses, com término previsto para o dia 22 de abril.

Publicamente, o prefeito diz que nenhum morador deverá ser removido e, para isso, as obras serão divididas em três fases. No entanto, a constante presença dos funcionários da prefeitura e das forças de segurança, como da Polícia Militar e da Guarda Civil Metropolitana, além de investigadores do 77º Distrito Policial (Santa Cecília), reforçam o cenário de incertezas.

"A gente está aqui só à espera de porrada e bomba", diz o cadeirante Cláudio J. C. Alexandre, 52, que vive e fatura um trocado em seu barraco com a venda de aguardente e cigarros.

"Estão falando que vão reformar a praça, arrumar o jardim, retirar só as árvores que já estão condenadas e trocar os bancos. É claro que eles não vão pedir licença para o morador de rua, ainda mais na Cracolândia, onde o preconceito é maior", reclama Alexandre.

O pedreiro alagoano Francisco Ferreira da Silva, 62, diz que os próprios funcionários da prefeitura têm alertado os moradores quanto à remoção, e, em contrapartida, oferecem diárias em albergues, administrados pelo município.

"O albergue é um semiaberto praticamente, com horário para tudo, tem até muquirana [inseto] no colchão, e a comida na rua é melhor. Já tive objetos pessoais furtados no albergue", conta Silva, que mora na praça há dois anos.

Prefeitura intensificou serviços de zeladoria na praça Princesa Isabel, no centro, para recolher objetos que 'caracterizam estabelecimento permanente em local público' Danilo Verpa/Folhapress

Segundo ele, a remoção só não teve início na última terça por causa da presença de uma equipe de reportagem da Rede Globo, além do clamor de líderes religiosos.

"Estamos no centro da cidade, vão inaugurar o hospital da mulher aqui perto [Pérola Byington], e os governantes querem limpar a praça porque a gente é a escória", diz.

Em nota à **Folha**, a gestão Nunes afirma que, nas ações de zeladoria, a SMSUB (Secretaria Municipal das Subprefeituras) recolhe "somente objetos que caracterizam estabelecimento permanente em local público", como camas, sofás e outros itens que não caracterizem como de uso pessoal.

Somente não serão removidos os objetos de uso pessoal, diz a nota, "como cartões bancários, sacolas, medicamentos e receitas médicas, livros, malas ou mochilas, roupas e sapatos, cadeiras de rodas e muletas, panelas, fogareiros, utensílios para cozinhar e comer, alimentos, colchonetes, travesseiros, tapetes, carpetes, cobertores, mantas, lençóis, toalhas e barracas desmontáveis".

A **Folha** esteve no local ao longo da semana e quase não encontrou "barracas desmontáveis". As dezenas delas, esparramadas pela praça, foram levantadas com pedaços de pau e revestidas de plásticos ou pedaços de lonas.

Um dos barracos, o do casal Luiz Alberto, 52, e Ana Cristina dos Santos, 38, reúne cadeira, uma bancada com pia improvisada, pedaços de armário, além de uma cama box, e energia elétrica em ligação irregular (gato) para carregar o aparelho celular e abastecer uma caixa de som.

Segundo a prefeitura, em caso de apreensão, os bens são lacrados e inventariados, e os responsáveis têm até um mês para retirá-los.

A revitalização da área central foi o tema de uma reunião, na sexta (25), entre o prefeito, funcionários de secretarias e forças de segurança.

Segundo fontes ouvidas pela reportagem, Nunes disse que sonha com o dia em que a praça voltará a ser frequentada pelas famílias.

"A minha impressão é que o prefeito tem como grande questão uma cidade melhor. Quer um ambiente seguro", diz o delegado Severino Pereira de Vasconcelos, do 77º DP.

Adams Carvalho

The end?

Cinquenta mil anos para eu surgir e fui cair justo na geração do Putin e do Jair?

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

É isso mesmo? O fim do mundo? Bem na minha vez? Cinquenta mil anos para eu surgir como ser humano e fui cair justo na geração do Trump, do Putin, do Jair e da dancinha de TikTok? Sacanagem.

Eu não me importaria de ser caçador-coletor no século 170 a.C. Flanar peladão com meu bando, tomando banho de rio, chupando uns cajus, mascando uns Psilocybe cubensis. Ah, mas e o ar condicionado? A penicilina? O Nike Air? Grandes coisas.

Sabia que a tribo de caçadores-coletores mais ferrada de que se tem notícia trabalhava, para garantir suas necessidades básicas, menos do que oito horas por dia? Viviam lá no deserto da Austrália, numa pindaíba desgraçada, mas não há nos anais da antropologia um único registro de burnout.

Eu nasci em 77. Tá, era ditadura, havia guerra fria, quente e as tragédias de sempre, mas tinha também uns Bobs Marleys e uns Johns Lennons por aí, prospectando possibilidades mais auspiciosas. Evito ser pessimista, mas não me parece que nada de bom virá da imersão intensiva de todos os habitantes do planeta em vídeos do Instagram em que balas Mentos fazem garrafas pet jorrarem Coca-Cola. Imagino os ETs do futuro: "Eles destruíram a atmosfera, as florestas e os mares para produzir energia para trabalhar de graça para o celular?!". É.

O Bob Marley veio pro Brasil em 1980. Olha isso: teve um dia, em 1980, em que o Bob Marley jogou bola com o Chico Buarque, o Toquinho e outros chegados. Ou seja, teve uma semana, em 1980, em que a conversa nas esquinas foi essa —ainda havia conversas e esquinas, em 1980. Ontem, num grupo de WhatsApp, o debate era sobre as consequências de uma rachadura no casulo de concreto de Tchernóbil. Ó que delícia.

Não quero ser saudosista, mas diante do fim dos tempos vamos focar onde? Os quatro cavaleiros do apocalipse vieram mesmo, juntos e misturados: pandemia, aquecimento global, fome e essa brisinha amena de uma possível Terceira Guerra Mundial. Nunca tinha visto o presidente de um país ameaçar o mundo, ao vivo, com ogivas nucleares. Confesso que foi um tiquinho assustador. Hoje, meu filho de sete anos veio me contar que viu um míssil no céu. Gastei um bocado de saliva diante de um mapa-múndi para convencê-lo de que a guerra é bem longe da gente. (Evitei revelar que a gente faz coisas piores.)

Comparando o Jornal Nacional com o Apocalipse de São João, você pensa: rapaz! Não é que Deus acertou tudinho? Ainda não surgiram os gafanhotos do tamanho de "cavalos aparelhados", com "rostos de homem", "cabelos de mulheres" e "dentes como de leões". Pelo andar da carruagem, contudo, não duvido que já tenha gafanhotão sinistro fazendo escova e luzes em algum hangar cósmico por aí.

Talvez seja Poliana da minha parte, mas cês não acham que teve alguns momentos nos últimos três ou quatro séculos em que a humanidade parecia ter alguma chance? Sei lá, esse lance de substituir o despotismo pela democracia, por exemplo, soava promissor. Agora, se eu entendi bem, o contrato social saiu de moda. Lei —não alguma lei específica, mas a ideia de haver lei— é uma "opinião" que não anda muito em alta. O velho e bom "se organizar direitinho, todo mundo transa", que vinha sendo elaborado desde Hobbes, Locke e Rousseau, foi trocado pelo "não te estupro porque você não merece". Aos olhos do Putin, a Ucrânia merece.

Basta de depressão ou nostalgia. Vou fechar essa crônica de forma equilibrada, com uma notícia boa e uma ruim. A ruim primeiro, para terminar por cima: o mundo tá acabando. Agora a boa: é que o mundo tá acabando, também.

| DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, **Maria Homem** | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

SP tem festa confinada e bloco improvisado

No Jockey, ninguém na pista usava máscara em baile privado de Carnaval; funcionários indicavam uso do acessório

Isabella Menon e Mariana Zylberkan

SÃO PAULO Com o Carnaval de rua proibido, mas festas privadas liberadas, a cidade de São Paulo teve bloco improvisado com foliões saudosos da festa e celebração fechada que reuniu uma multidão.

No Carnaval na Cidade, que acontece até terça-feira (29) no Jockey Club, foliões dispostos a desembolsar até R$ 1.500 pelo ingresso assistiram a shows de Thiaguinho, Pedro Sampaio e Zé Vaqueiro.

Com abadás rosa e glitter por todo lado, dançavam cerca de 7.000 foliões.

As regras para festas privadas na capital são as mesmas vistas nos últimos meses, ou seja, obrigatoriedade do comprovante de duas doses da vacina, lotação restrita a 70% da capacidade dos espaços e uso de máscara fora dos momentos de consumo de bebidas ou alimentos.

"É um momento muito importante para o mercado de entretenimento. O Carnaval na Cidade marca um recomeço, uma importante e segura retomada do setor. Nosso evento seguirá todos os protocolos do decreto da cidade", diz Guilherme Teixeira, um dos sócio da agência Fishfire.

No início da tarde, a reportagem acompanhou a entrada dos foliões e viu que o certificado de vacina foi solicitado.

No entanto, durante o evento, ninguém que dançava na pista estava com o equipamento de segurança. Nos banheiros, funcionários na porta distribuíram máscaras para foliões antes de eles entrarem. Além disso, a reportagem viu diversos funcionários na pista com caixas de máscaras que solicitavam para alguns o uso do acessório.

Procurado, o evento afirma que os foliões sem máscara na pista estavam sem o equipamento apenas enquanto bebiam.

Já nas ruas, paulistanos com saudade dos blocos se reuniram em um cordão espontâneo e improvisado.

Foliás celebram Carnaval no Jockey; máscara foi pouco vista na pista Rubens Cavallari/Folhapress

Eram 9h deste sábado (26) quando os primeiros ambulantes estacionaram seus "pesados" na praça Olavo Bilac, na Santa Cecília. A ideia era abastecer os foliões que chegassem a um bar com programação carnavalesca.

Aos poucos, pessoas fantasiadas e com o rosto pintado com glitter começaram a se juntar. O bloco improvisado tomou forma quando músicos de vários blocos apareceram para tocar marchinhas e outros hits do Carnaval.

Alguns foram contratados para tocar em festas fechadas nas proximidades e levaram seus instrumentos para a praça entre uma apresentação e outra.

A praça foi escolhida porque se tornou o ponto de encontro de músicos de blocos que se reuniam para ensaiar durante a pandemia. A ideia de tocar no sábado foi passando de boca a boca e, então, o bloco foi improvisado.

Os ambulantes eram os mesmos que costumam acompanhar os blocos que desfilam pela região. Um deles, que não quis se identificar, disse que o movimento foi ma forma de evitar o prejuízo de mais um ano sem Carnaval.

O editor de vídeo Caetano Brenga, 34, soube do bloco improvisado na praça Olavo Bilac por grupos de Whatsapp. "É hipocrisia liberar as festas fechadas e o Carnaval de rua, não. Não quero entrar em um covidário", disse.

Parados, blocos do Rio driblam fiscalização

Na manhã de sábado (26), rodas de instrumentos tocavam no centro; secretário diz que prioridade é conscientizar

Júlia Barbon, Ana Luiza Albuquerque e Eduardo Anizelli

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO Os blocos de rua estão proibidos no Rio de Janeiro, mas as cornetas não pararam de tocar. Cortejos e grupos de músicos resolveram sair às ruas muitas vezes parados, driblando a fiscalização que já dispersou algumas andanças de foliões na largada do Carnaval.

Na manhã deste sábado (26), duas rodas de instrumentos animavam a Pedra do Sal e o largo de São Francisco da Prainha, na região central.

A cerca de 1 km dali, o clima também era de festa, com muitos ambulantes e fantasias, brilhos e glitter como traje. A Polícia Militar chegou a ligar a sirene da viatura para espalhar a aglomeração no início, fazendo a música parar por um tempo, mas depois o cortejo seguiu caminhando (um dos poucos).

Questionada, a PM não respondeu quantas ações do tipo realizou até agora. Apenas afirmou que mobilizou mais 8.760 policiais para reforçar o patrulhamento ordinário, o que representa um efetivo extra 21% superior ao do ano passado, quando o evento também estava suspenso.

Segundo o secretário municipal de Ordem Pública, Brenno Carnevale, blocos na rua não estão permitidos, ainda que parados. "No entanto, nossa atuação está pautada mais pela conscientização e pelo diálogo. Estamos evitando, por exemplo, fechamentos de vias importantes ou transtornos para a locomoção da cidade como um todo", disse ele.

No caso do último bloco, porém, a avenida Presidente Vargas chegou a ser bloqueada pelos foliões por poucos minutos, próximo à igreja da Candelária.

Um ônibus que ficou preso no trânsito de gente amassou a roda da bicicleta de um ambulante. Uma viatura do programa Segurança Presente observava a passagem.

Foliã no bloco Pedra do Sal, na região central do Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

Com desfiles vetados, Pernambuco tem pontos de folia vazios

RECIFE Em razão da proibição das festas públicas e privadas em Pernambuco por causa da pandemia, o centro do Recife e as ladeiras de Olinda ficaram praticamente sem foliões.

O sábado de Zé Pereira seria o dia do desfile do maior bloco de Carnaval do mundo, o Galo de Madrugada, no Recife. Neste sábado, só uma escultura fazia alusão ao bloco.

Em Olinda, não era possível nem encontrar um folião solitário. "Concordo com a decisão de não ter Carnaval. De que adiantaria ter festa e dias depois haver internações e mortes?", afirma Neomar, 53, vendedor de água.

Museu do Ipiranga tem fachadas restauradas

Obra envolveu 54 profissionais e teve etapas nunca feitas antes, como remoção de todas as camadas de tinta antigas

INDEPENDÊNCIA, 200

Naná DeLuca

SÃO PAULO A restauração das fachadas do Museu do Ipiranga foi concluída recentemente, encerrando mais uma etapa nas obras de ampliação, reforma e restauro do edifício-monumento, iniciadas em 2019.

Com a reinauguração prevista para setembro, quando será celebrado o bicentenário da Independência do Brasil, o museu monumento pode agora, enfim, "respirar".

Isso porque, pela primeira vez em sua história, o restauro de suas fachadas envolveu as etapas de limpeza e decapagem (em que se removeram todas as camadas de tinta aplicadas anteriormente), bem como a pintura feita com tinta mineral, compatível com a estrutura do museu, de argamassa de cal.

As obras de restauro das fachadas, que têm 7.600 metros quadrados, área equivalente a seis piscinas olímpicas, começaram em fevereiro de 2020 e envolveram 54 profissionais entre restauradores, pedreiros, pintores e estucadores (responsáveis pela aplicação da argamassa).

Antes de iniciar a restauração, foi feito o que os especialistas chamam de "mapeamento de patologias", com análises em laboratório das argamassas utilizadas na construção.

"Depois, nós procuramos a cal certa, verificando a compatibilidade de cada material", explica a diretora de obras, Maria Aparecida Soukef Nasser.

Após esses estudos, as obras de restauro começaram com a etapa da lavagem, feita com uma máquina de pressão controlada, que lança água para remover as tintas anteriores.

"No meu entender, a lavagem e a decapagem são o maior ganho dessa restauração feita no Ipiranga", diz Marcelo Sancho, assessor em restauro da Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (Fusp). "Pela primeira vez, chegou-se à argamassa pigmentada original, removendo todas as outras. Como essa camada original já teve muitas perdas, foi feita a recomposição geral da fachada com a argamassa de cal", explica.

Essa recomposição utilizou o traço de argamassa (a composição volumétrica do material) 3 para 1: três partes de areia e uma parte de cal hidratada. Este traço é comum na arquitetura eclética da época da construção do Museu do Ipiranga e, por isso, "esse é o material básico de toda a restauração", diz Sancho.

Depois da decapagem e da limpeza, começou a etapa da "demolição cuidadosa", em que são removidas todas as partes frágeis, podres ou que estavam se desprendendo. Tudo é removido, recuperado e aspirado antes de voltar ao local original.

Nesse momento também foi feita a abertura de todas as trincas nas fachadas, que são tratadas com injeção de resina e com grampeamentos, com uso de grampos de aço inox.

Só depois de todos esses processos que começou o que Sancho chama de "restauração efetiva", quando a argamassa é aplicada. "Se um ponto tem uma perda muito grande, começa-se o preenchimento com uma areia de granulometria um pouco mais grossa, até chegar em um reboco fino, a areia que dá esse aspecto que todos já podem apreciar, de acabamento da fachada."

Weneilson Santos do Carmo, encarregado da restauração, destaca a quantidade de ornamentos nas fachadas do Museu do Ipiranga, que têm mais superfícies ornamentadas do que lisas.

"O museu se diferencia pelos detalhes, são muitos. E é o que mais me chama a atenção. Estes elementos que estão ali para enfeitar", os ornatos, explica o restaurador, são delicados, de difícil restauro e exigem equipe qualificada. "Mas é um ofício que todos que aprenderam podem agora sentir orgulho ao olhar a fachada do Museu do Ipiranga e pensar que participaram desse trabalho."

A última etapa do restauro, a pintura, é apontada por Sancho como outro grande ganho desta restauração, pois foi feita "com a tinta apropriada, a tinta mineral, como a boa prática indica".

Tanto Sancho quanto Nasser afirmam que, em obras anteriores, foi aplicada a tinta acrílica, o que prejudicou as fachadas do museu por não ser compatível com a argamassa de cal que o compõe.

"A cal é um material que está sempre trocando com o ambiente e precisa respirar. Aplicando a tinta acrílica, quebra-se esse processo. A tinta mineral permite que a cal respire", diz o assessor de restauro.

Em outras palavras, a tinta acrílica "sufocava" o museu, enquanto a tinta mineral é absorvida pela argamassa de cal e lhe dá fôlego, evitando a retenção de umidade e problemas de condensação.

O tom da tinta foi escolhido a partir dos processos de limpeza e decapagem, que revelam as pigmentações usadas no passado. Os diferentes matizes foram indicando a coloração da argamassa pigmentada original.

Com uma cartela de cores e testes ampliados, feitos por uma equipe multidisciplinar de projetistas e restauradores, foi escolhido o tom mais próximo possível do original.

Operários trabalham na reforma do Museu do Ipiranga, em obra que começou em 2019 e foi terminada recentemente Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

Detalhe da fachada do Museu do Ipiranga; todas as camadas de tinta antigas foram retiradas, e a nova pintura foi feita com tinta mineral, mais indicada

Fachada do museu coberta pelos andaimes durante o restauro, em outubro de 2021; obra envolveu restauradores, pedreiros, pintores e estucadores

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Talentoso com consertos, era um pacote de coisas boas

JOSÉ VICTOR MALHEIRO DE OLIVEIRA (1939-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO "Um pacote completo de coisas boas." Assim a família define o paulistano nascido no Jardim da Aclimação, zona sul da capital paulista, José Victor Malheiro de Oliveira.

Dentro desse pacote havia generosidade, atenção ao próximo, bom humor e graça, principalmente nas brincadeiras com os netos, teimosia e praticidade.

"Ele era ótimo para consertos em casa e achava solução para tudo", diz a professora e artesã Sara Medeiros de Oliveira, 79, sua esposa por quase 58 anos.

O casal se conheceu no curso de pintura da Escola de Belas Artes. Victor, como era chamado, estava sempre com o lápis na mão. Era ótimo desenhista e retratista. Qualquer pedaço de papel —até um guardanapo— servia de base para um esboço.

Querido por todos, chamava a atenção por ser calmo e fazer tudo com carinho. A sua história também foi marcada pelo amor aos animais. Ultimamente, Victor tinha a companhia da gatinha Ana.

Militou pelo PT (Partido dos Trabalhadores) na maturidade e, ao lado de Sara, pintou alguns muros na cidade.

Suas histórias e lembranças divertiam os filhos. Entre elas, as artes que aprontava no colégio.

"No semi-internato, ele fechou o registro de água da escola, e a direção achou por bem suspender as aulas e mandar todos para casa. Quando descobriram, já era tarde", conta a jornalista Paula Medeiros, 55, sua filha.

Victor era o segundo de seis filhos de uma dona de casa e de um empreendedor. Quando garoto, gostava de brincar na terra pelas ruas não asfaltadas do bairro. Lembrava-se das carroças com os burrinhos que transportavam terra vermelha das escavações da rua Topázio.

Os Carnavais eram em Tatuí (a 141 km de São Paulo) com os primos. "Ele pintava o rosto das crianças, que faziam fila para receber um desenho."

Victor morreu dia 23 de fevereiro, aos 82 anos, em decorrência de falência renal. Há alguns anos convivia com a doença de Alzheimer.

Ele deixa a esposa, quatro filhos, cinco netos, um irmão e duas cunhadas.

7º DIA

AFFONSO GIL BERGAMI RODRIGUES Neste sábado (26/2) às 15h, Santuário Nossa Senhora de Fátima, Sumaré, São Paulo (SP)

Primeiros americanos vieram principalmente da Sibéria

Livro defende que povos também chegaram ao continente por via marítima

Reinaldo José Lopes

Reconstrução de rosto de integrante do povo de Luzia, de Lagoa Santa (SP) Caroline Wilkinson

SÃO CARLOS (SP) A revolução genômica, que anda modificando boa parte do que achávamos que sabíamos sobre a história humana, tem afetado os estudos sobre o povoamento do continente americano de forma paradoxal. De um lado, as análises de DNA parecem ter resolvido de vez algumas controvérsias que já duram séculos, mas também acabaram criando uma série de novos enigmas.

Tanto os consensos quanto os mistérios estão explicados com muito didatismo e equilíbrio no livro "Origin: A Genetic History of the Americas" ("Origem: Uma História Genética das Américas", ainda sem versão brasileira), escrito pela americana Jennifer Raff, do Departamento de Antropologia da Universidade do Kansas (EUA).

Do lado consensual, os indícios genômicos e arqueológicos apresentados pela pesquisadora deixam claro que os primeiros habitantes do nosso continente descendem majoritariamente de grupos que, algumas dezenas de milhares de anos atrás, viviam na região da Sibéria.

Parte desses grupos conseguiu atravessar do Velho para o Novo Mundo passando pelas regiões frígidas do Ártico, provavelmente depois de viver durante muitas gerações na chamada Beríngia. Esse nome designa as regiões em torno das terras hoje submersas no estreito de Bering (entre a Sibéria e o Alasca), mas que estavam acima do nível do mar durante a Era do Gelo, quando boa parte da água do planeta estava "sequestrada" em geleiras.

A Beríngia, então formada por uma estepe que abrigava grandes mamíferos como mamutes e rinocerontes-lanosos, era imensa. Calcula-se que a ponte de terra entre os continentes pode ter alcançado 1.000 km de largura e 1,6 milhão de quilômetros quadrados de área.

Muitos pesquisadores acreditam que a distribuição das geleiras no continente e nos oceanos impediu que os moradores da Beríngia conseguissem alcançar territórios ao sul do Alasca durante o chamado Último Máximo Glacial, fase da Era do Gelo que terminou 19 mil anos atrás.

Depois disso, eles teriam iniciado uma expansão relativamente rápida por via marítima, primeiro descendo pela costa do oceano Pacífico e depois interiorizando sua ocupação do continente, defende Raff em seu livro.

> Estou tentando manter a mente aberta porque acho que a nossa área já sofreu muito com essa coisa de ficar aferrado a ideias preconcebidas
>
> Acho que pesquisas como essas teriam de partir das necessidades desses povos [indígenas], e com um tremendo arcabouço ético para evitar abusos
>
> **Jennifer Raff**

Isso explicaria, entre outras coisas, a semelhança genética relativamente alta entre uma criança que morreu no estado americano de Montana há 13 mil anos e pessoas sepultadas há 10 mil anos na região de Lagoa Santa e Pedro Leopoldo (MG) —a jornada rápida teria permitido esse tipo de difusão populacional.

"Mas, como eu sempre vou dizer para cada pergunta que você me fizer, precisamos de mais dados", brincou a autora em entrevista à **Folha** por videoconferência. "No caso da América do Norte, por exemplo, quase não temos DNA de esqueletos antigos com essa idade —estou trabalhando nisso, aliás!"

É nesse ponto, porém, que começam os mistérios. Diversas populações indígenas sul-americanas também carregam, em seu DNA, sinais modestos da contribuição ancestral de grupos enigmáticos designados como "população Y" —do termo tupi "Ypikuéra", ou "antepassado".

As marcas genômicas da população Y revelam um parentesco distante, mas significativo, com povos do Pacífico cuja aparência é bem distinta da dos atuais indígenas, como os aborígines australianos e os nativos da Nova Guiné.

"Isso pode ser um indício da presença dessa população no continente americano antes do Último Máximo Glacial, o que seria fascinante. Ou pode estar ligado a diferentes subpopulações dentro da Beríngia, uma das quais corresponderia a essa herança da população Y, o que também parece plausível. No momento, não tenho uma hipótese preferida a esse respeito, até porque não faço esse tipo de modelagem populacional. Sou uma cientista de bancada", diz a pesquisadora americana.

"Estou tentando manter a mente aberta porque acho que a nossa área já sofreu muito com essa coisa de ficar aferrado a ideias preconcebidas."

Mais intrigante ainda é o fato de que os crânios dos antigos habitantes de Lagoa Santa, mais importante sítio arqueológico brasileiro quando o assunto é entender o povoamento do continente, têm formatos que lembram o dos aborígines do Pacífico, como demonstram trabalhos clássicos do bioantropólogo Walter Neves, da USP.

No entanto, os testes de DNA mostraram que não há correlação entre a presença dos genes da população Y e o formato dos crânios. "Talvez sejam características que tenham ligação com a ancestralidade a nível local, mas, para mim, tudo indica que a morfologia craniana não vai nos ajudar a resolver essas questões."

O livro da pesquisadora também se destaca entre as obras que abordam essa área de pesquisa por enfrentar com franqueza o legado de colonialismo e preconceito racial que ronda o estudo da pré-história indígena desde o século 18. Raff defende que é preciso levar em conta a relação dos atuais povos nativos com seus ancestrais antes de qualquer estudo genômico com esqueletos antigos.

De fato, diversos estudos de DNA têm revelado que, mesmo quando há distâncias temporais de vários milhares de anos, é comum que um indivíduo pré-histórico tenha parentesco com os indígenas que ainda vivem na região onde ele foi sepultado. Nesses casos, é legítimo que grupos étnicos atuais peçam a repatriação dos restos mortais e um novo sepultamento, afirma ela, mesmo que com isso não seja mais possível estudar aquele indivíduo no futuro.

E quanto a estudos genômicos sobre coisas como comportamento humano ou inteligência envolvendo povos indígenas? Haveria maneira de realizar esse tipo de trabalho sem cair em problemas éticos nem reforçar estereótipos raciais? "Eu acho que pesquisas como essas teriam de partir das necessidades desses povos, e com um tremendo arcabouço ético para evitar abusos", diz ela. "Não é o tipo de coisa que eu faria. Não acho que devamos proibir esse tipo de pesquisa, mas é preciso muito cuidado."

A Genetic History of the Americas
Autora Jennifer Raff
Editora Twelve
Preço R$ 55,67 (369 págs)

Tensão da invasão russa respinga na estação espacial

Issam Ahmed

WASHINGTON | AFP A invasão russa à Ucrânia levantou dúvidas sobre o futuro da Estação Espacial Internacional (ISS), há muito um símbolo da cooperação pós-Guerra Fria, onde astronautas e cosmonautas vivem e trabalham lado a lado.

A ISS esteve no centro de vários tuítes ameaçadores publicados pelo chefe da agência espacial russa, Dmitri Rogozin, que alertou na quinta-feira (24) que as sanções dos EUA poderiam "destruir" a cooperação entre os dois países e disse que a plataforma de pesquisas se precipitaria em direção à Terra sem a ajuda da Rússia.

Especialistas veem essas ameaças como parte da retórica política acalorada, dada a confiança mútua das duas partes na segurança do seu pessoal. Mas elas poderiam acelerar um divórcio há muito esperado.

"Ninguém quer pôr em risco a vida dos astronautas e cosmonautas com manobras políticas", disse à AFP John Logsdon, professor e analista espacial da Universidade George Washington.

A ISS, uma cooperação entre EUA, Canadá, Japão, Europa e Rússia, é dividida em duas seções: o segmento orbital americano e o segmento orbital russo, cada um construído e administrado por seu país. Atualmente, a ISS conta com um sistema de propulsão russo para manter a sua órbita, enquanto o segmento dos EUA é responsável pela eletricidade e pelos sistemas de suporte vital.

Rogozin fez referência a essa codependência em tuítes hostis publicados após o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, anunciar sanções contra a indústria aeroespacial russa: "Se você bloquear a cooperação conosco, quem salvará a ISS de sair de órbita sem controle e cair em território americano ou europeu?", questionou Rogozin, destacando que a estação não sobrevoa grande parte da Rússia.

A Nasa disse que "continua trabalhando com todos os sócios internacionais, incluindo a Agência Espacial Federal Roscosmos, para as operações seguras em andamento da Estação Espacial Internacional".

Longe da Ucrânia, pense Amazônia

Farra bolsonarista com armas de fogo municia batalhão Azov da floresta

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "Psiconautas - Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira" (ed. Fósforo)

O mundo está de olho na Ucrânia, e com razão. Mas a ex-república soviética invadida a mando do ex-KGB Vladimir Putin fica muito distante, e aqui mesmo há um conflito em gestação no ovo de serpente deitado por militares brasileiros na Amazônia.

O alarme foi acionado por Claudio Angelo, jornalista que mais entende de clima e floresta amazônica, no artigo "Vai ter Guerra na Amazônia". E o clima na floresta amazônica é mesmo de confronto.

Não de hoje, claro. Quem já passou por Novo Progresso (PA), na BR-163, como este colunista sete anos atrás, sabe que a atmosfera lá sempre foi irrespirável para agentes do Ibama, ambientalistas e repórteres, com a fumaça do desmatamento e o cheiro de chumbo no ar.

Angelo andou pela região no final de 2021. Assim descreve o ambiente: "[Na] cidade que come, bebe e respira crime ambiental, era difícil encontrar um estabelecimento comercial ou uma porteira de fazenda sem uma bandeira do Brasil na fachada".

Na mesma época circulei por áreas de cerrado e de transição desse bioma com a Amazônia. Na entrada de cada latifúndio pendia um pavilhão nacional, a testemunhar que o prestígio de Jair Bolsonaro segue alto no agronegócio.

Já se disse que o patriotismo é o último refúgio dos canalhas. Atualizando a máxima, seria o caso de dizer que no Brasil, hoje, é o derradeiro reduto dos canalhas armados.

Ninguém ignora que ruralistas figuram entre os interessados na esbórnia em que Bolsonaro transformou o acesso a armas e munições, assim como seu controle pelo Estado. Com a cumplicidade do Exército, que faz vista grossa diante da proliferação de arsenais particulares, alguns deles a abastecer o crime organizado.

Fazendeiros gostam de posar de vigilantes e caçadores, álibi para acumular armas de fogo. E se acostumaram ao vale-tudo fundiário e ambiental fomentado pelo presidente que enverga gravata com fuzis e seu comparsa Ricardo "Boiada" Salles.

Qualquer presidente que se escolha em 2022 (e não seja Bolsonaro) terá de retomar o estado de direito nessa metade do Brasil em que garimpeiros são tolerados quando invadem terras indígenas, enlameiam o mais lindo rio amazônico (Tapajós) e incendeiam helicópteros do governo federal.

Mais dia, menos dia, Brasília terá de reciclar medidas como as que derrubaram as taxas de desmatamento entre 2005 e 2012, nos governos Lula e Dilma, após explosão nos anos iniciais da primeira administração petista.

Listas de municípios campeões de devastação, restrição de crédito, embargo de propriedades, moratória de produtos oriundos de áreas desmatadas —o que for.

Caso contrário, o Estado perderá de vez o controle de metade de seu território, assim como cedeu o domínio dos morros e periferias para traficantes ou milícias. Saldo vergonhoso para a chusma de militares que tomou Brasília e passara décadas fantasiando a perda de soberania sobre a Amazônia para potências estrangeiras.

A soberania já era, e quem a açambarcou foi o inimigo interno. Não os comunistas que Bolsonaro e caterva apontam debaixo de camas de casal, carteiras escolares e escrivaninhas de postos de vacina, mas os extremistas impunes que ousaram sitiar o Supremo Tribunal Federal com suas carretas de grãos.

Pensando bem, são os inimigos internos só do país, não dos militares agachados diante de Bolsonaro. Destes seriam mais bem descritos como aliados —o batalhão Azov do cafundó, que não parece disposto a tolerar invasão de suas terras pela lei.

esporte

ESPORTE AO VIVO

12h15 Sevilla x Betis
Espanhol, ESPN 4

13h30 Chelsea x Liverpool
Copa da Liga, ESPN

16h45 Lyon x Lille
Francês, ESPN 4

Bilionário russo Abramovich transfere comando do Chelsea

Dono do clube era pressionado pelos ingleses por ligação com Vladimir Putin

SÃO PAULO O bilionário russo Roman Abramovich, 55, anunciou neste sábado (26) que vai entregar o controle do Chelsea para os curadores da fundação de caridade do clube inglês. A decisão dele ocorre em meio à pressão da opinião pública dos britânicos por sua ligação com o presidente russo Vladimir Putin.

Abramovich toma essa decisão apenas dois dias após o início do ataque do exército russo à Ucrânia, conflito criticado por quase toda a comunidade internacional. "Sempre tomei decisões com os melhores interesses do clube em mente", justificou o proprietário do Chelsea.

No breve comunicado em que fez o anúncio, porém, o bilionário não citou o conflito. Na quinta-feira (24), o governo britânico já havia comunicado sanções contra empresários russos devido ao conflito na Ucrânia.

Sobre a transferência de poder aos curadores da fundação do Chelsea, Abramovich disse que "eles estão na melhor posição para cuidar dos interesses do clube, jogadores, funcionários e torcedores".

O empresário russo assumiu o controle do clube de Londres no ano de 2003 e, de acordo com a imprensa inglesa, ele já investiu mais de 2 bilhões de libras (R$ 13 bilhões) em quase 20 anos.

O russo Roman Abramovich levou o clube inglês a duas Champions Ben Stansall - 21 mai 2017/Reuters

No período, a equipe ganhou duas vezes a Champions League, além de ser a atual campeã do Mundial de Clubes da Fifa, entre outras conquistas importantes.

A fortuna do russo é estimada em 8,4 bilhões de libras (R$ 58 bilhões). Ele também tem ligações com o presidente russo Vladimir Putin e é acusado de ter aproveitado para comprar companhias estatais quando a União Soviética foi desmantelada, por preços abaixo do mercado.

De acordo com o jornal "The Sun", o bilionário estaria proibido de residir na Inglaterra justamente por sua ligação com o governo liderado por Putin. Na última vez que ele deu entrada no país, teria usado um visto de Israel, o que garante seis meses de estadia em solo britânico.

Ainda de acordo com a publicação, funcionários da segurança do país teriam sido orientados a barrar a entrada do russo, além de impedir qualquer tentativa dele de conseguir cidadania inglesa.

> Sempre tomei decisões com o melhor interesse do clube no coração. Continuo comprometido com esses valores
>
> **Roman Abramovich**
> Dono do Chelsea desde 2003

Na quinta-feira, o deputado Chris Bryant, do partida Trabalhista do Reino Unido, disse na Câmara dos Comuns, equivalente à Câmara dos Deputados do Brasil, que existem documentos de uma investigação de 2019 que revelam relações entre Roman Abramovich e Vladimir Putin.

"Isso foi há quase três anos e, no entanto, muito pouco foi feito em relação a isso. O Sr. Abramovich não deveria mais ser dono de um clube de futebol neste país. Deveríamos estar olhando para apreender alguns de seus ativos, incluindo sua casa de 152 milhões de libras?", questionou Bryant.

Ainda segundo o parlamentar britânico, o próprio russo já admitiu em processos judiciais que pagou por influência política e que teria vínculos com o Estado russo, além de associação com atividades e práticas corruptas.

Veja a íntegra do comunicado de Abramovich publicado no site oficial do Chelsea:

"Durante meus quase 20 anos de posse do Chelsea FC, sempre considerei meu papel como guardião do clube, cujo trabalho é garantir que sejamos tão bem-sucedidos quanto podemos ser hoje, bem como construir para o futuro, ao mesmo tempo desempenhando um papel positivo em nossas comunidades.

Sempre tomei decisões com o melhor interesse do clube no coração. Continuo comprometido com esses valores. É por isso que hoje estou dando aos curadores da Fundação de caridade do Chelsea a administração e os cuidados do Chelsea FC. Acredito que atualmente eles estão na melhor posição para cuidar dos interesses do clube, jogadores, funcionários e torcedores."

Polônia e Suécia não querem Rússia na repescagem do Mundial

SÃO PAULO Depois de a Federação Polonesa de Futebol anunciar, neste sábado (26), que o país não pretende enfrentar a Rússia na repescagem das Eliminatórias europeias da Copa do Mundo do Qatar, a Suécia adotou o mesmo posicionamento em protesto à invasão da Ucrânia.

"Seja qual for a decisão da Fifa, não jogaremos contra a Rússia em março", afirmou o presidente da federação sueca, Karl-Erik Nilsson, em comunicado.

O duelo entre Polônia e Rússia está previsto para 24 de março, em Moscou, pela semifinal da repescagem. A Suécia enfrenta a República Tcheca e, caso vença, jogará em 29 de março com os ganhadores da outra semi, possivelmente os russos.

O governo sueco também solicitou neste sábado a exclusão completa da Rússia de todas as competições esportivas como medida contra o ataque à Ucrânia.

O capitão da seleção polonesa, Robert Lewandowski, eleito duas vezes o melhor jogador do mundo, apoiou o posicionamento da federação polonesa de não querer enfrentar os russos.

"É a decisão certa. Não consigo imaginar jogar contra a Rússia em uma situação de agressão armada na Ucrânia", publicou em seu perfil no Twitter o atacante do Bayern de Munique.

Brasil é invadido por técnicos e investidores

Compradores buscam clubes falidos para ganhar dinheiro; o futebol e o mundo mudaram

Tostão
Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Triste e lamentável a invasão da Ucrânia pela Rússia, com tanta destruição e morte, uma guerra que nem imaginávamos que poderia ocorrer nos dias de hoje.

Nem todos os treinadores, mesmo os mais bem preparados cientificamente, tornam-se ótimos profissionais, mas, para ser um excelente treinador, é essencial ter muitos conhecimentos acadêmicos. Não basta saber. É preciso saber fazer.

Portugal possui muitos treinadores espalhados pelo mundo, bons e ruins, porque tem uma tradicional escola de formação. Além dos conhecimentos táticos, os portugueses são claros, didáticos e gostam de explicar suas condutas, o que encanta dirigentes, torcedores e imprensa.

Os treinadores brasileiros não fascinam mais os torcedores porque muitos ficaram estagnados, após décadas de repetições e de vícios. Não é apenas modismo a procura por tantos técnicos estrangeiros, portugueses e sul-americanos. Dos técnicos brasileiros mais veteranos que dirigem os times do país, apenas Abel Braga continua presente e eficiente. Abel trabalhou também, durante muito tempo, em Portugal e, certamente, incorporou a preocupação com dos portugueses com os conhecimentos acadêmicos.

Por outro lado, há um grande número de jovens treinadores brasileiros estudiosos, que deveriam ser mais bem aproveitados, além de serem mais baratos que os de fora. O curso de formação de técnicos da CBF contribui para essa evolução, embora todos reclamem que é muito caro.

Desde os anos 1960, existe também um preconceito contra os treinadores brasileiros, de que a seleção fascinava e ganhava somente por causa dos jogadores. Zagallo, na Copa de 1970, teve muita importância na conquista.

A importação de técnicos estrangeiros pelo Brasil é antiga, desde os anos 1950, com a chegada de vários sul-americanos, como Fleitas Solich e Filpo Núñez, e de alguns húngaros, como Izidor Kürschner e Béla Guttmann, que ajudaram na evolução do futebol brasileiro. A Hungria tinha uma seleção excepcional em 1954, quando ganhou do Brasil por 4 a 2.

A invasão do Brasil não ocorre somente por técnicos estrangeiros mas também por investidores de fora, que querem comprar clubes falidos e/ou em péssima situação financeira. Desejam melhorar os clubes e, com isso, ganhar mais dinheiro. O futebol e o mundo mudaram.

Vários investidores compraram grandes clubes europeus, que se tornaram mais fortes, embora haja muitos protestos de torcedores, preocupados com as históricas paixões na formação de seus clubes. Crescimento técnico, vitórias e títulos atenuam o saudosismo e os sentimentos afetivos, porém, se os resultados em campo não são bons, voltam os protestos.

A solução para o futebol não é apenas a criação de sociedades anônimas. Os times alemães adotam outra conduta. O poderoso Bayern de Munique vendeu 49% das ações para empresas de grande prestígio e, com os 51%, continua administrando o clube. Une o negócio e a paixão.

Logo após comprar o Botafogo, o investidor John Textor dispensou o treinador Enderson Moreira, campeão da Série B. Achei estranho e critiquei o empresário. Após ler suas explicações, refiz minha opinião. Ele justificou que o clube quer investir nas categorias de base e criar um modelo de jogo, uma marca, mais ousada, mais moderna e mais agradável para o torcedor. Para isso, o Botafogo contratou um técnico português, com experiência nesse tipo de trabalho. Cruzeiro e Vasco seguem um caminho parecido. Tomara que dê certo.

País é redescoberto pelos portugueses

Treinadores de Portugal desembarcam por aqui certos de que aqui plantando tudo dá

Juca Kfouri
Jornalista, autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Vitor Manuel de Oliveira Lopes Pereira, 53, chega ao Corinthians, com nome quase do tamanho dos da realeza, disposto a repetir o sucesso de seus patrícios, os plebeus Jorge Fernando Pinheiro de Jesus e Abel Fernando Moreira Ferreira, no Flamengo e no Palmeiras, respectivamente.

Dez anos mais velho que Abel Ferreira, e 14 mais moço que Jorge Jesus, Vitor Pereira foi bicampeão português pelo Porto, em 2012/13, campeão grego pelo Olympiacos, em 2015, e chinês pelo Shanghai, em 2017.

Assume o segundo clube mais popular do Brasil assim como o também conterrâneo Paulo Manuel Carvalho Sousa, 51, assumiu o primeiro, o Flamengo.

Com o que, dos quatro clubes de maiores torcidas no Patropi, só o São Paulo tem um treinador brasileiro.

É uma invasão para o navegante Pedro Álvares Cabral não botar defeito e para pôr à prova, mais uma vez, se o fidalgo escrivão Pero Vaz de Caminha estava certo ao dizer que, aqui, em se plantando, tudo dá.

Jorge Jesus mostrou o caminho de um jeito extraordinário, Abel Ferreira o confirmou a seu modo mais conservador e caberá a Vitor Pereira comprovar.

Material humano não faltará no Parque São Jorge, como não faltou na Gávea nem no Parque Antarctica.

Ladino, Pereira exigiu fazer contrato curto, só até dezembro deste ano.

Se obtiver sucesso, cravará ainda mais a faca nas combalidas finanças alvinegras para renovar. Se não, voltará para a Terrinha como já voltaram malsucedidos Ricardo Sá Pinto, do Vasco, Jesualdo Ferreira, do Santos, António Oliveira, no Athletico Paranaense, Paulo Bento, do Cruzeiro etc.

Para não falar de Jorge Gomes da Silva, o Joreca que, na década de 1940, dirigiu tanto o Corinthians, em 1949, como o São Paulo, onde foi campeão paulista em 1943, 1945 e 1946, além de ser jornalista e árbitro, tendo apitado a célebre estreia de Leônidas da Silva no São Paulo, empate de 3 a 3 com o Corinthians, com o maior público da história do Pacaembu, mais de 71 mil torcedores, em 1942.

Um dos traços marcantes do novo técnico corintiano é o de trabalhar a base, algo essencial em clubes endividados que precisam economizar nas contratações e revelar jogadores para fazer dinheiro e minimizar o déficit.

Acontece que o alvinegro já fez as contratações e seu time é quase todo de jogadores de mais de 30 anos, desafio posto ao forasteiro que deve estrear no clássico Majestoso, no Morumbi, no sábado (5) que vem.

Por ora, o Corinthians segue com Fernando Lázaro, 40, que se despede neste domingo (27), contra o Bragantino, embate de dois times da Série A do Campeonato Brasileiro, pelo Paulistinha (com o que a coluna se desculpa com quem não entendeu a ironia feita na quinta-feira).

O filho do Super-Zé comandará o time pela sétima vez em busca de manter a invencibilidade e da sexta vitória, até aqui com 18 gols marcados, quatro sofridos.

Se a rara leitora é corintiana, lê esta **Folha** *na versão impressa e gosta de dormir até mais tarde aos domingos, o jogo já foi, porque marcado para as 11 horas.*

O raro leitor da Fiel certamente preferiu sacrificar algumas horas de descanso para ver o time que mudará de mãos, mas não de idioma.

O delicioso sotaque lusitano invadiu definitivamente nossos gramados, embora os portugueses digam, e com razão, que sotaque temos nós.

Resta aos treinadores brasileiros aprender a língua do futebol moderno.

Os argentinos aprenderam e faz tempo.

NOSSO ESTRANHO AMOR | *Pedro Mairal*
folha.com/nossoestranhoamor

Modos de dormir

Esta coreografia lenta de duas pessoas dormindo. Ficam quietas por um tempo, de repente uma se mexe e se mexe a outra, em uníssono. Os corpos sabem, parecem dizer: agora giramos para lá. Passam outro longo tempo imóveis, respirando, e dizem: agora giramos para este outro lado. Dormem e vão adquirindo distintas posturas, compondo cenas mudas. Comunicam-se como sonâmbulos, com ciclos telepáticos.

Dormi com duas mulheres na minha vida, diz Luis. Com duas mulheres entrelacei os meus sonhos e a minha vida inteira. As duas tinham estilos completamente diferentes de dormir e me contagiavam com eles.

Uma delas tinha um estilo bastante dramático. Adquiria posturas expressionistas, os cabelos compridos na cara, o corpo em uma torsão forçada, a camisola como que tremulando de noite na estepe, um estilo europeu, algo psiquiátrico, um pouco Pina Bausch, um pouco sofredor, digamos, braços estirados em uma mesma direção, com algo de gesto último e desesperado, árvore invernal de galhos arqueados pelo vento, fugindo ou alcançando alguma coisa, imóvel, derrotada e lutando em um lamento mudo. Seu lado B dava um pouco de medo. Ela dormia como uma louca e de dia era a pessoa mais lúcida do mundo. Lógica, e sempre com um sorriso. Eu dormia com ela, arrastado pela correnteza de um pesadelo, o pijama desarrumado, a angústia no peito oblíquo, deslocado. De dia éramos felizes.

Minha outra mulher, ao contrário, estava mais para sesta tropical. Mais terrestre, derramada no peso do calor. Tocando a terra. Seu grande quadril dourado era o protagonista central da cama, ali no meio, feito um pêssego gigante que parecia orgulhar nós dois. Ela dormia como uma leoa voluptuosa, calma, desfeita na paz do reino, nem uma mosca voava, sua coxa sobre a minha coxa, o sono profundo e imperturbável. Ela dormia assim, inocente e serena durante toda a quietude da noite, e de dia era uma mulher atormentada, intratável e temível. Voavam pratos com ataques de choro e barbitúricos mal prescritos. Vivíamos ambos como fios desencapados, sofrendo.

Talvez eu esteja adornando um pouco a história para produzir algum efeito, diz Luis, mas a verdade é que eram mesmo assim meus modos de dormir. Não sei que conclusão tirar, porque eles tampouco tinham correlação com a sexualidade delas, não é que uma fosse fria e a outra quente. Me refiro a algo mais secreto, porque a intimidade sexual não é nada comparado à intimidade do sono. Existe uma confiança tão grande em abandonar-se ao lado do outro, em baixar todas as guardas, estar completamente vulnerável; existe uma entrega aí que não se repete em nenhuma outra circunstância da vida.

Algo se imiscui em um nível muito primário quando dormimos com outra pessoa. Algo que não se desata nunca mais, e ainda que essas duas pessoas se separem, ficam os sonhos do outro enredados em nós, em raízes emocionais. Em um divórcio pode-se fazer a divisão de bens, mas não de sonhos. Afinal, os corpos repetiram essas coreografias noite pós noite, dois animais respirando juntos, cuidando um do outro, contagiando-se com seus comportamentos involuntários, sincronizando-se. Dois corpos que se alinharam ao espaço da cama, se conjugaram em suas formas, em uma espécie de Tetris de apenas dois blocos. Dois copos encaixando-se em suas articulações para caber no retângulo do colchão. Joelhos contra joelhos, dois esses grudados como corredores congelados se perseguindo, como nadadores paralelos, como amantes paraquedistas flutuando no sonho, caindo juntos com os olhos fechados.

Tradução de Livia Deorsola

Aris Messinis/AFP

IMAGEM DA SEMANA

O presidente russo Vladimir Putin lançou uma ofensiva contra a Ucrânia na quinta-feira (24). Os primeiros alvos foram bases e aeroportos militares, mas a invasão logo se expandiu para áreas civis —inclusive a capital Kiev. A empreitada começou com o reconhecimento de zonas separatistas russas na Ucrânia e chegou a ponto de Putin sugerir uma troca de governo para os vizinhos.

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Uma ulceração da mucosa bucal / (Fig.) Desaparecer rapidamente **2.** Pássaro de cores variadas / Vermelha, como o sangue **3.** Direção, na esfera celeste, onde nascem os astros à direita de quem olha para o norte / Vibração que se propaga a 340 m/s **4.** Fazer subir / Epitácio Pessoa (1865-1942) presidente da República de 1919 a 1922 **5.** Vaso que leva sangue do coração para a periferia **6.** Banhar plantações **7.** Chuck Norris, ator de "Comando Delta" / Procurar não encontrar **8.** Do AC **9.** Pequeno pião / As consoantes de totó **10.** (Interj.) Está certo! / Considerar verdadeira alguma coisa **11.** (Matem.) Símbolo de tangente / (Red.) Contrabaixo **12.** Estudioso do idioma egípcio, libanês e marroquino **13.** Medroso, vacilante, irresoluto.

VERTICAIS

1. Uma publicação para o estudo de geografia / Buenos Aires em relação à Argentina **2.** Exato, preciso / Fazer corte, talho em **3.** Submeter a uma experiência / Emitir (o cão) a sua voz rouca ameaçadora **4.** Local onde se celebram os ritos do candomblé / Precede o cê **5.** Tornar novamente operante uma função vital / Famosa marca de caneta **6.** (Déjà) Sensação de já ter passado por uma situação / A atriz de "Eu, Tu, Eles" e "Que Horas Ela Volta?" **7.** Abreviatura de observação / O roedor que pode transmitir a peste bubônica / Liturgia **8.** Madeira usada em mourões e esteios / Estado dos EUA, faz fronteira com o México **9.** Plano inclinado, com aclive ou declive / (Pop.) Que assinala um retorno ao passado.

HORIZONTAIS: 1. Afta, Voar, **2.** Tiê, Rubra, **3.** Leste, Som, **4.** Altear, EP, **5.** Artéria, **6.** Irrigar, **7.** CN, Evitar, **8.** Acriano, **9.** Piorra, Tt, **10.** Isso, Crer, **11.** Tan, Baixo, **12.** Arabista, **13.** Receoso. **VERTICAIS: 1.** Atlas, Capital, **2.** Fiel, Incisar, **3.** Testar, Rosnar, **4.** Terreiro, Bê, **5.** Reativar, Bic, **6.** Vu, Regina Casé, **7.** Obs, Rato, Rito, **8.** Aroeira, Texas, **9.** Rampa, Retrô.

SUDOKU

texto art.br/fsp
DIFÍCIL

2		1	6				8	
					2		6	
		6	1					
			9			3	4	
		2	7		4	5		
	3	9			6			
					5	1		
	9		3					
	2				7	9		4

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

FRASES DA SEMANA

NO BOLSO
Joe Biden
Ante a escalada do conflito entre Rússia e Ucrânia, o presidente dos EUA anunciou novas sanções na quinta (24).

"Putin é o agressor. Putin escolheu essa guerra e agora ele e seu país suportarão as consequências"

VOANDO SOLO
Volodmir Zelenski
Presidente ucraniano disse na sexta (25) que país foi abandonado após a invasão

"Nos deixaram sozinhos para defender nosso Estado. Quem está disposto a lutar conosco? Não vejo ninguém. Quem está disposto a dar à Ucrânia uma garantia de adesão à Otan? Todos estão com medo"

SOLIDARIEDADE
Hamilton Mourão
Vice-presidente defendeu na quinta (24) que países ocidentais forneçam ajuda militar à Ucrânia e que o Brasil não está neutro no conflito

"Tem que haver uso da força, realmente um apoio à Ucrânia, mais do que está sendo colocado. Esta é a minha visão. Se o mundo ocidental pura e simplesmente deixar que a Ucrânia caia por terra, o próximo vai ser a Moldávia, depois os Estados bálticos e assim sucessivamente. Igual a Alemanha hitlerista fez no final dos anos 30"

CHEFE É CHEFE
Jair Bolsonaro
Em resposta a Mourão, o presidente disse na quinta (24) ser a única autoridade do governo federal que pode se posicionar sobre os ataques da Rússia à Ucrânia, desautorizando o vice

"Quem fala sobre o assunto é o presidente da República, e chama-se Jair Bolsonaro. Com todo respeito a essa pessoa que falou isso, está falando algo que não deve, não é de competência dela"

ATÉ TU, BRUTUS
Abdul Qahar Balkhi
O Taleban pediu paz entre a Rússia e Ucrânia na sexta(25). O país já foi ocupado pela União Soviética e pelos EUA, aliados da Ucrânia. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores emitiu uma nota pedindo urgência na resolução da crise

"O Emirado Islâmico pede moderação de ambas as partes. Todos os lados precisam desistir de tomar decisões que possam intensificar a violência"

ONDA VERDE
Claudia López
Prefeita de Bogotá celebra decisão da Corte Constitucional da Colômbia de que mulheres não poderão ser julgadas por abortos realizados até a 24ª semana da gestação

"Que emoção ter vivido para ver, finalmente, essa conquista para as mulheres na Colômbia. Depois do direito ao voto, é a mais importante para a vida, a autonomia e a realização plena e igualitária das mulheres"

TABULEIRO DE WAR
Maria Zakharova
A porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia sinalizou na sexta (25) chance de eventual retaliação contra Finlândia e Suécia se países passarem a integrar a Otan

"Todos os estados membros da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa em sua capacidade nacional, incluindo Finlândia e Suécia, reafirmaram o princípio de que a segurança de um país não pode ser construída à custa da segurança de outros"

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **27.fev.1922**

Música que satiriza Bernardes faz muito sucesso no Carnaval do Rio

O sábado (26), primeiro dia do Carnaval, esteve animadíssimo no Rio de Janeiro, com vários cordões, préstitos e grande corso de automóveis, principalmente na avenida Central.

A nota do dia foi a canção "Ai, Seu Mé" (marchinha de Careca e Freire Junior que satiriza o candidato a presidente Arthur Bernardes) ter sido cantada durante as festas carnavalescas em toda parte, apesar da notícia de que a polícia teria proibido a música.

Na avenida Central, mais de 30 mil pessoas cantaram essa canção na madrugada de domingo. Até no baile do Clube Naval, o "Ai, Seu Mé" foi tocado a pedido por várias vezes.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

ilustríssima

Mudança de cota

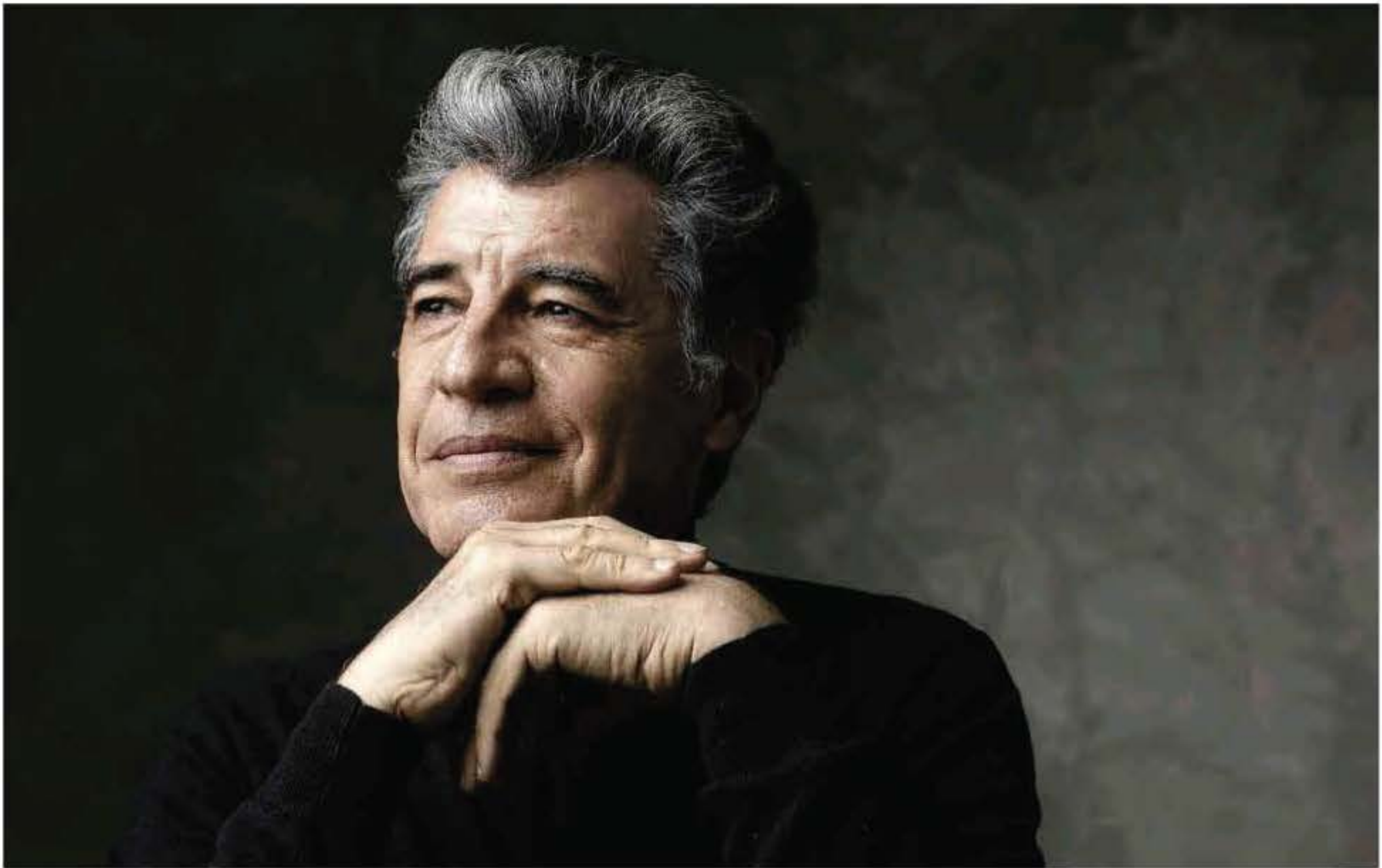
Signatários de manifesto de 2006 contra cotas raciais explicam por que mudaram de posição e passaram a considerar a política em vigor fundamental *C4*

Ilustração **Pedro Neves**

MÔNICA BERGAMO | monica.bergamo@grupofolha.com.br

Paulo Betti
Estou sorvendo a delícia que é ser ator

[RESUMO] Aos 69 anos, ele prepara um livro autobiográfico, conta que luta há décadas para colocar a bandeira do Brasil no palanque de Lula (PT) e afirma preferir atuar a fazer campanha eleitoral

Por **Bianka Vieira**

O ator Paulo Betti posa para um retrato Sergio Zalis/Globo/Divulgação

Paulo Betti chegou aos 69 anos lançando mão de hábitos e passatempos peculiares. Um deles é o de apagar as luzes dos lugares por onde passa. "Apago a luz do camarim da Globo, do banheiro, do vestiário do clube que eu frequento. Se não tem ninguém, eu vou apagando. Às vezes alguém grita: 'Ô, tem gente aqui'", conta, rindo.

*

Além da obsessão por interruptores de energia, recentemente o ator também se autopromoveu a uma espécie de regente em manifestações populares nas ruas. Basta ver uma marcha descoordenada para que ele sugira que as pessoas se desloquem mais para um lado ou para o outro. "Tem que caminhar sem deixar vazios. Isso é teatro básico. Tem que ter harmonia", diz ele, que em 2021 adotou a prática durante atos contra Jair Bolsonaro (PL).

*

"Me coloco assim, como militante, e dou palpites", explica. Se engana, porém, quem pensa que seus pitacos se restringem a eventos pontuais. "Desde 1989 eu luto para botar a bandeira do Brasil no palanque do Lula [PT]. No comício final na Candelária [no Rio], em vez de descer a bandeira do PT e tocar a 'Internacional Socialista', eu queria a bandeira do Brasil e o Hino brasileiro."

*

"A última vez que me deu uma coceira para fazer isso foi na campanha do [Fernando] Haddad [à Presidência, em 2018]. Eu fiquei insistindo com a campanha, ligava, tentava influenciar as pessoas para botar uma bandeira do Brasil." Por insistência de Paulo Betti ou não, Haddad adotou as cores da bandeira no segundo turno.

*

Apesar do entusiasmo com a candidatura petista para este ano e de seguir defendendo que o PT una verde, amarelo, azul e branco ao vermelho, o ator diz que não pretende se engajar oficialmente na campanha de Lula. Reeditar o vídeo de artistas cantando "Lula Lá", como fez em 1989, nem passa por sua cabeça.

*

"Primeiro que eu teria que pedir licença para a televisão, porque não poderia continuar trabalhando. E depois que eu gosto mais de fazer novela do que de fazer isso", afirma. "Até tenho alguns contatos de pessoas [na esfera política] para quem passo ideias, 'olha isso, olha aquilo'. Sou um informante no bastidor [risos]".

*

Após mais de um ano recluso em razão da crise da Covid-19, o ator retornou aos estúdios da TV Globo no final do ano passado para dar início às gravações da novela "Além da Ilusão", atualmente exibida na faixa das seis pela emissora. "Eu entro no estúdio e sinto uma satisfação, uma alegria, sabe?", diz sobre a retomada. "Aquilo é a nossa Hollywood."

*

Na trama, Paulo Betti vive Constantino, dono de um cassino. Segundo o ator, o cenário da casa de jogos é o mais impressionante pelo qual já passou em mais de quatro décadas de carreira na televisão.

*

"Eu estou sorvendo a delícia que é ser ator. [É] como se para fazer qualquer personagem você agarrasse um fio desencapado. É um estado de entrega. Você entrega seu corpo, sua voz, tudo com aqueles detalhes que foram preparados por uma equipe maravilhosa."

*

"Esse comportamento de entrega quase religiosa tem um grau de insalubridade. Porque você tangencia de uma certa maneira algo que não é você, que você deseja e que você até exerce um certo poder com aquilo, mas não é você."

*

Paulo interrompe a celebração da arte de atuar para ponderar que a classe artística "vive sob tiroteio" atualmente. Na sua visão, determinados setores da sociedade se ressentem do prazer e da diversão proporcionados aos atores pelo exercício de sua profissão.

*

"As pessoas fizeram um critério de avaliação absolutamente absurdo e tomaram o que é um exercício nobre e, superficialmente, conseguiram botar pechas de 'mamador da Lei Rouanet', 'a mamata vai acabar', quando na realidade foi o contrário. Posso dizer, com muito orgulho, que eu dediquei 50% do meu trabalho para coisas públicas."

*

Para além das gravações de "Além da Ilusão", Paulo tem se ocupado de um diário no qual registra memórias, causos e recortes desde os anos 1980. O volume já serviu de inspiração para a peça "Autobiografia Autorizada", de sua autoria. Desta vez, ele revisita seus escritos com o objetivo de publicar um livro sobre a própria vida. "A memória parece que vai se incendiando, e pontos vão se preenchendo", diz sobre a leitura do caderno.

*

"Acho que tudo o que a gente é ou pretende ser ou pensa que é está relacionado à nossa infância", reflete. "É nesse lugar que eu estou mais focado. Ele é o que parece mais distante, mas é o que mais me aproxima de tudo hoje."

*

Nascido em Rafard, no interior paulista, Paulo Betti começou a trabalhar ainda cedo como ajudante de pedreiro de seu pai. Aos finais de semana, ele era pago para carregar carrinhos abastecidos com tijolos. Foi com essa função que garantiu seus primeiros ingressos em sessões de matinê do cinema de Sorocaba (SP), cidade onde cresceu.

*

O contraste entre uma infância pobre e a vida que leva atualmente ainda é um tema que leva para o divã. "É um choque porque você deixa a pobreza, mas a pobreza não deixa você. A gente carrega o que a gente é, no que tem de bom e no que tem de ruim também. Mas aí é trabalho, né? Já tem uns dez anos que eu faço análise e tento, de uma certa forma, destrinchar isso."

*

Seu caminho nas artes cênicas começou a ser desbravado para valer na década de 1970, aos 19 anos, quando deixou o interior paulista para frequentar a Escola de Arte Dramática na USP (Universidade de São Paulo), na capital. O desembarque na cidade grande se deu ao lado da atriz Eliane Giardini, sua então namorada e com quem ele teve duas filhas. "Eliane e eu nos apoiamos muito. É absolutamente uma sorte incrível ter na vida pessoas que sonham o que você sonha também."

*

Não que os anos de USP tenham sido fáceis. Paulo alternava as aulas com o trabalho em bancos como o União Comercial e o Banco de Boston. Foi entre as caixas registradoras que fez sua primeira tradução para o teatro: "Cerimônia para um Negro Assassinado", do espanhol Fernando Arrabal, que ele também viria a dirigir.

*

Pouco depois, Paulo Betti passou a se aventurar no mercado publicitário e também no da dublagem. "Tinha muita placa [nas cenas os filmes]", relembra sobre seus primeiros trabalhos como dublador. "'Arizona, 80 km'. Você só lê a placa [que está em inglês]. 'Cuidado, explosivos'", diz, fazendo uma entonação típica de filmes.

*

Seu portfólio começou a mudar depois que foi contratado para fazer a novela "Como Salvar Meu Casamento", da extinta TV Tupi. A resposta para a pergunta, porém, Paulo não sabe até hoje. "A televisão acabou e a novela foi interrompida. Ninguém soube como salvar seu casamento", brinca.

*

Apesar do desfecho trágico, o folhetim rendeu a Paulo Betti um público gabaritado. "O [sociólogo] Florestan Fernandes, o pai, me encontrou na feira e falou: 'Assisto a tua novela'. Saí quase voando. Imagina o Florestan Fernandes me vendo na novela?", relembra.

*

No ano em que completará sete décadas de vida, Paulo reflete sobre o que chama de passagem violenta do tempo. "Até agora foi um sopro, né? Foi tão rápido que dá a impressão de que é um sopro", diz. "Acho que estou diante de um momento muito intenso e muito importante do ponto de vista estrutural e político", afirma.

*

"Temos um campo de luta que precisa da gente. Que precisa do nosso esforço, da nossa mais hábil, digna, patriótica, criativa e inspirada forma de frear a destruição e rapidamente iniciar um trabalho de reconstrução", segue. "Me sinto vivendo uma angústia cívica."

O retorno do recalcado

Identidades contraditórias aproximam protagonista de 'Ulysses' e Macunaíma

Bernardo Carvalho
Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'O Último Gozo do Mundo'

Com o início da pandemia, passei a ir ao Rio de carro e adotei os audiolivros como companhia de viagem. Tem sido uma experiência estranha, dividido entre as exigências da realidade e da narração, duplicado pela viagem feita simultaneamente em mundos paralelos, o tempo suspenso, como num sonho acordado.

Comecei o ano escutando "Ulysses", na esperança de que uma voz me ajudasse a concluir o que nunca consegui terminar sozinho.

A edição da Penguin vem com o prefácio de Declan Kiberd, de 1992, que insere o livro no contexto da independência da Irlanda e da busca pela representação de uma identidade nacional, sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais. É tentador para o leitor brasileiro comparar a forma que Joyce dá à ideia de identidade nacional com o que aqui se gestava entre intelectuais e artistas na época — e continua, cem anos depois, a nos assombrar como um fantasma.

"Ulysses" foi escrito durante o movimento de independência e publicado às vésperas da guerra civil. À "matriz celta", entretanto, idealização fácil de um mito de origem, representação heroica de um suposto espírito nacional, Joyce contrapõe um protagonista judeu, errando num mar de antissemitismo nem sempre velado: Leopold Bloom em sua odisseia por Dublin, releitura moderna do herói grego, enquanto a mulher se encontra em casa com um amante.

O "novo homem feminino", não no sentido efeminado, mas plural, cosmopolita, cruzamento de opostos e incompatibilidades, reflexo negativo do modelo de herói viril do colonizador britânico, tem algo de macunaímico. Expõe as contradições contra as tentativas de amálgama edificante. "Não corrijo", escreveu Mário de Andrade a Manuel Bandeira, em relação aos disparates de seu "herói sem nenhum caráter", "contradição [assumida e deliberada] de si mesmo".

Kiberd menciona a distinção entre sinceridade e autenticidade, segundo o crítico Lionel Trilling. Sinceridade é a correspondência entre o eu e sua expressão. É o ideal romântico da verdade confessional, fidelidade a uma essência, a uma identidade.

A autenticidade, ao contrário, supõe um "problema de forma" que põe em questão a própria ideia de essência, a favor da pluralidade de identidades simultâneas e contraditórias que compõem as pessoas e as nações. É a modernidade ambulante de Bloom, as incoerências de Macunaíma.

Num texto recente, publicado na revista The New Yorker, Merve Emre distingue amor e desejo como os dois polos entre os quais oscilam "Ulysses" e seus leitores. Com base na situação de Bloom, adiando a volta à casa para evitar a confirmação de suas suspeitas, a ensaísta, professora de inglês em Oxford, associa o desejo à vontade de saber, à ansiedade de conhecer e dominar, e o amor à resignação, opção por não saber, abrindo mão do controle sobre o outro.

A defesa do amor ganha então um quê de religião e fé. E é correlata à necessidade de crença em alguma coesão diante de um mundo que se esfacela. Uma perspectiva que entretanto precisa se sustentar em polarizações para lidar com um romance no qual amor e desejo seriam em princípio indissociáveis, força vital contraditória.

A propósito do desejo, Emre cita Leo Bersani, que, num ensaio seminal ("Realismo e o Medo do Desejo"), alça Proust aos píncaros do realismo moderno, por contrapor ao ideal de coerência psicológica do personagem oitocentista um narrador que já não cabe em si, é ao mesmo tempo todos e ninguém, para quem o desejo são os outros em si mesmo.

O desejo em Proust desmonta a representação de um sujeito coerente e coeso, assim como o espelho estilhaçado do modelo heroico do colonizador britânico reflete o anti-herói concebido por Joyce, judeu num mar de antissemitismo, constituindo a nação não mais como amálgama e ocultamento, mas exposição do recalque à luz do dia.

Assim como no século 19, em meio ao caos social provocado pelo advento do capitalismo, também hoje, diante de crises sociais e econômicas cada vez mais insustentáveis, o amor ganha valor moral aglutinador (contra os caprichos do desejo), ao mesmo tempo que o sujeito e o mundo se tornam descaradamente narcisistas.

A autoimagem não é capaz de barrar o que foi recalcado pela idealização da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo. É o problema da tentativa de criação de mitos por meio de bordões de autossugestão nacional, mesmo quando carregados de humor, ironia e talento literário.

De que vale dizer "só a antropofagia nos une", quando sabemos que o que nos une são as contradições que o bordão encobre? Contradições recalcadas, que mais cedo ou mais tarde se manifestam, como já vimos, das piores maneiras.

[...]

Assim como no século 19, em meio ao caos social provocado pelo advento do capitalismo, também hoje, diante de crises sociais e econômicas cada vez mais insustentáveis, o amor ganha valor moral aglutinador (contra os caprichos do desejo), ao mesmo tempo que o sujeito e o mundo se tornam descaradamente narcisistas

| DOM. Bernardo Carvalho, **Itamar Vieira Junior**, Marilene Felinto

Aprendizado pelas cotas

[RESUMO] Dezesseis anos após assinarem um documento contra a adoção de cotas raciais nas universidades, 11 professores e pesquisadores explicam por que mudaram de posição e hoje consideram a reserva de vagas, que pode ser revista neste ano, fundamental para combater a desigualdade

Por **Fernanda Mena**
Mestre em direitos humanos pela LSE (London School of Economics), doutora em relações internacionais pela USP e repórter especial da Folha

Ilustração **Pedro Neves**
Artista plástico. A galeria Portas Vilaseca realiza exposição individual do artista de 9/3 a 20/4 em sua sede no Rio de Janeiro

"O mundo mudou, e eu mudei com ele." A afirmação é do sociólogo Luiz Werneck Vianna, do alto de seus 83 anos, e informa seu posicionamento atual sobre cotas raciais nas universidades do Brasil, uma política que pode ser revista neste ano.

Em 2006, o então professor titular do Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) e estudioso de renome das relações entre direito, política e sociedade foi um dos 114 signatários de um manifesto contra os projetos da Lei de Cotas (PL 73/1999) e do Estatuto da Igualdade Racial (PL 3.198/2000), que tramitavam o Congresso. O documento dividiu a intelectualidade brasileira e incendiou o debate público.

Sob o título "Todos têm direitos iguais na República", o texto avaliava os projetos de lei como vetores de uma transformação de "classificações estatísticas gerais (como as do IBGE) em identidades e direitos individuais contra o preceito da igualdade de todos perante a lei".

O documento também dizia que "políticas dirigidas a grupos 'raciais' estanques em nome da justiça social não eliminam o racismo e podem até mesmo produzir o efeito contrário, dando respaldo legal ao conceito de raça, e possibilitando o acirramento do conflito e da intolerância".

E tencionava: "Almejamos um Brasil no qual ninguém seja discriminado, de forma positiva ou negativa, por sua cor, seu sexo, sua vida íntima e sua religião; onde todos tenham acesso a todos os serviços públicos; que se valorize a diversidade como um processo vivaz e integrante do caminho de toda a humanidade". O texto não detalha como isso se daria.

O manifesto foi assinado majoritariamente por historiadores, economistas, cientistas políticos, sociólogos e antropólogos da academia, mas também por artistas, como Caetano Veloso e os poetas Antonio Cicero e Ferreira Gullar (1930-2016). Entre uma maioria de signatários brancos, há alguns poucos ativistas do movimento negro, como o sindicalista Roque Ferreira e o advogado José Roberto Ferreira Militão.

A **Folha** procurou 32 dos 104 signatários vivos do documento em busca de quem havia mudado de opinião de 2006 para cá e por quê. Oito não retornaram os contatos da reportagem, nove declinaram de manifestar seu posicionamento atual (alegando os mais variados motivos: luto, receio, trabalho, desinteresse), quatro confirmaram manter a posição do manifesto e 11 afirmaram terem mudado a favor da política de cotas brasileira.

"Na época, eu pensava a partir de uma lógica de classes. Estava errado. Consertei meu erro", afirma Werneck Vianna, um dos signatários do texto que trocaram de lado no debate sobre o tema. "Reconheço, com satisfação, que estava errada", diz também a historiadora Isabel Lustosa, autora de livros sobre a história brasileira e do infantojuvenil "A História dos Escravos" (Companhia das Letrinhas).

"Não tinha opinião consolidada, mas achava que, pela lógica, as cotas poderiam causar discriminação aos profissionais que tivessem se beneficiado delas. E também me preocupavam os critérios pelos quais se definiria quem teria direito ou não às cotas", explica ela. "Hoje, vejo o resultado positivo, que tem sido confirmado por pesquisas."

Sancionada em 2012, a Lei de Cotas (12.711) completa dez anos de reserva de vagas sociorraciais em instituições federais de ensino superior do país. Ela determina 50% de vagas para livre concorrência e 50% para alunos oriundos de escolas públicas, divididos em duas faixas de renda. Dentro de cada faixa são reservadas vagas para pretos, pardos e indígenas (PPI) na proporção desses grupos na população de cada estado do país.

O estado de São Paulo tem cerca de 41% de pretos, pardos e indígenas, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Neste caso, por exemplo, a cada 100 vagas em universidades e institutos federais, 50 são destinadas a estudantes que cursaram o ensino médio na rede pública —e, destas, 20 a negros e indígenas (10 para cada faixa de renda).

Entre os quatro signatários do manifesto que mantiveram a posição de 2006, apenas um concordou em comentar abertamente seu posicionamento. "É uma resposta complexa", diz o advogado Militão. "Sou favorável a políticas de ações afirmativas, porém contrário às cotas compulsórias com base em leis de 'segregação de direitos raciais'", diz. "Estamos trilhando um perigoso caminho: o de um Estado racialista", conclui.

Outros dois desses subscritores, que não quiseram se identificar porque, dizem, seriam acusados de racistas, afirmaram defender cotas sociais e serem adeptos da eliminação de identidades raciais e dos estereótipos associados a elas. Também disseram ver como problemáticas as comissões criadas para verificar a autodeclaração dos candidatos.

Já os 11 signatários do manifesto que depois reviram suas posições foram guiados, de forma geral, por três ideias em 2006. Primeiro, a de que era preciso refutar a ideia de raça, pois sua consolidação dividiria a sociedade brasileira, a exemplo dos EUA.

Isso dialoga com o mito das três raças, aquele que romantiza a miscigenação ao longo da história do Brasil, e deriva da também mitológica noção de democracia racial brasileira, desmontada a partir da produção de dados que evidenciam os marcadores raciais presentes na violência e na desigualdade.

"Naquele momento, em 2006, eu partilhava da ideia de que só existe uma raça, a humana, que é universal. Ainda partilho", afirma a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz, autora de diversos estudos sobre o Brasil, entre eles, "O Espetáculo das Raças" (Companhia das Letras).

"Eu não prestava atenção, porém, à ideia fundamental de que a sociedade trapaceia a natureza e produz a ideia de raça, que é um marcador de diferença fundamental para entender o Brasil", explica Schwarcz, a primeira dos intelectuais signatários do manifesto a declarar publicamente sua mudança de posição. "Nosso presente está cheio de passado, e tenho orgulho de ter mudado de opinião."

Para ela, o Brasil só será uma democracia quando "a branquitude reconhecer que é um local de privilégio e conforto social que produz estruturas de discriminação". "No Brasil, 56,4% das pessoas se declaram pretas ou pardas e são consideradas negras. Essas, portanto, não são minorias, como nos EUA. São maiorias minorizadas na sua representação", avalia. "Quando vemos os dados sobre como produzimos coletivamente o racismo estrutural, fica evidente que lutar por cotas é lutar por um Brasil mais justo, mais utópico, mais plural e, portanto, mais real."

Universidades que adotaram só o critério social não tiveram mudanças no perfil racial de seus alunos, enquanto as que implementaram também as cotas raciais ganharam diversidade no corpo discente

Outra ideia comum a parte dos signatários é a de que a universalização de serviços de educação de qualidade daria conta de reverter a desigualdade de oportunidades entre brancos e negros no ensino superior.

Foi essa crença que motivou o professor de filosofia política da PUC-Rio Renato Lessa a subscrever ao texto de 2006. "Foi uma discussão 16 anos atrás em um contexto de grandes esperanças de que o país estava construindo uma perspectiva de Estado de bem-estar social, com políticas universais nas áreas de educação, saúde e distribuição de renda", diz. "A minha expectativa era que, com políticas universais, poderíamos reverter as desigualdades estruturais do país, como o racismo."

Instituídas as cotas, Lessa afirma ter percebido, a partir das mudanças promovidas pela política, que "a luta contra o racismo exige a democratização das elites". "Essa é uma palavra malvista, mas é disso que se trata: pessoas que ocupam posições de prestígio e com poder de produzir benefício público. Advogados, cientistas, pesquisadores e outras posições antes ocupadas quase exclusivamente por brancos", avalia.

Segundo o professor, "o preenchimento dessa elite com populações que nunca chegaram nessas posições não pode esperar a lenta progressão das políticas de igualdade". "Tem que ser para hoje, para amanhã, e as cotas são elementos de aceleração."

Lessa hoje avalia ser indefensável a contradição entre cotas e políticas universais, debatida na época do manifesto. "Há situações e circunstâncias em que a política de cotas se mostrou mais eficiente e democratizante. Não sabíamos disso naquela época. E há dramas brasileiros que só podem ser mexidos com políticas duras e estruturais", diz. "Minha posição se deslocou e se tornou mais complexa."

Uma terceira crença usual no debate à época do manifesto era a de que cotas sociais dariam conta de promover equidade de acesso para os desprivilegiados brasileiros, sem distinção entre brancos pobres e negros pobres. Estudos, porém, apontaram que universidades que adotaram apenas o critério social não apresentaram mudanças no perfil racial de seus alunos, enquanto aquelas que implementaram também as cotas raciais ganharam diversidade no corpo discente.

"Revisei totalmente minha compreensão de que cotas sociais incorporavam, sem explicitar, a questão racial. É algo impossível em uma sociedade racista e violenta com o trágico e recente passado de escravidão", afirma o cientista político Gilberto Hochman, da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), que apoiou o manifesto de 2006. "Hoje defendo fortemente a política de cotas raciais e ações afirmativas para o acesso ao ensino superior e instituições de pesquisa e ao serviço público em geral."

A socióloga Maria Alice Rezende de Carvalho também mudou com a mesma descoberta. "Em 2006, acreditava que a desigualdade era um substantivo singular, e que as cotas deveriam atender aos segmentos pobres da população", explica. "Mas o tempo, o movimento do mundo e as lutas globais contra o racismo me fizeram mudar."

A maior parte dos signatários do manifesto que mudou de posição descreve um processo de aprendizado para além da teoria, amparado tanto no aumento da produção de dados sobre o marcador racial das desigualdades brasileiras quanto na produção científica sobre os resultados da política de cotas.

"Entendo que, no meu caso e no de muitas pessoas, houve um processo de aprendizado a partir do contato e do diálogo com os movimentos sociais que defenderam e foram fundamentais para a implementação da política de cotas nas universidades", descreve a socióloga Nísia Trindade Lima, que mudou de posição desde que subscreveu o manifesto de 2006.

Na avaliação da atual presidente da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), instituição que hoje adota política de cotas para a pós-graduação e para concursos de seus servidores, as universidades se tornaram melhores e mais inclusivas com as cotas raciais.

"Ela [a política de cotas raciais] é importante para a cultura democrática e se constitui como aprendizado positivo também para os não cotistas. Defendo hoje que é possível implementar políticas universais combinadas ao princípio da equidade, como é o caso das cotas, corrigindo, assim, injustiças históricas que, de outro modo, apenas se reproduziriam."

O historiador Roney Cytrynowicz, outro signatário do texto contra cotas que reviu sua posição, também descreve um processo de aprendizado. "O tempo mostrou que a adoção de cotas como política pública teve um resultado extremamente positivo. Foi responsável por promover uma das principais transformações da sociedade brasileira, sobretudo nas universidades públicas", afirma ele, que sustenta que não havia, à época do manifesto, "compreensão dos mecanismos do racismo estrutural".

"A maior presença de negros, índios e outros grupos em todos os campos amplificou a diversidade das vozes antes silenciadas, o que começa a corrigir uma injustiça intolerável", diz.

Ao longo de uma década, a ação afirmativa reduziu a desigualdade racial no ensino superior, tornando as universidades mais diversas e ampliando o debate sobre racismo no país. Uma revisão da literatura sobre cotas no Brasil realizada, entre outros, pelo economista e colunista da **Folha** Rodrigo Zeidan encontrou pesquisas que não confirmavam os temores de opositores da política. Um deles é que os cotistas, termo às vezes usado de modo pejorativo, poderiam prejudicar não cotistas e a instituição de ensino ao ingressarem na universidade supostamente menos preparados para o vestibular.

Era o caso da economista Lena Lavinas, professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). "Eu me preocupava com uma possível desvalorização das credenciais necessárias para se entrar na universidade, que é um mecanismo muito importante de mobilidade social", diz.

"Espera-se que entrem os melhores e aqueles que realmente querem estudar, e me preocupava a adoção de critérios de ingresso que não os do conhecimento", explica. "Eu estava completamente equivocada. O que faltava a esses estudantes era a oportunidade de ter um melhor desempenho. Minhas classes, antes formadas quase exclusivamente por brancos, se tornaram mais diversas. Hoje, muitos alunos negros estão na pós-graduação. Isso é maravilhoso."

Segundo os estudos, as diferenças entre alunos cotistas e não cotistas diminuem à medida que eles se aproximam da formatura, até se tornarem insignificantes. Não foi detectado impacto negativo no desempenho dos alunos não cotistas nem indicação de que fraudes sejam um problema sistêmico.

Para a professora titular aposentada de ciência política da USP e colunista da **Folha** Maria Hermínia Tavares, "as previsões do documento [manifesto contra cotas] não se cumpriram" e "os efeitos perversos que imaginávamos que seriam produzidos pelas cotas não se verificaram".

"Como cientista social, só me cabe reconhecer as evidências e, baseada nelas, reconhecer o erro", diz. "Errei redondamente e hoje considero que as cotas foram a principal medida tomada no país com o objetivo de reduzir uma das muitas desigualdades que caracterizam a sociedade brasileira, qual seja, aquela que se baseia na discriminação racial." ←

'Jardim Suspenso'; na capa do caderno, 'A um Palmo' Pertas Vilaseca Galeria/Divulgação

'Achava que, se você se esforçasse, conseguiria vaga na universidade'

[RESUMO] Humorista Helio de la Peña conta como o aprofundamento do debate sobre racismo o levou a rever seu posicionamento contra as cotas raciais

Por ***Fernanda Mena***

A trajetória de Helio Antonio do Couto Filho, 62, é marcada por excepcionalidades que moldaram sua primeira posição sobre cotas raciais: era contra.

A mais conhecida dessas singularidades é o fato de ter se tornado Helio de la Peña, um dos únicos humoristas negros de sua geração a fazer sucesso na maior emissora do país. Primeiro, só atrás das câmeras, como roteirista da hilária TV Pirata. Depois, como idealizador e um dos protagonistas do longevo Casseta & Planeta Urgente.

A fama o protegeu das batidas policiais antes comuns, na juventude, e de outras manifestações mais contundentes do racismo à brasileira.

De la Peña, contudo, já vinha de um percurso excepcional. Nascido no subúrbio carioca, em uma família de classe média baixa, pôde estudar em escola de elite e cursou engenharia em uma universidade pública federal. Sempre rodeado de poucos colegas negros.

"Eu achava que, se você se esforçasse, se você corresse atrás, conseguiria a sua vaga na universidade", explica. A maior presença da perspectiva de ativistas, intelectuais e influenciadores negros no debate racial brasileiro o levou a rever esse posicionamento. "Ouvi outras vozes e mudei meu ponto de vista."

*

Por que era contrário às cotas raciais nas universidades? Sou negro de origem pobre, suburbano do Rio de Janeiro. Fui alfabetizado em uma escola pública, estudei em um colégio de elite no fundamental 2 e no ensino médio. Fui aprovado para o curso de engenharia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) em 1978 sem precisar de curso pré-vestibular. Não havia sistema de cotas. Eu achava que, se você se esforçasse, se você corresse atrás, conseguiria a sua vaga na universidade.

Sua trajetória individual influenciou esse primeiro posicionamento? Sim, ela moldou por muitos anos a minha opinião. Minha mãe era professora primária, meu pai trabalhava como escriturário em uma empresa privada. Ambos davam valor à educação. Morava no subúrbio do Rio, no asfalto, porém. Não sofríamos privações materiais. Era um lar estruturado, com pais presentes e que tinham condições de me proporcionar uma boa formação escolar. Não tinha parado para pensar a respeito, assim não levava em conta que reunia condições atípicas para uma família negra e periférica.

Havia colegas negros na escola e na faculdade? Na escola, eram raríssimos os colegas negros. Na faculdade, tinha um pouco mais, mas muito pouca gente. Em cursos muito disputados, a tendência era de haver poucas pessoas negras. Eu acho que a proporção de negros nesses cursos continua bem desigual, embora tenha aumentado o acesso.

Como projetava as consequências das cotas raciais nas universidades e como as avalia hoje? Avaliava de forma cética, como muitos, questionando o desempenho na universidade daqueles que não tiveram a chance de uma boa formação nos ensinos médio e fundamental. Hoje, os dados comprovam que os estudantes que ingressam por cotas raciais têm se saído, na média, tão bem quanto os não cotistas. Fico feliz com este resultado. Também passei a perceber que as cotas sociais acabavam democratizando a universidade do ponto de vista socioeconômico, mas muito pouco do ponto de vista racial, porque a maioria que entrava era branca.

Foi isso o que fez você mudar de opinião sobre cotas raciais? Foi um processo. A discussão cresceu na sociedade. Ativistas do movimento negro tiveram espaço na mídia para apresentar seus pontos de vista. Ao mesmo tempo, me aproximei de ONGs que promoviam ações sociais nas favelas e junto à população negra. Conversei com lideranças como Celso Athayde e Preto Zezé, da Cufa [Central Única das Favelas], Rene Silva, da Voz das Comunidades, e com influenciadores, como AD Junior. Li textos de Djamila Ribeiro e Flávia Oliveira. Enfim, ouvi outras vozes e mudei meu ponto de vista.

Você, antes da fama, sofreu racismo? E depois? Eu sofri racismo antes da fama e sofri racismo depois da fama em situações em que não fui reconhecido. Quando você passa a ser uma figura pública, o tratamento é outro. Antes de ser famoso, era comum ser parado pela polícia toda hora. Tem um livro do escritor americano Paul Beatty chamado "O Vendido", em que ele fala que a pessoa preta, quando se torna famosa, muda de etnia: vira celebridade. Essa brincadeira mostra como o racismo atinge pessoas que não são figuras conhecidas e como ele é amenizado quando você se torna uma figura pública.

Como avalia o debate sobre racismo no Brasil? Durante anos, o assunto foi tabu na sociedade. Trágicos episódios, como o assassinato de George Floyd, trouxeram o racismo para a pauta de discussões nas redes sociais e na mídia. A democracia racial no Brasil é pura fake news. É preciso sublinhar como o racismo se faz presente no dia a dia.

O reflexo disso é a ausência de negros em ambientes elitizados e em cargos de comando nas empresas, e a esmagadora maioria de negros nas estatísticas negativas ligadas a condições socioeconômicas, abordagens policiais, baixos desempenhos escolares etc. É preciso que essa discussão envolva também as pessoas que não são negras e, portanto, não são vítimas do racismo.

Existe resistência de pessoas brancas em debater esse tema? Acho que existe, sim. Primeiro, pelo fato de elas não verem tanta importância no debate porque aquilo não as afeta diretamente. Segundo, existe uma percepção da pessoa branca de que ela não comete nenhum ato de racismo, porque ela é bem-intencionada, é uma pessoa legal e tal. E ela não percebe que muitos atos são inconscientes. Então, a pessoa fica extremamente ofendida quando você aponta uma derrapada racista, e a discussão se desvia para a sensibilidade daquela pessoa e como ela foi afetada pela acusação de racismo mais do que o sujeito que foi massacrado pela questão racial.

As pessoas têm que se despir um pouco e aceitar que a questão não vem delas, mas de uma sociedade em que, até há pouco mais de um século, era muito natural as pessoas de pele preta serem mercadoria e não ser humano, em que negro era proibido de ir para escola, de comprar terras e várias outras informações que são muito pouco divulgadas. As pessoas têm de aceitar que o olhar da sociedade conserva valores e que alguns desses valores devem ser discutidos e derrubados. ←

'Solidão' Portas Vilaseca Galeria/Divulgação

Tô me guardando pra quando o Carnaval voltar

[RESUMO] Cancelamento do Carnaval de rua por motivos sanitários legítimos, enquanto outras formas carnavalescas seguem liberadas, não deve ser banalizado nem abrir caminho para a moralização, a mercantilização e o confinamento da folia, defende pesquisador

Por **Guilherme Varella**
Advogado, gestor cultural e pesquisador. Foi secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura (2015-16) e assessor técnico e chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (2013-15)

Ilustração **Pedro Neves**
Artista plástico

O Carnaval é a expressão cultural festiva mais intensa e socialmente arraigada da cultura brasileira. É tradição, celebração, processo identitário, expressão artística, linguagem e estética. É um direito cultural, que permite o acesso ao patrimônio cultural brasileiro e a vivência de sua diversidade. É o exercício da fundamental liberdade de expressão criativa e opinião política. É um ativo turístico e econômico.

Esses atributos já seriam suficientes para consolidar a ideia do Carnaval como um fenômeno essencial da cultura brasileira, a ser promovido e preservado, mas ainda há outra dimensão. Na modalidade de rua, o Carnaval é plataforma de direito à cidade: de vocalização, reivindicação e materialização de uma nova lógica urbana, mais afeta à sociabilidade, à liberdade e ao uso democrático dos espaços públicos. É a radicalização espacial da experiência festiva de transgressão, crítica, ludicidade e alegria.

Por isso, o cancelamento do Carnaval de rua, ainda que imprescindível nas circunstâncias sanitárias atuais, não é trivial nem pode ser banalizado ou naturalizado.

Não há dúvidas da urgência em interromper as atividades que promovam aglomeração. É preciso frear o alastramento da nova variante do coronavírus. No entanto, é preocupante a ideia de que apenas a modalidade de rua do Carnaval "pode" ser cancelada, como se esse cancelamento não trouxesse consequências imediatas e o hiato da festa de rua não acarretasse riscos à própria essência do Carnaval.

O antiprotocolo e a bola da vez

É preocupante, primeiro, por razões sanitárias. Excluir somente o Carnaval de rua resolve apenas parte do problema. Passaporte vacinal, máscaras, percentual de público e distanciamento social são medidas indispensáveis, mas não combinam com Carnaval, seja em quaisquer de suas formas: rua, sambódromo e salão (que, em sua forma atualizada, é a balada carnavalesca).

Crer que os protocolos serão atendidos nesses espaços é nutrir a mesma ilusão do cumprimento atual nos estádios de futebol. Carnaval é o próprio antiprotocolo: é da sua essência festiva, afetiva e anárquica e isso não vai mudar.

Do ponto de vista econômico, também não é trivial cancelar a rua. Não se pode atribuir apenas aos desfiles das escolas o grande valor da cadeia econômica carnavalesca. A retomada do Carnaval de rua das grandes cidades brasileiras, a partir dos anos 2000 e 2010, reconfigurou nacionalmente o cenário econômico da festa.

O número de blocos cresceu exponencialmente, investimentos públicos foram destinados ao planejamento do evento e os patrocínios foram, em grande medida, redirecionados para o espaço público. Tome-se o exemplo da capital paulista, onde uma política pública para o Carnaval de rua foi implementada pela gestão Fernando Haddad (PT).

A partir dela, houve o crescimento vertiginoso da festa, de cerca de 50 blocos e algumas centenas de foliões em 2013 para mais de 600 blocos e 15 milhões de foliões no último Carnaval. Em 2020, a prefeitura estima que o retorno financeiro tenha sido de R$ 2,7 bilhões.

Toda a cadeia econômica carnavalesca é importante para a economia da cultura e das cidades. A alternativa para evitar o dano econômico no circuito das escolas foi não cancelar os sambódromos: os desfiles foram adiados para o feriado de Tiradentes, em abril. As festas carnavalescas fechadas (as baladas de Carnaval), em plena programação, privatizam e elitizam a folia, mas também pagam os boletos dos músicos. A elas, restou a lavada de mãos do poder público.

Sem qualquer apoio técnico ou medida compensatória, a responsabilidade de decidir o risco sanitário dos eventos recaiu sobre os empresários, gestores culturais e artistas, todos precisando sobreviver em meio à crise provocada pela pandemia. Ficaram todos entre a cruz, o estandarte e a caldeirinha.

Já no caso do Carnaval de rua, a opção pareceu simples. Bastou acionar o botão que "desliga" a folia. Simplesmente ignorou-se o prejuízo econômico gerado pela interrupção dessa cadeia carnavalesca, agravado pela inexistência de políticas públicas de redução de danos e de suporte econômico, em nível municipal, estadual e federal, com raras exceções.

São milhares de músicos, ambulantes, comerciantes locais e arranjos comunitários duramente fragilizados. Não há botão que desligue essa crise. O Carnaval de rua se torna a bola da vez da ininterrupta hipercrise econômica do setor cultural.

A moralização da folia

Nesse processo, ficou evidente também outro fator: o moralismo de ocasião. Muitos quiseram promover a suspensão do Carnaval de rua bem antes de as condições sanitárias apontarem a necessidade.

Jair Bolsonaro (PL), principal crítico do isolamento social, do uso de máscaras e da vacina, o mesmo que elegeu a cultura como setor inimigo, deu sinais claros às suas hostes para atacar a festa. "Por mim, não teria Carnaval", disse em novembro passado.

Desde então, tropas conservadoras alimentaram uma campanha de cancelamento do Carnaval, ainda que o quadro de saúde pública apontasse para um cenário mais otimista. A empreitada contou com a adesão de dezenas de cidades brasileiras. Sob o pretexto da cautela, houve uma ofensiva moral contra a folia. O Carnaval entrara na guerra simbólica da pandemia.

Em 2022, o Carnaval de rua foi paralisado em defesa da vida, não da moral, mas o hiato de dois anos sem festa e a aparente "facilidade" de seu cancelamento deixam sempre iminente o risco de avanço da agenda conservadora contra a folia. Ainda que Bolsonaro passe, o bolsonarismo fica.

Por isso, retornar com a festa preservada em sua essência —libertária, transgressora e democrática—

Continua na pág. C7

Continuação da pág. C6

significa afastar toda e qualquer investida pretensamente moralizante.

A "ambevização" do Carnaval de rua

Outro risco é aprofundar a "ambevização" da folia, fenômeno já presente nas principais cidades carnavalescas brasileiras.

A "ambevização" é o sequestro dos valores do Carnaval de rua pelas empresas patrocinadoras, mediante a injeção de recursos nos blocos, o financiamento das ações do poder público e a exclusividade de exploração comercial da festa. Nesse processo, ocorre a apropriação comercial e publicitária do espaço público, provocando a homogeneização da paisagem urbana pelas marcas financiadoras, sobretudo as empresas cervejeiras.

Os blocos carnavalescos, para obter os recursos privados ou usufruir da ação governamental patrocinada, precisam se submeter às exigências de marketing das empresas, emprestando sua identidade estética para a ativação publicitária. Os ambulantes, para vender, devem obrigatoriamente ofertar apenas os produtos da patrocinadora, padronizando também o consumo nos dias de festa.

O crescimento acelerado do Carnaval de rua nos últimos anos tem obrigado as prefeituras, cada vez mais, a buscar recursos na iniciativa privada. Um arranjo que, a priori, não é ruim, tampouco ilegal ou ilegítimo, mas pode se tornar se malmanejado ou devorado pelo mercado. Fato é que, no Rio, em São Paulo, Belo Horizonte e outras capitais, as festas são em grande parte pagas pelos patrocinadores.

As marcas têm interesse em se agregar a valores como vivência do espaço público, sociabilidade, afetividade e alegria —inclusive em substituição aos valores que lhes atraíam nos antigos patrocínios dos camarotes: exclusividade, propriedade, diferenciação e luxo.

No entanto, entre a estratégia privada e a dinâmica pública e cultural do Carnaval, a relação poderia ser mais saudável e harmoniosa. As cervejarias se sentem as donas da festa, quando o protagonismo cultural é e deve ser dos blocos, assim como a responsabilidade pelo planejamento urbano compete ao poder público. Os últimos Carnavais demonstraram a infiltração exacerbada dos patrocinadores em duas esferas: na cooptação ou agenciamento dos blocos e na terceirização da organização.

Essas empresas estão se guardando para quando o Carnaval chegar e virão vorazes. Tentarão aproveitar a desestruturação orçamentária do Carnaval no poder público e a própria desorganização institucional da festa, ambas decorrentes do hiato da folia e oferecerão sua "expertise" em troca de (ainda mais) espaço (público), monopólio e visibilidade.

O Carnaval longe da cultura

Nos dois anos de não realização da festa, a máquina pública deixou de planejar a organização dos festejos em conjunto com os blocos e demais agentes do Carnaval. Essa paralisia levou ao esvaziamento das instâncias de participação do segmento carnavalesco e reduziu a possibilidade de controle social.

Diferentemente do Rio, em São Paulo o Legislativo passou longe do debate carnavalesco. A prefeitura, por sua vez, ao longo da pandemia, nunca baseou suas decisões em indicadores desenvolvidos para a festa, tampouco manteve diálogo amplo e aberto com a comunidade cultural. Nunca se propôs uma discussão qualificada sobre a realização ou não do evento em 2022.

Pelo contrário, a política pública afastou-se da cultura. Desde antes do (não) Carnaval de 2021, a ação governamental foi assumida pela Secretaria de Subprefeituras, uma pasta voltada à zeladoria urbana. Sem debate público e sem programa cultural, nessa lacuna carnavalesca, a secretaria passou a construir a política pública do Carnaval de rua às escuras.

Há um exemplo sintomático. Uma reportagem da **Folha** de novembro de 2021 apontou que o planejamento e a gestão operacional do Carnaval de rua haviam sido terceirizados, sem qualquer crivo público, a uma fundação privada.

Em 2022, São Paulo foi a última grande cidade a cancelar sua festa. Em 6 de janeiro, o prefeito Ricardo Nunes (MDB) fez o anúncio. Nele, não tardou a proclamar a famigerada e "original" alternativa estudada para o Carnaval de rua: um "blocódromo".

O fantasma do confinamento

Um espectro que ronda a história do Carnaval de rua é o do confinamento. Não foi diferente com a pandemia. Desde que surgiu o debate sobre a necessidade de cancelar a festa, não faltaram gestores sugerindo a transposição dos festejos das vias públicas para um "blocódromo".

Eduardo Paes (PSD), prefeito do Rio, sugeriu o Parque Olímpico ou o parque Madureira. Nunes, em São Paulo, o autódromo de Interlagos ou o Memorial da América Latina. O argumento era o maior controle da festa em nome da saúde pública. Os blocos imediatamente rechaçaram a ideia, e as prefeituras tiveram que recuar.

A pandemia não é a real motivadora de proposições como essa. O Carnaval de rua é historicamente marcado (e traumatizado) pelas ameaças de cerceamento, espacial e político (pela imposição e controle institucionais). Organizar uma festa livre pelas ruas de uma grande cidade e compatibilizar o direito à folia com os demais direitos gozados no espaço urbano não é algo trivial.

Quanto maior o controle, mais fácil para o poder público. Contudo, mais difícil a dosagem de respeito à essência carnavalesca, calcada na espontaneidade, na liberdade e na criatividade.

A relação entre folia e Estado é marcada por um movimento pendular, alternado entre negligência e controle. Na virada do século 19 para o 20, o Carnaval popular —realizado pelos segmentos pobres da sociedade, já com a incorporação de elementos musicais africanos unidos à brincadeira originariamente portuguesa— era fortemente perseguido nas ruas das cidades.

Resistindo, os festejos cresciam e davam origem aos primeiros cordões. Difundidos nas décadas de 1910 e 1920, eram reprimidos nas ruas, mas cresceram nas duas décadas seguintes sobretudo com a projeção nacional do samba pelo rádio.

O Estado impôs, então, um processo de formalização dos cordões e de sua institucionalização em escolas de samba, que, a partir da década de 1940, passaram a ceder apoio público e redução da repressão em troca de financiamento. A evolução foi o confinamento dos desfiles, primeiro em grandes avenidas, passíveis de controle e ordenação pelas prefeituras. No Rio, isso ocorreu na década de 1950; em São Paulo, na década de 1960.

Depois, coroando um modelo de desfiles "fechados" que reinava soberano nas décadas de 1970 e 1980, foram inaugurados os sambódromos: a Sapucaí em 1984 e o Anhembi em 1991.

Sacramentava-se o processo histórico de confinamento do Carnaval, das ruas livres para os concursos fechados. Tal controle não era apenas territorial, mas também político: as condições de sua realização passaram a depender essencialmente de recursos, espaço e acordo estatais.

Os blocos de rua, que permaneceram comunitários e espontâneos, retornaram ao início do ciclo de relacionamento com o poder público, baseado na dicotomia "repressão e negligência". Um quadro que permaneceu até a retomada do Carnaval de rua, a partir dos anos 2000 e 2010.

A festa das ruas cresceu, e seus impactos urbanos são cada vez mais sentidos. Independentemente da pandemia, já volta a fazer sentido a velha-nova sugestão dos prefeitos de plantão: por que não criar um "blocódromo"?

Refutar essa ideia é ainda mais pertinente no cenário atual. Durante a pandemia, a saúde pública era a justificativa ideal para o controle. Quando ela passar, ou se converter em endemia, a redução de danos e conflitos urbanos será o argumento. Se o planejamento for bem realizado, será a moral o pretexto da vez.

Boi de piranha, apenas na alegoria

O sociólogo francês Émile Durkheim entendia que a ritualização festiva é elemento essencial para a vida em sociedade: para a transcendência e para o alcance de um estado de efervescência, imprescindíveis para a consciência e a reanimação coletivas, assim como para a renovação do sentido de coesão social.

O Carnaval é a ritualização festiva mais importante da cultura brasileira. Em seu formato de rua, é a expressão artística, estética e política mais profunda, por adentrar e subverter, com seu espírito celebrativo e libertário, a normatização do espaço público. A folia das ruas possibilita, em alguma medida, o sentido público de transcendência, efervescência e reanimação, tão caro à vida em sociedade.

Nesta pandemia, para garantir o direito à vida, o direito a essa folia teve que ser sacrificado, enquanto os eventos carnavalescos privados ou fechados se mantêm (ou foram postergados). Como em uma alegoria, o Carnaval de rua foi o boi jogado às piranhas para o restante da comitiva cumprir a travessia do rio.

O cancelamento da festa de rua deve ser visto apenas como essa alegoria fugaz, como exceção histórica. Situação aceitável nas atuais circunstâncias, mas que nunca deve se tornar corriqueira nem ser naturalizada, sob pena de amputar uma dimensão imprescindível do patrimônio cultural carnavalesco.

Uma política para o Carnaval de rua deve considerar fevereiro e todo o restante do ano. Ainda que cancelado o evento, a dinâmica cultural carnavalesca, regular e comunitária, não deixa de existir.

A interrupção da festa nesses dois anos, longe de ignorar essa dinâmica, reforça a necessidade de uma ação de continuidade, estruturante e orgânica para o segmento. São imprescindíveis medidas de apoio, visibilidade, articulação em rede e, sobretudo, fomento aos blocos e manifestações de rua.

É essencial o financiamento das agremiações, sem exigência de eventos físicos ou virtuais em plena pandemia: o resultado a ser alcançado é o próprio retorno dessas expressões às ruas, com toda a sua vitalidade, no próximo Carnaval. É essencial também o olhar para os ambulantes que deixam de vender e para as pequenas cadeias econômicas fragilizadas.

Uma política compensatória, elaborada com os próprios agentes da festa e dos serviços, seria fundamental. Os equipamentos públicos poderiam servir como espaços de acolhimento, reestruturação e programação dos coletivos de Carnaval no decorrer do ano. Enfim, a organização da cidade para a próxima festa deve começar pela reenergização pública do movimento carnavalesco.

O Carnaval deve ser sempre público, democrático, livre, contestador, alegre e anticareta. O Carnaval de rua não só "pode", como deve, muito em breve, retornar. ←

Nesta pandemia, o direito à folia de rua teve que ser sacrificado, enquanto os eventos carnavalescos privados ou fechados se mantêm ou foram postergados. Como em uma alegoria, o Carnaval de rua foi o boi jogado às piranhas para o restante da comitiva cumprir a travessia do rio

Se gracejar, não beba

Piada só teria graça se Bolsonaro tivesse mesmo evitado a guerra

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Quando eu era pequeno tinha um volante de plástico que se colava às costas do banco da frente do carro através de uma ventosa. Se eu, no banco de trás, coordenasse os meus movimentos com os do adulto que dirigia o automóvel, parecia mesmo que era eu quem o dirigia.

Coincidência ou não, pensava eu, o carro vira à esquerda quando eu rodo o volante para a esquerda, e vira à direita quando eu rodo o volante para a direita. Pensei nesse brinquedo quando Bolsonaro disse que, coincidência ou não, parte das tropas de Putin tinha se retirado da fronteira com a Ucrânia durante a sua visita à Rússia.

Depois, o ex-ministro Ricardo Salles publicou um tuíte com uma montagem em que a CNN atribuía a Bolsonaro o mérito por ter evitado a terceira guerra mundial. Quando a guerra começou, a tendência geral foi para dizer que o caso tinha sido, na verdade, uma brincadeira. Mas qual parte?

Quando o presidente sugeriu que talvez fosse por sua causa que as tropas tivessem se retirado, a piada era que as tropas tivessem se retirado ou que a responsabilidade fosse sua? É que as tropas não tinham se retirado, pelo que ele não poderia ter sido responsável por um não acontecimento.

E quando Salles publicou o tuíte, a piada era que a CNN tivesse dito aquilo ou que a guerra não fosse eclodir? Porque, mais uma vez, nem a CNN tinha dito aquilo nem a guerra deixou de eclodir.

Insinuar que Bolsonaro era responsável pela retirada das tropas só seria uma piada se as tropas tivessem se retirado. E supor que a CNN o apresentava como responsável por ter evitado a guerra só teria graça se a guerra tivesse sido evitada.

É estranho que Bolsonaro e bolsonaristas sejam capazes de proporcionar tanta comédia sem, no entanto, saberem como a comédia funciona. De Ricardo Salles, pelo menos, eu não esperava isto.

Recordo que ele é o autor de uma das piadas mais bem-sucedidas da história do humor brasileiro. Quando, durante quase sete anos, convenceu as pessoas de que tinha feito um mestrado em Yale.

É raro uma pegadinha durar tanto tempo. Sobretudo sendo patentemente falsa. Yale é um pouco como a Câmara dos Deputados: entre Salles e Tiririca, o segundo tem muito mais hipóteses de entrar.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | **SEG. Bia Braune** | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Melhores atores de TV e cinema do ano são premiados por sindicato dos EUA

28º SAG Awards
TNT, 22h, livre
Uma das mais importantes prévias do Oscar acontece neste domingo. O canal TNT transmite ao vivo, de Santa Monica, na Califórnia, a 28ª cerimônia de entrega do prêmio do Sindicato dos Atores. Entre os favoritos ao troféu mais importante das categorias de cinema, o de melhor elenco, estão filmes como "Belfast", "Casa Gucci" e "No Ritmo do Coração". Já nas categorias de televisão, a série sul-coreana "Round 6" surpreendeu ao conquistar quatro indicações.

Señorita 89
Starzplay, 16 anos
As 32 finalistas do concurso de Miss México passam três meses numa luxuosa mansão, nas mãos de maquiadores, professores e até cirurgiões plásticos. Por trás do glamour, um mundo sombrio. O chileno Pablo Larraín, diretor de "Spencer", é um dos produtores desta série ambientada nos anos 1980. Um novo episódio todo domingo; dois já estão disponíveis.

Vikings: Valhalla
Netflix, 16 anos
Um século depois dos acontecimentos da série original, uma nova geração de guerreiros nórdicos grava sua história. Um dos protagonistas é um personagem real: o navegador Leif Eriksson, que chegou à América do Norte.

O Dilema de Lincoln
Apple TV+, 14 anos
Esta minissérie documental em quatro episódios revela aspectos pouco conhecidos da vida de Abraham Lincoln, o presidente que aboliu a escravidão nos Estados Unidos.

Paredão Tropical
Multishow, 20h45, livre
Carlinhos Brown, Gaby Amarantos, Xanddy, Lia de Itamaracá, Larissa Luz e os blocos Ilê Aiyê, Cortejo Afro e Didá fazem a folia em cem janelas históricas de Salvador, neste show gravado sem público. YouTube, Facebook e Twitter também transmitem o evento.

Canal Livre
Band, 1h30, livre
O programa discute a invasão da Rússia na Ucrânia. O convidado é Carlos Gustavo Poggio, PhD em relações internacionais. Também participam o historiador Angelo Segrillo e o correspondente Yan Boechat, que está na Ucrânia.

QUADRÃO | Jan Limpens

| DOM. Jan Limpens, **Luiz Gê**, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Curso de cinema com Inácio Araujo abre as inscrições

SÃO PAULO O curso "Cinema: História e Linguagem", ministrado pelo crítico Inácio Araujo, deste jornal, está com inscrições abertas. As aulas serão dadas via Zoom às segundas, das 20h às 22h30. Elas começam a partir do dia 7 de março e serão gravadas e enviadas no dia seguinte para os alunos que não puderam comparecer.

A mensalidade é R$ 300, e o curso será dividido em dois semestres. A última aula será em 20 de dezembro.

O programa vai desde a formação do cinema até obras contemporâneas. Há ainda aulas dedicadas ao cinema feminino, negro e asiático. Mais informações pelo email cinegrafia@uol.com.br.

Sidney Molina aborda a música ocidental em aulas

SÃO PAULO O crítico Sidney Molina, colaborador deste jornal, dará curso em seis módulos, totalizando 32 aulas, abordando a história da música ocidental.

Das origens da notação musical às tendências recentes, ele perpassa produções de Idade Média, renascimento, barroco, classicismo, romantismo, impressionismo e modernismo.

O enfoque do curso, que não exige formação musical anterior, está na escuta orientada das obras. É a partir delas que são traçadas pontes com as artes, a cultura e a filosofia. As aulas são online, ao vivo, aos sábados, das 15h às 17h (a gravação fica disponível por uma semana). O valor é de R$ 350.

Pondé reúne suas meditações sobre o mundo em livro

SÃO PAULO O filósofo Luiz Felipe Pondé, colunista deste jornal, lança neste mês o livro "A Filosofia e o Mundo Contemporâneo: Meditações entre o Espanto e o Desencanto", que reúne textos a respeito de temas que vão de saúde mental e desapego a liberalismo e envelhecimento.

Pondé diz que os textos não têm o objetivo de chegar a uma resposta, bem ao gosto da filosofia, e que são ensaios mais livres, provocativos, sobre dilemas da contemporaneidade, divididos em 24 meditações.

A obra, publicada pela editora Nacional, está disponível em versão física (R$ 29,90) e digital (R$ 19,90).

Nova ordem mundial

[RESUMO] Rússia só invadiu a Ucrânia porque avalia que o Ocidente está em decadência, o que se manifesta sobretudo nas 'crises de ocidentalização forçada' após 1989, e não lhe ofereceria resistência armada, avalia professor. Mais que a tomada de um país específico, ação militar russa tem como objetivo a reconfiguração geopolítica do mundo, com a afirmação de outros centros de poder, o que parece tornar os conflitos com o Ocidente inevitáveis

Por **Antonio Gelis Filho**

Professor de geopolítica na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, especialista em Rússia e negócios internacionais

Que razões levaram a Rússia a dar um passo tão ousado e arriscado como invadir a Ucrânia? Ainda não está nítida a sua estratégia, se forçar uma conferência de paz na qual a neutralidade da Ucrânia será estabelecida, transformando-a em outra Finlândia, ou se ocupará partes do país, anexando-as ou tornando-as independentes. Nem sequer o sucesso de sua operação está garantido. O custo será elevado.

Os laços históricos entre Rússia e Ucrânia e a expansão da Otan para o leste europeu são apontados como causas das ações russas. Acrescento a elas um outro motivo: a possibilidade de a Ucrânia se nuclearizar.

Há, contudo, um ponto central que perpassa tudo isso —a percepção russa de que o Ocidente está em decadência. São três os principais sintomas disso: instabilidade social e política, sequência de insucessos militares e as "crises de ocidentalização forçada" que marcaram a expansão global da ordem liberal após 1989.

Sem isso, a Rússia não teria iniciado sua campanha militar. Essa percepção de decadência, correta ou não, é essencial para que se entenda a lógica de Vladimir Putin. A Rússia agiu não apenas pelo valor sentimental e estratégico da Ucrânia; agiu para se posicionar como inquestionável potência geopolítica global. Alguém que pode até ser odiado, mas que deve ser respeitado, ou mesmo temido.

Os fatores históricos são complexos. Em síntese, a atual Ucrânia pode ser dividida em três partes. Uma, sul-oriental, guarda vínculos históricos de longa duração com a Rússia. Engloba a região do extremo leste (Donbass) e o litoral do mar Negro. A segunda, a porção no extremo ocidental, passou por séculos de dominação lituana, polonesa ou austríaca. O restante possui características intermediárias.

Contingências, em especial a formação da União Soviética, levaram à criação de uma nação cujo território atual se formou apenas em 1945. E a Crimeia seria transferida para a Ucrânia em 1954, como medida administrativa soviética, e na condição de região autônoma.

Algumas pessoas associam a conquista de Kiev, a capital ucraniana, a uma nostalgia russa pelo que seria o seu "berço". A verdade é bem mais complexa. De forma resumida, podemos dizer que a região em torno de Kiev foi realmente o início do povo que seria conhecido como "rus", uma mistura de eslavos com conquistadores escandinavos que desciam os rios.

Todavia, a conquista da "Rússia de Kiev" pelos tártaro-mongois, no século 13, interrompeu essa sequência histórica. O domínio destes sobre os russos terminaria oficialmente apenas em 1480. Durante esse tempo, Moscou tornou-se o centro geopolítico dos povos russos, e as regiões que hoje formam a Ucrânia foram conquistadas por lituanos e poloneses (porção centro-ocidental) e pelo Canato da Crimeia (porção sul-oriental, litoral do mar Negro), que se tornaria vassalo do Império Otomano. Partes permaneceriam, no centro e no leste do país, sob controle instável dos cossacos.

Enquanto isso, em Moscou, Ivan, o "Terrível", cria o czarado em 1547 e dá início à expansão territorial russa. Boa parte do atual território ucraniano foi conquistada pelos russos em várias etapas durante os séculos 17 e 18, em guerras contra a Polônia e contra os otomanos.

Restaram sob domínio polonês ou austríaco as porções do extremo ocidental da Ucrânia. Seu principal centro é a cidade de Lviv (em ucraniano; Lvov, em russo). A cidade foi conquistada pela Polônia em 1349. Em 1774, passaria para a Áustria e voltaria ao domínio polonês após a Primeira Guerra. Até mesmo um ramo da Igreja Católica, que segue o rito oriental (semelhante ao rito ortodoxo), mas se submete ao papa, ali se organizou.

Apenas em 1945, após quase 600 anos de domínio católico, essa região seria definitivamente incorporada à atual Ucrânia, como parte da União Soviética. Sua história é muito ligada a países ocidentais.

Não surpreendentemente, foi da Ucrânia ocidental que partiu a mais obstinada oposição ao governo pró-Rússia em 2014. Também não por acaso, no mesmo ano a península da Crimeia foi anexada pela Rússia, separando-se da Ucrânia. O idioma russo predomina na Crimeia e em regiões do leste; o ucraniano é mais comum quanto mais para oeste se caminha. Mistura ou alternância dos dois é comum. Há violência pontual entre os dois grupos.

Putin afirmou, no discurso que abriu a guerra, que os responsáveis por queimarem vivos dezenas de russófonos em um hotel em Odessa, na Ucrânia, em 2014, serão punidos. O evento não apareceu na mídia ocidental; os russos, contudo, acreditam que tenha acontecido.

A atuação da Otan é outra peça importante nesse quebra-cabeça. Em síntese, a Ucrânia sempre acena com sua hipotética entrada na organização militar ocidental. A Rússia replica que o Ocidente não cumpriu sua parte de suposto acordo pós-1989, expandindo-se para o leste e incorporando países bálticos, Polônia e outros. Essa interpretação de que a expansão da Otan é a causa por trás das ações russas é uma "verdade sabida", muito citada nos últimos dias.

Tenho dúvidas, porém, sobre sua real importância no contexto atual. Especialmente após a guerra de 2008 dos russos contra a Geórgia, quando uma Rússia muito mais fraca aniquilou a infraestrutura militar construída pelo Ocidente no país, o ingresso da Ucrânia na Otan sempre foi improvável.

O Kremlin me parece jogar com essa situação. Ela fornece uma ótima justificativa para o reajuste geopolítico do "near abroad", o entorno russo, de acordo com seus planos. E apenas os saudosistas da Guerra Fria, grupo infelizmente destacado no pensamento geopolítico ocidental, conseguem acreditar em um desejo russo de retomar os satélites soviéticos na Europa Oriental.

A expansão desejada pela Rússia, em tempos de guerra cibernética e espacial, é econômica. Ou seja, busca anexação ou satelização apenas daquilo que for essencial estrategicamente e não for se rebelar continuamente. Os países da Europa Oriental possuem duvidoso valor sob o primeiro critério e nenhum sob segundo. O mesmo vale para o suposto plano russo de recriar a União Soviética.

A possibilidade de Kiev se nuclearizar também é crítica. Moscou vê essa questão como sendo de vida ou morte. Sabia da capacidade ucraniana de desenvolver, se não bombas nucleares, ao menos "bombas sujas" (convencionais contendo material radioativo) e prestava muita atenção nisso.

Mais do que a expansão da Otan, um ator racional, bombas nucleares ou sujas nas mãos de um governo instável e hostil, como o da Ucrânia, é algo inaceitável para Moscou. Coincidência ou não, tomar o complexo nuclear de Tchernóbil foi prioridade na ação russa.

De toda forma, como já destaquei, creio que os russos não teriam agido se não percebessem um enfraquecimento do poderio Ocidental, no qual as "crises de ocidentalização forçada" têm papel preponderante.

Elas resultam da instabilidade gerada em uma sociedade pela tentativa de transformação de estruturas econômicas, políticas e sociais históricas por meio da intervenção de governos, forças armadas ou ONGs ocidentais, em direção por estes estabelecida. Caracteriza a expansão geopolítica ocidental após 1989.

É uma versão moderna da "salvação das almas dos gentios", tão cara aos colonizadores ibéricos. Nessa visão, não apenas os valores e instituições ocidentais, ainda que não consensuais no próprio Ocidente, devem ser incorporados por sociedades que os desconhecem ou os rejeitam; devem sê-lo ainda na velocidade desejada pelos "missionários" ocidentais.

O resultado final é uma longa série de vitórias mais ou menos tímidas e de fracassos explícitos. Os "anjos caídos" de Cabul, pessoas desesperadas despencando de asas de aviões durante a tomada da capital afegã pelo Talibã, em agosto do ano passado, foram a tradução visual mais dramática do processo.

Na Ucrânia criou-se, depois de protestos em massa que derrubaram um governo pró-Rússia em 2014 e levaram ao poder um pró-ocidental, a imagem de um país cuja natural inclinação para o Ocidente estaria sendo reprimida por Moscou. A reação da população da Crimeia, que decidiu em plebiscito pela volta da península à Rússia, já sugeria algo diferente. A verdade é que começou na Ucrânia em 2014 não um regime estável, mas sim uma nova crise de ocidentalização forçada.

O soft power ocidental teria encontrado seus limites na região. Cansados de seus fracassos, preocupados com seu instável front interno, divididos politicamente, os países ocidentais não teriam estômago para uma guerra de grandes dimensões, apostaram os russos. Sanções, hashtags, mobilização da "comunidade internacional" e discursos grandiloquentes, sim; sangue, não. Parecem ter acertado, ao menos por enquanto.

Como os ocidentais podem reagir? As possibilidades de curto prazo —sanções, ataques cibernéticos, rompimento de relações— não atacam o problema central: o Ocidente já não produz sociedades estáveis e prósperas como antes.

Pouco adianta falar sobre a suposta "liberdade" ocidental quando desigualdade, subemprego, degradação ambiental e urbana, violência, corrupção, falta de perspectivas e animosidade política são a realidade de suas populações.

Basta retomar o progresso —real, constante, distribuído, pacífico— e Rússia e China deixarão de ser problema. O projeto ocidental é indissociável da ideia de que seu progresso material e social é sempre superior ao de qualquer outro projeto. Dificilmente sobreviverá sem isso.

A ascensão da China e a ressurgência da Rússia como potência indicam a necessidade, ressaltada pelas crises de Afeganistão, Síria e Ucrânia, de atualizar a configuração geopolítica mundial, com a afirmação de outros centros de poder, dotados de vontade própria e essencialmente diferentes. O problema, contudo, é que não existe, por parte de lideranças políticas ocidentais, vontade coletiva para tanto. Para o Ocidente, o ano de 1989 nunca acabou. ←

Edifício em Kiev atingido por mísseis após ataques russos à capital ucraniana Lynsey Addario - 25.fev.22/The New York Times

Os países ocidentais não teriam estômago para uma guerra de grandes dimensões, apostaram os russos. Sanções, hashtags, mobilização da 'comunidade internacional' e discursos grandiloquentes, sim; sangue, não. Parecem ter acertado, ao menos por enquanto

A mulher que emancipou o Brasil

[RESUMO] Herdeira de uma das principais dinastias europeias no século 19, Maria Leopoldina de Habsburgo era uma garota assustada e hesitante de 20 anos, refratária às mudanças políticas em voga, quando chegou ao Rio para se juntar ao marido, dom Pedro 1º. Nos anos seguintes, tornou-se uma imperatriz decidida e reverenciada pela população, que decretou formalmente a separação de Brasil e Portugal e ajudou a consolidar a monarquia brasileira

Por **Sylvia Colombo**
Repórter especial e correspondente da Folha em Buenos Aires

'Sessão do Conselho de Estado' (1922), de Georgina de Albuquerque, retrata a assinatura do decreto de Independência do Brasil pela imperatriz Leopoldina Reprodução

Maria Leopoldina de Habsburgo, arquiduquesa do Império Austríaco, desembarcou no Rio de Janeiro aos 20 anos cheia de ansiedades e hesitações próprias da idade, associadas à responsabilidade do dever que vinha cumprir no Novo Mundo. Afinal, naquela época, ser uma princesa era muito mais do que ir a eventos, luzir e seduzir, imagem que foi sendo construída pela indústria cultural ao longo dos tempos.

O papel de Leopoldina, como herdeira de uma das mais importantes e refinadas casas monárquicas europeias, era atuar como peça-chave do complicado xadrez político que se jogava naquele conturbado século 19.

"Temos de pensar em Leopoldina com uma chave de princesa. Ela pertence a uma das dinastias mais significativas da Europa nesse momento e é educada a preservar valores das monarquias mais tradicionais, que começavam a enfrentar o desafio do surgimento das monarquias constitucionais, de ideias políticas mais novas, às quais, a princípio, ela era refratária", afirma a historiadora Andrea Slemian, professora da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

A primeira carta que Leopoldina enviou ao pai, o imperador Francisco 1º, da Áustria, firmada pouco depois de sua chegada em terras brasileiras, em 1817, revela que ela não foi a primeira e nem seria a última personagem histórica a se derreter diante da maravilhosa paisagem do Rio de Janeiro. "Nem pena nem pincel podem descrever a primeira impressão que o paradisíaco Brasil causa a qualquer estrangeiro", escreveu.

Os nove anos que passou nessas terras, se não foram os mais felizes de sua curta vida, podem ser considerados os mais intensos. Com dom Pedro, que ainda era príncipe quando se casaram, teria sete filhos. Três deles, porém, morreram ainda na infância.

Leopoldina foi imperatriz consorte, recebeu o carinho do povo, era admirada pelas mulheres brasileiras por sua força e valentia, participou ativamente de decisões políticas que desembocaram na Independência do Brasil e manteve ativo seu interesse intelectual pela botânica e pela mineralogia, inclusive enviando amostras raras a serem estudadas na Europa.

A necessidade de parir herdeiros também era parte de seus deveres políticos como princesa e foi algo que pesou muito sobre o corpo frágil de Leopoldina. A jovem passou praticamente todo o tempo em que esteve no país grávida ou se recuperando de um processo de gestação. Sua morte prematura ocorreu por conta de uma septicemia decorrente de um aborto espontâneo.

Uma das referências mais comuns que se têm usualmente de Leopoldina era que ela sofria com a célebre infidelidade de seu marido. Muitas de suas cartas mencionam a tristeza que isso causava. Também é certo, contudo, que havia uma relação de amizade que se fortaleceu nos meses que antecederam a Independência, assim como dom Pedro tinha admiração por seu refinamento, o fato de que sabia idiomas e que aportava ideias e reflexões adquiridas em sua origem, tão diferente da dele.

"Havia o que em linguagem empresarial chamaríamos de sinergia. A força e a imagem do casal foram essenciais na construção do que se considerava uma necessária regeneração do Brasil aos olhos do público", diz o historiador Jean Marcel Carvalho França, da Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho).

Com dom Pedro, que ainda era príncipe quando se casaram, teria sete filhos. Três deles, porém, morreram ainda na infância

Leopoldina foi imperatriz consorte, recebeu o carinho do povo, era admirada pelas mulheres brasileiras por sua força e valentia, participou ativamente de decisões políticas que desembocaram na Independência do Brasil e manteve ativo seu interesse intelectual pela botânica e pela mineralogia

Além disso, convém analisar o comportamento de dom Pedro à luz do contexto, e não de modo anacrônico. Os casamentos reais do Antigo Regime, pelo seu caráter de pacto político, significavam também níveis de convivência diferentes dos dias de hoje, o que propiciava que os monarcas tivessem amantes. Leopoldina também havia sido preparada para lidar com esse tipo de situação.

"Não se trata de relativizar nem minimizar o sofrimento que Leopoldina sentiu como mulher pelas traições de dom Pedro, mas é preciso entender que ela era uma princesa, educada para levar seu papel, seu dever real de preservação de seu nome e da monarquia muito a sério. Em jogo também estava a preservação do legado monárquico que seus filhos teriam. Ela tinha uma noção bastante forte disso e é algo que a norteia. Esses valores eram muito presentes nela, até mesmo mais do que em dom Pedro, que tinha uma formação diferente e um comportamento mais impulsivo", diz Slemian.

A princípio, o casal se viu bastante hesitante ante as imposições das Cortes de Lisboa depois da Revolução do Porto (1820), que visavam diminuir o status do Brasil. Ambos quiseram em mais de um momento voltar à Europa. Depois da partida de dom João 6º, deixando Pedro como regente, seguiu-se um período de incertezas e pressões até que ambos decidiram ficar, em um processo que depois levaria à Independência do Brasil.

"Dom Pedro mostrou-se mais receptivo à ideia de uma modernização da monarquia, como propunham as Cortes de Lisboa, e à ideia de implementação de um regime constitucionalista. Leopoldina, no começo, não aceitou isso. Ela temia uma instabilidade revolucionária. Eram coisas que iam contra os ideais nos quais ela se formou. É apenas com o tempo que ela vai amadurecendo a ideia de que, para ela e sua família, talvez fosse melhor aceitar a mudança dos tempos para manter suas nobres posições", afirma Slemian.

Sua rica correspondência com parentes e amigas na Europa vai mostrando essa transformação de Leopoldina, no plano político e também no pessoal. Logo depois do deslumbramento com as belezas naturais do Rio, por exemplo, a princesa logo se mostra decepcionada pela falta de educação e de refinamento da corte brasileira.

Reclama da falta de saraus, de intercâmbios culturais, do isolamento em que vivia na Quinta da Boa Vista, longe do centro do Rio de Janeiro. Algo que deveria de fato chatear muito uma moça que havia conhecido pessoalmente Goethe, sido companheira no coro da igreja de Franz Schubert e amiga de infância do pintor Thomas Ender.

Embora tivesse chegado ao Rio com uma numerosa comitiva de cientistas, biólogos, músicos, médicos, ela reclamava que aos poucos eles foram se cansando e deixando o Brasil, que consideravam isolado, atrasado e, sobretudo, demasiado quente.

Obviamente, tanta mudança se fazia notar em sua aparência. Rose Freycinet, uma viajante francesa que participou de uma expedição que passou pelo Rio em 1817, fez as seguintes observações sobre Leopoldina: "As maneiras da princesa real, a meu ver, em nada lembram a postura nobre e cerimoniosa que se cultiva na corte da Áustria; aqui, ao que parece, a princesa é descuidada tanto com seus trajes quanto com sua aparência. Para a festa, todos vieram em seda e em tule. A pobre austríaca estava vestida com uma roupa de montaria cinza, de um tecido ordinário, e com uma blusa plissada; seus cabelos estavam em desalinho e presos com um pente de tartaruga. A sua fisionomia, no entanto, não é desagradável e estou certa de que, devidamente trajada, a princesa ficaria bem".

As dificuldades e penúrias que sofreu pessoalmente e afetivamente em sua adaptação, porém, não tiram de Leopoldina seus méritos e seu importante papel no processo que foi a Independência do Brasil.

Leopoldina, apesar de ser, a princípio, contra os ventos da modernidade que sopravam da Europa, concluiu que, se as ordens das Cortes de Lisboa se cumprissem, o Brasil poderia se fragmentar e virar o que a realeza considerava um exemplo caótico: a fragmentação da América hispânica com a independência de distintos países e a proclamação de repúblicas.

Quando Pedro viajou a São Paulo, em agosto de 1822, para conter um processo de insurreição, nomeou Leopoldina como regente. A princesa recebeu, então, a notícia de que Portugal imporia sanções econômicas ao Brasil pela desobediência de Pedro, que se recusava a voltar para a metrópole.

Junto a José Bonifácio, Leopoldina reuniu o Conselho de Estado no dia 2 de setembro e assinou o decreto em que se declara o Brasil separado de Portugal. O próximo passo foi enviar uma carta a Pedro estimulando-o a proclamar a Independência. A mensagem chegou ao príncipe quando ele se aproximava de São Paulo. Ocorreu, então, o conhecido e simbólico grito do Ipiranga —a decisão, vale ressaltar, já havia sido tomada.

Da garota assustada que pediu várias vezes ao pai, por carta, que a levasse de volta à Europa, à decidida imperatriz que passou a ser amada pelos brasileiros, Leopoldina percorreu um caminho guiado apenas pela sua habilidade de se adaptar a uma realidade que mudava demasiado rápido.

"A Independência teve uma imensa adesão popular. As pessoas torceram por isso, admiravam o casal e queriam que Pedro e Leopoldina assumissem. Havia um senso comum de que a impetuosidade de Pedro e a cultura e o refinamento de Leopoldina poderiam regenerar o Brasil", diz Carvalho França.

"A Independência foi um movimento muito mais vivo do que a República. A República foi uma rebelião de gabinete. Da Independência, o povo participou de verdade. A figura da Leopoldina contribuiu muito para essa popularidade da causa", completa.

Para Mary Del Priore, historiadora e autora de vários títulos sobre a família real brasileira, essa situação é bem mostrada pela cobertura jornalística que houve dos acontecimentos. "A cobertura das aparições públicas de Leopoldina era muito intensa. Sua chegada, o casamento, ela com os integrantes da missão científica austríaca eram assuntos muito tratados nos jornais da época", afirma.

"Havia muita torcida e sofrimento popular por seus períodos de gravidez, seus partos, suas perdas. Isso foi criando para o brasileiro comum a ideia de uma mulher corajosa e valente. Havia festas nas ruas no dia de seu aniversário. Do mesmo modo, assistiu-se com grande agonia ao definhamento dela a partir de 1826, quando acabou morrendo." ←

Gasoduto da estação de compressão Atamanskaya, da empresa Gazprom, nos arredores de Svobodny, na Rússia Maxim Shemetov - 29.nov.2019/Reuters

Saiba como a invasão da Ucrânia pela Rússia atingirá economia global

Só o aumento dos preços da energia pode levar o mundo a uma segunda recessão em três anos

MERCADO

Chris Giles,
Jonathan Wheatley
e Valentina Romei

LONDRES | FINANCIAL TIMES Um conflito que pode se tornar o maior na Europa desde a Segunda Guerra Mundial acabou com as esperanças de uma forte recuperação econômica global após o coronavírus, pelo menos em curto prazo.

A invasão da Ucrânia pela Rússia na última quinta (24) abalou os mercados financeiros, e o aumento das tensões geopolíticas deve exacerbar a inflação já alta e os gargalos na cadeia de suprimentos.

Os impactos diretos do menor comércio com a Rússia, as sanções econômicas impostas a Moscou pelos Estados Unidos e pela União Europeia e o contágio financeiro provavelmente ficarão aquém das consequências indiretas sobre a confiança das empresas e do consumidor e os mercados de commodities, na opinião de economistas.

Essas repercussões podem variar de relativamente limitadas a extremamente graves. Se os preços da energia continuarem a subir, por exemplo, poderão facilmente levar a economia global a uma segunda recessão em três anos.

Economistas disseram que as seguintes questões são as principais a se observar.

*

Quão grave será a guerra?

O objetivo final desejado pelo presidente russo, Vladimir Putin, não é claro. Os analistas estão considerando vários cenários que vão da troca de governo em Kiev para um regime amigo de Moscou a uma tentativa generalizada de redesenhar as fronteiras da Europa, e mais.

Holger Schmieding, economista-chefe do Berenberg Bank, disse que a primeira coisa a considerar é "quão grave será a guerra?" —o que determinaria a provável resposta dos mercados financeiros e de energia nos próximos dias.

A reação global mais ampla será igualmente crucial, disseram outros economistas. Tim Ash, da BlueBay Asset Management, destaca a China, que sinalizou sua disposição a ajudar a Rússia a administrar as consequências financeiras de suas ações militares.

A resposta de Pequim seria vital em termos de consequências mais amplas, que podem variar de malignas —por exemplo, maior tensão em seu próprio relacionamento com Taiwan— a resultados diplomáticos mais benéficos.

"Ou [a China] vê isso como uma oportunidade de entrar em Taiwan ou como uma oportunidade de melhorar a relação com os EUA", diz Ash.

Os mercados resistirão ao choque geopolítico?

Os principais mercados financeiros globais caíram acentuadamente na quinta-feira (24), mas o resultado poderia ter sido mais radical, sugerindo que eles ficaram surpresos com as ações de Putin, mas ainda não acreditam na probabilidade de choques de mercado mais graves, semelhantes a uma crise financeira.

Isso deixa em aberto a possibilidade de que os mercados tenham que cair ainda mais, com consequências para a riqueza das empresas, o consumo e a confiança global.

Neil Shearing, economista-chefe da Capital Economics, observa que, embora tenha havido uma liquidação de ações, os rendimentos dos títulos caíram e os spreads de crédito não aumentaram muito, sugerindo que a reação do mercado foi ordenada e ainda não indica expectativas de uma guerra mais ampla em toda a Europa.

A prevenção de um colapso do mercado não foi global, e muitas economias emergentes foram atingidas por oscilações muito mais acentuadas. Kevin Daly, gerente de portfólio da Aberdeen Asset Management, observou fortes vendas em Gana, Turquia, Egito e Paquistão, citando uma fuga para a segurança de países financeiramente vulneráveis.

Randy Kroszner, vice-reitor da Escola de Administração Booth da Universidade de Chicago e ex-governador do Federal Reserve, afirma que os riscos de recessão apareceriam na diferença dos rendimentos da dívida com grau de investimento em comparação com a dívida sem grau de investimento, que não se ampliou amplamente na quinta-feira.

Ele acrescentou que os rendimentos da dívida soberana de países geograficamente próximos à crise podem oferecer um bom indicador de se os mercados começaram a temer um conflito mais amplo.

Até que ponto a confiança pode ser atingida?

Será crucial para a economia global se as famílias e as empresas se tornarem significativamente mais cautelosas, gastando menos e poupando mais em reação à ofensiva militar da Rússia.

Ian Shepherdson, economista-chefe da Pantheon Macroeconomics, disse que um crescimento mais lento é inevitável. "O sentimento do consumidor em todos os lugares enfraquecerá ainda mais. [...] Isso deve significar um crescimento econômico mais lento do que seria esperado na Europa, nos EUA e na maioria dos mercados emergentes."

> Dependendo de quanto tempo essa crise continuar, poderá haver uma perda significativa de confiança entre empresas e consumidores
>
> **Susannah Streeter**
> analista sênior de investimentos e mercados na Hargreaves Lansdown

Susannah Streeter, analista sênior de investimentos e mercados na Hargreaves Lansdown, diz: "Dependendo de quanto tempo essa crise continuar, poderá haver uma perda significativa de confiança entre empresas e consumidores".

Economistas também alertaram sobre as pressões nas empresas expostas a cadeias de suprimentos em que a Rússia desempenha um papel crucial, mas pouco conhecido, como a produção de matérias-primas críticas. O país fornece cerca de 40% do paládio mundial, um componente chave de conversores catalíticos em veículos movidos a gasolina, bem como dispositivos eletrônicos.

Como as preocupações energéticas afetam o quadro mais amplo da inflação?

A Europa é altamente dependente do gás da Rússia e não poderá encontrar suprimentos alternativos rapidamente se os gasodutos forem cortados. Com um inverno ameno chegando ao fim e os estoques em toda a Europa mais altos do que o esperado por alguns analistas do setor, a questão do abastecimento de gás tornou-se menos aguda, mas retornará no final do ano se a crise continuar.

A preocupação mais imediata é o impacto da crise no preço do petróleo, gás e outras commodities. Um aumento acentuado faria subir a inflação e atingiria diretamente os consumidores.

"Nossa modelagem sugere que, no pior cenário, os preços do petróleo podem subir para US$ 120 aUS$ 140 o barril [R$ 619 a R$ 723]", avalia Shearing, da Capital Economics. "Se for mantido pelo resto deste ano, e tivermos um aumento correspondente nos preços do gás natural europeu, isso adicionaria cerca de dois pontos percentuais à inflação da economia avançada —mais na Europa, menos nos EUA. Isso é um aperto adicional na renda real."

Shepherdson, da Pantheon, afirma que os EUA estarão relativamente isolados em geral, embora o aumento contínuo dos preços não atinja os produtores de petróleo e gás de xisto, afeta os bolsos dos consumidores americanos.

Isso pode reforçar a pressão sobre os bancos centrais para aumentar as taxas de juros. O Federal Reserve, Banco Central dos EUA, já sinalizou no mês passado que começaria a aumentar as taxas a partir de março para controlar a inflação desenfreada. Em janeiro, o presidente do Fed, Jay Powell, se recusou a dizer quantos aumentos haverá este ano.

Krishna Guha, vice-presidente da Evercore ISI, avalia que a invasão na Ucrânia "complica a capacidade dos bancos centrais de ambos os lados do Atlântico de projetar um pouso suave após o surto de inflação pandêmico".

Ele espera que os mercados financeiros reduzam as expectativas de que os bancos centrais aumentarão as taxas de juros.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Conflito vai deixar pão mais caro para os brasileiros

Marcelo Toledo

RIBEIRÃO PRETO Com Rússia e Ucrânia —dois dos principais produtores e exportadores de trigo do mundo— em guerra, os preços do pãozinho nas padarias e de alimentos dependentes do cereal em sua produção devem subir devido à alta dependência do Brasil da importação do grão.

Quanto vai subir? Isso é incerto, dependendo da duração do conflito no Leste Europeu e de fatores como o comportamento do dólar. A moeda norte-americana subiu a R$ 5,10 nesta quinta (24) e fechou a semana a R$ 5,15.

O Brasil é um dos maiores importadores de trigo do mundo, tendo de buscar em outros países, especialmente a Argentina, 60% do que consome, segundo a Abitrigo (Associação Brasileira das Indústrias de Trigo).

Com isso, qualquer conflito envolvendo gigantes do setor, como são os casos de russos e ucranianos, abala o mercado. Neste ano, os embarques rumo ao Brasil somarão 6,5 milhões de toneladas, 85% deles provenientes da Argentina.

"O preço do trigo subiu muito nos últimos dias no mercado internacional, a Bolsa de Chicago chegou a fechar a área de trigo [nesta quinta] porque chegou no limite. Com Rússia sendo primeiro exportador mundial e Ucrânia o quarto, no mercado internacional a perspectiva de uma alta do produto elevou o preço em todos os mercados", disse Rubens Barbosa, presidente da Abitrigo.

Para Barbosa, a previsão é que nos próximos quatro ou cinco meses o preço continue subindo, para estabilizar ou cair a partir de julho/agosto, quando começará a entrar a safra do hemisfério norte.

"Mas tudo dependerá da extensão da guerra. O trigo é um problema sério, ficamos na dependência, muito vulneráveis. É pandemia, frete, agora essa questão bélica, que nada tem a ver com a gente."

Apesar disso, a associação não projeta a possibilidade de desabastecimento nos próximos meses, pois as negociações da atual safra já foram efetuadas.

Outro problema que pode encarecer o trigo —e outras culturas— é a incerteza em relação aos fertilizantes. A Rússia está entre os maiores produtores de cloreto de potássio e outros produtos nitrogenados usados nas colheitas.

Pesquisador do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) e docente da Esalq/USP, Lucílio Alves disse que os preços da Argentina subirão, impactando o mercado do Brasil.

"Os preços internacionais sobem e o da Argentina vai subir porque, se não subir, outros mercados passarão a demandar mais produtos da Argentina. Isso acabaria causando reação também", afirmou.

A alta do preço deverá levar "algumas semanas ou mais" para chegar ao consumidor, na avaliação de Alves.

"O moinho tem de absorver e repassar ao próprio derivado do trigo. No repasse, incorpora outros tipos de custos, então esse repasse não é imediato. Depois tem o atacado e o varejo e, só depois o consumidor. Num contexto médio nacional é para termos um certo delay."

O setor de panificação projeta que os aumentos que já têm ocorrido nos últimos meses seguirão, mas ainda por efeito da oscilação cambial.

"Os moinhos estão segurando os preços, não repassaram ainda totalmente o dólar, e nós também não conseguimos repassar o preço do aumento da farinha que houve", afirma Antonio Saú Rodriguez, diretor de marketing da Sampapão, que engloba sindicato, associação, instituto e fundação ligadas à panificação em 32 cidades da Região Metropolitana de São Paulo.

"A renda das famílias não cresce. Mesmo com a recuperação do emprego, elas não têm a mesma renda, e nosso negócio depende disso."

Segundo ele, como a safra atual já está comprada, se a guerra não durar muito talvez o Brasil consiga sofrer menos.

"O problema é que uma guerra a gente sabe quando começa, mas não quando nem como termina", afirma.

Para Alves, do Cepea, a proximidade do período de plantio no Brasil, entre abril e junho, pode acabar atraindo mais produtores para o mercado em virtude dos esperados reajustes. "Podemos ter um número maior de produtores querendo entrar na área de trigo diante do cenário internacional. Com esses preços, pode ser favorável ao produtor", explica.

Leão dentro do jardim zoológico nacional da África do Sul, localizado em Pretória Phill Magakoe - 19.jan.22/AFP

Estudo identifica 540 espécies que podem transmitir vírus

Descobrir quais estão em risco é crucial para a saúde de humanos e animais

CIÊNCIA

Sabrina Imbler e Emily Anthes

THE NEW YORK TIMES Barbara Han, do Instituto Cary de Estudos de Ecossistemas, é especialista em ecologia das doenças e sabia que era apenas uma questão de quando o coronavírus infectaria animais, e não da possibilidade de isso acontecer ou não.

Em 2020, quando chegaram as primeiras notícias de animais infectados, ela começou a trabalhar em um modelo de inteligência artificial que pudesse prever quais animais seriam os próximos atingidos.

"Nossa meta bastante ambiciosa era conseguir prever exatamente quais espécies deveríamos observar, em vista de como achamos que o vírus ia se espalhar", disse Han.

Enquanto sua equipe trabalhava, o fluxo de casos de coronavírus em novas espécies virou uma enxurrada: cães, gatos e visons domésticos.

O vírus infiltrou zoológicos, infectando os animais mais previsíveis (tigres e leões) e também as espécies mais surpreendentes (o quati, nativo das Américas, e o binturong, nativo do sudeste asiático).

Han e seus colegas acabaram identificando 540 espécies mamíferas com maior probabilidade de hospedar e transmitir o coronavírus. Ela receava especialmente que a raposa-vermelha, um dos primeiros em sua lista de animais em risco e que é encontrada em grande número na Europa e América do Norte, seria suscetível ao vírus.

De fato, apenas alguns dias antes, pesquisadores no Colorado haviam anunciado que o vírus pôde infectar raposas-vermelhas em laboratório.

Cientistas que analisaram amostras de tecido biológico de veado-galheiro no Iowa descobriram que o vírus estava largamente presente nessa espécie. A descoberta intensificou os receios de que o vírus possa estabelecer-se num reservatório animal, sofrer mutações e propagar-se para outras espécies, incluindo de volta à humana.

Especialistas dizem que não é preciso entrar em pânico e enfatizam que os culpados não são os animais. "São os humanos que estão infectando os animais. Agora os animais estão doentes, e alguns estão morrendo", disse Han.

Identificar as espécies em risco é crucial para a proteção da saúde tanto de humanos quanto de animais. E é também um problema científico complexo, envolvendo uma gama grande de espécies potencialmente vulneráveis.

Os cientistas precisam analisar um fluxo constante e caótico de previsões traçadas por computador, dados laboratoriais e infecções confirmadas em zoológicos, residências e na natureza.

Num mundo ideal, cientistas monitorariam todas as populações potencialmente suscetíveis. Mas no mundo real, estão tentando encontrar um delicado ponto de equilíbrio entre identificar as espécies que causam mais preocupação e ampliar o leque de suas pesquisas, à medida que o vírus passa por mutações e que emergem novas variantes.

"Não me surpreenderia se encontrássemos uma espécie animal ou reservatório animal do qual ninguém pensou", disse o virologista Diego Diel, da Universidade Cornell.

Cientistas utilizam ferramentas diversas para identificar espécies suscetíveis. Cada abordagem tem suas limitações, mas tomadas em conjunto elas traçam um quadro mais completo de quais animais estão em risco.

Algumas equipes de cientistas estão debruçadas sobre o receptor ACE2, uma proteína encontrada na superfície das células de muitas espécies. As saliências pontiagudas do coronavírus permitem que ele se ligue a esses receptores, como uma chave entrando numa fechadura, e penetre nas células.

Em 2020 um grupo de cientistas comparou os receptores de ACE2 de centenas de animais vertebrados, na maioria mamíferos, para determinar quais espécies o vírus poderia infectar. (Os receptores de ACE2 de aves, répteis, peixes e anfíbios não têm semelhança suficiente com os nossos para causar preocupação.)

"As previsões têm sido muito boas até agora", escreveu em email o biólogo Harris A. Lewin, da Universidade da Califórnia em Davis e um dos autores do estudo. Os cientistas previram, por exemplo, que os veados-galheiros corriam alto risco de infecção.

Mas algumas das previsões foram inteiramente equivocadas: o artigo identificou visons de criação como uma espécie que causa preocupação "muito pequena" —e então, em abril de 2020, a infecção correu solta em criações de vison.

De fato, o ACE2 traz apenas um instantâneo da susceptibilidade ao vírus.

"A infecção viral e a imunidade contra vírus é algo muito mais complexo do que simplesmente um vírus que se fixa a uma célula", disse em email a viróloga Kaitlin Sawatzki, da Universidade Tufts.

E, das quase 6.000 espécies de mamíferos no mundo, cientistas sequenciaram até agora os receptores de ACE2 de apenas algumas centenas, criando um conjunto de dados enviesado.

Assim, os cientistas precisam buscar maneiras criativas de traçar previsões para animais cujas sequências de ACE2 ainda não são conhecidas. As sequências de ACE2 desempenham um papel crucial nas funções biológicas básicas, como a regulação da pressão sanguínea.

Colhendo os detalhes básicos da história de vida de uma espécie, a equipe de Han treinou um algoritmo de aprendizado de máquina a identificar as que pareciam ter probabilidade maior de fixar-se ao vírus e transmiti-lo. Isso lhes permitiu prever a suscetibilidade ao vírus de muitos outros mamíferos.

Os cientistas podem testar as previsões computadorizadas no laboratório, tentando infectar células de animais ou animais vivos com o vírus.

Tais experimentos podem diferenciar espécies que podem parecer semelhantes. Um estudo constatou que os roedores da espécie Peromyscus podem ser infectados pela versão original do vírus e podem transmiti-la, o que não é o caso dos camundongos (da espécie Mus).

Mas algo que acontece numa coleção de células nem sempre ocorre em animais reais, e o que acontece em um laboratório, onde animais geralmente recebem doses altas do vírus, pode não refletir a vida real.

Por exemplo, embora o vírus original possa replicar-se em linhas de células suínas, os pesquisadores descobriram que os suínos não parecem ser tão suscetíveis a ele.

Para descobrir se animais foram infectados pelo vírus no mundo real, cientistas podem realizar os chamados estudos serológicos, procurando anticorpos do coronavírus no sangue deles.

"A serologia nos ajuda a analisar a exposição histórica", disse o Dr. Suresh Kuchipudi, microbiólogo veterinário na universidade Penn State.

Morcegos têm sido motivo de preocupação porque são reservatórios de outros coronavírus, e muitos cientistas pensam que o Sars-CoV-2 emergiu inicialmente de morcegos. Mas as espécies de morcegos são incrivelmente diversas, e nem todas parecem ser suscetíveis ao vírus.

Segundo os cientistas, isso destaca o fato de que os animais que motivam a maior preocupação podem não ser os mais evidentes.

Para complicar as coisas, o vírus não é estático, e animais que resistiram à infecção com variantes passadas podem ser vulneráveis a variantes novas. Por exemplo, camundongos de laboratório que não eram suscetíveis ao coronavírus original ou à variante delta foram suscetíveis às variantes beta e gama.

"Esse é o problema com as doenças emergentes", comentou Scott Weese, veterinário especializado em doenças infecciosas, da Universidade de Guelph, em Ontário (CAN). "Temos que atualizar nossos conhecimentos continuamente cada vez que alguma coisa muda."

A vulnerabilidade biológica é apenas uma peça do quebra-cabeça. A possibilidade de uma espécie animal tornar-se um reservatório de vírus depende de uma constelação de fatores.

"Depende do comportamento social da espécie, da resposta imune dos animais, do tamanho da população, dos tipos de ligações com diferentes populações de animais", disse Keith Hamilton, diretor do departamento de preparo e resiliência da Organização Mundial para a Saúde Animal.

Em se tratando de um vírus que é transmitido sobretudo por humanos, a relação de uma espécie animal conosco tem importância enorme. Embora os receptores de ACE2 do narval os coloque em "alto risco de infecção", oficialmente falando, é improvável que um deles tope com um de nós.

Cães, gatos e hamsters de estimação podem todos ser infectados pelo vírus. É provável que hamsters de uma loja de pets em Hong Kong tenham infectado duas pessoas, fato que levou a um grande sacrifício em massa de hamsters, que provocou controvérsia.

Mas é muito mais provável que nós transmitamos o vírus a nossos pets do que eles nos infectem, e, previram cientistas, muitas dessas infecções não seguirão adiante.

Para os cientistas, um motivo de preocupação maior são as espécies ditas "peridomésticas" que vivem ao nosso lado mas se deslocam livremente. Na América do Norte, elas incluem os roedores do gênero Peromyscus, as raposas-vermelhas e os gatos ferais.

Esses animais podem funcionar como pontes entre os humanos e as populações selvagens, propagando o vírus para espécies com as quais possivelmente não temos contato. E os roedores, que são reservatórios de outros patógenos, "devem estar no topo da lista", disse Kuchipudi.

Para monitorar esse risco potencial, funcionários do Departamento de Agricultura dos EUA e outras agências estão procurando sinais do vírus em alguns desses animais que vivem em zoológicos, reservas e criações de vison.

Em termos globais, determinadas espécies ameaçadas de extinção também são motivo de preocupação. Três leopardos-das-neves de um zoológico no Nebraska morreram depois de contrair o coronavírus, e foi descoberto um filhote de leopardo selvagem na Índia infectado com o vírus.

"Os grandes primatas são singularmente suscetíveis aos patógenos humanos, isso porque há um parentesco genético estreito entre eles e nós", disse Kirsten Gilardi, veterinária de animais selvagens na Universidade da Califórnia em Davis.

Tradução Clara Allain

Profissionais passam por pet shop fechado em Hong Kong Lam Yik - 19.jan.22/Reuters

Entenda os sinais do burnout em seu corpo

Insônia, exaustão física, mudanças em hábitos de alimentação, depressão e ansiedade são sintomas do problema

SAÚDE

Melinda Wenner Moyer

THE NEW YORK TIMES A psiquiatra Jessi Gold, da Universidade de Washington em St. Louis, nos Estados Unidos sabe que está a caminho do burnout no momento em que acorda e se sente instantaneamente zangada com os emails ainda por ler e não quer sair da cama.

Talvez não surpreenda que uma profissional de saúde que está tentando combater a alta do burnout possa ela mesma se sentir exausta às vezes. Afinal, o fenômeno agora é ubíquo em nossa cultura.

Em uma pesquisa com 1.500 trabalhadores dos Estados Unidos em 2021, mais de metade deles disseram que se sentiam exaustos como resultado das exigências de seu trabalho. Um imenso total de 4,3 milhões de americanos deixaram seus empregos em dezembro, um acontecimento que veio a ser conhecido como "a grande demissão".

Quando as pessoas pensam em burnout, sintomas mentais e emocionais como sentimentos de desamparo e cinismo surgem com frequência. Mas também pode haver sintomas físicos.

O burnout, em sua definição habitual, não é uma condição médica. É "uma manifestação de estresse crônico e persistente", explica Lotte Dyrbye, cientista médica que estuda suas características.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) descreve o burnout como um fenômeno de trabalho caracterizado por sentimentos de exaustão, cinismo e eficácia reduzida.

"A pessoa começa a não funcionar bem, a perder prazos, a se sentir frustrada, a talvez demonstrar irritação com os colegas", diz Jeanette Bennett, pesquisadora que estuda os efeitos do estresse sobre a saúde na Universidade da Carolina do Norte, nos EUA.

Mas o estresse pode ter efeitos de desgaste sobre o corpo, especialmente quando ele não se alivia depois de algum tempo —e por isso faz sentido que possa causar sintomas físicos, afirma Bennett.

Quando as pessoas estão estressadas, seus corpos sentem mudanças que incluem produzir níveis superiores aos normais de hormônios de estresse como cortisol, adrenalina e epinefrina.

Essas mudanças no organismo são benéficas em curto prazo —propiciam a energia para que a pessoa supere situações difíceis—, mas com o tempo prejudicam o corpo.

"Não fomos projetados para o tipo de fator de estresse que enfrentamos hoje", avalia Christina Maslach, psicóloga social na Universidade da Califórnia em Berkeley, que dedicou sua carreira ao estudo dos efeitos do burnout.

Eis como reconhecer os sintomas do burnout em seu corpo e o que fazer a respeito.

O que observar

Um sintoma comum do burnout é a insônia. Uma pesquisa na Itália com trabalhadores da linha de frente da saúde no primeiro pico da pandemia mostrou que a maioria dos profissionais (55%) reportava ter dificuldade para cair no sono. Quase 40% disseram ter muitos pesadelos.

Pesquisas indicam que o estresse crônico interfere com o complicado sistema neurológico e hormonal que regula o sono. É um ciclo vicioso, porque não dormir desalinha ainda mais o sistema.

A exaustão física é outro sinal comum. Jessi Gould disse que um dos sintomas chaves de seu burnout era a fadiga. "Percebi que a cada dia eu caía dormindo ao terminar o trabalho e ficava questionando o que havia de errado comigo. O que havia de errado era o burnout", conta a psiquiatra.

Mudanças em hábitos de alimentação —comer mais ou menos que o usual— também podem ser um indicativo do nível elevado de estresse.

No estudo dos trabalhadores do setor de saúde italiano, 56% dos entrevistados reportaram mudanças em seus hábitos de alimentação. Isso pode significar comer menos porque estão ocupadas demais ou distraídas. Ou pode vir em forma de um desejo por "aquela comida reconfortante que buscamos quando precisamos de alguma coisa que nos faça sentir melhor", explica Jeanette Bennett.

Há pesquisas que também indicam que os hormônios do estresse podem afetar o apetite, fazendo com que as pessoas sintam menos fome do que costumam, quando estão muito estressadas, e mais fome quando o estresse se alivia.

Dores de cabeça e de estômago também podem ser incitadas pelo burnout, segundo Gold. Um estudo sobre pessoas na Suécia que sofrem de distúrbio de exaustão (condição médica semelhante ao burnout) constatou que 67% delas passavam por náusea, gases ou indigestão, e que 65% tinham dores de cabeça.

Também é importante perceber que o burnout pode se desenvolver em companhia da depressão ou ansiedade, duas condições capazes de causar sintomas físicos. A depressão pode causar dores musculares e de estômago, problemas no sono e mudanças de apetite. A ansiedade já foi vinculada a dores de cabeça, náusea e dificuldade de respirar.

É realmente fácil desconsiderar os sintomas [do burnout], especialmente em nossa cultura, onde somos ensinados a trabalhar com afinco

Jessi Gold
psiquiatra da Universidade Washington em St. Louis

O que fazer

Se você está experimentando sintomas físicos que podem ser indicativos de burnout, considere consultar seu clínico geral ou um profissional de saúde mental a fim de determinar se esses sintomas são propelidos pelo estresse ou têm origem em outras condições físicas, recomenda Dyrbye. Não ignore os sintomas e presuma que não importam.

"É realmente fácil desconsiderar os sintomas, especialmente em nossa cultura, onde somos ensinados a trabalhar com afinco", diz Gold.

Se houver de fato burnout, a melhor solução é tratar a raiz do problema.

O burnout é normalmente associado ao trabalho, mas pode ter uma variedade de causas —problemas financeiros, dificuldades em relacionamentos e a carga que cuidar dos outros pode impor a alguém, entre outras coisas.

Pense naqueles "pedregulhos em seu sapato com os quais você precisa lidar o tempo todo", afirma Christina Maslach. E procure maneiras criativas de remover parte deles, nem que seja apenas por alguns momentos.

Talvez você possa pedir a seu parceiro que o ajude mais na hora de colocar as crianças na cama, ou pedir comida fora em dias nos quais esteja especialmente ocupado, para não ter de se preocupar também com o jantar.

A despeito da cobertura da questão na cultura popular, o burnout não pode ser "consertado" por meio de melhores tratamentos de saúde, disse Maslach. Na verdade, essa implicação só agrava o problema, porque imputa a responsabilidade e a culpa às pessoas que sofrem de burnout e dá a entender que elas deveriam fazer mais para se sentirem melhor, o que não é o caso.

Mas mesmo assim, algumas escolhas quanto a estilo de vida podem tornar o burnout menos provável. O apoio social pode ajudar, segundo Gold. Isso pode incluir conversar com um terapeuta ou se reunir com amigos.

Outra coisa que pode ajudar é recorrer aos benefícios de saúde mental ou condicionamento físico que seu empregador talvez ofereça.

Dormir mais é outra coisa que pode ser benéfica —por isso, se você estiver sofrendo de insônia, converse com um médico sobre possíveis tratamentos, sugere Bennett.

Quando o burnout é causado pelo trabalho, uma saída é conversar com colegas e oferecer ao empregador ideias que possam ajudar —como a criação de áreas silenciosas para intervalos, adoção de dias sem reuniões para que os trabalhadores tenham mais tempo para manter o foco ou garantir que sempre haja café na sala usada para intervalos.

Mesmo pequenas mudanças como essas podem reduzir um pouco o risco de burnout, se resolverem um problema que as pessoas encaram diariamente.

"São os fatores de estresse crônicos no trabalho que realmente enlouquecem as pessoas. Elas não têm o equipamento de que precisam, não têm as coisas de que precisam, não têm colegas em número suficiente para a carga de trabalho que enfrentam", afirma Maslach.

Tirar uma folga do trabalho também pode ajudar, mas provavelmente servirá apenas como um paliativo, disse Gold. Ela compara a técnica a tentar impedir que um navio naufrague removendo a água de dentro do casco com um balde.

"O navio vai continuar a afundar, não é? É preciso fazer mais do que simplesmente tirar a água ocasionalmente", diz a psiquiatra. Mas ainda assim é importante que a pessoa tenha folgas regulares.

Em última análise, o que você deseja garantir é alguma liberdade e autonomia em seu emprego, segundo Gold. "Qualquer coisa que você possa fazer para retomar alguma medida de controle pode ser realmente útil."

Isso pode significar fazer aquilo que menos o agrada no trabalho logo antes de um intervalo, para que tenha algum incentivo para iniciar a tarefa e tempo para se recuperar dela depois. Ou trocar uma tarefa que o desagrada com um colega, em troca de uma demanda dele que não seja tão difícil para você.

Por fim, embora você talvez não deseje acrescentar ainda mais compromissos à sua agenda, tente reservar algum tempo a cada dia para algo que você ama, afirma Dyrbye.

Em suas pesquisas, ela constatou que cirurgiões que reservam tempo para seus hobbies —mesmo que seja apenas 15 a 20 minutos por dia— apresentam menor probabilidade de sofrer de estresse crônico do que os cirurgiões que não o fazem.

"Você precisa ter algo fora do trabalho que o ajude a reduzir o estresse, que o ajude a se concentrar e que o ajude a relaxar", recomenda.

Tradução Paulo Migliacci

Catarina Pignato/Folhapress

Retrato da escritora Ilana Casoy, que escreve livros e roteiros de suspense baseados em crimes reais Fernando Moraes/Divulgação

'Em Nome da Justiça' fala de investigações equivocadas

A criminóloga Ilana Casoy apresenta nova temporada da produção do AXN

FS

Martha Alves

SÃO PAULO Especialista em decifrar a mente de assassinos, a criminóloga e escritora Ilana Casoy, 62, mostra os equívocos cometidos pela polícia e pela Justiça que resultaram na condenação de inocentes na segunda temporada da série "Em Nome da Justiça", produção brasileira já disponível no canal pago AXN Brasil.

Em cada um dos 13 episódios da série são apresentados casos diferentes de pessoas que tiveram a vida virada de ponta-cabeça por crimes que não cometeram. A produção mostra as contradições, falta de provas, ouve envolvidos, intercala dramatização das cenas de cada crime e ouve especialistas para ajudar a compreender cada caso.

Ilana diz que, depois de passar mais de 20 anos falando sobre assassinos, sentiu uma vontade muito grande de mostrar casos de inocentes que responderam ou ainda respondem por crimes que não cometeram. "É uma tragédia, isso que me moveu [a fazer a série]", afirma Ilana, especialista em criminologia pelo IBCCrim (Instituto Brasileiro de Ciências Criminais).

A criminóloga afirma que as pessoas acreditam e julgam muito rápido um suspeito, inclusive a polícia e a justiça. Segundo ela, algumas vezes policiais investigam para incriminar uma pessoa ao invés de apurar o que realmente aconteceu e as provas. "Nosso sistema funciona mal, quanto mais pressionado pior ainda."

A criminóloga critica também as prisões e condenações que usam uma prova única de reconhecimento fotográfico ou presencial. Ela conta que já teve de fazer o reconhecimento de suspeitos em uma delegacia — ela não quis revelar o caso— por meio de um buraco na parede. "Tinha dois algemados e dois policiais. Quem você reconheceria?", pergunta.

Ilana admite que é uma pessoa acostumada com o mundo dos crimes e ficou aliviada ao não conseguir reconhecer um dos algemados, porque depois ele provou que não estava no local no dia do crime. "Uma pessoa mais fragilizada, que não é uma criminóloga, vai falar que ele é o criminoso. Um reconhecimento sozinho é muito precário."

Esse foi o caso do Alexandre, personagem do primeiro episódio da série, que foi reconhecido por sete das 11 vítimas atacadas por um maníaco sexual —mesmo sem provas de DNA compatíveis— em um caso que ficou conhecido como o "maníaco do Tatuapé".

Alexandre ficou preso por mais de três anos até conseguir provar a sua inocência, mas ainda é acusado por uma das vítimas com base apenas no reconhecimento.

"O verdadeiro culpado é o autor por DNA de todos os outros [casos]. O Alexandre é acusado por uma vítima só pelo reconhecimento da fotografia", explica a criminóloga.

Ilana afirma que investigadores geralmente insistem em usar apenas as provas circunstanciais (indícios) ou de reconhecimento pela vítima. "A prova [de reconhecimento] é frágil e isso é comprovado estatisticamente no mundo inteiro. O Brasil segue prendendo [suspeitos] por reconhecimento fotográfico ou presencial", critica.

A criminóloga revela que mesmo com todas as histórias em que trabalha não tem medo de assassinos. Seu maior pesadelo é alguém entrar na sua casa, levar seus arquivos, olhar os livros, ver suas caveiras decorativas e dizer que ela é "macabra e parece uma psicopata" —termo que ela diz ter sido banalizado.

Assim como os inocentes condenados por crimes que ela mostra na série, Ilana teme ser acusada injustamente de algo. "Tenho medo de, sem receber um exame psiquiátrico, ser tachada [de psicopata] e nem saber mesmo do que eu estou sendo acusada. Isso para mim é o maior pesadelo", diz a criminóloga.

Ela ainda complementa dizendo: "Nessa época tão midiática, de cancelamento, você está condenado antes mesmo de ser julgado."

Paralelo à série, Ilana trabalha no projeto de um livro sobre o caso Gil Rugai, condenado pelo assassinato do pai, Luiz Carlos Rugai, e da madrasta, Alessandra Troitinoa, em São Paulo, em 2004. A criminóloga, que ajudou na defesa do réu, diz que ele é inocente.

Segundo Ilana, Rugai estava em outro lugar na hora do crime e a porta da casa do pai, que teria uma marca de pé do momento do arrombamento, desapareceu. "Nos Estados Unidos, sumiu uma prova, acabou o caso."

Ilana é coautora ainda da série da Netflix "Bom Dia, Verônica" e fez com o Raphael Montes o roteiro dos dois filmes sobre o crime de Suzane von Richtofen, "A Menina que Matou os Pais" e "O Menino que Matou meus Pais". Segundo ela, Monte foi o grande responsável por ela ter entrado no segmento da ficção — ela sempre preferiu as informações técnicas.

Juntos, eles também trabalham em uma série sobre o caso Isabella Nardoni, no qual atuou como criminóloga, mas que não pode dar detalhes do projeto. "Quando eu morrer ainda vai ter uns 30 anos de material [para ele trabalhar em outros roteiros], porque eu vou morrer antes, sou mais velha que ele. A gente tem tanta coisa, tanto projeto para fazer junto."

Sobre como surgiu o interesse pela mente dos assassinos, ela diz que sempre esteve lá. Uma das lembranças que ela guarda é de quando tinha três anos e viu o tio, o jornalista Boris Casoy, entrando na casa dos avós falando que o presidente dos Estados Unidos John Kennedy havia sido assassinado. "Minha primeira memória está relacionada a isso."

Ilana cresceu devorando livros e assistindo a filmes baseados em fatos reais. Fez faculdade de administração de empresas na FGV (Fundação Getúlio Vargas) e trabalhou durante anos na área.

Mas há mais de 20 trocou a administração pelo desafio de desvendar a personalidade de criminosos.

Série 'Lov3' retrata três irmãos em amores não convencionais

Mariana Arrudas

SÃO PAULO Os irmãos Beto, Ana e Sofia são sobreviventes de um mesmo desastre: o casamento de seus pais. Ao ver a mãe se separando do marido e os deixando para trás, eles decidem buscar a felicidade e amor, mesmo que de uma forma não convencional, e essas novas experiências dos três são contadas em "Lov3", série original Amazon Prime Video.

A comédia brasileira mostra de maneira leve e natural a existência de todo tipo de amor. Ana (Elen Clarice), a irmã mais velha, decide tornar seu casamento um relacionamento aberto. Beto (João Oliveira), gêmeo de Sofia, se apaixona por um homem que não se considera homossexual. Já Sofia (Bella Camero) decide viver um romance com um trisal.

Para Felipe Braga, diretor e cocriador do projeto, "Lov3" surgiu da necessidade de falar sobre como "os novos modelos e formatos de relacionamento estavam redefinindo a convivência e experiências entre os jovens".

"Legitimamos que as pessoas podem amar da forma que elas querem", avalia Gustavo Bonafé, também diretor da série.

Apesar de ter sido gravada durante a pandemia, no Uruguai, a trama se passa em um mundo no qual a crise sanitária já está controlada e traz referências corriqueiras ao período. "A história de 'Lov3' começa quando a mãe vai viver a própria vida, não se separando só do pai, mas dos filhos também", completa Braga.

Mariana Youssef, também diretora da série, diz que cada irmão busca a libertação de suas inseguranças pessoais. "A Sofia busca por protagonismo desesperadamente, o Beto precisa de aceitação de qualquer maneira e a Ana quer desviar da imagem da mãe e desse fardo que é repetir algum caminho que ela criou."

Para os protagonistas, gravar a série foi uma oportunidade de conhecer novas formas de amor e também de se aprofundar em estudos da não monogamia. "Foi incrível para colocar um novo olhar sobre se relacionar", afirma Bella Camero, que esteve em produções como "Marighella" (2019) e "Onde Está Meu Coração" (2021), e dá vida a Sofia.

Os artistas Ingrid Gaigher, Caio Horowicz e Jorge Neto, o trisal da série 'Lov3' Amazon/Divulgação

Elen Clarice, que vive Ana, conta que, apesar de ter amigos que vivem relações não convencionais, precisou se aprofundar nos estudos para entender melhor. "Sempre acreditei em várias formas de se relacionar. Dentro de uma relação, tudo é possível se tem diálogo", afirma a atriz.

Já o ator João Oliveira, intérprete de Beto, diz que aprendeu novas formas de amor justamente atuando com suas irmãs, como as chama. "Depois de um ano e meio de pandemia, encontrar essas pessoas e amá-las diariamente refletia muito esse aprendizado de ver as diferentes formas de amor e afeto", completou.

Segundo Braga, o diretor, a escolha de produzir uma comédia partiu do intuito de tornar mais fácil e aceitável mostrar a vulnerabilidade dos personagens. Malu Miranda, head de Conteúdo Original Brasileiro para a Amazon Studios, diz que fazer uma comédia "atravessando uma pandemia intensificou as relações".

Lov3

Dir: Mariana Youssef, Gustavo Bonafé e Felipe Braga. Com Bella Camero, Elen Clarice, João Oliveira e Chris Couto. 18 anos. Disponível no Amazon Prime Video